

Escola de Ciências Sociais e Humanas

Departamento de Economia Política

Promoção do voluntariado nas escolas: o seu contributo para o desenvolvimento pessoal e comunitário. Um Estudo de caso

Ana Catarina Santos Carloto Ferreira

Dissertação submetida como requisito parcial para obtenção do grau de

Mestre em Desenvolvimento, Diversidades locais e Desafios Mundiais

Orientador(a):

Doutora Maria Antónia Barreto, Professora Coordenadora da Escola Superior de Educação e Ciências Sociais do Instituto Politécnico de Leiria - IPL

Outubro, 2013

Escola de Ciências Sociais e Humanas

Departamento de Economia Política

Promoção do voluntariado nas escolas: o seu contributo para o desenvolvimento pessoal e comunitário. Um estudo de caso

Ana Catarina Santos Carloto Ferreira

Dissertação submetida como requisito parcial para obtenção do grau de

Mestre em Desenvolvimento, Diversidades Locais e Desafios Mundiais

Orientador(a):

Doutora Maria Antónia Barreto, Professora Coordenadora da Escola Superior de Educação e Ciências Sociais do Instituto Politécnico de Leiria - IPL

Outubro, 2013

Aos meus queridos avós que partiram demasiado cedo.

Para sempre parte de mim e das minhas melhores memórias.

Agradecimentos

Gostaria de expressar o meu agradecimento a todos aqueles que me apoiaram durante este processo. Sem eles nada disto seria possível.

Agradeço em especial aos meus pais, José e Anabela pelo amor incondicional e apoio prestado ao longo de todo o meu percurso académico e profissional. Acreditaram sempre em mim e nas minhas potencialidades mesmo quando as minhas escolhas pessoais não foram as mais óbvias.

À maior responsável pelo rigor desta dissertação, a minha orientadora, Prof. Doutora Maria Antónia Barreto, pelo seu profissionalismo, sabedoria e disponibilidade.

Ao Colégio São João de Brito e à escola Secundária Romeu Correia, em especial às técnicas Joana Brás e Carla Paixão, não só pelo apoio que prestaram a esta dissertação mas também pelo trabalho que realizam com base no princípio da solidariedade. Foram uma inspiração para mim.

Por fim gostaria de agradecer ao Tiago Candeias e a todos os meus amigos e novas camaradas da Marinha pela força que me deram na continuação e finalização desta dissertação.

Resumo

A necessidade de promover iniciativas que enfrentem os problemas sociais dos dias de hoje trouxe novas exigências à cidadania, principalmente no que toca às questões da Educação para o Desenvolvimento. Sendo Portugal um dos países da Europa com menor taxa de voluntariado, procuram-se formas de promoção desta prática. Assim sendo, as escolas surgem com iniciativas de projetos com o intuito de inculcar valores e novas competências, entre elas o princípio da solidariedade nos seus alunos.

Este estudo foi desenvolvido tendo como objetivo refletir sobre Educação para o Desenvolvimento, nomeadamente para compreender em que medida é que o voluntariado pode ser uma ferramenta de desenvolvimento pessoal e que pode ser aproveitado pelas escolas na promoção integral dos seus alunos

Analisámos dois projetos de diferentes escolas. Em ambas foram entrevistados quatro alunos voluntários e as técnicas responsáveis pelos projetos de voluntariado.

A análise das entrevistas a estes jovens voluntários e as técnicas permitiu-nos verificar que a participação dos alunos em ações de voluntariado para além de promover a consciência crítica permite-lhes adquirir competências técnicas e pessoais através do contato com realidades diferentes e das tarefas que realizam. Embora estes projetos ainda apresentem alguns desafios por ultrapassar, permitem a abertura da escola e dos alunos às instituições locais, construindo-se assim uma rede de interajuda local.

Este estudo permitiu apurar que estes projetos desenvolvem-se em prol do conceito de Educação para o Desenvolvimento, promovendo as dimensões pedagógica, ética e política.

Palavras-chave: Educação para o Desenvolvimento, Formação Cívica, Voluntariado, Projetos-Escola, interajuda local

Abstract

The need to promote initiatives that face today's social problems have brought new demands to citizenship, especially in the matters related to Education for the Development. Although Portugal continues to be one of the European countries with the lower rates concerning voluntary work, there has been a continued search for new ways to promote the voluntary service. Therefore, the schools begin projects with the intention of promoting values and new competences, especially the principle of solidarity among their students.

This study has been developed with the aim of reflecting on the Education for the Development, namely to understand in what measure the voluntary service can be a tool for personal development and in which way the schools can leverage it to maximize the benefits in the pedagogic system, and impact the full development of the students.

This study developed around the analysis of two projects from different schools. In both schools, four voluntary students and the technicians responsible for these projects were interviewed.

The analysis of the interviews to these voluntary youngsters allowed us to confirm that the participation of students in voluntary services not only promotes a critical awareness but also allows them to acquire technical and personal skills through the contact with different realities and the tasks they perform. Even though these projects continue to have a few challenges to overcome, they allow the availability of both the school and the students to local institutions, thus enabling the building up of a mutual aid network at a local level.

This study allowed ascertaining that these projects are developed for the concept of Education for the Development, promoting its scopes: pedagogical, ethical and political.

Keywords: Education for the Development, Civic Education, Voluntary Service, School-Project, mutual aid at a local level.

Índice

Introdução	1
Capítulo I - Quadro teórico	3
1. Educação e Desenvolvimento.....	3
1-1- Educação para o desenvolvimento: Breve história e clarificação do conceito.....	4
1.2-Educação e Formação cívica.....	10
2- O voluntariado	13
2.1- O voluntariado em Portugal: conceito e números.....	13
2.2- O voluntariado enquanto processo de desenvolvimento pessoal e social.....	16
3- Redes de entre ajuda social.....	19
3.1- Do desenvolvimento cívico ao desenvolvimento pró-social - Contexto atual Português.....	19
3.2- A comunidade escolar enquanto agente do desenvolvimento do tecido social	22
Capítulo II- Metodologia	28
3.1- Problemática, pergunta de partida e objetivos de investigação	28
3.2 – Desenho da investigação	28
3.3 Contexto do estudo.....	29
3.3.1- Escola privada.....	29
3.3.2- Escola pública	30
3.4 – Instrumentos e procedimentos da recolha e tratamento de dados	31
3.5 - Amostra	34
Capítulo III- Apresentação, Análise e Comentário de dados	36
4.1- Motivações.....	36
4.1.1 – Motivações Iniciais	36
4.1.2- Significado atribuído ao voluntariado.....	38
4.2 – Formação	39
4.2.1- Formação como preparação para o terreno	39
4.2.2 – Formação e orientação no terreno	41
4.2.3 - Grau de consciencialização do seu papel enquanto voluntário.....	43
4.3- As práticas	44
4.3.1- Instituições onde praticou voluntariado	44
4.3.3- Avaliação de acordo com a expectativa.....	46

4.4- Avaliação do impacto do projeto no aluno.....	48
4.4.1 – Aprendizagens adquiridas	48
4.5 – Avaliação dos projetos.....	53
4.5.1 – Pontos Fortes	53
4.5.2 – Pontos Fracos:	56
4.5.3 – Propostas para melhoria dos projetos.....	59
4.5.4- Escola como meio de Desenvolvimento	60
4.6 – Voluntariado.....	64
4.6.1 – Características que um voluntário deve ter	64
4.6.2- Dificuldades sentidas	65
4.6.3 – Vantagens.....	66
4.6.4 – Perspetivas futuras.....	68
Conclusão	71
Fontes de Legislação.....	76
Bibliografia.....	76
Anexos.....	83
Anexo A- Guião da Entrevista Semi-estruturada aos alunos voluntários.....	83
Anexo B – Guião da Entrevista Semi-estruturada às técnicas dos projetos escola	85
Anexo C – Entrevistas transcritas: Voluntários	88
Anexo D – Entrevistas transcritas: Técnicas	129
Anexo E – Grelhas de Análise de entrevistas aos voluntários.....	154
Anexo F- Grelhas de Análise de entrevistas às técnicas.....	212

Glossário de Siglas

CIDAC – Centro de Informação e Documentação Amílcar Cabral

CONCORD – Confederação Europeia das ONG de Emergência e Desenvolvimento

DEEEP – Development Education Exchange in Europe Project

ED – Educação para o Desenvolvimento

IPAD – Instituto Português de Apoio ao Desenvolvimento

ONG - Organização Não Governamental

ONGD- Organização Não Governamental para o Desenvolvimento

PNUD – Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento

Introdução

Com o agravamento dos problemas sociais que se têm vindo a observar, as metodologias de intervenção lançam desafios aos vários segmentos da sociedade, incluindo o cidadão comum, as escolas, as igrejas, as ONG's, o Estado e as empresas, solicitando o compromisso e responsabilidade para o desenvolvimento da região onde se encontram instalados.

A Escola deve ser uma instituição que se comprometa com a construção do indivíduo consciente e solidário, que saiba discutir e atuar sobre os problemas que nos envolvem a nível local e a nível global. Cabe-lhe ajudar a construir a base educativa que permita a inclusão total dos indivíduos na sociedade atual.

A nossa tese de mestrado incide na perceção dos alunos sobre o voluntariado que tem vindo a ser implementado em algumas escolas portuguesas. A opção pela temática do voluntariado como assunto de investigação decorre da necessidade de refletir sobre as potencialidades educativas da comunidade e da necessidade de despertar a consciência social e crítica dos jovens que voluntariamente podem atuar sobre o que os rodeia. Também influenciou a opção a minha licenciatura em Ciências da Educação e o facto de ser voluntária desde os dezasseis anos.

Ao longo do meu “caminho” descobri uma vontade interior de agir face a certos problemas visíveis na sociedade onde vivemos. Durante a licenciatura, ao estudar teorias como as de John Dewey que defendeu a escola enquanto um espaço onde se reproduz a comunidade em miniatura, apresentando o mundo de uma maneira simples e organizada, por forma a conduzir as crianças ao sentido e à compreensão das coisas mais complexas, aprendendo a viver na sociedade e no mundo, percebi que a escola pode fazer muito mais do que vem tradicionalmente fazendo.

Com esta investigação pretende-se refletir sobre a importância e o potencial de projetos de voluntariado no sistema educativo para a Educação para o Desenvolvimento Humano e local, fazendo incidir o estudo sobre a opinião de alunos com prática de voluntariado.

Esta dissertação encontra-se organizada em três capítulos: No primeiro capítulo, o do enquadramento teórico, começámos por analisar a evolução da Educação para o

Desenvolvimento remetendo-nos para a sua evolução histórica e caracterização do conceito. De seguida explorámos a importância da formação cívica na educação dos indivíduos, procurando reconhecer que conteúdos/ valores devem ser tidos em conta para uma formação integral dos indivíduos. Ainda no primeiro capítulo foram estudados o conceito de voluntariado e as suas vantagens para o processo de desenvolvimento pessoal e apresentámos os números referentes à sua prática em Portugal. Fizemos uma análise teórica da evolução dos conteúdos referentes à formação cívica no currículo escolar.

No segundo capítulo é apresentada a metodologia utilizada nesta investigação englobando a apresentação dos casos estudados: o projeto “Ser+” e o projeto “EcoSol”, projetos de promoção do voluntariado e da solidariedade, implementados pelo Colégio São João de Brito e pela escola Secundária Romeu Correia.

No capítulo três são apresentados, analisados e comentados os dados da pesquisa, à luz do enquadramento teórico.

No capítulo seguinte apresentam-se as conclusões retiradas de todo o desenvolvimento desta dissertação, procurando responder à questão que guiou esta investigação e lançar questões e desafios para estudos posteriores.

Por fim apresentamos a bibliografia consultada e que serviu de base para todo este estudo. Encontram-se também disponíveis todos os documentos de suporte que foram utilizados para recolha e análise de dados, como os guiões, as transcrições e grelhas de análise das entrevistas.

Capítulo I - Quadro teórico

1. Educação e Desenvolvimento

“Atualmente, admite-se que saber ler, saber escrever e saber contar não é a solução para o analfabetismo; o ensino tem a obrigação de promover o desenvolvimento de competências necessárias aos alunos para se integrarem na sociedade” (Galvão, Reis, Freire e Oliveira, 2006: 17)

Este tema de Tese, Educação para o Desenvolvimento, através do voluntariado, remete-nos para dois pontos: O papel da Escola no desenvolvimento de cidadãos ativos e o aproveitamento do voluntariado por parte dos alunos. Sobre a construção do cidadão ativo David Selby (1996) refere-se ao mundo interior como fazendo parte da sustentação entre um indivíduo e o seu planeta, sendo assim o ponto central da educação global. Defende a impossibilidade de criar uma consciência planetária nos alunos sem, com isso, promover a descoberta de si mesmo, desenvolvendo e valorizando o potencial do papel do indivíduo na sociedade.

Fala-se assim de uma educação para o desenvolvimento que se por um lado envolve outras pessoas em nosso redor, por outro afeta o interior de cada um de nós.

Mas de que forma é que pode ser vista a relação entre educação e desenvolvimento? De acordo com Caride (2000) existem duas vertentes possíveis como explicação: a educação pode ser vista como consequência, benefício, ou efeito do desenvolvimento mas também pode ser vista como um fator determinante para o desenvolvimento. Quanto mais desenvolvida é uma sociedade a nível económico, infraestruturas e serviços, maior é a possibilidade de encontrarmos bons resultados educativos. Porém é através do conhecimento que se formam pessoas capazes de construir e levar a cabo todo o desenvolvimento da sociedade. Pegando na teoria do Capital Humano, como exemplo, trata-se de se investir nos indivíduos, elevando as possibilidades de desenvolvimento económico e com este o desenvolvimento do bem-estar material e pessoal dos indivíduos.

1-1- Educação para o desenvolvimento: Breve história e clarificação do conceito

As disparidades entre o “Primeiro Mundo” e “Terceiro Mundo” tornaram-se mais evidentes no período pós segunda Guerra Mundial, caracterizado por um mundo em constante mudança. Os processos de descolonização do pós guerra e os mandatos de ajuda desencadearam um tipo de relação entre países industrializados e países em desenvolvimento, numa tentativa de solucionar o subdesenvolvimento. Mesa (2005) denomina este período como a primeira geração da evolução da Educação para o Desenvolvimento (ED), denominada por “Abordagem Caritativa- Assistencialista”. A ED apresenta-se assim com uma base ética e solidária por focar-se em situações de ajuda emergente e de curto prazo, ignorando processos e esforços locais.

A relação entre os conceitos “educação” e “desenvolvimento” começa a surgir em estudos dos economistas clássicos, evidenciando que a escola aperfeiçoava a capacidade dos indivíduos, criando mão-de-obra mais eficaz. Esta relação só veio a tornar-se objeto de estudo empírico a partir da segunda metade do século XX, em que autores como Theodore Schultz (1968)¹, entre outros, defendem a educação como o principal fator para o aumento da capacidade laboral, aliando esta ideia ao debate emergente da Teoria do Capital Humano. Perspetivas como o método de rendimento (quanto maior a formação maior o rendimento), o método residual (análise do contributo de todos os fatores tradicionais no rendimento nacional, sendo que os sobrantes devem ser considerados contributos da educação ou de outros com ela relacionados) e o método de correlação (existência de relação entre o desenvolvimento económico e o desenvolvimento do sistema educativo), não conseguiram produzir um consenso científico nem convencer a comunidade académica sobre a relação entre estes conceitos.

Tendo em conta que a Teoria do Capital Humano se encontrava em expansão, observou-se um grande desenvolvimento do sistema de ensino nas décadas de 50 e 60. Mesmo sendo uma teoria em destaque, continuava a ter uma relação controversa na perspetiva da comunidade científica. Porém seguiram-se vários acontecimentos como por exemplo a institucionalização da Ajuda oficial ao Desenvolvimento e a sinalização da “Primeira Década das Nações Unidas para o Desenvolvimento”. Para Mesa (2005) esta é a

¹ Autor citado por Gómez, Freitas e Callejas (2007:182-183)

segunda geração da evolução da ED, a qual denomina como abordagem “Pró-desenvolvimentista”, tendo em conta a emergência da ED nos esforços para que as comunidades fossem responsáveis pelo seu próprio desenvolvimento.

Quintana (1989) defende que o Estado começa a repensar no seu sistema educativo ao considerar este como uma ferramenta não só política ou ideológica mas também uma ferramenta para o desenvolvimento económico: “Nas sociedades pré-industriais o sistema educativo condicionava a formação quantitativa e qualitativa da força de trabalho profissional, manipulando os poucos canais de mobilidade social ascendente. Nas sociedades industriais acontece o contrário: o desenvolvimento económico e as necessidades profissionais são as que dirigem e estimulam a expansão escolar; o desenvolvimento económico induz a escola a adequar-se às necessidades qualitativas e quantitativas de mão- de-obra” (Quintana, 1989: 269) Contudo, a expansão observada nos anos 60 não trouxe os resultados esperados através da estratégia idealizada de desenvolver a educação como forma de modernizar e industrializar.

Puelles e Torreblanca (1995: 181) apontam que políticas generalizadas, ou seja não desenvolvidas de acordo com a cultura e especificidades das regiões, a falta de emprego face ao número de pessoas instruídas, a utilização de métodos educativos antiquados e professores pouco qualificados deram origem a desigualdades internas a nível demográfico, económico e qualidade educativa. Assim sendo começa-se a perceber que para que exista uma educação para a transformação social e desenvolvimento não se deve ter apenas em conta a economia, originando a primeira crise mundial da educação em início dos anos 70, tendo em conta que as mudanças necessárias na educação ocorriam muito lentamente em relação aos acontecimentos observados na sociedade.

Dá-se então início à terceira geração da evolução da ED (Mesa 2005) denominada como Abordagem Crítica pois começou-se a refletir sobre as causas e consequências do “desenvolvimento” e do “subdesenvolvimento”, abrindo caminho para a Segunda década do Desenvolvimento das Nações Unidas (1969-1979).

Tendo em conta este ambiente envolvente a Educação para o Desenvolvimento começa a expandir-se de acordo com a nova necessidade de orientar o desenvolvimento económico para um processo de desenvolvimento social, adaptando os sistemas educativos para dar resposta a essa necessidade. Não se tratava apenas de educar para

representar um cargo que contribuísse para o desenvolvimento económico do país mas também formar pessoas para um mundo mais justo e humano. Assim observa-se uma redefinição do conceito de Educação no decorrer da década de 70 e inícios dos anos 80, surgindo pedagogos como Paulo Freire, que defenderam a educação como meio de desenvolvimento social.

Por esta altura, Picke e Selby (1988) definem cinco dimensões explicadas como um conjunto de capacidades que as pessoas deveriam adquirir para se enquadrarem num sistema mundial interdependente e em constante mudança, sendo elas: pensar de forma sistemática e ter uma conceção das suas capacidades e potencialidades, respeitar as diversas opiniões, ser consciente no que se refere às questões ambientais, ser consciente de que as ações individuais ou coletivas deixam sequelas no presente e no futuro e por isso deve-se ser cidadão ativo na tomada de decisões e valorizar o processo de desenvolvimento pessoal e educativo. David Selby em 1996 vem acrescentar mais uma dimensão “o mundo interior”, defendendo que o individuo deve aprender a descobrir-se a si mesmo para o enriquecimento completo do seu potencial. Trata-se da quarta geração da evolução da ED (Mesa 2005): Educação para o Desenvolvimento Sustentável e Humano.

A bipolarização observada nesta época juntamente com a “crise do desenvolvimento” e os vários problemas de ordem social, como a fome nos países do sul, desencadeiam a necessidade de incluir na ED novas temáticas como a paz e mediação de conflitos, os direitos humanos, entre outros, surgindo o conceito de “Desenvolvimento Sustentável” como sendo essencial para responder às “necessidades do presente sem comprometer a capacidade das gerações futuras de satisfazerem as suas próprias necessidades” (WCED,1987:24). Este conceito difunde-se na ED, desencadeando processos educativos para o Desenvolvimento Sustentável, destacando-se a publicação do relatório Brundtland em 1987, que definiu o conceito e a posterior institucionalização da Década da Educação para o Desenvolvimento Sustentável, pelas Nações Unidas entre os anos de 2005 e 2014.

A crise do Desenvolvimento deixa de ser um problema apenas do Terceiro Mundo com o fim da Guerra Fria, surgindo abordagens críticas ao conceito de Desenvolvimento. Em 1990 economicistas como Mahbub ul Haq e Amartya Sen revelaram uma nova perspetiva face ao Desenvolvimento – O Desenvolvimento Humano. Estes autores

defendem que qualquer individuo tem o direito de escolha, direito à educação e a uma vida digna (P.N.U.D., 1990)

Observa-se assim, uma necessidade de a educação se adaptar a um mundo cada vez mais globalizado e interdependente, com problemas sociais e ambientais que dependem e comprometem a vivência individual e coletiva, presente e futura. Para Mesa (2005:15) esta é a quinta e ultima geração da evolução da ED: Educação para a Cidadania Global.

Autores como Freire (1988), Caride (1998), Quintana (1991) e Coombs (1985) defendem, nesta altura, que a escola deveria servir como ferramenta para incutir nos indivíduos competências sociais baseadas em princípios e valores mundiais mais humanos. Com o desenvolvimento das novas tecnologias cria-se uma nova forma de passar a palavra e uma cultura de massas que vem facilitar a transmissão de mensagens politicas e de solidariedade internacional, despertando e educando cada vez mais a população para a necessidade de agir.

Mas o que é Educação para o Desenvolvimento?

O conceito de educação para o desenvolvimento, como se verificou através do seu percurso histórico, sofreu constantes alterações epistemológicas assim como a sua definição. Tendo em conta que a perceção do que é “educação” e “desenvolvimento” tem variado ao longo das décadas e até de pessoa para pessoa, o conceito de “Educação para o Desenvolvimento” não apresenta uma única definição. Vejamos algumas definições:

- “Educação para o Desenvolvimento (ED) é um processo dinâmico, interactivo e participativo que visa: a formação integral das pessoas; a consciencialização e compreensão das causas dos problemas de desenvolvimento e das desigualdades locais e globais num contexto de interdependência; a vivência da interculturalidade; o compromisso para a acção transformadora alicerçada na justiça, equidade e solidariedade; a promoção do direito e do dever de todas as pessoas, e de todos os povos, participarem e construírem para um desenvolvimento integral e sustentável. A Educação para o Desenvolvimento não pode nunca confundir-se com campanhas de angariação de fundos, com objectivos de visibilidade e marketing de organizações ou acções, nem com

iniciativas de informação oficial sobre Ajuda ao Desenvolvimento.” (Plataforma Portuguesa das ONGD, 2002: 4)

- “Educação para o Desenvolvimento é um processo de aprendizagem activo, baseado nos valores da solidariedade, equidade, inclusão e cooperação. Permite que as pessoas passem de uma consciência básica das prioridades do desenvolvimento internacional e do desenvolvimento humano sustentável, compreendendo as causas e os efeitos das questões globais, para um envolvimento pessoal e uma acção informada. A educação para o Desenvolvimento promove a plena participação de todos os cidadãos pela erradicação da pobreza global e pela luta contra a exclusão; pretende influenciar políticas nacionais e internacionais mais justas e sustentáveis ao nível económico, social, ambiental e dos direitos humanos.” (DEEEP, 2005: 35)
- “A educação e a sensibilização para o desenvolvimento contribuem para a erradicação da pobreza e para a promoção do desenvolvimento sustentável através de abordagens e actividades educativas e de sensibilização da opinião pública baseadas nos valores dos direitos humanos, da responsabilidade social, da igualdade de género e num sentimento de pertença a um só mundo, em ideias e percepções das disparidades entre as condições de vida dos seres humanos e dos esforços necessários para ultrapassar essas disparidades, bem como na participação em acções democráticas que influenciam as situações sociais, económicas, políticas ou ambientais que afectam a pobreza e o desenvolvimento sustentável (...) têm por objectivo permitir que todos os cidadãos da Europa disponham em permanência de oportunidades de sensibilização e de compreensão dos problemas relacionados com o desenvolvimento global, bem como da sua pertinência local e pessoal, e possam exercer os seus direitos e assumir as suas responsabilidades enquanto cidadãos de um mundo interdependente e em mutação, influenciando a evolução para um mundo justo e sustentável.” (Consenso Europeu sobre Desenvolvimento: Contributo da Educação para o Desenvolvimento e da Sensibilização, 2007: 7)
- “A Educação para o Desenvolvimento (ED) constitui um processo educativo constante que favorece as interrelações sociais, culturais, políticas e económicas

entre o Norte e o Sul, e que promove valores e atitudes de solidariedade e justiça que devem caracterizar uma cidadania global responsável. Consiste, em si mesma, num processo activo de aprendizagem que pretende sensibilizar e mobilizar a sociedade para as prioridades do desenvolvimento humano sustentável. Trata-se de um instrumento fundamental para a criação de uma base de entendimento e de apoio junto da opinião pública mundial, e também da portuguesa, para as questões da cooperação para o desenvolvimento. Embora a ED não se restrinja à educação formal, é importante que esta seja incorporada progressivamente nos curricula escolares, à semelhança do que acontece com outros países europeus, para que a educação formal reflecta e contribua para a criação de cidadãos atentos, exigentes e participativos na vida e na solidariedade globais.

A coordenação com o Ministério da Educação nesta matéria é fundamental. Por outro lado, as temáticas de ED não se confinam só a matérias de carácter internacional, antes potenciam soluções e respostas para questões transversais da nossa sociedade, como sejam a do respeito pela multiculturalidade; as questões da imigração e da inclusão social; a luta contra a pobreza; as campanhas de educação para a saúde e as de sensibilização ambiental; a questão da responsabilidade social empresarial, do consumo sustentável e do comércio justo; e a responsabilidade social dos media.” (Visão Estratégica para a Cooperação Portuguesa. IPAD,2006: 45 - 46)

Numa tentativa de relacionar entre si os conteúdos e tendo em conta as dimensões utilizadas por Polygone (AAVV, 2003), pode-se dizer que:

O conceito Educação para o Desenvolvimento apresenta características em três dimensões – a “dimensão pedagógica” tendo em conta que é um processo de aprendizagem ativo e dinâmico; “dimensão ética” pelas suas raízes em valores de solidariedade, equidade, justiça e cooperação; e “dimensão política” pela promoção da consciência humana para as causas e consequências das desigualdades e interdependências mundiais, contribuindo para a construção de uma cidadania cívica global mais ativa, consciente e responsável pelo desenvolvimento humano e por um desenvolvimento sustentável mais justo.

Em Portugal, a quinta geração da ED – “Educação para a Cidadania Global” tem vindo a ser trabalhada por várias organizações como o Centro de Investigação Amílcar Cabral (CIDAC) através de ações de sensibilização e formação, da criação de materiais pedagógicos, do lobbying e da advocacia (CIDAC,2004). Esta organização entende que “Educação para a cidadania global parte, por um lado, de um entendimento amplo da cidadania, o que significa ir para além das fronteiras dos Estados e ser uma proposta ética e política fundada na compreensão do mundo global ao qual pertencemos, na interligação existente entre local e global. Por outro lado, valoriza a dimensão humanizadora da educação através de uma abordagem crítica e dialógica do processo de aprendizagem que valoriza o saber de todos e todas e estimula a diversidade de formas de compreensão da realidade.” (IPAD 2010-2015:24) Assim a ED vem a promover uma cidadania global baseada em princípios de igualdade e ação coletiva na resolução dos problemas sociais.

1.2-Educação e Formação cívica

No processo da cidadania global que caracteriza a sociedade atual, torna-se importante ter em conta que “viver nesta nova conjuntura vai, certamente, exigir ao ser humano novos modos de pensar e de agir radicalmente diferentes daqueles que habitualmente se tem servido. Na verdade, a velocidade a que os acontecimentos da era pós-moderna nos atingem, retiram-nos o tempo necessário imprescindível para pensar, refletir crítica e criativamente sobre (que) perspetivas e (que) práticas a desenvolver” (Pedro, 2002:1).

É através da Educação que se torna possível a criação de uma sociedade promotora do tão desejado bem-estar social pois “(...) desde que existimos, somos envolvidos num processo que nos molda, isto é, que nos educa porque nos ajuda a desabrochar as virtualidades contidas na nossa natureza e a ajustá-las ao meio no qual estamos inseridos” (Castro 2002: 72 - 73). Assim sendo, deve ser de extrema importância a utilização de metodologias que promovam o sucesso de disciplinas como a de Formação Cívica, que foi criada a pensar nesse mesmo propósito.

A área curricular da educação cívica é caracterizada como “espaço privilegiado para o desenvolvimento da educação para a cidadania, visando o desenvolvimento da consciência cívica dos alunos como elemento fundamental no processo de formação de cidadãos responsáveis, críticos, ativos e intervenientes, com recurso nomeadamente ao

intercâmbio de experiências vividas pelos alunos e à sua participação individual e coletiva na vida da turma, da escola e da comunidade". (Dec. Lei n.º6/2001, capítulo II, artigo 5º, ponto 3 c).

De acordo com Adigier (2000), a educação para a cidadania deve abordar temas que nos preocupam enquanto sociedade. Assim sendo torna-se pertinente refletir sobre os temas que deveriam ser abordados na construção de um cidadão.

Um dos temas defendidos por Cantero & Olmeda (2003) é a educação ética e política, onde o indivíduo deve aprender a tomar parte do processo de tomada de decisão, assumindo as suas responsabilidades e ao mesmo tempo respeitando opiniões distintas. Por outro lado, Moriyón (2003) defende que tendo em conta as mudanças constantes observadas devido ao processo de globalização, deveria ser exigida aos professores e aos sistemas educativos a inclusão da educação para os Direitos Humanos, no desenvolvimento de competências como pensamento autónomo e crítico, cooperação, entre outras, de maneira a criar indivíduos preparados para integrar a atividade política e social de forma responsável e consciente.

Herraiz (2003) destaca o tema da cultura e da paz, considerando essencial o desenvolvimento de valores como a tolerância, justiça, equidade, fundamentais para o cumprimento dos Direitos Humanos, para o bom funcionamento democrático e para a cooperação entre povos.

Outro tema que deve ser abordado na educação para a cidadania é a multiculturalidade (Sierra, 2003). Os processos de globalização e imigração destacam-se na sociedade atual impondo uma mudança de realidade cívica e pedagógica pelas diferentes realidades culturais, religiosas e linguísticas. Trata-se da necessidade consequente de aprender a viver juntos, justificada por Stuer (2001:245) por duas razões: “em primeiro lugar, devido ao fenómeno da globalização (...) em segundo lugar ter-se-ia imposto nas agendas devido ao fenómeno do racismo na Europa: a construção da Europa passa por um problema histórico ligado à forte presença dos imigrantes e ao racismo” Devem então ser abordados valores como saber acolher e dialogar com o outro, bem como questões de igualdade e solidariedade.

O problema do meio ambiente também é abordado por Ruiz e Vallejos (2003) como um problema moral, tendo em conta que cabe ao indivíduo respeitar a natureza participando de forma ativa na sua gestão.

Lajo e Puig (2003) consideram a educação europeia como outro tema da educação para a cidadania uma vez que um dos grandes desafios da EU é a construção de uma nova cidadania centrada na coesão social com o objetivo de alcançar a paz: “(...) o processo de integração comunitária é a concretização de uma nova cidadania de integração comunitária é a concretização de um sonho antigo de unidade europeia, para estabelecer a paz definitiva no continente” (Monteiro, 2001: 31)

Passando de temas mais democráticos para temas relacionados com saúde e bem-estar, Paixão (2000) considera que: “uma educação para a cidadania não pode ignorar temas como a educação dos afetos, a resistência ao consumismo alienante, a segurança e a circulação rodoviária, a cultura do património, a violência e a cultura da paz, os direitos humanos, a diversidade social, a económica, os problemas locais.” (: 16) A educação para a cidadania deve assim preparar o indivíduo para pensar e agir equacionando as consequências que podem advir.

Naval (2003) e Sánchez (2003) consideram que a construção de um cidadão implica a participação deste na resolução de problemas sociais. Naval (2003) defende que para a existência de uma cidadania democrática é necessário olhar para lá da escola e desenvolver com os jovens programas de serviço cívico, dando valor a uma aprendizagem ativa e compreensiva, baseada na participação. Sánchez (2003) acrescenta que tendo em conta que a sociedade civil é formada por associações de cidadãos, estes devem aprender a comunicar e a gerar projetos por forma a solucionar problemas comuns ou a alcançarem objetivos partilhados de desenvolvimento. Defende que a escola deveria promover movimentos sociais de voluntariado na comunidade envolvente.

Resumindo, os conteúdos que devem ser desenvolvidos na formação de um cidadão devem compreender valores e competências nos âmbitos democráticos, participação ativa, no conhecimento e consciência crítica face aos paradigmas mundiais, na conscientização dos direitos e deveres do Homem, no respeito pela natureza e

principalmente na aprendizagem da vivência com o outro e com a diferença, sabendo agir na resolução de problemas observados.

2- O voluntariado

2.1- O voluntariado em Portugal: conceito e números

De acordo com a lei Portuguesa voluntariado é “o conjunto de acções de interesse social e comunitário, realizadas de forma desinteressada por pessoas, no âmbito de projectos, programas e outras formas de intervenção ao serviço dos indivíduos, das famílias e da comunidade, desenvolvidos sem fins lucrativos por entidades públicas ou privadas.” Não abrangendo “ as actuações que, embora desinteressadas, tenham um carácter isolado ou esporádico ou sejam determinadas por razões familiares, de amizade e de boa vizinhança.” (Lei n.º 71/98 de 3 de Novembro)

Esta definição refere-se a um tipo de voluntariado formal. A diferença entre voluntariado formal e informal é que o primeiro refere-se a acções voluntárias praticadas em instituições do terceiro sector, ligadas à área da solidariedade social, e a segunda a ajudas prestadas no seio familiar ou na vizinhança (Delicado 2002).

Barbosa (2000) refere que existe um conjunto de características que permitem reconhecer a prática de voluntariado, sendo elas: o facto de ser gratuito (não dá acesso a gratificação monetária), espontâneo (é uma opção livre para qualquer cidadão), é um trabalho contínuo (o voluntariado não é uma acção esporádica mas sim contínua) e exige disponibilidade por parte do voluntário que segue um impulso e a sua vontade de prestar serviços à comunidade. Assim sendo, considera-se que um voluntário é um “(...) indivíduo que de forma livre, desinteressada e responsável se compromete, de acordo com as suas aptidões próprias e no seu tempo livre, a realizar acções de voluntariado no âmbito de uma organização promotora. A qualidade de voluntário não pode, de qualquer forma, decorrer de relação de trabalho subordinado ou autónomo ou de qualquer relação de conteúdo patrimonial com a organização promotora, sem prejuízo de regimes especiais previstos na lei.” (Lei n.º 71/98 de 3 de Novembro)

Definido pela primeira vez em 1954 pelas Nações Unidas, este tipo de trabalho voluntário para o desenvolvimento comunitário local, tem como características essenciais unir esforços individuais e públicos na resolução de problemas a nível

económico, social e cultural da comunidade, promover a ajuda mútua entre comunidades com interesses em comum e finalmente promover, através de tudo isto, o progresso do país. Esta manifestação de «consciência social» tem vindo a enraizar-se na cultura Ocidental, projetando um impacto positivo nas pessoas ou grupos a quem o voluntariado se destina.

Orduna (2000), Marchioni (1999), entre outros, citados por Gomez, Freitas e Callejas (2007: 126-128) defendem que para que os voluntários possam contribuir para a existência de um desenvolvimento comunitário, é necessário ter em conta alguns fatores, tais como: Deve incidir no trabalho da população para a população - metodologias participativas; Deve ter em conta o local, respeitando as especificidades próprias e recursos contidos; Deve estar aliado à formação por forma a capacitar cidadãos para a reflexão e para a ação na sua sociedade; Deve promover um processo de transformação social; Deve ter em conta a sustentabilidade dos processos realizados tendo sempre em consideração o futuro económico-social; Deve ter em conta um plano bem concebido e planificado numa fase anterior.

Na ótica Cristã o voluntariado não é uma opção tendo em conta a obrigatoriedade de colocar em prática os valores do Evangelho: comunhão, serviço, paz e justiça (Barbosa, 2000: 199). Porém esta obrigatoriedade auto-imposta não invalida o facto de a religião reconhecer a importância da solidariedade e da prática em prol do bem comum. Sobre a contradição entre a definição de ação voluntária e obrigatoriedade que se exprime, deve-se ter em conta que, tal como diz Barbosa (2000:) qualquer pessoa tem a sua liberdade individual, não sendo por isso o voluntariado e a vontade de o ser, uma ameaça à liberdade física ou psicológica mas sim uma afirmação pessoal dessa mesma liberdade num contexto de solidariedade.

Ferreira, Proença e Proença (2008), num estudo de revisão de literatura sobre o voluntariado, enunciam o que consideram ser as diferentes categorias de motivação para a prática de voluntariado, sendo elas: o altruísmo (o facto de quererem ajudar os outros, de fazer algo de útil na sociedade), a pertença (o facto de quererem conhecer pessoas, fazer novas amizades ou sentirem-se aceites pela comunidade), o ego e reconhecimento social (o facto de desejarem que o voluntariado lhes traga certas recompensas como reconhecimento e respeito) e finalmente a aprendizagem e desenvolvimento (o facto de ambicionarem colher novas aprendizagens para enriquecimento pessoal). Estes autores

alertam que uma motivação pode estar relacionada com mais do que uma categoria como por exemplo objetivos relacionados com a carreira profissional que podem estar tanto relacionados com o desejo de aumentar o ego e o reconhecimento como de desenvolver novas aprendizagens. Depende das perspetivas do individuo que o pratica.

Estas motivações são uma das razões para que em Portugal, de acordo com dados de 2001, se verifique a existência de 50000 voluntários, representando 12,7% da população sendo que 68% apresentam idades compreendidas entre os 20 e os 65 anos de idade e 17% apresenta menos de 20 anos de idade. (Directorate-General for Education and 12 Culture, 2010).

Segundo Delicado (2002) verificou-se um decréscimo do número de voluntários em Portugal entre 1990 e 1999, tendo-se registado taxas de voluntários de 19% e 16% respetivamente.

De acordo com uma investigação mais recente, apresentada em 2011, realizado através de uma parceria entre os Bancos Alimentares, a Universidade Católica e a associação ENTREAJUDA, publicada por esta última é possível verificar outras características mais específicas do voluntariado em Portugal: A maioria dos voluntariados apresenta idades mais avançadas, constituindo 56,5% dos voluntários (56 anos a 65 e mais de 65), sendo que 41,6% desses mesmos voluntários são reformados. Os estudantes representam apenas 10,9% dos voluntários em Portugal, 28,1% são representados por trabalhadores ativos e 7,3% por desempregados. Sabe-se também que 78,4% dos voluntários realizam atividades regulares numa instituição pelo menos uma vez por semana. (em “Alguns dados relativos ao voluntariado em Portugal”, 2011)

Segundo o jornal de ciências da comunicação, Porto Net, da Universidade do Porto, publicado no dia quinze de Dezembro de 2009, Portugal continua a ter uma das taxas mais baixas de voluntariado da Europa. Enquanto que a média europeia de voluntários é de 38%, Portugal apenas apresenta 16%. Estes valores alertam para a urgência da promoção do voluntariado na nossa sociedade. (Este jornal pode ser consultado em: http://jpn.c2com.up.pt/2009/12/15/voluntariado_uma_aposta_entre_os_jovens.html)

2.2- O voluntariado enquanto processo de desenvolvimento pessoal e social

Pike e Selby (1998) revelam cinco objetivos e dimensões para uma preparação efetiva e responsável dos cidadãos através de competências que os alunos e sociedade em geral deveriam adquirir. São elas: consciência dos sistemas (capacidade de pensar de forma sistemática), consciência da perspetiva (saber aceitar diferentes perspetivas), consciência da saúde do planeta (compreensão dos conceitos de justiça, direitos humanos e responsabilidades sociais, sabendo agir sobre elas), consciência da participação e da preparação (consciência do valor recíproco das ações enquanto individuo e enquanto sociedade) e por fim valorização do processo (os alunos devem ser conscientes que o processo de aprendizagem não tem fim apostando num desenvolvimento pessoal contínuo).

Através do trabalho voluntário é possível verificar o desenvolvimento de muitas das competências referidas Pike e Selby (1988). Assim destaca-se Rizzo e Brown (ao defenderem que a melhor forma de desenvolver a educação para a cidadania é providenciar aos estudantes uma experiência de trabalho para a comunidade).

Tendo em conta algumas evidências empíricas, as motivações para a inserção em atividades de voluntariado apresentam uma relação positiva com os benefícios resultantes para a pessoa. (Hole et al, 2005). Assim, para que exista uma boa experiência de voluntariado torna-se essencial que os benefícios desenvolvidos correspondam com as motivações pessoais dos voluntários (Clary et al, 1998). Dito isto, considera-se que conhecer os efeitos do voluntariado pode ser uma ferramenta importante por forma a reconhecer o seu impacto positivo ou negativo nos indivíduos.

Clark & Wilson (1961, citado por Allen M. Omoto 2005) divide os benefícios da ação voluntária em três categorias distintas, sendo elas: benefícios materiais (recompensas tangíveis, associadas a um valor monetário que pode ser direito a determinados serviços e eventos por exemplo); benefícios solidários (recompensas sociais e individuais intangíveis, como o respeito e reconhecimento pelos outros); e por fim benefícios relacionado com crenças; “purposive benefits”; (benefícios intangíveis relacionados com os objetivos pessoais e da organização, como por exemplo tornar a sociedade um sitio mais seguro).

Mas que efeitos pode o voluntariado provocar no individuo e na sociedade em redor?

Silva A. (2012: 21) considera que os efeitos retirados de experiencias de voluntariado podem ser os mais variados, incidindo sobre a “*saúde física e mental*”, “*competências pessoais e profissionais*”, e “*mudanças comportamentais*”. A primeira revela-se maioritariamente nos voluntários mais velhos por motiva-los a serem ativos no que diz respeito à sua capacidade motora, tendo em conta que enquanto voluntário deve-se deslocar a locais e desempenhar tarefas (Tan et al, 2006). Para além disso, o voluntariado pode servir como um exercício/estímulo mental visto que requer tarefas cognitivas como por exemplo planear tarefas, contabilizar cabazes de comida, entre outras. (Carlson et al, 2009, citado por Kent, 2001).

Kent (2001) refere também que o voluntariado promove hábitos de saúde tendo em conta que os voluntários adquirem confiança em si mesmos, aumentando assim os cuidados que o individuo tem sobre si, reduzindo consequentemente o risco de mortalidade. Outros autores como Morrow- Howell (2003) consideram que a prática de voluntariado encontra-se relacionada com o bem-estar ao qual Thoits e Hewitt (2001) destacam os benefícios para o bem-estar físico e psicológico, revelando que este efeito se encontra- relacionado com a interação social a que os voluntários são sujeitos durante a sua ação. O bem-estar psicológico apresenta-se como um beneficio quando os voluntariados reconhecem que desempenham um papel importante na sociedade e é esta perceção de bem estar que previne ou diminui sintomas depressivos e de stress, aumentando a satisfação do individuo no que se refere à sua vida (Kent, 2001).

Chan (2008) reforça estas ideias dizendo que os indivíduos que praticam voluntariado apresentam níveis de depressão e ansiedade mais baixos do que os não voluntários.

Quanto aos efeitos a nível das competências pessoais e profissionais, considera-se que os voluntários, principalmente os mais jovens, procuram experiências que os promovam no mercado de trabalho, aumentando-lhes o nível de competências. Segundo Santos et all (2011) o voluntariado estimula novos conhecimentos e competências ao mesmo tempo que possibilita o colocar em prática conhecimentos já adquiridos, manter contacto com o mundo laboral e aumentar a possibilidade de obtenção de emprego, tendo em conta que a maioria dos empregadores valoriza os valores inerentes à prática de voluntariado como a responsabilidade e disponibilidade.

Segundo Haski- Leventhal et al (2008) o voluntariado apresenta um papel importante no sucesso escolar pois os jovens voluntários encontram-se mais motivados para prosseguir os estudos e para assumir maiores responsabilidades, referindo mais uma vez o facto de o voluntariado aumentar a confiança do próprio individuo.

Outro efeito importante é o das mudanças comportamentais. Autores como Wilson e Musick (2000) destacam a importância do voluntariado na promoção da cidadania tendo em conta o seu papel na sociedade. Através do voluntariado formal, praticado essencialmente em associações, os voluntários são estimulados a participar em reuniões, planeamento, entre outras tarefas ,permitindo a obtenção de competências e saberes que os tornarão mais críticos e ativos politicamente. É neste sentido que Wilson (2000) refere que no âmbito cívico, os voluntários assumem-se como mais participativos do que os não voluntários. Assim, tal como refere Bekkers (2005), o voluntariado para além de fomentar a identidade cívica no individuo, pode proporcionar a criação de uma rede de contactos, competências sociais e de comunicação, entre outras.

Pode-se considerar que a nível de mudanças comportamentais, o voluntariado promove a diminuição de comportamentos antissociais, pois enquanto praticam uma atividade de voluntariado estão sujeitos a tarefas, supervisão e controle social tendo assim um menos contacto frequente com jovens problemáticos (Wilson, 2000) adquirindo “(...) autoconfiança, tolerância, empatia pelos outros e respeito pelo bem comum.” (Wilson & Musick, 2000: 148). Os jovens ao estarem ocupados em tarefas do âmbito social envolvem-se em menos situações de conflitos que podem originar distúrbios comportamentais. Por outro lado o voluntariado também ajuda a reduzir problemas comportamentais já existentes no individuo, como por exemplo o consumo de drogas, gravidez precoce, entre outros. (Wilson & Musick, 2000; Schondel et al, 1995; Uggem& Janikula,1999 citados por Haski- Leventhal et al, 2008)

Warburton e Winterton (2010) consideram que o voluntariado tem um papel preponderante na identidade do individuo. São os papéis que os indivíduos assumem na sociedade durante a sua vida que permitem que estes tenham perceção sobre si mesmos, criando a sua própria identidade “(...) motivado por auto-estima, eficácia, consistência e regulação” (pág. 1049). A acumulação de papéis sociais, através do voluntariado vem assim aumentar o bem-estar emocional e o sentimento de pertença. Bronfenbrenner’s (1979), citado por Morrow –Howell, et al(2003: 138) refere que o papel que o

individuo pratica na sociedade influencia a maneira como a pessoa é “(...) *tratada, como age, o que faz, e como pensa e sente.*”

Conclui-se assim que o voluntariado representa um fator chave no desenvolvimento da identidade cívica dos indivíduos.

3- Redes de entre ajuda social

3.1- Do desenvolvimento cívico ao desenvolvimento pró-social - Contexto atual Português

Em 1997 o Conselho da Europa desenvolveu o projeto Educação para uma Cidadania Democrática (ECD). Este projeto define “ que a educação para a cidadania democrática é um factor de coesão social, compreensão mútua, diálogo intercultural e inter-religioso e solidariedade, que ela contribui para a promoção do princípio da igualdade entre homens e mulheres e fomenta o estabelecimento de relações harmoniosas e pacíficas nos povos e entre os povos, bem como a defesa e o desenvolvimento da sociedade e da cultura democráticas;”(Comité de Ministros aos Estados-Membros do Conselho da Europa 2001 -2004 :5). Neste projeto observa-se ainda que um dos métodos propostos passa pela “pela criação de parcerias cívicas entre a escola e a família, a comunidade, o mundo do trabalho e os meios de comunicação social.” (Comité de Ministros aos Estados-Membros do Conselho da Europa 2001 -2004:10) O desenvolvimento do cidadão ativo não passa apenas pela sua participação democrática, e este projeto valida esta ideia dizendo que “Pode, por exemplo, incluir a educação cívica, a educação política ou a educação relativa aos direitos humanos, que, todas elas, fornecem o seu contributo à educação para a cidadania democrática sem a cobrirem inteiramente.” (Comité de Ministros aos Estados-Membros do Conselho da Europa (2001 -2004:8) Verifica-se então que o sucesso de projetos de educação para o desenvolvimento tornam-se importantes não só a nível social mas também político pois para além desenvolverem cidadãos ativos, contribuem para que sejam críticos face ao mundo que nos rodeia.

O decreto lei nº 18/2011 de 2 de Fevereiro, volta a destacar a importância da formação cívica para o desenvolvimento social:

“Artigo 9.º [...]As escolas, no desenvolvimento do seu projecto educativo, devem proporcionar aos alunos actividades de enriquecimento do currículo, de frequência facultativa e de natureza eminentemente lúdica e cultural, incidindo, nomeadamente, nos domínios desportivo, artístico, científico e tecnológico, de ligação da escola com o meio, de solidariedade e de voluntariado e da dimensão europeia na educação.”

Se a escola deve ser vista como um meio de ligação entre os alunos e o ambiente que as envolve então a disciplina de Formação Cívica e os objetivos que a sobrepõem fazem sentido. Mas será que esses objetivos são cumpridos efetivamente?

Após o programa de formação cívica ter sido estabelecido, através do despacho nº 143/ME/91, de 18 de Setembro, verificou-se uma grande falha na implementação do objetivo principal desta disciplina na maioria das escolas Portuguesas, tendo em conta a falta de formação específica dos professores nesta área e as temáticas maioritariamente abordadas. Desde então poucas medidas foram tomadas deixando a disciplina ser moldada de escola em escola e de turma em turma.

Um estudo de caso realizado na Universidade Portucalense Infante D. Henrique sobre o Contributo da Formação Cívica na prevenção de Comportamentos de Risco no 2º e 3ºCiclo do Ensino Básico identifica alguns assuntos abordados nesta disciplina. Na escola estudada, a disciplina dá prioridade aos temas relacionados com a educação sexual, os consumos e a alimentação. Embora sejam temas também importantes para o ensino básico não estabelecem o tal eixo “(...)de ligação da escola com o meio, de solidariedade e de voluntariado (...)”, resumindo-se à reflexão de comportamentos prejudiciais para o “eu” interior e não para a minha ação enquanto cidadão. Repare-se que, neste caso concreto, problemas relacionados com o civismo, a poluição e a violência, que se apresentam bastante importantes na sociedade atual, tem pouco destaque.

No ano letivo de 2012/2013 a disciplina de formação cívica deixou de ser obrigatória no currículo escolar, porém surgiu a atribuição do selo de escola voluntária promovendo as ações cívicas nas escolas. De acordo com o Diário da Republica nº204 de 22 de Outubro, portaria n.º 333/2012 esta iniciativa pretende “ (...) reconhecer o contributo dado pelos estabelecimentos de educação e ensino que, através de projetos educativos,

valorizam as atividades de voluntariado, fortalecem o envolvimento da comunidade educativa no projeto da escola e da escola na comunidade e que contribuem para o desenvolvimento de laços sociais dentro e fora dela.” tendo como um dos objetivos principais incentivar a prática de voluntariado educativo. Assim, mais uma vez, observa-se o reconhecimento por parte do Estado da importância da ação dos alunos na sociedade, construindo cidadãos ativos e responsáveis. Não basta apenas refletir, é necessário agir de modo a que a educação escolar envolva também a comunidade em seu redor, trazendo benefícios para o desejado bem - estar comum

Salema, Raiumundo e Pessoa (2012) estudaram a parceria entre as OGNs e as escolas na promoção da educação para a cidadania. Os dados são referentes ao período de 2001 a 2006 e foram recolhidos através de questionários aplicados a uma amostra constituída por 64 organizações (20 ONGAs, 17 ONGDs, 15ADLs, 8 OGCs e 4 ACs). Apenas 44 organizações desenvolviam parceria com o ensino secundário.

O estudo concluiu também que as atividades educativas privilegiadas no ensino secundário foram: “ a realização ou participação em debates, palestras, sessões de esclarecimento, acções de formação para alunos” registada em 77% das respostas, “a elaboração e difusão de material didático” registada em 64% das respostas, e a “ promoção e participação de alunos em acções/ em colaboração com a organização” registada em 73% das respostas. Sendo que a atividade menos desenvolvida, com 27% das respostas foi “ a formação de professores” (: 154)

Tendo em conta as competências e valores referidos anteriormente relativamente à formação cívica e ao voluntariado, destaco os dados relativos às competências privilegiadas pelas organizações no desenvolvimento de parceria com escolas do ensino secundário: 37% das organizações destacaram o “pensamento crítico” e 32% “o desenvolvimento de atitudes e valores” Verifica-se que a “ participação activa” é a competência que menos se desenvolveu nestas parcerias, apresentando o seu valor máximo em cerca de 16% em ONGDs.

De acordo com Salema, Raiumundo e Pessoa (2012) e outros como (Menezes, Afonso, Gião & Amaro, 2005) considera-se que os temas referentes ao ambiente e desenvolvimento são os que mais se evidenciam nas atividades desenvolvidas pelas escolas . Estes autores defendem assim que os Portugueses apresentam uma tendência

para valorizar a sua participação em atividades na comunidade, principalmente em organizações ambientais ligadas à vertente política. Assim sendo, verifica-se o desenvolvimento de atitudes e valores promovendo as competências sociais. Estes dados vêm reforçar a necessidade da inclusão da intervenção cívica nas escolas por forma a não comprometer o conceito de “responsabilidade” perante a sociedade.

3.2- A comunidade escolar enquanto agente do desenvolvimento do tecido social

Pode-se considerar que a ligação entre pessoas individuais e serviços públicos, ou privados mas de interesse público como as escolas, torna possível a criação de uma rede ao serviço da comunidade, maximizando assim os recursos existentes em prol do desenvolvimento local. Barroso (1998:28) refere-se ao envolvimento das escolas no desenvolvimento local dizendo que “A diminuição da dependência vertical das escolas, em relação à administração central e regional, que constitui um dos elementos essenciais da sua autonomia, deve ser acompanhada de uma maior integração horizontal na comunidade local. Esta integração pressupõe o envolvimento dos pais e de outros elementos dessa comunidade nas atividades educativas promovidas pela escola, bem como a sua co-responsabilização na sua gestão. Para isso é preciso desenvolver dispositivos que incentivem «voluntariado social» que esta missão exige e que impeçam que o recrutamento se faça só junto de grupos sociais reduzidos (normalmente «classe média»)." Tendo por base a ideia de que os problemas são mais facilmente resolvidos a nível local, a administração Central tem vindo a descentralizar alguns “poderes e funções do nível nacional e regional para o nível local, reconhecendo a escola como um lugar central de gestão e a comunidade local (...) como um parceiro essencial na tomada de decisão.” (Barroso, 1998, pág.33) Assim, tem-se vindo a valorizar outros atores para além do Estado, como as autarquias, associações locais, as escolas e as próprias famílias, estimulando uma “ aproximação entre o poder e a sociedade.” (Silva, 1994:128-129)

Mais uma vez encontramos-nos perante a defesa de metodologias participativas, valorizando as multiplicidades de perspetivas existentes numa comunidade, entre pessoas e organizações. De acordo com Schiefer et al (2006) este método participativo é “caracterizado pela prevalência de abordagens e procedimentos que envolvem,

activamente, os actores sociais implicados num determinado contexto, processo ou evento.” (: 24)

Constrói-se assim, como nos diz João Pinhal (2004), um “território educativo” onde a escola deve ser um espaço de reunião de uma comunidade, incluindo diferentes interesses de forma a se organizar e mobilizar os recursos disponíveis na construção de um projeto de desenvolvimento na tentativa de criação de respostas próprias aos problemas nível territorial.

Surge assim um processo de animação como método educativo, centrado na ação coletiva, promoção da solidariedade e responsabilidade e valorização da cultura local. Assim, de acordo com Viveiros e Luís (2008), ao interligarmos os conceitos “animação”, “educação para o desenvolvimento” e “participação” deve-se ter em conta que a transmissão de conhecimentos deve ser feita através de um currículo aberto e flexível, ao invés do habitual currículo escolar, concebido por conteúdos, elaborados sem terem em consideração as experiências e saberes dos alunos bem como a realidade em seu redor. Os programas educativos baseados num contexto de educação não formal devem então desenvolver conteúdos programáticos tendo em conta os alunos em questão por forma a ir ao encontro das suas características, conhecimentos e ambições. São estes projetos de educação que valorizam a cidadania ativa, o pensamento crítico face à realidade social e o processo permanente e participativo da busca de soluções.

. De acordo com Maria Manuela da Silva (1963: 10 - 24) para executar um plano de desenvolvimento comunitário é necessário ter em conta cinco fases, sendo elas: “Informação geral e dinamização da coletividade”, “prospecção das necessidades e recursos potenciais”, “descoberta e formação dos líderes locais”, ”elaboração de um plano “ e por fim “avaliação dos resultados obtidos”.

Tendo em conta que um processo de desenvolvimento comunitário implica a existência da iniciativa da população local e da sua força crítica e ativa na solução dos problemas da coletividade, é necessário iniciar qualquer programa ou projeto local com apelo às pessoas da coletividade a tornarem-se seres ativos. Para além disso, relembro a questão educacional: é necessário capacitar cidadãos com as ferramentas necessárias para que não só tenham condições para realizarem uma ação comum mas também para alcançarem a confiança necessária para tal.

Os programas de desenvolvimento comunitário podem ser iniciados por várias identidades, incluindo um cidadão comum. Assim sendo, e tendo em conta que este tipo de programas se caracterizam pela ação comum, deve-se chamar a atenção da população, dando-lhes a conhecer não só, em que consiste este tipo de programas e o que é necessário fazer mas também os ganhos que a localidade e cada um individualmente pode obter e as motivações que levaram a entidade responsável a querer realizar e assumir a responsabilidade do programa. “A população tem os seus esquemas apriorísticos segundo os quais estabelece os seus juízos quer sobre o projeto quer sobre os agentes que a animam (...) daí a importância de que a informação inicial vá ao encontro desses esquemas, procurando criar uma noção de base certa.” (Silva, 1963:548)

O que se pretende nesta primeira fase é gerar reações positivas por parte da coletividade. É importante que a população sinta desejo de progredir e que acredite que o seu compromisso é fundamental para o desenvolvimento da sua localidade.

A autora Maria Manuela Da Silva (1963) refere uma técnica de informação - a demonstração. Embora as reuniões e discussões sejam importantes, para algumas populações, como camponeses, é mais fácil acreditar em algo visível. Assim a demonstração apresenta-se como uma ferramenta capaz de comunicar uma ideia e de convencer as populações dispostas a atuarem sobre ela. É neste sentido que a escola deve promover o voluntariado por forma a dar a conhecer os benefícios do mesmo para a pessoa e para a sociedade.

A segunda fase é iniciada quando a população demonstra estar interessada em colaborar e dar início a um projeto de desenvolvimento. Esta fase (prospecção das necessidades e recursos potenciais”), pode ser interpretada como uma fase de diagnóstico, tendo em conta que é caracterizada pelo levantamento de informação sobre necessidades, recursos e possíveis ameaças. Aqui a escola deve verificar que instituições ou programas estão interessados em colaborar com o projeto escolar bem como que alunos se podem relacionar com variadas causas.

A inclusão dos alunos no levantamento de informação torna-se essencial tendo em conta que são eles próprios que vivem ou observam os problemas existentes. Para além disso ao estarem inseridos sentem-se comprometidos em fazer melhorar a situação atual.

“A prospeção feita pela população tem ainda duas outras vantagens: primeiro, permite identificar as necessidades sentidas, isto é, aquelas que a população reconhece como tais; segundo, proporciona a transmissão de um conjunto de conhecimentos muito apreciáveis. A identificação das necessidades sentidas é muito importante, quer do ponto de vista de uma atuação imediata quer como base de reflexão das medidas adequadas para fazer evoluir essas mesmas necessidades.” (Silva,1963:550)

Nesta fase é possível também analisar soluções e formas de atuação “ Isto dá margem a muitas explicações, necessárias à apresentação de múltiplas hipóteses possíveis, etc., o que tudo concorre para dar à coletividade novas alternativas, fator indispensável do seu processo de desenvolvimento.” (Silva, 1963: 550)

Algo fundamental num programa de desenvolvimento comunitário é conhecer os líderes que podem ser formais ou informais (fase três – descoberta e formação dos líderes locais). “ (...) do ponto de vista do desenvolvimento comunitário, conquanto a colaboração dos líderes formais seja muito desejável é sobretudo com os líderes informais que importa contar, pois estes são os líderes autênticos da coletividade enquanto os primeiros poderão sê-lo ou não”. (Silva, 1963: 554)

No que toca aos líderes formais é importante constituir uma relação de parceria por forma a ser possível estabelecer colaboração entre diferentes serviços e até de recolha de informação como forma de confirmação dos dados anteriormente observados.

Depois de realizada toda a discussão em torno dos problemas e possíveis soluções chega a hora de entrar na quarta fase, ou seja, elaborar o plano de ação. O papel dos técnicos, na elaboração do plano, deve basear-se no quadro das necessidades e recursos, anteriormente construído com a população/alunos, não sobrepondo assim a ação dos técnicos às decisões da população, instituições parceiras e desejos dos alunos voluntários.

As principais características deste tipo de plano passam pela satisfação das necessidades da comunidade. As técnicas utilizadas devem ser acordadas, realizadas, controladas e avaliadas pela própria população participante, observando-se assim a predominância de métodos participativos.

Embora a construção de planos de ação se demonstre importante no trabalho em parceria, Wolf (1995), destaca a importância da manutenção do interesse na participação. Para isso deve-se ter em conta os 6R's, sendo eles: o reconhecimento (necessidade de reconhecer o trabalho fundamental de todos e cada um tendo em conta que todos os contributos são decisivos para o sucesso do projeto); o respeito (todos os parceiros devem respeitar as diferenças culturais e organizacionais); responsabilidades e papéis (definição de papeis e responsabilidades para que todos se sintam essenciais); relações sociais (a parceria deve dar oportunidade a todos os parceiros para estabelecerem novas redes profissionais); recompensas (todos os parceiros têm de ver os seus investimentos a serem recompensados); resultados (os resultados devem ser demonstrados por forma a que os parceiros se sintam envolvidos no desenvolvimento dos objetivos).

Como em qualquer projeto a avaliação deve ser contínua, terminando com uma avaliação dos resultados (quinta fase). Esta nos processos de desenvolvimento comunitário, não incide apenas nos resultados em termos materiais mas também, e principalmente, na transformação de mentalidades das populações. Permite comparar o desejado com o realizado, analisar os erros e permitir a construção de novos e melhores projetos.

Estas etapas embora pareçam divididas de uma forma lógica acabam por se completar, surgindo naturalmente. A informação recolhida em cada uma delas é essencial para o processo, daí a importância da constante avaliação que pode permitir reconhecer erros e corrigi-los a tempo. Assim os projetos e programas de desenvolvimento comunitário devem ser sempre planeados tendo em conta um certo nível de flexibilidade atribuindo uma maior margem de gestão para o sucesso do projeto planeado.

Graças à interação de cada um dos cidadãos, incluindo as suas características, competências e ideias é possível construir uma “malha humana” / esforço comum, em torno de um objetivo, em torno do desenvolvimento. Os processos participativos apresentam-se muito ligados a esta forma de desenvolvimento. A mobilização da população, neste caso dos alunos, escola e organizações locais, nas várias fases do processo comunitário, mostra ter capacidades para a organização em torno dos problemas locais. Trata-se não só de agir por nós mas também pelos outros. Uma forma

de não viver apenas sobrevivendo mas sim de viver impondo a crítica e os nossos direitos.

Tendo em conta as várias questões debatidas anteriormente, o conceito de Desenvolvimento, pode ser analisado por diferentes perspetivas. No entanto tem como base três características: A participação da comunidade no processo, a promoção da capacidade de iniciativa e a promoção da inovação social para o progresso económico e social. Assim para que um projeto educativo gere desenvolvimento deve ser:

- Um processo de aprendizagem “activo, dinâmico e constante” (referido em: DEEEP, 2004, Plataforma Portuguesa ONGD, 2002 e em Visão Estratégica Cooperação Portuguesa,2006);
- Baseado em valores de “solidariedade”, “equidade”, “inclusão”, “cooperação” e “justiça” (referido em: DEEEP, 2004, Plataforma Portuguesa ONGD, 2002 e em Visão Estratégica Cooperação Portuguesa,2006);
- Promotor de uma cidadania global, consciente e compreensiva “das consequências das interdependências e desigualdades mundiais” (DEEEP, 2004, Plataforma Portuguesa ONGD,2002; Consenso Europeu,2007);
- Capaz de mobilizar e capacitar os indivíduos em prol de soluções para com os problemas sociais observados. (DEEEP,2004, Plataforma Portuguesa ONGD, 2002; Visão Estratégica Cooperação Portuguesa,2006).

Concluo esta reflexão com Brose (2000): “ Seja o desenvolvimento adjectivado como integrado, holístico, participativo, sustentável, globalizado, ou o quer que seja (...) a mudança para melhor, o desenvolvimento depende de uma complexa, demorada e contínua interacção e sinergia entre factores económicos, políticos, sociais e culturais para acontecer. (...) São as inter-relações horizontais entre os mais diversos atores sociais que caracterizam o capital social, confiança mútua e a organização que permitem a paulatina melhoria da qualidade de vida em um território.” (:10)

Capítulo II- Metodologia

3.1- Problemática, pergunta de partida e objetivos de investigação

O presente projeto de investigação visa o estudo das potencialidades da Escola na promoção do voluntariado que contribui para a formação cívica do indivíduo a nível pessoal e social. Esta investigação pretende contribuir para um maior conhecimento e reflexão sobre Educação para o Desenvolvimento na sua relação com o voluntariado. Numa perspetiva local, as escolas devem consciencializar-se do seu poder, enquanto grandes pólos de atividade local, com profunda intervenção pessoal e social.

Em algumas escolas, os métodos educativos implementados, fazendo a ligação da teoria e da prática, promovem a formação cívica dos jovens no seu sentido lato, ou seja dão-lhes a possibilidade de conhecer em campo real os problemas sociais, incentivam a reflexão sobre eles, levam à ação e à análise dos resultados da ação. Paralelamente a escola ganha destaque ao potenciar o desenvolvimento do local onde se insere, formando jovens ativos, conscientes e motivados, em vez de jovens acomodados com a realidade.

Definimos a seguinte questão de partida: qual o contributo do voluntariado para desenvolvimento pessoal e social de quem o pratica?

Considerámos os seguintes objetivos

- Analisar as razões dos alunos para participarem em ações de voluntariado;
- Analisar as opiniões dos alunos sobre os projetos de voluntariado em que participam;
- Analisar as perceções dos alunos sobre o impacto do voluntariado no seu desenvolvimento pessoal e social

3.2 – Desenho da investigação

. Esta investigação é qualitativa por recorrer a métodos que permitem ao investigador descrever e analisar os dados obtidos inseridos no seu contexto. Numa investigação qualitativa o investigador é o principal instrumento recolhendo diretamente do ambiente natural os dados necessários a sua análise. A investigação qualitativa preocupa-se com a

compreensão do contexto envolvente, descrevendo e analisando os dados na sua relação com o ambiente circundante “Para o investigador qualitativo divorciar o ato, a palavra ou o gesto do seu contexto é perder de vista o significado” (Bogdan e Biklen, 1999: 48)

O paradigma interpretativo em educação apresenta a ação como objeto de análise. Esta abrange o comportamento físico e os significados atribuídos pelo participante. Desta forma, a comportamentos idênticos podem corresponder significados diferentes, nomeadamente, no que concerne às práticas desenvolvidas pelos agentes. Não se pretende, com o presente projeto, encontrar explicações e/ou conclusões generalizáveis ou relações causa/efeito que expliquem os fenómenos, mas sim, uma interpretação, tanto quanto possível, fidedigna do mesmo.

Estudamos dois projetos de voluntariado: um numa escola privada e outro numa escola pública. Ambos constituem o nosso caso de estudo. De acordo com Ludke e André (1986: 18-20) os estudos de caso permitem a interpretação de um contexto e uma análise profunda e completa da realidade observada.

3.3 Contexto do estudo

O caso estudado-voluntariado desenvolvido pelos alunos-implicou duas escolas.

3.3.1- Escola privada

O Colégio São João de Brito, localizado no Lumiar, é uma das escolas estudadas. A sua missão escolar segue uma filosofia: “Formar para servir”. A partir daqui já é possível identificar nesta escola a importância que esta atribui ao ensinamento do valor do trabalho comunitário, desenvolvendo características que consideram essenciais “atitude de prontidão para cooperar, escutar, aprender com os outros e partilhar” (Disponível em <http://www.csjb.pt/> - Missão e Visão, acedido em 04 de Dezembro de 2012)

Esta escola pertence à Companhia de Jesus, patenteando um cariz católico e uma história que começa em 1947. Apresenta-se por seguir inspiração na “dinâmica dos exercícios de Santo Inácio: disponibilidade para servir; capacidade de opção em ordem ao trabalho mais eficaz, mais necessário e mais urgente; atitude de discernimento orientada para a ação, numa constante auscultação da realidade e uma permanente

revisão das próprias posições. ” (Disponível em <http://www.csjb.pt/> - Natureza e objetivos, acedido em 04 de Dezembro de 2012)

Quanto à composição, esta escola possui turmas de educação infantil, ensino básico, secundário e cursos noturnos. A nível do secundário tem 293 alunos, todos eles com formação complementar religiosa (obrigatória nesta escola). O voluntariado sempre foi inculcado nos alunos pelos professores de diferentes disciplinas. No entanto há dois anos foi implementado um projeto escolar intitulado por “Ser +” ao encargo de uma professora, que em formato de disciplina complementar veio alargar o leque de ações realizadas. É de destacar que todos os graus escolares, incluindo a infantil, estão inseridos neste projeto tendo sido criadas atividades consoante os objetivos cívicos que são propostos para cada fase etária. Tudo isto pensando num desenvolvimento moral completo até saída destes alunos da escola.

O estudo de caso realiza-se no ensino secundário pois é nestes anos que o projeto Ser + compromete os alunos a fazerem voluntariado semanalmente em diversas instituições.

3.3.2- Escola pública

A Escola Secundária Romeu Correia foi outra das escolas que aceitou participar dando-me a conhecer todo o funcionamento do projeto “EcoSol” que tem vindo a ser copiado por outras tantas escolas do concelho de Almada pelo sucesso que tem apresentado. Localizada no Feijó, esta escola abrange 924 alunos, sendo 394 do ensino secundário, alunos estes provenientes de um contexto socioeconómico bastante heterogéneo.

Devido à constatação de carências económicas por parte dos alunos e suas famílias a escola resolveu criar um projeto social como resposta ao problema observado, aliando a promoção do espírito de ação solidária e inclusão de valores na comunidade educativa.

O nome do projeto “EcoSol” é a junção de Casa (“Eco” que no Grego oikos significa casa) e Solidariedade, ou seja Casa Solidária. É assim que esta escola se define implementando um projeto assente em duas vertentes: apoio direto às famílias e bolsa de voluntariado. No que se refere ao apoio direto às famílias, esta escola apresenta um processo de sinalização de problemas. Qualquer aluno, professor ou funcionário ao detetar que um aluno passa fome, por exemplo, pode reportar o problema anonimamente através de uma ficha que se encontra à disposição e colocar na caixa de correio para

esse efeito, encaminhada posteriormente para a equipa responsável que se encarrega de disponibilizar o necessário, neste caso um cabaz de comida. Esta estratégia só é conseguida graças ao sistema de sócios que para além de todos os meses doarem um euro ao projeto para a compra de todos os bens necessários, contribuem com bens alimentares em pedidos de urgência por e-mail.

A bolsa de voluntariado tem por objetivo a sensibilização dos alunos do ensino secundário para os valores sociais bem como para os benefícios da prática de voluntariado. Os alunos interessados inscrevem-se e através de uma entrevista são encaminhados para instituições parceiras, adequadas ao seu perfil. Algumas dessas instituições são: Santa Casa da Misericórdia, Liga dos amigos do Garcia da Orta, Associação Vale D'Açor, Zazzo, Lar D. Nuno Álvares Pereira e Comunidade Vida e Paz. É de destacar que esta escola promove também o voluntariado interno, ou seja, existe a possibilidade de mobilizar alunos voluntários por escolas do agrupamento que abrangem alunos com necessidades educativas especiais.

Para além destas duas vertentes do projeto, esta escola participa em ações de voluntariado pontuais, envolvendo todos os alunos, como é o exemplo da construção de cabazes de Natal a serem distribuídos por famílias carenciadas ou instituições.

3.4 – Instrumentos e procedimentos da recolha e tratamento de dados

A técnica de recolha de dados usada neste estudo foi a da entrevista a uma amostra de voluntários. Foram feitas 8 entrevistas a alunos voluntários. Foram também entrevistados dois técnicos com o objetivo de esclarecimento de questões formuladas aos alunos, por isso a nossa análise incide nas entrevistas aos alunos e em apenas alguns pontos as respostas destes foram complementadas pelos esclarecimentos dos técnicos.

A entrevista caracteriza-se como sendo um procedimento de recolha de informações que utiliza a forma da comunicação verbal. Deste modo, um entrevistador que se assume como indivíduo que pretende obter dados de interesse sociológico ou de qualquer outro tipo, poderá questionar com um guião estruturado, ou semi estruturado, ou deixar falar livremente o entrevistado, ou seja, o indivíduo do qual pretendemos obter determinadas informações. A forma de comunicação verbal e o tipo de relacionamento entre o entrevistador e entrevistado são condicionantes desta forma de inquirir.

A entrevista pode contribuir para uma reinterpretação dos dados da observação participante. Na verdade, uma vez que na observação participante o investigador pode contaminar as observações efetuadas com a sua forma de pensar, isto é, uma vez que o observador pode não ser suficientemente objetivo e imparcial, através da entrevista, pode contrastar a sua perceção de determinados factos com o significado que os próprios observados lhe atribuem.

As entrevistas podem ser classificadas de acordo com diferentes critérios. Uma das classificações mais divulgadas divide as entrevistas em: estruturadas ou diretivas, semi-estruturadas ou semi-diretivas e não estruturadas ou não diretivas. No meu caso utilizei uma entrevista semi – estruturada ou semi – diretiva que se caracteriza por ter um formato que não é totalmente aberto, mostrando-se ser um género de diálogo para o qual existe um guião que contém tópicos sob a forma de perguntas abertas, atribuindo flexibilidade ao entrevistador para inserir questões pertinentes.

O tipo de entrevista a utilizar depende dos objetivos que se pretendem atingir, mas exigem, sempre, a neutralidade ideológica e afetiva do entrevistador que não deve influenciar as respostas do entrevistado. Antes de se entrevistar alguém é necessário efetuar um conjunto de operações, designadamente: definir objetivos; estabelecer os grandes temas a abordar e definir um conjunto de questões a fazer aos entrevistados (guião da entrevista). De acordo com Ghiglione e Matalon (2001), as entrevistas têm como principais vantagens: o grau de detalhe dos elementos recolhidos e a adaptabilidade que permite que o investigador explore ideias e respostas. Como desvantagens apresenta o facto de existir uma grande flexibilidade do método; a dificuldade de análise dos elementos recolhidos e a existência do perigo de parcialidade. Os guiões das entrevistas foram testados antes de se tornarem definitivos. Constituem os anexos A e B.

As informações recolhidas, áudio gravadas, foram transcritas (anexo C e D) e foram objeto de análise de conteúdo. A análise de conteúdo constitui, segundo Bardin (1977:42), um “conjunto de técnicas de análise das comunicações, visando obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de discussão do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não), que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/receção de mensagens”. A categorização é uma operação de classificação de elementos constitutivos de um conjunto, por diferenciação

e, por reagrupamento, com critérios previamente definidos. Um investigador, que procure construir um conhecimento analisando o “discurso”, a disposição e os termos utilizados pelo locutor, aplica este método por ser um processo técnico relativamente preciso. Existem, assim, duas formas possíveis de analisar o conteúdo da informação presente em entrevistas: comparando, quando são utilizados vários emissores, e confrontando, quando se opõe os dados da realidade com os dados presentes na informação. Definimos grelhas de análise de conteúdo (anexo E e F) com as seguintes categorias e sub-categorias de análise:

-Motivações, constituído por “Motivações Iniciais” e “Significado atribuído ao voluntariado”. Com estas sub-categorias pretende-se fazer uma análise da imagem que o aluno apresenta do conceito de voluntariado bem como quais foram as fontes que lhe motivaram para a prática deste conceito a partir do projeto-escola.

-Formação constituído por “Formação como preparação para o terreno”, “Formação e orientação no terreno” e “Grau de consciencialização do seu papel enquanto voluntário”. Com estas sub-categorias pretende-se analisar quais as modalidades de formação utilizadas pelas escolas no âmbito de voluntariado e de que forma é realizada a *ponte* entre a escola e a instituição a este nível.

Criou-se a sub-categoria “**Grau de consciencialização do seu papel enquanto voluntário**” visa verificar se os alunos teriam conhecimento dos direitos e deveres do voluntário antes de exercerem as suas tarefas.

-As Práticas, constituído por “Instituições onde praticou voluntariado”, “Tarefas realizadas” e “Avaliação de acordo com a expectativa”. Por forma a compreender melhor o papel das instituições parceiras e dos alunos voluntários inseridos nos projetos “Ser+” e “EcoSol”, as sub- categorias sistematizam o tipo de tarefas desenvolvidas, se estas vão ao encontro das expectativas dos alunos e quais as instituições que colaboram com estes projetos.

-Avaliação do impacto do projeto no aluno, constituído por “Aprendizagens adquiridas” e “Impactos na consciência cívica”. Com esta categoria procurou-se compreender que aprendizagens são retiradas pelos alunos destas experiências e de que forma afetam a sua forma de estar em sociedade bem como a sua consciência cívica.

-Avaliação dos projetos constituído por “Pontos Fortes”, “Pontos Fracos”, “Propostas” e “Escola como meio de Desenvolvimento”. Com estas sub-categorias pretende-se analisar os pontos fortes e fracos dos projetos, recolher propostas de melhoria por parte dos alunos e analisar o reconhecimento que os alunos e técnicos apresentam face à ação destas escolas na comunidade.

-Voluntariado, constituído por “Características que um voluntário deve ter”, “Dificuldades sentidas”, “Vantagens” e “Perspetivas futuras”. Estas sub-categorias visam compreender o que os alunos consideram essencial num voluntário bem como as dificuldades que sentiram durante este período, que vantagens esperam do voluntariado e se pretendem ou não continuar a fazê-lo.

As entrevistas aos oito alunos foram analisadas em conjunto (não previmos no nosso estudo a intervenção da variável tipo de escola). As respostas dos técnicos foram analisadas segundo as mesmas categorias e subcategorias de análise das entrevistas aos alunos e na apresentação e discussão dos dados serão apresentadas a par com as informações colhidas junto dos alunos.

3.5 - Amostra

Da escola São João de Brito foram escolhidos 4 alunos do 12º ano ao acaso, para recolha de informações em entrevistas. Foi também entrevistada uma técnica, responsável pelo projeto por forma a apurar os objetivos bem como o funcionamento e desafios do mesmo. Os quatro alunos foram selecionados tendo em conta o sexo, dois rapazes e duas raparigas, a sua participação no projeto e ano escolar (tinham de pertencer ao ensino secundário).

Assim sendo do sexo feminino foi entrevistada uma aluna que pratica voluntariado pela escola desde o 7º ano já tendo trabalhado na associação espaço mundo, num lar de idosos e num infantário. (Esta entrevista pode ser lida no anexo C, entrevista A)

Do sexo feminino, foi também entrevistada uma aluna que embora já tivesse feito voluntariado fora da escola, no banco alimentar, revela que a sua jornada nesta prática iniciou-se graças à formação que teve no colégio participando, desde o início, no projeto Ser+. Esta aluna já trabalhou em centros de dia, infantários e no Jokey com crianças com paralexia cerebral. (Esta entrevista pode ser lida no anexo C, entrevista C)

Os outros dois entrevistados são do sexo masculino. Por desejo próprio e com a ajuda da escola, o primeiro entrevistado masculino, iniciou a sua ação enquanto voluntária já tendo trabalhado em ATL's e no Banco alimentar. (Esta entrevista pode ser lida no anexo C, entrevista B). Por fim, o ultimo aluno entrevistado, nesta escola, revelou ter sido motivado pelo irmão para o voluntariado, inscrevendo-se no projeto escolar para facilitar o processo de integração numa instituição. Este aluno já trabalhou como voluntário no banco alimentar e continua a sê-lo na Ludoteca do Bom pastor. (Esta entrevista pode ser lida no anexo C, entrevista D)

Na escola secundaria Romeu Correia também foram seleccionados quatro alunos inseridos na bolsa de voluntariado e a técnica Carla Paixão por ser a responsável pelo projeto. A sua entrevista teve a colaboração do professor responsável pela vertente do acompanhamento dos voluntários. Os alunos foram seleccionados tendo em conta os mesmos parâmetros apresentados anteriormente.

Assim sendo, do sexo feminino fora entrevistada uma aluna que integrou o projeto EcoSol pelo desejo em fazer voluntariado. Pratica voluntariado na Santa Casa da Misericórdia de Almada com idosos. (Esta entrevista pode ser lida no anexo C, entrevista E)

Do sexo feminino, foi também entrevistada uma aluna que fora incentivada pelo diretor de turma a participar no projeto. Esta tem vindo a desenvolver voluntariado na Escola de Vale de Flores prestando apoio aos professores e realizando atividades lúdicas com as crianças no recreio. (Esta entrevista pode ser lida no anexo C, entrevista H)

Relativamente aos entrevistados do sexo masculino, um deles integrou o projeto pela experiência social que teve através dos escuteiros fazendo-o desejar retribuir à sociedade todas as oportunidades que tem tido. (Esta entrevista pode ser lida no anexo D, entrevista F). O último entrevistado confessa que a divulgação do projeto pelas salas o cativou e que embora nunca tivesse pensado em fazer voluntariado quis participar. Este aluno voluntário tem vindo a desenvolver o seu voluntariado num Centro de Dia com crianças e idosos. (Esta entrevista pode ser lida no anexo C, entrevista G)

Os dois técnicos constituem as entrevistas H e I e constam do anexo D.

Capítulo III- Apresentação, Análise e Comentário de dados

A presente análise semântica desenvolve-se por forma a dar resposta às perguntas de partida desta dissertação, permitindo a concretização dos objetivos definidos.

4.1- Motivações

4.1.1 – Motivações Iniciais

As fontes de motivação dos alunos para a prática de voluntariado mostraram ser diversas destacando-se o desejo do próprio aluno e o incentivo dos professores. Observaram-se as seguintes respostas:

- Motivação criada por Professores: “(...) portanto foi a minha professora que propôs nas aulas de área de projeto (...)” (Entrevista A); “Foi através dos meus professores porque tinha a disciplina de área de projeto e desde aí começamos a fazer voluntariado e a ir um centro de idosos.” (Entrevista C); “O professor falou connosco (...)” (Entrevista E); “(...)o diretor da minha turma também cativou (...)” (Entrevista F); “(...) um dos organizadores da bolsa de voluntariado é o meu diretor de turma e então tomámos logo conhecimento direto porque trabalhamos com este professor.” (Entrevista H)
- Motivação criada pelo Departamento de Serviços sociais: “(...)através do departamento de serviços sociais.” (Entrevista A) ; O folheto informativo também estava ótimo e isso ainda apelou mais à minha vontade em fazer voluntariado.” (Entrevista D)
- Motivação como Desejo próprio: “Eu acho que faz todo o sentido ter tempo para fazer alguma coisa interessante em vários sentidos e acho que é uma experiência pela qual toda a gente deveria passar.” (Entrevista A); “(...) a decisão veio mesmo por mim.” “(...)sempre fui de dar-me um bocado à sociedade (...)” (Entrevista B); “(...)eu desde pequenina que faço banco alimentar por isso sempre gostei.”
“A partir daí, quando deixou de ser obrigação, senti que gostava ainda de continuar a fazer.” (Entrevista C); “(...)foi mesmo por incentivo próprio.”
“(...)é uma coisa que sempre quis fazer(...)” (Entrevista E); “Já tinha esse desejo (...)faz parte dos meus valores (...)” (Entrevista F);

- Escola: “(...)tínhamos de escolher, ou ficávamos na sala ou fazíamos voluntariado (...) e gostei.” (Entrevista B); “(...)entrei no colégio muito cedo e foi com todas as atividades que eu comecei a querer fazer voluntariado.” (Entrevista C); “O projeto EcoSol foi divulgado pelas salas e falaram disso de uma maneira que me fez logo querer participar.” (Entrevista G);
- Família: “(...) só comecei a pensar nisso quando o meu irmão começou a ir para o Pragal (...)”, “(...)o meu irmão e a minha mãe, que também faz eventos de solidariedade, encorajaram-me a ver realidades diferentes.” (Entrevista D); “(...)a minha mãe também faz voluntariado, é como se fosse uma coisa de família. (...)eu ia com ela e isso talvez tenha sido uma motivação para eu querer fazer.” (Entrevista F)
- Escuteiros: “(...)faz parte dos meus valores, daquilo que aprendi com os escuteiros (...)” (Entrevista F)

Destes dados pode-se concluir que os alunos são motivados de formas diferentes para a prática de voluntariado apresentando sempre um fator em comum: o desejo de passar pela experiência

Verifica-se que os mesmos alunos juntaram motivações vindas de vários lados. Uns já teriam desejo de ser voluntários e graças a uma conversa iniciada pelos professores acabaram por se inscrever nos projetos escola, outros foram motivados pela família mas também por valores adquiridos em outras instâncias. De acordo com autores como Clary, Snyder, Ridge, Copeland, Stukas, Haugen e Miene (1998) citados por Ferreira, M. ; Proença J. e Proença, T. (2008) “ a motivação numa perspetiva funcionalista pode ser dividida de acordo com as suas funções. Uma das funções que enunciam foi muito vincada por alguns alunos, a “função de valores”. O voluntariado permite ao individuo expressar os seus próprios valores, dando-lhe a oportunidade de por em prática as suas crenças. A “função de benefícios” também pode ser revista nas respostas obtidas tendo em conta que alguns alunos optaram por relacionar o voluntariado com o trabalho a realizar em algumas disciplinas como a de área de projeto, aliando-se assim á “função de compressão” no desejo dos indivíduos quererem aprender ou por em prática conhecimentos já adquiridos.

A “função social” que embora não apareça de forma tão óbvia nas respostas obtidas relaciona-se com o desejo de pertença a um grupo que pode ser visto como fator de

motivação quando os alunos respondem que foram as apresentações elaboradas, nas salas de aula, por outros alunos, que os fez querer participar.

Resta-nos a “função de oportunidades” pela vontade que todos os alunos apresentam em aumentar a sua autoestima e ego tendo em conta a realização de tarefas que desejam.

É este conjunto de funções, que as várias fontes de motivação podem desempenhar, que levam os alunos a querer ser voluntários neste tipo de projetos. Assim deve-se ter em conta o tipo de motivações que os alunos apresentam para ser possível proporcionar experiências de voluntariado que resultem numa relação positiva de benefícios resultantes para a pessoa. (Hole et al, 2005).

4.1.2- Significado atribuído ao voluntariado

Interrogados sobre o significado atribuído ao voluntariado as respostas dos alunos foram diversificadas:

- É uma entrega pessoal: “É a entrega (...)” (Entrevista A); “(...)o voluntariado para mim é dar-me.” (Entrevista F); “(...)disponibilidade(...)” (Entrevista A); “(...) prescindir do meu tempo (...)” (Entrevista D);
- É ajudar o outro: “(...)ajudar pessoas que à partida têm qualquer tipo de dificuldades na vida.” (Entrevista A); “(...)o voluntariado para mim é mais uma hipótese de conseguir ajudar (...)” (Entrevista B); “(...)é poder dar um bocadinho de mim às pessoas que mais precisam.” (Entrevista C); “É ter a hipótese de ajudar os outros.” (Entrevista G)
- É promover a igualdade de oportunidades: “(...)o voluntariado é a minha oportunidade de conseguir que isto realmente aconteça. Que eles tenham as mesmas oportunidades.” (Entrevista B)
- É prestar serviços: “O voluntariado em si é complexo mas acho que são serviços que uma pessoa faz tendo em conta o bem dos outros (...)” (Entrevista D); “Para mim é aquele momento da semana que eu vou lá e meto as minhas capacidades ao serviço da sociedade.” (Entrevista F)
- É um sentido de gratuidade: “É ajudar sem pedir nada em troca (...)” (Entrevista E); “É a minha parte (...)devo dar algo à sociedade (...)” (Entrevista F); o voluntariado é mesmo isso: é um custar mas que no fim tem

sempre aquela recompensa de ver os miúdos a brincar e satisfeitos.” (Entrevista D);

- É fazer com que as pessoas gostem dos voluntários: “(...)é fazer com que as outras pessoas gostem do nosso trabalho e gostem de nos acolher com carinho.” (Entrevista E)
- É uma ajuda extra dentro da instituição: “Para mim o voluntariado é um auxílio extra àquele que a instituição já tem (...)” (Entrevista H)

Observa-se que os significados atribuídos estão muito focados ou no que o voluntário dá aos alunos e à população ou no que resulta dessa ajuda.

As várias respostas permitem a construção de um conceito de voluntariado definido pelos alunos: uma entrega pessoal com o intuito de ajudar o outro através da prestação de serviços gratuitos, promovendo assim o aumento de recursos nas instituições, a igualdade de oportunidades e os benefícios do trabalho dos voluntários. Esta definição vai encontro de Barbosa (2000:197) ao referir a gratuidade como uma característica desta prática, tal como se encontra referido na própria lei Portuguesa que define o voluntariado como sendo “o conjunto de ações de interesse social e comunitário, realizadas de forma desinteressada por pessoas (...) sem fins lucrativos (...)” (Lei n.º 71/98 de 3 de Novembro)

Constata-se ainda que as opiniões dos alunos vão ao encontro dos princípios orientadores da ED como a “solidariedade, equidade, inclusão, cooperação e justiça” (DEEEP, 2004; Plataforma Portuguesa ONGD, 2002; IPAD, 2006).

4.2 – Formação

4.2.1- Formação como preparação para o terreno

Interrogados sobre se tiveram formação prévia, os voluntários consideraram como sendo a sua formação:

- Introdução ao trabalho a realizar: “Não, só uma pequena introdução acerca do que era a instituição e o que era esperado que nós fizéssemos.” (Entrevista A);
“(...)assim uma formação formal não.” (Entrevista C);

- Utilização de manuais: “Deram-nos um caderno onde estavam dicas para o voluntariado e o que precisávamos de saber para as diferentes áreas (...)” (Entrevista B);
- Debates: “Lê-mos o que estava escrito, discutimos e debatemos.” (Entrevista B); “(...)tivemos uma conferência (...)” (Entrevista D); “(...)discutíamos nas aulas.” (Entrevista E);
- Reuniões na instituição: “(...)escolheram um dia para fazer uma reunião com os vários responsáveis pelo projeto e das instituições (...)”(Entrevista B); “(...)fui um dia ver o que tinha de fazer e o que era preciso ser feito e tudo isso (...)” (Entrevista C); “Explicaram-me nas reuniões tudo (...)” (Entrevista F); “O meu diretor de turma, quando foi para começar levou-me lá e tivemos uma reunião (...)” (Entrevista H)
- Formação geral do colégio: “(...) acho que os dez anos que tive cá, não feitos pelo programa de voluntariado, já foram uma ótima formação para o que faço.” (Entrevista D)
- Formação formal sobre as temáticas: “Na área onde estou falamos muito sobre a área social e por isso acho que a escola acabou por me dar uma formação para o que iria enfrentar no voluntariado.” (Entrevista G); A parte teórica é que tenho a partir da escola porque nós tratamos muito deste tipo de assuntos.” (Entrevista H)

Os voluntários mostraram-se um pouco reticentes nesta questão, considerando aspetos formativos como simples introduções ao tema o que leva a querer que as escolas e os departamentos de ação social ainda não possuem um tipo de formação delineado que seja reconhecível para o aluno como tal.

Apenas um dos entrevistados do colégio S. João de Brito refere que toda a formação que recebeu por parte desta instituição serviu-lhe de preparação para a responsabilidade assumida. Isto remete-nos para a visão estratégica para a cooperação Portuguesa por referir que “Embora a ED não se restrinja à educação formal, é importante que esta seja incorporada progressivamente nos currículos escolares, à semelhança do que acontece com outros países europeus, para que a educação formal reflecta e contribua para a criação de cidadãos atentos, exigentes e participativos na vida e na solidariedade globais.” (IPAD, 2006: 45)

4.2.2 – Formação e orientação no terreno

Questionou-se os alunos face ao tipo de orientação que receberam por parte das instituições que acolheram os vários voluntários. As respostas observadas dividem-se em duas categorias:

- Formação orientada pelo próprio voluntário

- “(...)formação em si no sentido de tens de fazer isto assim e assim, mesmo dar instruções, foi mais a chamada experiência no terreno (...)No meu primeiro ano tive dois colegas mais velhos, que eram do 12º ano e o mais experiente orientava-nos.” (Entrevista D)
- “(...)acho que eles estão um bocado familiarizados com o voluntariado, então eles estão à espera que quando a pessoa lá chegue, já saiba o que vai fazer e através da observação se integre.” (Entrevista B)

-Formação orientada pela instituição

- “Este ano, que estou a fazer voluntariado no Jokey que é hipnoterapia com pessoas com paralexia cerebral aí sim, tive uma formação com os cuidados que devia ter, o que precisava de fazer e a ter atenção. (...) Sim, podemos considerar que sim. Explicaram-me as coisas.” (Entrevista C)
- “(...) orientavam-me e explicavam-me como era cada pessoa e de acordo com cada uma como deveria agir. Nós próprios perguntávamos porque por exemplo havia uma senhora que fazia sempre cara estranha e tinha a mania de dizer “andam-me aqui a tratar mal” e era estranho. E claro que nestas situações, nós próprios queremos tentar perceber e eles explicavam sempre.” (Entrevista E)
- “Sim, a Educadora ajuda bastante e explica-me as dinâmicas e eu acho que isso é que tem sido a minha verdadeira formação pois está ligada à prática em si.” (Entrevista F)
- “Sim, tenho uma orientadora que me explica tudo e responde às minhas perguntas.” (Entrevista G)
- “(...)tivemos uma reunião com as coordenadoras onde elas explicaram o meu papel, como eram as instalações, esse tipo de coisas.” (Entrevista H)

Sobre o trabalho no terreno verificou-se que a resposta predominante foi a existência de uma formação baseada na orientação por uma técnica da instituição que os integrou nas

suas tarefas. Segundo algumas respostas os principais formadores foram outros voluntários. Remetendo-nos assim para dois tipos de resposta, por parte dos alunos: uns consideram que não tiveram grande orientação, ficando ao seu cargo a integração nas tarefas e outros reconhecem o apoio e formação adquirida dentro das instituições.

Assim sendo, a ponte entre a formação escolar e as tarefas a realizar na instituição acabam por estar relacionadas pois embora a maior parte da formação seja desenvolvida na prática, cabe à escola um envolvimento permanente dos seus alunos por forma a criar condições para o aproveitamento destas práticas na aprendizagem e desenvolvimento do aluno. Questionou-se as técnicas destes projetos sobre a forma como gerem a formação dos voluntários. No colégio São João de Brito já existe um plano pedagógico adaptado às diferentes idades, mas colocam hipóteses de formação para os alunos do secundário: “Este ano pela primeira vez tentou-se dar alguma formação durante duas semanas todos os dias. Os alunos inscreviam-se no seu melhor horário para terem uma mini formação, é elaborado o guia do voluntário, um manual que explica quais são as instituições, quais são as melhores formas de interagir com idosos, com crianças, com pessoas com deficiência mental, uma forma de também passar essa informação mais teórico-prática (...)” reconhecendo este tópico como uma das fraquezas: “É muito difícil conseguir controlar essas agendas todas e também arranjar um modelo que seja compatível com as idades deles. E portanto acho que é um dos pontos em maior falha (...)” (Entrevista I). A escola Romeu Correia reconhece que o projeto valoriza a formação na prática, ou seja atribui a maior parte da responsabilidade neste sector às instituições: “(...)este primeiro ano não houve propriamente formação, digamos que a formação é feita junto das próprias instituições que têm uma preocupação em ter uma responsável por fazer um enquadramento. Em todas estas instituições já há trabalho de voluntariado com o outro e por conseguinte já haveria responsáveis para fazer voluntariado e portanto é uma formação em exercício, uma formação direta.” (Entrevista J).

Da análise a estas categorias pode-se concluir que as instituições são reconhecidas tanto pelas escolas como pelos alunos como uma das principais fontes de formação para o voluntariado, permitindo alcançar os objetivos destes projetos tendo em conta que “(...) nos ajudam a trabalhar aquilo que nós queremos trabalhar com os nossos alunos. No fundo estas parcerias permitem que nós façamos voluntariado, para que nós possamos sensibilizar os nossos alunos para um contacto mais real com o outro, uma realidade

social diferente. Neste sentido eles completam aquilo que é o nosso projeto educativo.” (Entrevista I); o que vai ao encontro de Naval (2003) quando defende que para a existência de uma cidadania democrática seja necessário olhar para lá da escola através de uma aprendizagem ativa e baseada na participação.

4.2.3 - Grau de consciencialização do seu papel enquanto voluntário

Numa perspetiva de compreender a integração do aluno nas instituições questionou-se se este estaria consciente do que implica o voluntariado como os seus direitos e deveres sendo que o tipo de resposta mais utilizada fora: “Direitos não sei se tenho alguns. Deveres basicamente sei o que tenho de fazer, que é ajudar as crianças (...)” (Entrevista B).

De acordo com a lei 71/98 de 3 de Novembro (Artº 7) os voluntários possuem alguns direitos como: ter acesso a qualquer tipo de formação que o ajude a desempenhar a sua tarefa, exercer o seu trabalho com as devidas condições de higiene e segurança, o estabelecimento de um programa de voluntariado que regule a natureza e duração do trabalho com a instituição em causa e o direito de ser ouvido aquando a discussão de decisões que afetem o seu trabalho enquanto voluntário.

Tendo em vista a mesma lei (Artº 8), os voluntários para além de direitos devem respeitar um conjunto de deveres como ter em conta os princípios deontológicos da atividade que pratica, respeitar as normas praticadas pela instituição onde é inserido, participar nos programas de formação e respeitar e colaborar com os profissionais da organização, cumprindo sempre as orientações por eles proclamadas.

Denota-se assim uma necessidade de incluir nos sistemas educativos e principalmente no programa formativo deste tipo de projetos para o voluntariado, conteúdos relativos aos direitos Humanos, por forma a criar indivíduos bem preparados para integrar nas atividades de carisma social de forma responsável e consciente. (Moriyón, 2003)

4.3- As práticas

4.3.1- Instituições onde praticou voluntariado

As parcerias acabam por ser a “alma” do projeto pois são estas que acolhem os voluntários permitindo “(...)dar mais aos alunos tanto a nível de experiência como a nível de bens.” (Entrevista J)

Os alunos identificaram diversas instituições onde fazem voluntariado:

- Associação espaço Mundo: “Na associação Espaço Mundo (...)” (Entrevista A);
- Lares de Idosos: “(...) estive num lar de idosos (...)” (Entrevista A); “Na santa casa da misericórdia em Almada.” (Entrevista E);
- Infantários: “(...) num infantário(...)” (Entrevista A); “Já tive em infantários (...)” (Entrevista C); “Estou aqui no infantário do Feijó (...)” (Entrevista F);
- Banco Alimentar: “(...) também tive outras coisas como o banco alimentar (...)” (Entrevista B);
- Centros de Dia: “Já tive num centro de Dia (...)” (Entrevista C); “Trabalhei na Trafaria com crianças e idosos.” (Entrevista G);
- ATL’s: “(...)já trabalhei num ATL (...)” (Entrevista B); tive os dois anos sempre com a mesma instituição, que é a ludoteca do Bom Pastor (...)” (Entrevista D)
- Associação Jokey: “Agora estou no Jokey com crianças com paralexia cerebral (...)” (Entrevista C)
- Escolas do mesmo agrupamento: “Como voluntária trabalho aqui na escola de Vale Flores.” (Entrevista H)

Para além da bolsa de voluntariado, o projeto “EcoSol” desenvolve atividades em outro âmbito. Este projeto colabora com empresas locais, como por exemplo uma ótica, na resolução de problemas socioeconómicos sinalizados dentro da escola, nos alunos. Assim se constrói o “território educativo” referido por João Pinhal (2004) pois mobiliza os recursos disponíveis, através de um projeto estruturado de desenvolvimento, respondendo rapidamente às carências observadas dentro da escola e com isso problemas a nível territorial. São muitos os alunos que ajudam nesta fase do projeto, auxiliando o transporte de bens até às casas das famílias referentes aos alunos em dificuldades económicas.

4.3.2- Tarefas realizadas

Pretende-se conhecer o tipo de tarefas desempenhadas pelos voluntários:

Segundo uma voluntária (A): “(...) o voluntariado é um auxílio extra àquele que a instituição já tem, é sempre bom ter mais uma ajuda porque eles não conseguem fazer coisas banais tendo outros assuntos com maior importância pendentes. Cabe então a nós estarmos lá a fazer aquilo que eles muitas vezes não têm tempo, coisas básicas.” (Entrevista H). Trata-se de tarefas simples mas com bastante importância para o público-alvo pois uma simples conversa, carinho e apoio pode significar muito na vida de um indivíduo. Essas tarefas são:

- Apoio escolar: “(...)o que eu faço é ajudar as crianças a estudar e a fazer os trabalhos delas.” (Entrevista A); “(...)ajudava a nível de trabalhos de casa.” (Entrevista B); “(...) ajudar a fazer os trabalhos de casa (...)” (Entrevista D);
- Dinamização de idosos: “(...)conversávamos com os idosos (...)” (Entrevista A); “(...)basicamente nós falávamos com eles e muitas vezes jogávamos cartas ou dominó (...)” (Entrevista C); Nos outros dias dou de comer, à boca de alguns, falo com eles, ponho as mesas e por vezes saio em passeio com eles para os ajudar a apanhar o autocarro e também para fazer companhia.” (Entrevista E); “Com os idosos tinha de estar com eles, dar-lhes de comer (...)” (Entrevista G);
- Apoiar novos voluntários: “(...)o mais experiente orientava-nos. (...) Agora inverteu-se a situação, sou eu o mais velho (...)” (Entrevista D);
- Dinamização de infantários: “(...)foi num infantário a brincar com miúdos de cinco anos.” (Entrevista A); “(...)a ajudar a dar de comer e levantar da sesta, acordar, vestir e isso tudo.” (Entrevista C); “(...)com as crianças foi mais tomar conta delas.” (Entrevista G);
- Recolha de alimentos: “Estive a recolher no Continente.” (Entrevista B)
- Auxílio nas atividades do centro: “A minha tarefa era ajudar a por as crianças em cima dos cavalos, a ter atenção à postura delas, fazer jogos para desenvolver, a pô-los a “pensar” e desenvolver as atividades motoras.” (Entrevista C); “(...)planeava atividades para fazermos (...)” (Entrevista B);

De acordo com uma investigação do Instituto nacional de estatística, referente aos dados recolhidos no inquérito ao Emprego do 3º trimestre de 2012², as tarefas que mais frequentemente são praticadas por voluntários estão ligadas aos serviços sociais, cerca de 33,9%, seguindo-se tarefas de cariz mais técnico e qualificadas. Tendo em conta estes números podemos concluir que as tarefas que os alunos entrevistados desempenham como o auxílio a idosos, dinamização de atividades com crianças e apoio escolar pertencem ao leque de atividades mais usuais desta prática em Portugal, sendo que as minorias encontram-se na recolha de alimentos.

Contata-se também, que alguns alunos já praticaram diferentes tipos de tarefas. Esta mudança e diversidade permite ao aluno o conhecimento de várias realidades e a aquisição de diferentes tipos de competências promovendo a descoberta do indivíduo sobre si mesmo, defendida por Selby (1996) como uma forma de enriquecimento completo do seu potencial.

4.3.3- Avaliação de acordo com a expectativa

Verificou-se que apenas um entrevistado revelou que a instituição onde se encontra não fora sua primeira opção: “Inicialmente, a minha primeira opção era trabalhar com cavalos porque eu andei em equitação e então achava que se adequava a mim só que não fui a tempo e as vagas foram todas preenchidas. Portanto depois acabei por escolher outra coisa.” (Entrevista B).

Tal como referi anteriormente, sobre esta temática, Viveiros e Luís (2008) defendem que estes projetos educativos não formais devem desenvolver conteúdos de acordo de por exemplo uma entrevista ao aluno para que seja possível ir ao encontro das suas características, conhecimentos e ambições e tal verifica-se na Escola Secundária Romeu Correia, quando a técnica refere: “Portanto abriram as inscrições, inscreveram-se vários alunos, foram todos entrevistados, um bocadinho também para auscultar a sua [(hum...)] as suas particularidades, os seus interesses também em termos de destinatários, porque também alguns gostam mais de trabalhar com crianças, outros com a terceira idade, portanto tivemos essa preocupação, de fazer essa organização e tentar coloca-los em instituições que de alguma maneira se identifica-se com eles.” (Entrevista

² Este estudo pode ser consultado em: www.ine.pt – Inquérito Piloto ao trabalho voluntário de 18 de Abril de 2013

J). Tendo em conta este método de colocação a reação dos alunos mostrou ser variada, vejamos:

-Reações Positivas:

- “Sim, sem dúvida que sim. Há um leque de instituições que nos foi propostas, idosos, crianças, crianças deficientes que têm aulas de cavalos, faz parte da terapia deles, portanto fui eu que escolhi fazer isto.” (Entrevista A)
- “Sim, porque o colégio oferece um variado leque de possibilidades para fazermos determinadas coisas e no meu caso tive a oportunidade de escolher as áreas que mais gostava e experimentei de tudo um pouco.” (Entrevista C)

-Mudança de opinião ao longo do trabalho realizado:

- “Portanto era e não era o que estava à espera. (...) No entanto, quando lá cheguei aquilo era do tamanho deste gabinete por isso houve aí um choque e para além disso aquilo tem um cheiro característico que uma pessoa não está habituada. Houve mesmo ali um choque mas em termos essenciais, porque isto são coisas mais exteriores, de resto foi muito ao encontro das minhas expectativas. Há um choque grande a nível de identidades entre mim, que tenho uma família estável, uma boa casa e uma boa família e embora eu já tivesse ouvido falar daquele bairro e que tinha mau aspeto e as pessoas também, consegui observar isso em primeira mão e hoje até me sinto mais à vontade porque sei o que se passa lá dentro e eles sabem que eu vou lá ajudar as crianças, por isso as expectativas nesse aspeto foi o que eu estava à espera.” (Entrevista D);
- “Quando comecei lá achei que não iria ser nada demais mas depois reparei que aquilo que eu sinto ao fazer as pequenas coisas é que as crianças dão-me imenso carinho porque eu dou e elas dão-me e isso é mais uma motivação para o voluntariado do que propriamente as tarefas que estou a fazer.” (Entrevista F)

-Reações negativas

- “Não é aquilo que estava à espera porque foi como eu disse, prefiro os idosos. Com as crianças tenho de ter muita paciência e depois se descobrem o nosso ponto fraco já não há nada a fazer e isto não acontece com os idosos.” (Entrevista G)

No caso dos voluntários que foram modificando a avaliação do seu trabalho e da instituição, denota-se um crescimento do seu pensamento crítico face à realidade social e público-alvo em causa, incitando para a importância da formação inicial como uma ferramenta de adaptação rápida nas instituições.

Conclui-se que as expectativas e o agrado dos alunos para com a instituição, para onde foram encaminhados, acaba por estar relacionado com a motivação do aluno. As escolas desenvolvem uma rede educativa na comunidade tendo em conta o conjunto de parcerias que estabelece e os objetivos dos próprios projetos, assim sendo pode-se afirmar que estas instituições escolares preocupam-se não só em promover experiências educativas aos alunos mas também tentam promover o combate à pobreza e exclusão social defendida também pela CONCORD (2004) quando define Educação para o Desenvolvimento. Ao proporcionar estas atividades aos alunos, estas escolas acabam também por assumir “*um processo educativo que pretende gerar consciência crítica sobre a realidade mundial.*” (Celorio e Munain :124; citado por Lopes, 2010 :9)

4.4- Avaliação do impacto do projeto no aluno

4.4.1 – Aprendizagens adquiridas

Procurou-se saber aquilo que os voluntários destacam como as suas maiores aprendizagens no âmbito destes projetos de voluntariado, tanto a nível de competências mais técnicas como do seu próprio desenvolvimento pessoal, ao que responderam:

- Competências técnicas:

- Desenvolvimento de capacidades de comunicação: “Se calhar também a minha capacidade de comunicar com as pessoas, não posso ensinar de qualquer maneira, tenho de descobrir os interesses de cada um para me conseguir relacionar bem com eles (...)” (Entrevista B); “A comunicação. Eu antes falava, mas era mais aquele palavreado mais de nono ano e agora quando fui lá tive de ter cuidado com o vocabulário para não dizer certas coisas e acho que a comunicação desde aí evoluiu.” (Entrevista D);
- Desenvolvimento de competências a nível de necessidades Educativas Especiais: “(...)aprendi a lidar com essas deficiências e tecnicamente também é preciso ter

muita paciência (...) não nos podemos chatear com eles assim como faríamos com outro tipo de crianças.” (Entrevista C)

- Desenvolvimento de competências de ensino: “Outra coisa, acho que foi o ato de ensinar (...)” (Entrevista D);
- Desenvolvimento de competências ao nível de cuidados com crianças: “(...) aprendi a cuidar de crianças (...)” (Entrevista F);
- Desenvolvimento de competências ao nível cuidados com idosos: “Eu não sabia como havia de dar de comer e como era com os medicamentos e isso foi algo que me ensinaram. Parece simples mas fez-me crescer.” (Entrevista G);
- Desenvolvimento de competências a nível de trabalhos em ambientes multiculturais: “A nível técnico é ficar a conhecer outra realidade e saber trabalhar com ela. Não só aprendo a estar ali com os outros e a ajudar como a observar o que está à minha volta.” (Entrevista H);

-Competências pessoais:

- Ser paciente: “(...) ter mais paciência(...)” (Entrevista A); “(...) aprendi a ter paciência (...)” (Entrevista C); “Com as crianças aprendi a ter paciência (...)” (Entrevista G);
- Saber ouvir: “(...) tentar ouvir as pessoas(...)” (Entrevista A); “Aprendi a ouvir, eles tinham conversas comigo, falavam de tudo, sobre a sua infância e isso tudo. (Entrevista G);
- Ser compreensivo: “(...) torno-me (...) mais compreensiva.” (Entrevista A);
- Independente: “(...) independentemente de ter pai, mãe e amigos (...) consigo afastar-me mais dessa posição(...) ou seja consigo tornar mais natural o que costumava fazer (...)” (Entrevista B); “(...) continua a haver esse tal voluntário de vinte e tal anos que ainda me ajuda mas já posso tomar as minhas decisões portanto tenho um grau de responsabilidade.” (Entrevista D);
- Ativo: “Não é que o voluntariado mude o mundo mas acho que ativo sou porque fico todos os dias aqui até às cinco e meia, que não é bem um sacrifício, e apanho o autocarro para fazer algo pelos outros. Acho que sim, sou ativo. (...) A minha mãe pedia-me para por a mesa e eu fazia um sacrifício enorme e hoje em dia já ponho e sou mais ativo, acho isso ótimo.” (Entrevista D); “Mais ou menos, por estar no voluntariado, a ajudar os outros, sentia que era mais ativa.” (Entrevista E); “Acho que agora sou muito mais ativa (...)” (Entrevista H);

- Responsável: “(...) a ser mais responsável (...)” (Entrevista F);
- Confiante: “E eu agora devido ao voluntariado já não tenho vergonha de falar com as crianças e de dizer coisas erradas.” (Entrevista D);

Os alunos tiveram dificuldades em reconhecer as aprendizagens técnicas focando-se nos valores adquiridos como o sentido de responsabilidade e de saber ouvir os outros.

4.4.2- Impactos na consciência Cívica

Questionou-se os alunos face aos efeitos do voluntariado na sua perceção do mundo e de si mesmos. Quando questionados sobre o seu crescimento enquanto cidadãos, através do voluntariado assumem que a possibilidade de interagirem diretamente com outras realidades os tornou mais atentos quanto aos fenómenos sociais: “(...) como contacto diretamente com instituições, pessoas desfavorecidas e que vivem de uma maneira completamente diferente da minha fico a saber de coisas que se passam no mundo e em Portugal e este tipo de situações chamam-me mais a atenção estando eu mais alerta e consciente do que é possível fazer para ajudar essas pessoas (...)” admitindo que o voluntariado melhorou a perceção das suas atitudes para com os outros: “Como eu disse, eu era daquelas pessoas que se calhar pensava mais em mim e só depois é que pensava nos outros e depois de começar a fazer estas atividades é que comecei a perceber que me sentia melhor a dar de mim (...). Essencialmente foi isso. Aprender a dar-me e tentar não viver num mundo tão egocêntrico. (Entrevista C).

Nestas entrevistas foi possível captar histórias que marcaram os voluntariados tais como: “Acima de tudo quando um amigo meu foi assaltado comecei logo a pensar nas circunstâncias que levaram possivelmente ao assalto não só da parte dele mas também do assaltante e comecei a pensar que a culpa se calhar também não era dele porque a sociedade também o levou à situação onde se encontrava e portanto a partir daí comecei a desenvolver o meu sentido social e a pensar mais nestas coisas que depois continuei e reforcei com o voluntariado por estar mais em contacto com essa realidade. Portanto tive mais acesso realmente ao que acontece.” (Entrevista B). Esta aproximação com a realidade, relatada pelos vários alunos, demonstra ser a principal ferramenta de aprendizagem cívica tendo em conta que alguns referem frases como: “(...) não tinha noção do que se passava lá fora. Vinha todos os dias para o colégio e voltava ou de carro ou de metro e mais nada. Via um cigano e até tinha medo e hoje graças ao voluntariado e aos professores olho para um homem com a roupa toda rota e em vez de

ter medo penso “este homem não deve ter a vida nada fácil” e começo a relativizar.” (Entrevista D)

Assim observa-se uma maior preocupação e reflexão face aos problemas sociais, por parte dos alunos: “(...)cada vez mais graças ao voluntariado tanto no banco alimentar como na ludoteca eu pego mais no que vejo em termos de problemas sociais, preocupo-me mais e acho que isso devo muito ao voluntariado.” “Aprendi que em mim há uma certa vontade em servir, algo que desconhecia.” (Entrevista D). Esta vontade de “fazer mais” acaba por se mostrar ser uma consequência da reflexão do aluno sobre si mesmo em relação ao outro: “Nós somos tantos e há tanta gente a precisar de ajuda que nós muitas vezes pensamos mais no nosso umbigo do que nos outros, mais em nós do que os outros que estão lá fora a precisar de ajuda.” (Entrevista C). Esta reflexão pode originar o desenvolvimento de outro tipo de aprendizagens como as referidas por este voluntário: “(...)dar-me melhor com as pessoas e ter mais consideração pelos outros e ter mais em consideração aquilo que os leva a ser como são, não julgar as pessoas pelo que fazem mas pensar mais que se calhar aconteceu alguma coisa ou que há uma história por detrás (...)” (Entrevista B).

Pode-se ainda constatar respostas mais ligadas à atenção face à informação divulgada: “(...)ao entrar em contacto com os problemas, neste caso dos idosos, fiquei a saber como realmente são, o que tornou tudo mais real, principalmente as notícias dos telejornais.” (Entrevista E). Relativamente aos telejornais alguns alunos revelam que passaram a assistir: “(...) passei a ver o telejornal, coisa que não via e para além disso tornei-me mais preocupado em querer perceber o porquê dos problemas e o que cada um poderia fazer para os melhorar.” (Entrevista G). No entanto surge um voluntário respondendo que o voluntariado permitiu-lhe separar as notícias dos média da realidade, aumentando o seu acesso à real informação: “(...) eu sou uma pessoa que vê as notícias mas que não liga muito porque às vezes estamos a ver só as coisas de uma forma pessimista e eu prefiro ver no próprio meio. O voluntariado permitiu-me isso. Por exemplo tenho uma série de colegas que têm vidas muito complicadas e daí é que se percebe a motivação deles, e portanto passei a saber que o importante é conhecer o contexto dos problemas que tanto se ouvem falar porque as notícias dão mesmo uma perspetiva muito pessimista.” (Entrevista F).

São estas aprendizagens que formam cidadãos conscientes de que “(...)por muito pouco que cada um faça já é um passo para dar a volta aos problemas.” (Entrevista A).

Gomez, Freitas e Callejas (2007) referem que “O acto da interpretação supõem uma forma de aproximação e penetração na realidade natural e social, para entender e compreendê-la de forma reflexiva.” Verifica-se assim que as experiências de voluntariado e o contacto com outras realidades apresentam grande importância no desenvolvimento pessoal e social destes alunos, possibilitando assim, a concretização dos objetivos destes projetos na medida em que permitem “(...)aos alunos um contacto com uma realidade diferente, uma realidade social diferente da deles e por isso é que há esta preocupação muito grande com o voluntariado e com a comunidade externa que é essa atenção ao outro, não é? Conhecer o outro, o que pode ter de diferente de mim e também um objetivo muito concreto de consoante os alunos forem crescendo, permitir-lhes ver qual o papel deles no mundo e que intervenção é que eles podem ter na sociedade que nem sempre é a mais justa, nem sempre é a mais equilibrada.”. (Entrevista I)

As experiências positivas e aquilo que observaram fizeram os voluntários “crescer” ao mesmo tempo que ganharam motivação e novas competências para se tornarem ativos na mudança. É de referir que a maioria dos voluntários mencionaram estar não só mais atentos ao que se passa à sua volta e no mundo, mas também mais críticos na sua avaliação, não criando juízos de valor mas sim assumindo uma postura mais ativa.

Esta postura reflexiva permite gerar, segundo Gomez, Freitas e Callejas (2007), uma atividade educativa. Graças ao processo de reflexão-ação os alunos recebem e produzem formação pela forma de partilha e assimilação de competências, valores e conhecimentos, como os constatados anteriormente. Estas atividades concebidas numa certa dinâmica de transformação podem ser vistas, segundo estes autores, como um modelo de desenvolvimento. Fala-se assim da “dimensão política” do conceito de ED de Polygone por promover uma consciência Humana para as causas e consequências das desigualdades na construção de uma cidadania mais ativa, consciente e responsável, parâmetros esses referidos também pelos alunos quando questionadas as suas aprendizagens. (AAVV, 2003).

4.5 – Avaliação dos projetos

Quisemos conhecer as opiniões face ao funcionamento destes projetos e o seu contributo para o território local.

4.5.1 – Pontos Fortes

Os alunos referiram variados pontos fortes aos projetos, nomeadamente:

- Número de instituições parceiras: “Pontos fortes é que tem parceria com um grande número de instituições (...)” (Entrevista A); Pontos fortes é o facto de se envolver com uma diversidade de instituições (...)” (Entrevista B);
- Apoio prestado aos voluntários: “(...)e que nos apoia com qualquer coisa que precisemos (...)” (Entrevista A);
- Facilita o contacto entre o voluntário e a instituição: “(...)já tinha pensado fazer mas não sei, é diferente, também não sabemos bem que instituições existem portanto o contacto é mais fácil através do projeto da escola.” (Entrevista A); “(...)facilita também a ponte entre os alunos que querem fazer voluntariado e quem precisa de ajuda.” (Entrevista G); “Os pontos fortes são dar-nos a conhecer todas essas vertentes e todos estes espaços que existem e que nós nem damos por eles.” (Entrevista C);
- Promove a relação entre alunos: “Acho que há muita gente que não se fala nos corredores, e que com o voluntariado se unem ou criam uma ligação ótima e acho que é importante (...)” (Entrevista B);
- Promove a consciência social: “(...) por muito pouco tempo que seja, uma hora ou quarenta e cinco minutos, acho que este programa permite um relance mostrando que há vidas muito diferentes das nossas, pessoas que não têm as coisas que nós temos aqui e acho que este programa proporciona isso.” (Entrevista D);
- Promove a ajuda interna e externa: “Os pontos fortes é ajudar imenso não só dentro da escola mas também outras instituições lá fora.” (Entrevista E); “Os pontos fortes é ajudar as pessoas a virem às aulas sem se preocuparem com o trabalho.” (Entrevista F); “Pontos fortes é ajudar os alunos (...)” (Entrevista F);

- Ter boa aderência por parte dos alunos: “Na parte dos cabazes de natal todos aderem e depois há sempre aquela coisa de qual é o cabaz mais bonito e é muito giro.” (Entrevista E);
- Promove o desenvolvimento da identidade social: “Para além disso ajuda as pessoas, através do voluntariado, a terem uma função na sociedade, porque há pessoas que se sentem inúteis e com o voluntariado ganham um rumo na vida.” (Entrevista F);
- Fonte de motivação para a escola: “(...)já tinha pensado desistir da escola mas acho que o curso e o voluntariado, pela parte prática que complementa o que tenho vindo a aprender, puxaram por mim.” (Entrevista G); “Eu tenho estes meios todos para ter boas notas, tenho uma boa família e um ótimo colégio e olhando para aquelas crianças penso: porque é que não haveria de estar a aproveitar isto? O voluntariado, embora sejam só 15 miúdos mais ou menos levou-me a pensar que tinha de fazer mais e portanto foi algo importante.” (Entrevista D);
- Dá a conhecer outras realidades: “(...) um dos pontos fortes é poder sair da escola e ver coisas que não vemos aqui dentro independentemente de com quem fazemos voluntariado: adultos, idosos, crianças ou mesmo com deficiências. Pronto ter contacto com pessoas diferentes de nós.” (Entrevista H);
- Apoio prestado ao voluntariado: “(...) eu acho que pelo menos o colégio dá imenso apoio ao voluntariado e acho que é uma coisa ótima (...)” (Entrevista C);

Neste campo as opiniões das técnicas dos projetos completam as informações dos alunos, embora numa perspetiva mais institucional. A técnica do colégio São João de Brito (Entrevista I) refere alguns pontos fortes não só relativos aos fins pedagógicos mas também a vantagens a nível institucional como uma forma de distinção da escola e cumprimento da sua missão.

- Coloca os alunos de nível socioeconómico elevado em contacto com outras realidades sociais: “(...)tem imensas potencialidades porque acho que é conseguir o melhor dos dois mundos que é pegar em alunos, neste caso de nível socioeconómico elevado ou relativamente mais elevado do que se calhar a maioria da população e pô-los em contacto com o que é a própria realidade social e com maiores dificuldades, não é?

- Estabelece uma ligação entre a oferta e a procura: “Portanto juntar esta necessidade de alunos que são fomentados a querer ajudar e querem ajudar e dar, com pessoas que realmente precisam.”
- Promove o desenvolvimento pessoal e social: “A nível de formação pessoal e social também é muito importante (...)”
- Promove a missão do colégio: “(...)eu acho que um facto engraçado neste projeto é que potencia muito claramente aquilo que é a verdadeira missão do colégio.”
- Distingue a escola: “A matemática, a história, o Português estão sempre implementados na escola, tu vais para lá, vais para aprender e então o que é que difere esta escola das outras todas? É exatamente isso, é a preocupação em formar homens e mulheres para os outros e com os outros (...)”

A técnica da Escola Secundária Romeu Correia (Entrevista J) respondeu a esta questão com a preocupação de referir os pontos fortes e de vê-los como potencialidades. A resposta foi dada mais ao nível da organização do projeto e o que fazem para que este possa correr bem:

- Crescimento da capacidade de ajudar: “Em termos de potencialidades acho que temos crescendo no sentido de dar maior resposta às famílias (...)”
- Ser um projeto sustentável: “Em termos de sustentabilidade do projeto, é sustentável. Nós podíamos ir embora para o ano, que deixamos tudo organizado e preparado para outras pessoas continuarem, portanto, é sustentável neste sentido, continuação do trabalho, porque há projetos que só funcionam com determinados tipos de pessoas. Nós montámos uma coisa onde podemos delegar tudo: a documentação, os contactos, as instituições, os e-mails. Portanto outra equipa podia chegar aqui, montar este plano e dar continuidade.”
- Identificação com o projeto: “(...)acho que todos sentimos que este projeto serve para o mesmo objetivo permitindo que funcionemos bem e que todos, incluindo a própria escola se identifiquem com o projeto.”
- Boa organização: “(...)acho que estamos muito bem organizados (...)”

Verifica-se que dentro das várias respostas obtidas relativamente aos pontos fortes destes projetos de voluntariado, existem várias categorias. Alguns entrevistados referem-se aos benefícios destes projetos tendo em conta o seu funcionamento estilo

“banco de voluntariado” promovendo e facilitando o contato entre voluntários e instituições. Outros referem-se à promoção de interajuda pela abertura da escola à sociedade. Destaca-se também a visão das próprias técnicas que valorizam as ações de voluntariado como forma de realizar os objetivos institucionais e educativos.

De acordo com a organização Habitat para a Humanidade, citado no site de voluntários online³, o voluntariado apresenta alguns benefícios para as instituições escolares que podem ser interligadas com os pontos fortes referidos nas entrevistas, como por exemplo: um dos benefícios é a possibilidade de as escolas desenvolverem atividades extracurriculares que permitam a ligação entre a teoria e a prática de conteúdos ligados à política ou à área social através de um método de ensino diferente. Esta estratégia educativa permite também, tal como fora reconhecido tanto pelos alunos como pelas técnicas, que os alunos aprendam a viver em contato com novas realidades criando uma maior relação entre alunos – escola - sociedade. Por fim, esta organização defende que o voluntariado promove a transformação social através várias ações com a participação de um conjunto de indivíduos que se transforma em benefícios para a escola quando esta pretende inculcar valores do princípio da solidariedade nos seus alunos e dar-lhes as bases para poderem desenvolver a sua capacidade de agir.

Uma outra grande vantagem deste tipo de projetos é o fato de motivarem o aluno para o estudo, fato relatado por alguns alunos entrevistados, interligando-nos assim para o autor Haski-Leventhal (2008) ao defender o voluntariado como uma importante ferramenta de sucesso escolar devido às suas implicações na responsabilidade e confiança do aluno.

4.5.2 – Pontos Fracos:

Os voluntários apresentaram bastantes dificuldades em mencionar fraquezas nestes projetos, sendo que a maioria simplesmente deu respostas como: “(...) e os pontos fracos acho que não tem.” (Entrevista A) ou “(...) não vejo assim nada que mudasse.” (Entrevista C). No entanto verificou-se que os restantes entrevistados acabam por se focar nos participantes envolvidos como se existisse um tipo de alunos definido para a participação nos projetos de voluntariado: “(...)fracos: é que a maioria dos voluntários também são aqueles que apoiam a pastoral, não é um grupo alvo mas são aqueles mais

³ Disponível em: <http://blog.voluntariosonline.org.br/beneficios-do-trabalho-voluntario/>

motivados ao serviço do que aqueles que não estão tão envolvidos nisso.” (Entrevista D); “Fracos é estar direcionado só para algumas pessoas. O projeto abrange os alunos de toda a escola mas quem realmente ajuda são os cursos profissionais, os outros não são tão ativos nessa parte.” (Entrevista F)

Esta questão foi também referida pela técnica do projeto “Ser +” quando menciona que ainda não conseguiram chegar de forma satisfatória aos alunos mais velhos: “(...) acho que as fraquezas é ainda não ter alcançado, parece-me a mim, a melhor forma de isto chegar aos alunos, estou a pensar principalmente nos mais velhos, a ideia é, quero dizer qual seria o acontecimento espetacular? que todos os alunos chegassem ao secundário e automaticamente fizessem voluntariado porque essas questões já teriam sido tão trabalhadas deste pequeninos que aquilo já seria super natural para eles. Esta é uma leitura enviesada porque não está atenta a outras circunstâncias normais: ter alunos a estudar porque querem entrar para medicina, terem imensas atividades, que é o que acontece aqui mais naturalmente e portanto se calhar é uma fraqueza ainda, que é esta aproximação do projeto aos alunos, que eu acho que é colmatável.” (Entrevista I)

Por outro lado fala-se também que a fraqueza do projeto é os próprios alunos: “(...)se calhar o problema é que as pessoas não estão muito mentalizadas para o voluntariado, há muita gente que faz mas há muitas pessoas que pensam que o voluntariado é um bicho de sete cabeças (...)” (Entrevista B); “Acho que não mudava grande coisa porque é ótimo, só que às vezes os alunos não aderem muito, acabam só por alinhar no cabaz de natal mas de resto, na parte do voluntariado não houve muita gente que aderiu (...)” (Entrevista E). Contudo também há quem defenda que os projetos deveriam ser melhor divulgados para colmatar esta fraqueza e desmistificar, de certa forma, o conceito de voluntariado: “(...)o EcoSol ouve-se falar há muito tempo mas ninguém tem a noção mesmo do que é que envolve porque o EcoSol envolve imensas coisas, não é só distribuição de comida, tem outras coisas.” (Entrevista H)

Na sequência das respostas analisadas verifica-se a necessidade da escola criar novos mecanismos que promovam o voluntariado. Esta falta de iniciativa dos jovens para a prática de voluntariado revela-se nas próprias estatísticas a nível nacional. De acordo com uma investigação apresentada em 2011, realizado através de uma parceria entre os Bancos Alimentares, a Universidade Católica e a associação ENTREAJUDA onde

apenas 10, 7% dos voluntários estão entre os 15 e os 25 anos. (em “Alguns dados relativos ao voluntariado em Portugal”, 2011)

A técnica do projeto “Ser+” refere que uma das fraquezas pode até ser a dependência do projeto face aos professores: “Outra fraqueza que não é bem uma fraqueza é mais uma constatação que eu acho que se pode tornar numa fraqueza é o facto de depender, ou seja pode haver uma proposta mega organizada, mas depois a sua concretização depende dos professores pelo facto de serem eles que dinamizam, fomentam: se um professor disser “deviam fazer voluntariado porque é bom” ou se disser “ ah, não façam voluntariado, não vale a pena” faz toda a diferença, não é? e portanto eu acho que é um dos elementos a ter em conta e também a cativar mais os alunos porque sem eles e os professores isto não anda para a frente, são os primeiros a conseguir boicotar o trabalho.” (Entrevista I)

O papel dos professores na promoção deste tipo de projetos demonstra-se bastante importante tendo em conta o seu papel na construção reflexiva e desenvolvimento de competências nos alunos, podendo até pela sua relação com os alunos ser visto como uma referência de vida.

O autor Moreira (1986, citado por Santos, 2001) refere que os alunos podem ser influenciados não só pelos professores mas também pela escola e pelos conteúdos abordados. Os professores pelo relacionamento e atitudes que apresentam perante os alunos, a escola pela sua missão e objetivos e por fim os conteúdos pela sua adequação aos alunos e a forma como podem ser aplicados na prática. Assim sendo, verifica-se a necessidade da união de esforços entre a escola, os professores e as técnicas destes projetos por forma a ser possível a concretização de um objetivo que deve ser comum: a promoção do voluntariado e da solidariedade.

A falta de métodos para avaliar os impactos pedagógicos do projeto também é visto como uma fraqueza do projeto “Ser+”: “ (Como é avaliado o projeto e os impactos pedagógicos?) Entrevistado: Ah, olha outra fraqueza, ainda bem que perguntaste. Aqui sim, acho que ainda há muito por fazer. (...) Mas isto de alguma forma devia ser mais formal, devia haver uma forma de medir isto.” (Entrevista I)

A avaliação dos impactos pedagógicos poderia ser uma forma de segundo Schiefer (2006:45) “aumentar a capacidade de gestão do próprio projecto”. Através desta recolha de informação face às aprendizagens dos alunos adquiridas através do projeto seria possível uma análise dos procedimentos a repetir ou não aumentando assim a “capacidade para detectar, gerir e minimizar os riscos do projecto” (Schiefer, 2006:45)

Na entrevista com a técnica do projeto “EcoSol” verificou-se respostas mais ao nível organizacional do projeto como:

- Falta de apoio pelas grandes superfícies: “Uma coisa que funcione menos bem neste projeto, podíamos ajudar mais famílias por exemplo se tivéssemos do jumbo todos os meses “x” litros de leite e cereais. Com isso eu conseguiria ajudar mais as famílias, ou outras famílias, ou as mesmas famílias mais vezes.” (Entrevista J)
- Falta de meio de transportação dos bens e dos voluntários: “O que acontece é neste movimento, nesta logística, não temos carrinha, não temos transporte, portanto contamos sempre com o amor à camisola e com a boa vontade dos diretores de turma, que agora ultimamente, maioritariamente das vezes são eles que levam a mercadoria, metem os sacos do carro e vão lá à casa do aluno. Quando isto acontece somos nós que temos que garantir o transporte, com o nosso carro, são poucas as famílias que vêm buscar.” (Entrevista J)
- Falta de tempo atribuído aos professores responsáveis pelo projeto: “As fraquezas debruçam-se sobre um aspeto limitativo, tem a ver com o facto de a escola não ter possibilidades de disponibilizar mais horas dentro do horário do professor, neste caso não é no horário letivo, mas no horário não letivo, para uma dedicação mais sistemática desde projeto. Tenho duas horas por sessão que são gastas aqui nesta reunião. Tudo o que se faz, faz-se na base do voluntariado (...)” (Entrevista J)

4.5.3 – Propostas para melhoria dos projetos

A grande maioria dos entrevistados referiu que os projetos deveriam ser mais bem divulgados, não só a nível de conteúdos mas também através de técnicas mais apelativas: “O programa devia ser mais insistente com estas pessoas e apelar de uma

forma mais atrativa todos os alunos a ajudarem a comunidade exterior.” (Entrevista D); “A escola teria de tornar ou divulgar o voluntariado de uma forma mais apelativa, talvez divulgando as vantagens.” (Entrevista E); “Aí acho que deveria haver uma maior divulgação. Alertar de uma maneira diferente.” (Entrevista H). É possível também recolher sugestões para essa divulgação como: “(...) acho que este projeto deveria por exemplo chamar antigos voluntários para incentivar.” (Entrevista B); “Deveriam fazer sessões junto às turmas com voluntários para os motivar.” (Entrevista F).

Apenas um entrevistado referiu uma sugestão que se destacou pelo seu tema distinto, o facto do projeto “EcoSol” não permitir a mudança de instituição sempre que o aluno desejar: “Não sei, talvez deixarem mudar de instituição sem ter de esperar pelo fim do ano letivo.” (Entrevista G);

Relativamente à comunicação dos projetos, as escolas poderiam apostar nas ferramentas à disposição online, nomeadamente as redes sociais, pela sua grande adesão por parte dos jovens. De acordo com Levy (1997) a Web 2.0 veio impulsionar a informação social através de novas formas de produzir, receber informação e comunicar. A grande vantagem deste meio de divulgação é que a informação poderia chegar mais depressa aos jovens e para além disso poderia ser consultada em qualquer espaço físico e temporal. As escolas devem encontrar formas como esta de maneira a ir ao encontro de todo o tipo de alunos apelando à sua participação.

4.5.4- Escola como meio de Desenvolvimento

Após uma análise do voluntariado no Desenvolvimento Humano e Pessoal, torna-se necessário analisar a ação escolar no Desenvolvimento local.

Interrogados os alunos face a esta questão obteve-se os seguintes resultados:

- Promove o voluntariado local: “Sim, porque a maior parte de nós não faria voluntariado se não fosse esta organização toda por parte do colégio que faz a ponte entre nós e as instituições e só deste modo é que estas instituições recebem a ajuda que precisam.” (Entrevista A); “Há muito aqui à volta. Estes bairros aqui são problemáticos e há uma data de instituições e pessoas com graves problemas e acho que a esse respeito é muito bom porque sem o projeto para nós o Lumiar era o colégio e ponto.” (Entrevista D);

- Promove o combate à pobreza na localidade: “(...) por exemplo a associação onde faço voluntariado é aqui muito perto da escola e estamos a tentar formar as crianças e jovens para exatamente evitar que tenham tendência a fazer coisas que se passam aqui á volta do colégio em que por exemplo, há assaltos e outras coisas que podem ser feitas por pessoas que não tiveram oportunidades e nós tentamos lutar para dar essas oportunidades.” (Entrevista B);
- Fomenta a consciência cívica: “(...)porque eu já pratico voluntariado desde pequenina, desde o sétimo ano e acho que desde essa altura que comecei a ter mais atenção às pessoas e ver que não são todas iguais a mim e que não têm as mesmas possibilidades, as mesmas oportunidades e comecei a ver que existem muitas desigualdades e que devia dar mais atenção a elas e ter cuidado muitas vezes com aquilo que digo ou que faço.” (Entrevista C);

No caso da Escola Secundária Romeu Correia os alunos revelaram as seguintes perceções:

- Auxilia alunos e famílias carenciadas: “O Ecosol no Natal ajuda muitas famílias que não podem ter uma ceia para comer. Temos vários projetos de recolha de tampas para cadeiras de rodas, o óleo que não me lembro o que ajuda (...)” (Entrevista E); “O voluntariado é uma parte do projeto recente mas acho que faz muito porque envolve tudo o que está à nossa volta, não estamos focados só dentro da escola mas também vemos o que está lá fora. Dá-nos a possibilidade de ajudarmos, de fazermos algo tanto pelos nossos colegas como lá fora e isto é bom para os alunos de qualquer curso que tenham interesse em ajudar. É sempre bom para todos. O EcoSol no geral é muito bom até porque os projetos que ajudam os alunos mais carenciados muitas vezes não são suficientes e este é diferente porque até os professores ajudam os próprios alunos e suas famílias, de forma indireta.” (Entrevista H); “Depois na minha turma há casos de pessoas que não têm dinheiro e o EcoSol tem ajudado bastante, até para virem às aulas porque alguns trabalhavam e já conseguiram reduzir o horário porque o EcoSol os ajudou.” (Entrevista F);
- Fomenta a consciência cívica: “Acho que sim que faz diferença até porque acho que é a única escola que tem um banco de voluntariado e acho que é bom para os alunos e não só.(...) Porque acho que desenvolvem mais competências e mais

capacidades sociais nos alunos e é uma mais-valia para a escola porque ajuda os alunos.” (Entrevista G); “Vermos como é estar com idosos ou com crianças e portanto no seu todo acho que é um bom projeto. Isto faz também com que nós alunos tenhamos aquela sensibilidade para as pessoas, para o ambiente e tudo isso.” (Entrevista E);

- Auxilia escolas em dificuldades: “(...) algumas escolas aqui do agrupamento beneficiaram muito com o projeto. Havia dias em que havia uma educadora para setenta crianças e sem auxiliar sem nada, o que causa o caos no infantário ou os pais deixarem de por lá as crianças.”

Questionou-se as técnicas do projeto sobre o papel da escola na comunidade as quais responderam sem hesitar. No que se refere ao Colégio São João de Brito, a técnica relembra uma das filosofias do colégio: “Isto é uma das coisas que está escrita no manual do colégio que é: o colégio deve tanto quanto possível disponibilizar os seus serviços para comunidade no sentido de ajudar os que mais precisam.” (Entrevista I). É por esta abertura da escola à comunidade que a escola já é um marco de confiança sendo contactada para o auxílio a diferentes iniciativas: “Acho que o que mais demonstra essa abertura da escola à comunidade é as instituições terem uma necessidade e já convidam o colégio a participar na resposta e portanto eu acho que é claramente o colégio a intervir na comunidade mesmo que não seja nada em concreto, não estamos a dar comida, não estamos a responder de forma direta mas estamos a ser mediadores entre quem pode ser voluntário, quem pode dirigir o projeto e portanto no fundo o colégio também procura funcionar como um interveniente não tão ativo no sentido de sermos nós uma instituição da alta de Lisboa mas um interveniente mais passivo de mediação entre aquilo que a comunidade pode precisar e aquilo que o colégio pode dar enquanto serviço e acho que funciona neste sentido.” (Entrevista I)

Na opinião da técnica da escola Romeu Correia observa-se que a escola para além de promover o voluntariado existe uma vontade de desenvolver métodos de apoio aos alunos e suas famílias através da distribuição de bens necessários às suas necessidades mais básicas: “O que acontece hoje é que a escola, cada vez mais, intervém ou pelo menos vai entrando por algumas instituições da comunidade quer seja pelas atividades do voluntariado quer seja por atividades mais formais e culturais da escola. Aquilo que nós queremos é instituir na escola e também na comunidade, porque a escola faz rede

com a comunidade, é poder fazê-lo de uma forma mais contínua ou não ou mais formal ou informal, mas a comunidade de alguma maneira vai recebendo o que as escolas vão dando e aquilo que nós queremos com este projeto, de alguma maneira, é instituir esta cultura deste valor e desta gratificação.” (Entrevista J);

O papel destas escolas na comunidade é notório não só pelos beneficiários mas também pelos próprios alunos que ao assistirem e participarem nestas iniciativas acabam por refletir sobre o conceito de solidariedade. Como se verificou, um dos pontos fortes destes projetos é o fomento da motivação para o estudo indo assim ao encontro do autor Haski- Leventhal et al (2008) que defende que o voluntariado aumenta a confiança do indivíduo estimulando a sua motivação para o seu sucesso escolar e para a recolha de maiores responsabilidades.

Destaca-se também que estes projetos permitem a convivência entre alunos e entre realidades diferentes o que cumpre com a dimensão pedagógica dos objetivos da ED tendo em conta que para além de possibilitarem a boa convivência entre todos permite dar a conhecer outras realidades.

Pode-se concluir que este tipo de projetos apresentam grandes vantagens não só ao nível pedagógico como também às famílias e instituições locais. Constrói-se assim uma rede ao serviço à comunidade desenvolvendo “(...)dispositivos que incentivem «voluntariado social» (...) e que impeçam que o recrutamento se faça só junto de grupos sociais reduzidos (normalmente «classe média»).” (Barroso, 1998 :33) É o conjunto dos pontos fortes destes projetos e a perceção dos alunos face à ação da escola como pólo de Desenvolvimento que permite afirmar a existência de uma promoção de “uma formação integral das pessoas; a consciencialização e compreensão das causas dos problemas de desenvolvimento e das desigualdades locais e globais num contexto de interdependência; a vivência da interculturalidade; o compromisso para a ação transformadora alicerçada na justiça, equidade e solidariedade;” e principalmente “(...) a promoção do direito e dever de todas as pessoas e de todos os povos, participarem e construir para um desenvolvimento integral e sustentável.” (Plataforma Portuguesa das ONGD 2002, pág.4). Tendo em conta que o projeto “EcoSol” apresenta uma vertente de distribuição de bens para as famílias carenciadas podemos também afirmar a existência de uma especial preocupação para com o combate à pobreza também defendido pela definição de ED da CONCORD (2004).

4.6 – Voluntariado

4.6.1 – Características que um voluntário deve ter

Tendo em conta que os alunos entrevistados já estiveram no papel de voluntários, foi-lhes pedido que identificassem as características que um voluntariado deve ter para que o trabalho realizado seja satisfatório tanto para o voluntário como também para a instituição e público-alvo. Através desta questão é possível verificar a perceção dos alunos face às suas aprendizagens do meio do voluntariado. Para estes alunos um voluntário deve:

- Ser responsável: “(...)ser responsável (...)”(Entrevista A); “(...)tem de ser responsável (...)” (Entrevista B); “(...)ser responsável(...)” (Entrevista C); “(...)ser responsável.” (Entrevista G);
- Estar disposto a assumir um compromisso: “(...)deve estar disposto a assumir um compromisso (...)” (Entrevista A);
- Estar disponível: “(...)estar disponível.” (Entrevista A);
- Ser paciente: “Ter paciência (...)” (Entrevista A); “(...)deve ter paciência (...)” (Entrevista C);
- Ser calmo: “(...) ter muita calma (...)” (Entrevista A);
- Confiante no seu trabalho: “(...)tem de acreditar naquilo que está a fazer (...)” (Entrevista B); “(...)tenha consciência do voluntariado que vai fazer.” (Entrevista H);
- Tem de gostar da tarefa: “(...)tem de gostar do que faz (...)” (Entrevista B);
- Ser simpático: “(...)ser simpático (...)” (Entrevista B); “(...)ser bem disposto (...)” (Entrevista C);
- Ter capacidade de adaptação: “(...) ter sobretudo uma capacidade de adaptação (...)” (Entrevista B); “(...)deve estar mentalmente preparado para tudo (...)” (entrevista C); “(...)estar pronto a qualquer situação (...)” (Entrevista H);
- Ser assíduo: “(...)deve ser assídua (...)” (Entrevista C);
- Ter espirito de equipa: “(...)ter bom espirito de equipa.” (Entrevista D);
- Ser prestável: “Fazer as outras pessoas sentirem que podem pedir qualquer coisa (...)” (Entrevista D);

- Ser um exemplo: Penso que é um dos pontos mais essenciais do voluntariado, ser um exemplo.” (Entrevista D);
- Não julgar o outro: “(...) não julgar (...)” (Entrevista E);
- Estar disposto a ouvir: “(...) disposto a ouvir (...)” (Entrevista E);
- Deve ter a mente aberta: “(...) ter a mente aberta (...)” (Entrevista F);
- Respeitar o outro: “(...) e respeitar essencialmente as pessoas (...)” (Entrevista F); “(...) estar muito apto a tentar perceber o outro (...)” (Entrevista H);
- Ser dinâmico: “(...) ser muito dinâmico (...)” (Entrevista H);

Algumas das características mencionadas como o facto de um voluntário dever ter vontade de ajudar e ser disponível, e que são também referidas por Barbosa (2000, pag.197) acabam por fazer parte da daquilo que define o conceito: “(...) indivíduo que de forma livre, desinteressada e responsável se compromete, de acordo com as suas aptidões próprias e no seu tempo livre, a realizar ações de voluntariado no âmbito de uma organização promotora.” (Lei n.º 71/98 de 3 de Novembro) As características mencionadas pelos alunos vão para além desta definição dando a mostrar não só alguns valores (não julgar os outros) como formas de estar (ser dinâmico).

4.6.2- Dificuldades sentidas

A maioria dos alunos revela que a sua maior dificuldade foi manter a vontade e o compromisso de fazer voluntariado uma ou duas vezes por semana: “É assim, a primeira vez achei muito giro e gostei muito daquilo mas depois há alturas em que aquilo é quase um sacrifício (...)” embora diga que “(...) se nós nos responsabilizamos para fazer aquilo temos de fazer até ao fim.” (Entrevista C). Uma outra dificuldade observada foi o cansaço, tendo em conta as outras tarefas realizadas pelos alunos: “(...) houve uma altura do segundo período que deitava-me tarde a fazer os trabalhos e acordava cedo para ir para o voluntariado. Acho que fiz um sacrifício para o voluntariado (...)” (Entrevista F).

Por fim verificou-se que alguns alunos relacionaram as dificuldades com o público-alvo referindo problemas ou de distanciamento: “(...) no início foi um bocado pesado porque eles faziam-me lembrar parentes meus e pensar que um dia poderiam ficar assim fez com que custasse um bocado.” (Entrevista E); ou de insatisfação no que se refere ao trabalho com crianças: “Com as crianças tenho de ter muita paciência e depois se

descobrem o nosso ponto fraco já não há nada a fazer e isto não acontece com os idosos.” (Entrevista G).

Estes alunos revelam que embora seja difícil manter sempre o desejo de querer ajudar, a responsabilidade e o compromisso realizado acabam por ser mais fortes fazendo-os não desistir: “(...)às vezes custa um bocado, por exemplo chego lá naquelas semanas mesmo cansativas e às vezes custa-me estar lá com um sorriso na cara e tentar motivar ou ir ao banco alimentar, essas vezes é difícil mas acho que para eu me achar mesmo voluntário tenho de superar isso e ajudar as pessoas.” (Entrevista D).

4.6.3 – Vantagens

Através desta questão foi possível obter respostas que se dividem entre “saúde física e mental”, “competências pessoais e profissionais” e “mudanças comportamentais” definidas por Silva A. (2012 :21).

-Saúde física e mental

- Sentir-se bem consigo próprio: “Entrevistador: “Então sentes-te bem a fazer voluntariado? Entrevistada: Sim, muito.” (Entrevista C); “O voluntariado irá trazer benefícios nem que seja num futuro próximo ou daqui a dez dias porque me sinto melhor ao ver a vida deles melhor. O voluntariado só pode trazer benefícios, sou uma melhor pessoa agora.” (Entrevista D);
- Fonte de tranquilidade: “Quando estou no voluntariado esqueço tudo, posso estar preocupado porque tenho um teste amanhã mas esqueço por completo porque há pessoas com problemas maiores do que os meus e se estou preocupado é porque já devia ter estudado. É esta sensação de dar que eu acho que é rejuvenescedora.” (Entrevista D);

-Competências pessoais e profissionais

- Possibilita o contacto com várias instituições e pessoas: “(...)contacto diretamente com instituições com pessoas desfavorecidas e que vivem de uma maneira completamente diferente da minha (...)” (Entrevista A);
- Permite ganhar experiência: “(...)disto tendo em conta o emprego que quero ter, que passa também por ajudar as pessoas, ser psicólogo ou psiquiatra, dá imenso

jeito este trabalho comunitário que me permite avaliar as pessoas e portanto isto são exercícios que acabo por valorizar muito tendo em conta o meu futuro.” (Entrevista B); “(...) é bom até porque vou ter de fazer um estágio e assim já tenho uma noção de como será.” (Entrevista E); “Há muitas teorias e o voluntariado serve para por em prática o que eu aprendo.” (Entrevista F); “(...) se for trabalhar nesta área já saberei como lidar com quem vou trabalhar.” (Entrevista G);

- Desenvolvimento do currículo: “(...)hoje em dia num espaço mais profissional as empresas estão cada vez mais a investir na solidariedade social e em eventos de caridade e isto é uma “montra”. (Entrevista D); “Na minha área tem, é sempre bom para o currículo porque quero mesmo trabalhar com idosos, crianças e isso tudo (Entrevista E); “Sim, profissionalmente podem ver-me de outra forma. Não quer dizer que te dêem um valor muito alto mas destacas-te por fazer voluntariado.” (Entrevista G); “É sempre bom para as instituições e para o meu currículo, não é?” (Entrevista H);
- Criação da identidade profissional: “No 10º ano não fazia a mínima ideia do que queria fazer e com o voluntariado cheguei à conclusão que o que gostava mesmo era de ser professor. Ajudar as crianças e falar com elas e esclarecer as dúvidas delas.” (Entrevista D);

-Mudanças comportamentais

- Possibilita a ajuda ao outro: “Claro que tem vantagens, como cidadão. Permite que eu dê o meu contributo à sociedade porque ela dá-me educação a partir da escola e com o voluntariado também dou a minha parte e acho que isso é das coisas mais importantes do voluntariado.” (Entrevista F); “A maior vantagem é poder ajudar os outros.” (Entrevista G);
- Desperta o sentido de solidariedade: “(...)é sempre uma maneira de nos despertar para várias coisas da vida e ficamos mais sensibilizados para ajudar.” (Entrevista E);

O conhecimento das vantagens do voluntariado nos indivíduos torna-se essencial por forma a conhecer o seu impacto positivo ou negativo nos alunos. Neste caso verifica-se que todos os alunos identificam vários benefícios ao nível de recompensas sociais e individuais, como o reconhecimento pelos outros, quer seja pelo agradecimento da ajuda prestada quer seja na valorização do currículo.

O bem-estar, também defendido por Piliavin e Siegl (2007:460), apresenta-se como uma vantagem na medida em que os voluntários sentem-se bem consigo próprios ao ajudar os outros.

As vantagens mais referidas acabam por estar ligadas às competências pessoais e profissionais tendo em conta que, como nos diz autores como Santos et al (2011), o voluntariado para além de estimular novos conhecimentos, possibilita por em prática conhecimentos já adquiridos, manter contacto com o mundo laboral e aumentar a possibilidade de obtenção de um emprego. Tal como um dos voluntários referiu, tanto as experiências de voluntariado como as experiências profissionais podem ser como uma “montra” para algumas entidades empregadoras tendo em conta os valores que desenvolve como a responsabilidade e disponibilidade, essenciais na realização com eficiência de um trabalho.

4.6.4 – Perspetivas futuras

Questionou-se os alunos sobre o que pretendiam fazer no futuro em relação ao projeto à qual todos responderam que queriam continuar a participar e ser voluntários: “(...)gosto de ajudar e isto é uma das maneiras que encontrei de conseguir isso. Se eu sentir que o meu voluntariado é útil então eu acho que tenho uma certa obrigação de continuar e pelo menos continuar a tentar que seja porque acho que é isso o melhor que uma pessoa pode fazer, conseguir chegar aos outros e torna-los a eles também melhor.” (Entrevista B); “Eu gostava de continuar a fazer, faz todo o sentido despende parte do meu tempo para ajudar os outros.” (Entrevista A)

Alguns alunos revelam o desejo de continuar mas experimentar outras causas sociais: “Sim, quero continuar imenso a fazer voluntariado, não digo nas mesmas instituições, mas experimentar outras coisas porque não quero viver num mundo só meu e há tantas pessoas a precisar de ajuda que eu acho que faz parte do meu dever ajudar aqueles que não têm tantas possibilidades como eu.” (Entrevista C); “Porque acho muito giro e sinto-me bem. Mas também gostava de experimentar outras áreas sem ser só com idosos para ver como é.” (Entrevista E). Outros revelam mesmo querer explorar outro tipo de voluntariado, como o de longa duração: “Depois graças ao voluntariado já tenho uma ideia do que quero fazer, gostava de ir tirar um ano para fazer voluntariado ou no nosso país ou mesmo lá fora.” (Entrevista D).

Pelas vantagens que obtiveram os alunos pretendem continuar a fazer voluntariado por forma a dar continuidade ao trabalho e aos laços que foram desenvolvendo na instituição: “(...)eu não queria deixar estes miúdos porque ao longo da semana só há quatro voluntários. O voluntariado já fez tanto pela vida deles que é algo que quero manter e ser um bom exemplo.” (Entrevista D); “Acho que fiz um sacrifício para o voluntariado e é uma experiência que eu vou tentar continuar.” (Entrevista F) revelando que “(...)mesmo quando acabar a escola e que não tenha trabalho desde que tenha disponibilidade acho que vou sempre querer fazer voluntariado nem que seja uma vez por semana.” (Entrevista H).

Todos os alunos entrevistados superaram os desafios do voluntariado demonstrando a aquisição de novas aprendizagens e agrado para com esta experiência. Assim de acordo com Hole et al (2005) verifica-se que as motivações dos alunos foram correspondidas proporcionando vantagens que os fazem querer continuar a ser voluntários.

A técnica do Colégio São João de Brito refere que os desafios do projeto “Ser +” prendem-se com a definição de uma base sustentável do projeto permitindo que este funcione independentemente do responsável por ele: “Acho que um desafio também assim muito pessoal é de meter aqui uma cobra que vai circular sozinha, posso não estar cá eu, pode estar outra pessoa qualquer que isto continua a funcionar e funciona bem (...)” através de fases bem definidas: “(...) o que eu gostava muito de conseguir era montar um projeto desde o início ao fim, portanto todas as fases com o planeamento, com objetivos, indicadores, com metodologias de avaliações que no fundo houvesse aqui um ciclo de aplicação, avaliação, formação, encontrar um modelo base de: isto é a melhor forma de fazer isto.” (Entrevista I) Para além disso pretende-se que no futuro o projeto se estenda também para os pais: “O terceiro desafio é conseguirmos chegar aos alunos quase através pelos pais e educadores. Há aqui uma proposta que agora já avançou que é no site da associação de pais montar uma página no site onde se possa fazer coincidir a oferta e a procura (...)” e para a junção dos vários colégios da Companhia de Jesus: “Portanto o desafio do projeto é começar não só dinamizar a comunidade local mas conseguir ter uma intervenção mais macro. Que os parceiros não sejam só os parceiros locais mas também os parceiros dos outros colégios.” (Entrevista I)

O projeto “EcoSol” apresenta um desafio semelhante ao do projeto “Ser+” na medida em que também pretende envolver os encarregados de educação, não só futuros doadores de bens: “Olhe um dos futuros é provavelmente crescer abrangendo os encarregados de educação. Não temos muito tempo mas gostaríamos de os envolver também através de possibilitarmos que sejam sócios e envolve-los também no espírito deste banco alimentar. Isso implica outra dinâmica, outra organização e talvez uma equipa maior, não sei se o vamos conseguir.”; mas também como futuros voluntários: “(...)gostaríamos de numa segunda fase abrir estas oportunidades de voluntariado também aos pais e professores, o que seria interessante.” (Entrevista J)

Para além disso o projeto “EcoSol” espera aumentar o número de parcerias: “Outro desafio é cada vez mais aumentar as parcerias regulares.” permitindo o esperado alargamento da oferta em termos de modalidades de voluntariado: “Por um lado queremos alargar a oferta, não só mais instituições para a prática de voluntariado como diferentes modalidades de intervenção. Temos vários alunos que gostariam muito de trabalhar com os sem-abrigo e realmente em Almada há vários sem abrigo mas ainda não há nenhuma organização para eles o que nos obriga a irmos trabalhar para Lisboa mas queremos alargar a oferta (...)”. No entanto o maior desafio deste projeto revela ser continuar a inculcar o espírito de solidariedade na escola: “Claro que temos um desafio contínuo que é inculcar esta filosofia na escola, fazermos os nossos alunos pensar e questionar sobre o conceito de solidariedade e sobre o porquê de ajudar. Nos cabazes de Natal há sempre alunos que perguntam porque é que têm de ajudar se a eles ninguém ajuda e portanto gostamos de levar os membros da nossa instituição a refletir sobre a importância desta prática de cidadania e da preocupação do outro.” (Entrevista J).

Este alargamento da oferta de programas de voluntariado também aos pais e famílias permite não só que estes pratiquem uma atividade em conjunto com os seus filhos mas também que possam usufruir de algumas vantagens que foram aqui referidas. Para além disso esta comunhão entre pais-filhos-escola-sociedade permite contribuir em grande escala para o conceito de desenvolvimento comunitário caracterizado por promover um processo de transformação social bem como capacitar cidadãos para a reflexão e para a sua ação na sociedade. (Orduna 2000, Marchini 1999, citados por Gomez, Freitas e Callejas,2007:126-128)

Conclusão

Com a evolução da Educação para o Desenvolvimento, o exercício da cidadania tem vindo a ser evocado com diferentes pressupostos. No seguimento da II Guerra Mundial observou-se um desencadeamento de teorias de natureza económica, social e cultural que vieram valorizar o papel do indivíduo na sociedade. Embora a história da Educação para o Desenvolvimento conte com diferentes paradigmas, em todos eles estaria presente a ideia de que a educação pode ser vista como uma consequência do desenvolvimento, porém deve ser também vista como fator determinante para o desenvolvimento, tendo em conta que indivíduos formados para agir podem ser também catalisadores do desenvolvimento. Complementam-se assim as expressões “Educação” e “Desenvolvimento” num pressuposto de combate à pobreza, promoção dos direitos humanos e responsabilidade social através de abordagens e atividades educativas. Com a globalização e as conseqüentes alterações políticas, económicas e sociais torna-se necessário desafiar a Educação para o Desenvolvimento em formar cidadãos competentes para enfrentar os desafios e complexidade mundo global. Vimos que vários autores defendem ser necessário abordar valores como saber acolher e dialogar, proteção do ambiente, a violência e a cultura da paz, entre outros que no seu conjunto promovem a preparação de indivíduos para pensar e agir socialmente.

Uma forma de formar para o desenvolvimento, aqui analisada, é a prática de voluntariado. Esta forma de agir tendo em conta um interesse social e a forma voluntária, providencia aos estudantes a experiência de trabalhar com a comunidade trazendo-lhe vários benefícios a nível do desenvolvimento da sua própria identidade cívica que podem passar pela sua própria saúde, mudanças comportamentais e desenvolvimento de competências pessoais e profissionais. As escolas como principal instituição educacional podem ser assim fontes de desenvolvimento através da organização de programas e projetos que ao permitirem aos alunos a prática de voluntariado, promovem seu desenvolvimento cívico, desenvolvem a inter ajuda local e a concretização das bases do conceito de desenvolvimento comunitário.

Como trabalho empírico estudámos a opinião dos alunos sobre o voluntariado que fazem. Questionámos sobre o que os levara a fazer voluntariado bem como as vantagens que esperavam retirar da experiência. Verificou-se que a maioria dos alunos

entrevistados já demonstrara vontade para a prática de voluntariado. No entanto aqueles que referem nunca ter refletido muito sobre o assunto destacam a Escola e os professores como a sua principal fonte de motivação. Assim sendo pode-se considerar que estes projetos escola, pelo seu funcionamento estilo “banco de voluntariado” para além de promoverem esta prática, proporcionam aos alunos a orientação e apoio necessários para que estes ingressem numa instituição local.

Os alunos foram questionados sobre o prazer na atividade de voluntariado. Todos disseram ter um sentimento positivo consigo próprios. Verifica-se um “benefício duplo” em que ganha o voluntário e a causa que este escolhe ajudar. Uma das respostas mais frequente dos alunos, é a de que o voluntariado lhes permitir entrar em contacto com diferentes realidades. Esta característica do voluntariado apresentou-se muito destacada no Colégio São João de Brito, onde alunos e a técnica entrevistada valorizam estas experiências como forma de despertar para a vida existente fora do círculo escolar por parte dos que tem uma vida familiar economicamente acima da média.

Para além das mudanças comportamentais identificadas pelos voluntários, estes acreditam que esta prática pode também ter consequências no seu futuro profissional, tendo em conta que permite estabelecer contatos com diferentes tipos de instituições, enriquecer o currículo e ganhar experiência em variadas áreas. Alguns reconhecem também que graças ao voluntariado conseguiram desenvolver a sua identidade profissional.

Assim sendo, pode-se dizer que o contato que estes alunos tiveram com instituições em diferentes áreas mostraram ser importantes para o desenvolvimento pessoal e social. Segundo os alunos é através destas atividades que podem experienciar comportamentos, perceber do que gostam ou não de fazer e perceber o interesse por futuramente adquirir aptidões nesse domínio.

Tendo em conta que a participação destes alunos como voluntários se deveu a projetos da escola, analisámos as informações dos alunos sobre a relação das escolas com os projetos estudados. Constatámos que estas duas escolas apresentam duas formas distintas de trabalhar o voluntariado: no caso do Colégio São João de Brito os alunos são alertados desde cedo para a importância da solidariedade com outro e são obrigados até ao 6º ano a estarem implicados no projeto estudado; na escola Secundária Romeu

Correia, os alunos não tem obrigatoriedade de participação embora sejam envolvidos na missão solidária que a escola segue (sinalização de necessidades observadas, ajuda às famílias dos colegas, construção de cabazes de natal, entre outras atividades). Esta escola apresenta um curso de apoio psicossocial para os alunos interessados (a grande maioria dos voluntários desta escola são os que estão inseridos neste curso, o que pode ser uma fraqueza, (ainda), da vertente da bolsa de voluntariado do projeto EcoSol).

Ao analisar-se as respostas dos alunos voluntários sobre os impactos do voluntariado na sua consciência cívica, disseram que estão mais conscientes da sua responsabilidade social, estão mais atentos às notícias da comunicação social e aos fenómenos sociais. Considera-se que o voluntariado ao proporcionar o contacto com causas e pessoas, promove a reflexão dos indivíduos, tornando-os seres críticos não só face à informação divulgada mas também quanto à sua ação enquanto cidadãos.

A maioria dos estudantes entrevistados considera ter refletido sobre as atitudes tomadas durante a sua intervenção. Consideram que um voluntário deve ter como características as capacidades de adaptação e de abertura a situações. O não julgamento do outro foi bastante destacado por alguns dos entrevistados que reconheceram inicialmente ter medo de pessoas apenas pelo seu aspeto exterior, atitude que se foi alterando ao longo do voluntariado. Também consideraram ter adquirido competências técnicas (comunicação, relação com a deficiência por exemplo) e competências pessoais (ser mais independente, ser paciente, saber ouvir e ser responsável, por exemplo).

O conjunto das aprendizagens adquiridas por estes alunos são um exemplo de como o voluntariado pode ser uma forma de educar. As escolas ao desenvolverem este tipo de projetos, para além de prestarem apoio à comunidade e às instituições locais com que se associam, promovem a relação entre alunos (que participam no mesmo projeto ou mesmo quando se juntam para realizarem atividades como o cabaz de natal da escola secundária Romeu Correia), motivam-nos para o estudo (um aluno referiu que já tinha pensado em desistir da escola e foi o projeto a dar-lhe motivação para continuar; outros disseram que ao verem as dificuldades de outras crianças, passaram a dar mais valor às oportunidades da sua vida).

Estes projetos demonstram ser um processo de aprendizagem “activo, dinâmico e constante”⁴ (na medida em que se trata de uma educação virada para a prática); baseados em valores de “solidariedade, equidade, inclusão, cooperação e justiça”⁵ (na medida em que promove valores cívicos e de solidariedade com o outro); promotores de uma cidadania global, consciente e compreensiva “das consequências e das interdependências e desigualdades mundiais”⁶ (na medida em que promovem a reflexão crítica e consciencialização dos alunos); capazes de mobilizar os indivíduos em prol de soluções para com os problemas sociais observados⁷ (na medida em que promovem voluntariado e o desenvolvimento de competências sociais e técnicas para a construção de novas ideias para agir).

São projetos de Educação para o Desenvolvimento onde é notório a orientação para a formação de cidadãos, pelo fomento da consciência e da reflexão ativa, essenciais quando se pretende uma formação integral das pessoas. É através desta consciência dos problemas e das desigualdades sociais existentes a nível local e global que os cidadãos podem ser catalisadores do desenvolvimento, por uma visão transformadora e pró-ativa. Estes projetos permitem promover a missão das escolas, desenvolver a sua capacidade de ajudar e participar na comunidade envolvente e são sinais da sua preocupação em formar indivíduos com valores que vão para além das matérias escolares. Estas escolas podem ser vistas como sendo um meio de Desenvolvimento pela abertura à comunidade tanto a nível dos espaços, dos recursos humanos (voluntários) e dos materiais disponibilizados (recolhas e distribuição de bens).

Respondendo à pergunta de partida: qual o contributo do voluntariado para desenvolvimento pessoal e social de quem o pratica podemos dizer que os alunos reconhecem ter adquirido um conjunto de aprendizagens tanto a nível técnico como pessoal. Para além disso consideram que esta experiência os torna melhores pessoas por se sentirem úteis e ativos na sociedade, mais reflexivas e conscientes. Os projetos

⁴ Referido em: DEEEP, 2004, Plataforma Portuguesa ONGD, 2002 e em Visão Estratégica Cooperação Portuguesa, 2006

⁵ Referido em: DEEEP, 2004, Plataforma Portuguesa ONGD, 2002 e em Visão Estratégica Cooperação Portuguesa, 2006

⁶ Referido em DEEEP, 2004, Plataforma Portuguesa ONGD, 2002; Consenso Europeu, 2007

⁷ DEEEP, 2004, Plataforma Portuguesa ONGD, 2002; Visão Estratégica Cooperação Portuguesa, 2006

estudados apresentam assim impactos positivos no desenvolvimento pessoal e social dos alunos.

Saliento que foram várias as dificuldades sentidas ao longo desta investigação, surgindo múltiplos condicionantes de uma nova fase da minha vida, a carreira militar, que me fizeram trabalhar com mais afinco nas horas disponíveis, bastante reduzidas. Este trabalho foi possível pelo meu interesse na área da educação para o Desenvolvimento e por considerar que cabe as escolas, inculcar nos seus alunos não só as competências necessárias ao mundo do trabalho mas também competências sociais e o espírito de solidariedade, tão necessário nos dias de hoje. Mas o estudo realizado coloca-nos outras questões. Por exemplo: o cariz laico e o cariz religioso das escolas têm influência nas práticas de voluntariado? as expectativas dos alunos no prosseguimento das práticas de voluntariado mantêm-se ao longo da sua vida estudantil? quais as perceções de voluntariado noutros níveis de ensino? Dentro da Educação para o Desenvolvimento temos um campo vasto que pode ser objeto de investigação, trazendo para um plano mais evidente a prática do voluntariado em que precisamos de crescer.

Fontes de Legislação

Decreto de lei nº 71/98 de 3 de Novembro

Decreto de lei nº6/2001 (Cap II art 5º)

Decreto lei nº 18/2011 de 2 de Fevereiro

Despacho nº 143/ME/91, de 18 de Setembro

Diário da Republica nº204 de 22 de Outubro, portaria n.º 333/2012

Bibliografia

Almeida, Joana (2011). *O voluntariado na adolescência: um estudo exploratório sobre o impacto na auto-eficácia e na concepção positiva de si*. Dissertação de mestrado integrado em psicologia. Faculdade de Psicologia da Universidade de Lisboa

Audigier, François (2000). *Concepts de base et compétences-clés pour l'éducation à la citoyenneté démocratique*. Relatório preparado para o Projet education a la citoyenneté démocratique. Estrasburgo: Conseil de la Cooperation Culturelle.

AAVV (2003). *Mosaico Educativo: Uma Saída do Labirinto – Rede Internacional de Educação para o Desenvolvimento e Educação Popular*. Vitoria-Gasteiz: Polygone

Barbosa, Adérito. (2000). *Jovens com Valores*, Lisboa: Edições Paulinas.

Barroso, João (1998). *Projectos: de uma cultura de subordinação a uma cultura de autonomia*. Em João Barroso. *Escolas, projectos, redes e territórios*. Lisboa, pp.22-37

Bekkers, René (2005). *Participation in Voluntary Associations: Relations with Resources, Personality, and political values*. Political Psychology. Pp. 439-454

Brown, Joyce & Marge Rizzo (2006) *Building character through community service, strategies to implement the missing element in education*. R&L Education

Cantero, Fernando, Gonzalo Olmeda (2003). “La contribución de la educación ética y política en la formación del ciudadano”. *Revista de Educación do Ministerio de Educación, Cultura y Deporte*, número extraordinário, pp.109-130 (online) Disponível em: <http://www.mecd.gob.es/revista-de-educacion> acedido a 03/11/2012

Caride, José (2000) *Políticas sociales, educación social y programas educativos ante la situación de la pobreza*. Porto, Universidade Portucalense Infante D. Henrique

- Castro, Gustavo (2002). A dimensão estética da educação. Em Medeiros, Emanuel Educação caminho para o século XXI, Actas do I colóquio de filosofia da educação. Ponta Delgada: Universidade dos Açores
- Chan, Sharon (2008). *Volunteering: Impacts on the Psychosocial Well-Being of Chinese Older Persons*. Lingnan University, Lingnan (online) Disponível em: <http://www.gerontechnology.info/Journal/Proceedings/ISG08/papers/118.pdf> ,
acedido a 11/02/2013
- Celorio, Gema e Munain, Alicia López de (coords.) (s/d). *Diccionario de Educación para el Desarrollo Vitoria-Gasteiz*. Hegoa. Em Lopes, Joana (2010) *A Educação para o Desenvolvimento: O potencial do voluntariado para a Cooperação- o projecto Nô Djunta Mon*. Dissertação de mestrado em Desenvolvimento, diversidades locais e desafios mundiais, Lisboa, ISCTE
- CIDAC (2004). *A Educação para o Desenvolvimento – Ficha formativa (4)*. Lisboa: Plataforma Portuguesa das ONGD.
- Clary, Gil; Mark ,Snyder; Robert, Ridge; John, Copeland; Arthur, Stukas; Julie Haugen e Peter Miene (1998), “Understanding and assessing the motivations of volunteers: a functional approach”. *Journal of Personality and Social Psychology*, 74, pp. 1516-1530. Em Ferreira, Marisa, Teresa, Proença e João, Proença, (2008). “As motivações no trabalho voluntário”. *Revista Portuguesa e Brasileira de Gestão*, 7(3)
- Costa, Paulo (2001). *A educação para o Desenvolvimento e os Jovens – Pistas de Reflexão*. Lisboa CIDAC.
- Combs, Philip (1985) *La crisis mundial de la educación. Perspectivas actuales*, Madrid, Aula XXI/ Santillana. Em Gómez, José; Orlando Freitas e Germán Callejas (2007) *Educación e Desenvolvimento Comunitário Local*. Editora Profedições, Porto
- Consenso Europeu sobre o Desenvolvimento (2007) “Contributo da Educação para o Desenvolvimento e da Sensibilização” Disponível em http://ec.europa.eu/development/icenter/repository/PUBLICATION_CONSENSUS_PT-067-00-00.pdf, acedido em 25/09/2012
- DEEEP (2005). *The Future of European Development NGOs and the Role of Development Education*. Em Lopes, Joana (2010) *A Educação para o Desenvolvimento: O potencial do voluntariado para a Cooperação- o projecto Nô Djunta Mon*. Dissertação de mestrado em Desenvolvimento, diversidades locais e desafios Mundiais, Lisboa, ISCTE.
- Delicado, Ana (2002): *Caracterização do voluntariado em Portugal*. Comissão Nacional para o ano internacional dos voluntários. Lisboa

Directorate-General for Education and Culture (2010). *Study on Volunteering in the European Union: Country Report Portugal*. (online) Disponível em: http://ec.europa.eu/citizenship/pdf/national_report_pt_en.pdf acedido em: a 10 de Março de 2013

ENTREAJUDA (2011) *Dados relativos ao voluntariado em Portugal*. Disponível em: http://www.entrajuda.pt/pdf/Voluntariado%20em%20Portugal_Jan%202011.pdf acedido em 3/10/2011

Ferreira, Marisa, Teresa, Proença e João, Proença, (2008). “As motivações no trabalho voluntário”. *Revista Portuguesa e Brasileira de Gestão*, 7(3), 43-53.

Fonseca, Judite (2009). *Do conceito de Cidadania às Práticas Escolares de Formação Cívica*. Dissertação de Doutoramento em Educação, Departamento de Educação, Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa

Freire, Paulo (1988) *Pedagogia del oprimido*. Buenos Aires, Siglo XXI. Em Gómez, José, Orlando, Freitas e Germán, Callejas (2007) *Educação e Desenvolvimento Comunitário Local*. Editora Profedições, Porto

Galvão, Cecília; Pedro, Reis; Ana, Freire e Teresa, Oliveira (2006). *Avaliação de competências em ciências: sugestões para professores dos ensinos básicos e secundário*. Porto: ASA Editores

Ghiglione, Rodolphe e Benjamin, Matalon (2001). *O Inquérito. Teoria e Prática*. Oeiras: Celta

Gómez, José, Orlando, Freitas e Germán, Callejas (2007) *Educação e Desenvolvimento Comunitário Local*. Editora Profedições, Porto

Haski, Leventhal e Bem, David (2008). Youth volunteering for youth: Who are they saving? How are they being served? *Children and Youth Services Review*, pp: 834-846

Herraiz, Carmen (2003). “La cultura de la paz, marco para la ciudadanía”. *Revista de Educación*, Ministerio de Educación, Cultura y Deporte, número extraordinário, 155-168. (online) Disponível em: <http://www.mecd.gob.es/revista-de-educacion> acedido a 03/11/2012

IPAD (2006). *Uma Visão Estratégica para a Cooperação Portuguesa*. Lisboa: IPAD.

Kent, Mary (2011). “Volunteering and Health for aging populations”. *Today's research on aging*. (21), 1-7

Lajo, Mercedes e Marta, Puig (2003). “Educación de la ciudadanía europea”. *Revista de Educación*, Ministerio de Educación, Cultura y Deporte, número extraordinário, 295-

320. (online) Disponível em: <http://www.mecd.gob.es/revista-de-educacion> acedido a 03/11/2012

Laurent, Stéphane (2001). *Notas sobre o potencial da experiência de Cooperação para a Educação para o Desenvolvimento*. Em Costa, Manuel (2001). *A Educação para o Desenvolvimento e os Jovens – Pistas de Reflexão*. Lisboa CIDAC

Lopes, Joana (2010) *A Educação para o Desenvolvimento: O potencial do voluntariado para a Cooperação- o projecto Nô Djunta Mon*. Dissertação de mestrado em Desenvolvimento, diversidades locais e desafios mundiais, Lisboa, ISCTE

Ludke, Menga e André, Marli (1986) *Pesquisa em educação: abordagens qualitativas*. São Paulo: EPU.

Moriyón, Félix (2003). “Los derechos humanos y la educación del ciudadano”. *Revista de Educación*, Ministerio de Educación, Cultura y Deporte, número extraordinário, 131-154. (online) Disponível em: <http://www.mecd.gob.es/revista-de-educacion> acedido a 03/11/2012

Menezes, Isabel; Maria, Afonso; Joana, Gião e Gertrudes, Amaro (2005) *Conhecimentos, concepções e práticas de cidadania dos jovens portugueses – um estudo internacional*, Lisboa, DGIDC/ME.

Mesa, Manuela (2005) *Evolution and Future Challenges of Development Education*. Valência: Centro de Investigación para la Paz. Em: Lopes, Joana (2010): *A Educação para o Desenvolvimento: O potencial do voluntariado para a Cooperação- o projecto Nô Djunta Mon*. Dissertação de mestrado em Desenvolvimento, diversidades locais e desafios mundiais, Lisboa, ISCTE.

Monteiro, Reis (2001). *Educação da Europa*. Porto: Campo das Letras.

Moreira, Daniel (2000) *Didática do ensino superior- técnicas e tendências*, São Paulo Em: Sandra, Santos (2001) “O processo de Ensino-aprendizagem e a relação professor-aluno: Aplicação dos sete princípios para a boa prática na Educação de Ensino Superior” *Caderno de Pesquisas em Administração*, 8(1) São Paulo

Morrow-Howell, Nanci; Jim, Hinterlong; Philip, Rozario, e Fengian, Tang, (2003). “Effects of Volunteering on the Well-Being of Older Adults”. *Journal of Gerontology*, 58B(3), 137-145

Naval, Concepción (2003). “Orígenes recientes y temas clave de la educación para la ciudadanía democrática actual”. *Revista de Educación*, Ministerio de Educación, Cultura y Deporte, número extraordinário, 169-190. (online) Disponível em: <http://www.mecd.gob.es/revista-de-educacion> acedido a 03/11/2012

- Nunes, Viveiros e Luís, Albino (2008) *O Desenvolvimento Local e a Animação Sociocultural. Uma comunhão de princípios*; Julho de 2008 (8) (online) Disponível em: <http://quadernsanimacio.net/ANTERIORES/anteriores.htm> acedido em 12/04/2013
- Orduna, Maria (2000) *La Educación para el desarrollo local: una estrategia para la participación social*. Pamplona, Ediciones Universidad de Navarra. Em Gómez, José, Orlando, Freitas e Germán, Callejas (2007) *Educação e Desenvolvimento Comunitário Local*. Editora Profedições, Porto pp:126-128
- Paixão, Ludovice (2000). *Educar para a cidadania*. Lisboa, Lisboa Editora.
- Pedro, Ana (2002) *Percursos de uma educação em valores em Portugal: influências e estratégias*. Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian.
- Pike, Graham e David, Selby (1988): *Global Education: the irreducible global perspective. The social Science Teacher*. Em Gómez, José; Orlando, Freitas; Germán, Callejas (2007) *Educação e Desenvolvimento Comunitário Local*. Editora Profedições, Porto
- Pinhal, João (2004). *O território educativo e as comunidades locais*. Atas do seminário A Educação, o Desporto e o Desenvolvimento Regional. Évora: Associação de Municípios de Évora.
- Plataforma Portuguesa das ONGD (2002). 2ª Escola de Outono de ED.
- Puelles, Manuel & Torreblanca, José (1995) *Educación para el desarrollo. Un análisis de opciones de inversión*. Madrid, Blanco Mundial/Tecnos.
- Quintana, José (1989) *Sociología de la Educación*. Madrid, DYKINSON. Em Gómez, José; Orlando, Freitas; Germán, Callejas (2007) *Educação e Desenvolvimento Comunitário Local*. Editora Profedições, Porto
- Quintana, José (1991) *La Educación más allá de la escuela*. Em Gómez, José; Orlando, Freitas; Germán, Callejas (2007) *Educação e Desenvolvimento Comunitário Local*. Editora Profedições, Porto
- Ruiz, Pedro e Ramón, Vallejos (2003). “Educar para una cultura medioambiental”. *Revista de Educación*, Ministerio de Educación, Cultura y Deporte, número extraordinário, 271-294 (online) Disponível em: <http://www.mecd.gob.es/revista-de-educacion> acedido a 03/11/2012
- Salema, Maria; Rita, Raimundo e Pedro, Pessoa (2012), *As ONG's e a promoção de uma educação para a cidadania nas escolas*. Em org. Sousa, Susana “*Escola e Comunidade, laboratórios de cidadania global*” Instituto da Educação da Universidade de Lisboa.

- Sánchez, Juan (2003). “La educación para la participación en la sociedad civil”. *Revista de Educación*, Ministerio de Educación, Cultura y Deporte, número extraordinário, 191-212. (online) Disponível em: <http://www.mecd.gob.es/revista-de-educacion> acedido a 03/11/2012
- Sandra, Santos (2001) “O processo de Ensino-aprendizagem e a relação professor-aluno: Aplicação dos sete princípios para a boa prática na Educação de Ensino Superior” *Caderno de Pesquisas em Administração*,8(1) São Paulo
- Schiefer, Ulrich. 2006. *MAPA – Manual de Planeamento e Avaliação de Projectos*. Cascais: Principia.
- Selby, David (1996) “Educación global: hacia una irreducible perspectiva global en la escuela”. *Innovación Educativa* (51) pp. 25-30
- Sierra, José (2003). “Educar para la convivencia intercultural en sociedades multiculturales.” *Revista de Educación*, Ministerio de Educación, Cultura y Deporte, número extraordinário, 213-240. (online) Disponível em: <http://www.mecd.gob.es/revista-de-educacion> acedido a 03/11/2012
- Silva, Ana (2012) *Motivações e Efeitos do Voluntariado Jovem: Fatores de Retenção Organizacional*, Dissertação de mestrado em Psicologia Social e das Organizações, Lisboa, ISCTE
- Silva, Maria (1963). "Bases de um processo de Desenvolvimento Comunitário". *Análise Social*, (online) Disponível em <https://www.repository.utl.pt/bitstream/10400.5/1402/1/MS-AS-1963-2.pdf>, páginas de 10 a 24, acedido em 3/10/2012
- Soares, Sara (2009) “Voluntariado: uma aposta entre os jovens” Publicação do *Jornal Porto Net* a 15 de Setembro de 2009. Disponível em: http://jpn.c2com.up.pt/2009/12/15/voluntariado_uma_aposta_entre_os_jovens.html, acedido em 3/10/2011
- Stoer, Stephan (2001) *Desocultando o voo das andorinhas: educação inter/multicultural crítica como movimento social*. Em Fonseca, Judite (2009) *Do conceito de cidadania às práticas escolares de formação cívica*. Dissertação de doutoramento em Educação, Lisboa, faculdade de ciências da Universidade de Lisboa.
- Thoits, Pwgggy e Hewitt Lyndi (2001). “Volunteer Works and Well-Being.” *Journal of Health Social Behavior*, 42, 115-131
- Warburton, Jeni e Rachel, Winterton (2010). *The role of volunteering in an Era of cultural transition: Can It provide a role identity for older people from asian cultures? Diversity* pp: 1048- 1058

Wilson, John (2000). *Volunteering. Annual Review of sociology*. pp: 215-240

Wilson, John e Musick, Marc (2000). *The Effects of Volunteering on the Volunteer*. Law and Contemporary Problems. pp:141-168

Wolf, Alison (1995). *Competence-Based Assessment*. Buckingham: Open University Press

Anexos

Anexo A- Guião da Entrevista Semi-estruturada aos alunos voluntários

Tema 1 – Motivações

Perguntas	Objetivos da questão	Observações
Alguma vez tinhas pensado em fazer voluntariado?	Perceber se o aluno já tinha ambicionado fazer voluntariado	
Como tomaste conhecimento deste projeto e o que te fez aceitar?	Saber quais foram os meios de divulgação do projeto acolhidos pelo aluno e quais as motivações para este prestar interesse ao projeto.	
Para ti o que é o voluntariado?	Perceber qual o significado que o aluno atribui ao voluntariado	
Algum familiar faz ou já fez voluntariado?	Saber se existe alguma relação familiar pela prática de voluntariado.	

Tema 2 – Formação

Perguntas	Objetivos da questão	Observações
Tiveste algum tipo de formação antes de começares a colaborar com a instituição?	Saber se existiu formação para os voluntários	
Estavas consciente do teu papel enquanto voluntário antes de iniciares as tarefas?	Saber se o aluno tomava conhecimento do que é ser um voluntário, os seus direitos e os seus deveres.	
Recebeste apoio e formação por	Saber de que forma o	

parte da instituição que te acolheu?	voluntário foi acolhido na instituição	
--------------------------------------	--	--

Tema 3 – Fase no terreno

Perguntas	Objetivos da questão	Observações
Com que instituição colaboraste/colaboras e quais as tuas tarefas?	Saber que tipo de tarefas são desempenhadas pelo aluno no projeto de voluntariado	
Quais as competências pessoais e técnicas que pensas ter desenvolvido com o voluntariado?	Saber que competências foram desenvolvidas graças ao voluntariado	
Que tipo de valores pensas que um voluntário deve ter? Identificas-te com eles?	Perceber que tipo de valores o aluno considera essenciais para ser um voluntário e se adopta esses mesmos valores.	
Consideras-te um cidadão ativo? Porquê?	Saber se o aluno se considera ativo na sua sociedade e quais as razões que o levam a responder afirmativo ou negativo.	

Tema 4- O projeto

Perguntas	Objetivos da Questão	Observações
Consideras que o projeto da tua escola é importante para a melhoria dos problemas existentes no ambiente que a envolve?	Saber a opinião do aluno face ao papel da sua escola na localidade	
Consideras que o trabalho que estás a desenvolver vai ao	Perceber se o projeto encaminhou o aluno para	

encontro daquilo das tuas expectativas?	um tipo de atividade que este ambicionava	
Para ti quais são os pontos fortes e fracos deste projeto?	Saber a opinião do aluno face ao projeto	
Com este projeto passaste a interessar-te mais pelos problemas sociais em Portugal e no mundo?	Saber se o projeto despertou no aluno curiosidade cívica	
O que aprendeste com o voluntariado?	Saber tipos de aprendizagens identificadas pelos alunos	
Pretendes continuar a fazer voluntariado? Porquê?	Saber quais as intenções do aluno face à prática de voluntariado	

Anexo B – Guião da Entrevista Semi-estruturada às técnicas dos projetos escola

Tema 1- Caracterização da instituição sob o ponto de vista da preocupação social

Perguntas	Objectivos da Questão	Observações
Como surgiu a ideia deste projeto?	Saber os objetivos da criação deste projeto	
Quais os objetivos do projeto?		
Quais os objetivos da escola na construção deste projeto?	Saber os objetivos que a escola pretende alcançar com este projeto	
Indique-me outros projetos a nível social desta escola?	Saber se existem outros projetos de cariz social a serem elaborados pela escola	
Que tipo de publicidade utilizam para divulgar a vossa ação pela comunidade, alunos e famílias?	Perceber de que forma estabelecem contatos com a população	
Considera que esta escola tem uma participação ativa na responsabilidade social? porquê?	Perceber se a escola sempre desempenhou um papel activo no meio social	

Tema 2- Caracterização dos implicados no projeto (publico alvo e alunos)

Perguntas	Objectivos das questões	Observações
Quais os públicos-alvo dos projetos elaborados? Porquê?	Saber quais os tipos de pessoas que participam nestes projetos e porque razão é focada nelas	
Que tipo de formação é desenvolvida com os alunos que participam no projecto?	Saber se a instituição se preocupa- com a componente formativa	
Como é que os alunos são associados ao projeto?	Saber se os alunos podem escolher fazer ou não voluntariado	

Tema 3 – Caracterização dos restantes agentes

Perguntas	Objectivos das questões	Observações
Que tipo de funções são desempenhadas pelos vários funcionários da Escola no âmbito deste projeto?	Saber qual o tipo de tarefas desempenhadas no âmbito do projeto e por quem	

Tema 4- redes para o desenvolvimento de projetos

Com quem trabalham a nível de parcerias?	Saber quais as parcerias que colaboram com a escola	
De que forma é que estas parcerias apoiam o desenrolo do projeto?	Perceber de que forma é que estas parcerias contribuem para o desenvolvimento do projeto	
Qual a relação entre a escola e as suas parcerias? De que forma é estabelecido contato?	Perceber se existe algum tipo de interlocutores no contato entre a escola e as instituições parceiras	

Tema 4- Avaliação e Perspetivas

Perguntas	Objectivos das questões	Observações
Como avalia o projeto em termos de potencialidades e fraquezas?	Saber a opinião do entrevistado sobre as potencialidades e as fraquezas da instituição. Captar necessidades de resposta às fraquezas	
Como é avaliado o projeto e os impactos pedagógicos?	Saber de que forma são avaliados os impactos da ação	

	da escola no âmbito educacional (Questão do Desenvolvimento Humano) e local	
No seu entender, quais os impactos do voluntariado nos alunos? Quais as principais potencialidades pedagógicas?	Perceber a opinião do entrevistado relativamente aos benefícios do voluntariado	
Quais os impactos do projecto na própria escola?	Saber quais os benefícios do projecto para a instituição escolar	
No seu entender, qual o papel da escola na comunidade envolvente?	Saber a opinião do entrevistado face ao papel que a escola tem ou devia ter no meio social envolvente	
Quais os desafios futuros deste projeto?	Saber a opinião do entrevistado face ao futuro do projeto	

Anexo C – Entrevistas transcritas: Voluntários

-Entrevista A- Colégio São João de Brito – Entrevistado Feminino

Entrevistador: Alguma vez tinhas pensado fazer voluntariado?

Entrevistada: Sem ser no colégio não, porque entrei no colégio muito cedo e foi com todas as atividades que eu comecei a querer fazer voluntariado.

Entrevistador: Mas antes de começares o projeto de voluntariado em si, vias nas notícias e pensavas que gostarias de fazer voluntariado?

Entrevistada: É assim, eu desde pequenina que faço banco alimentar por isso sempre gostei.

Entrevistador: Como tomaste conhecimento deste projeto e o que te fez aceitar?

Entrevistada: Foi através dos meus professores porque tinha a disciplina de área de projeto e desde aí começamos a fazer voluntariado e a ir um centro de idosos. A partir daí, quando deixou de ser obrigação, senti que gostava ainda de continuar a fazer.

Entrevistador: Para ti o que é que é o voluntariado?

Entrevistada: O voluntariado para mim é poder dar um bocadinho de mim às pessoas que mais precisam. É, sei lá, eu sei que há pessoas que não têm nem metade das coisas que eu tenho e posso ter e que as vezes, agora falando no caso de idosos, que às vezes uma simples conversa de cinco minutos para eles é ótimo e para nós é uma coisa completamente banal e que não damos grande importância.

Entrevistador: Algum familiar teu já fez ou faz voluntariado?

Entrevistada: Tirando o banco alimentar, acho que não. Sou mesmo a única a fazer.

Entrevistador: tiveste algum tipo de formação antes de começares a colaborar com a instituição?

Entrevistada: Não, aprendi mais ou menos as áreas que havia, por exemplo para os idosos é preciso fazer “X” coisas ou têm mais necessidades para outras coisas mas assim uma formação formal não.

Entrevistador: Estavas consciente do teu papel enquanto voluntária antes de iniciares as tarefas? Era aquilo que estavas à espera?

Entrevistada: Sabia, mas eu pelo menos a primeira vez que fiz voluntariado, fui um dia ver o que tinha de fazer e o que era preciso ser feito e tudo isso, mas acho que só quando cheguei lá e comecei a fazer as coisas é que tomei completa consciência mesmo do que era preciso ser feito.

Entrevistador: Recebeste apoio e formação por parte da instituição que te acolheu?

Entrevistada: Sim, podemos considerar que sim. Explicaram-me as coisas. A primeira vez que fiz, com a disciplina de área de projeto, disseram-me que tinha de falar com os idosos e tinha de estar com eles e não me disseram mais nada. Este ano, que estou a fazer voluntariado no Jokey que é hipnoterapia com pessoas com paralexia cerebral aí sim tive uma formação com os cuidados que devia ter, o que precisava de fazer e a ter atenção.

Entrevistador: Com que instituições já trabalhaste e quais as tuas tarefas?

Entrevistada: Já tive num Centro de Dia para idosos, em que basicamente nós falávamos com eles e muitas vezes jogávamos cartas ou dominó, o que for. Agora estou no Jokey com crianças com paralexia cerebral, estou a dar explicações a pessoas também com menos possibilidades. Já tive em infantários a ajudar a dar de comer e levantar da sesta, acordar, vestir e isso tudo.

Entrevistador: No Jokey qual era a tua tarefa?

Entrevistada: A minha tarefa era ajudar a por as crianças em cima dos cavalos, a ter atenção à postura delas, fazer jogos para desenvolver, a pô-los a “pensar” e desenvolver as atividades motoras.

Entrevistador: Destes todos qual achas que para ti foi o mais gratificante?

Entrevistada: Foi o Jockey sem duvida.

Entrevistador: Quais as competências pessoais e técnicas que pensas ter desenvolvido com o voluntariado?

Entrevistada: Em primeiro lugar aprendi a ter paciência porque nós aqui somos todos muito parecidos e acho que pelo menos no caso do pragal, onde dou explicações, as pessoas são completamente diferentes de nós e é preciso ter imensa paciência, esforço e demonstrar carinho muitas vezes para estar a ouvir ou para falar com elas para além de ser só debitar matéria e explicar. Acho que exige mais de mim no sentido em que às vezes torna-se um esforço.

Entrevistador: E no Jockey também a prendeste a lidar com pessoas portadoras de deficiência?

Entrevistada: Sim, aprendi a lidar com essas deficiências e tecnicamente também é preciso ter muita paciência porque os miúdos não sabem o que estão a fazer, ou alguns deles já começam a ter confiança a querer “esticar a corda” e temos de ter paciência porque não nos podemos chatear com eles assim como faríamos com outro tipo de crianças.

Entrevistador: Que tipo de valores pensas que um voluntário deve ter?

Entrevistada: Eu acho que ele deve estar preparado para tudo, ser responsável pois o voluntariado é uma coisa que deve ser assídua. Acho que deve ter paciência, deve estar mentalmente preparado para tudo e acima de tudo tem de ser bem disposto e ter bom espírito de equipa.

Entrevistador: E achas que te identificas com eles?

Entrevistada: Eu acho que sim, claro que às vezes há alturas em que é mais difícil estar sempre presente e querer estar sempre lá.

Entrevistador: Consideras-te uma cidadã ativa?

Entrevistada: Faço voluntariado, mas acho que sou mais ou menos. Para além do voluntariado não faço mais nada assim para contribuir para a sociedade. Acho que podia

fazer muito mais. Nós somos tantos e há tanta gente a precisar de ajuda que nós muitas vezes pensamos mais no nosso umbigo do que nos outros, mais em nós do que os outros que estão lá fora a precisar de ajuda. Acho que eu estando disponível poderia fazer muito mais além do voluntariado que eu faço e sei lá, as vezes pode-se fazer isto ou aquilo para ajudar e não se faz.

Entrevistador: Achas que devido ao voluntariado passaste a estar mais atenta aos problemas existentes?

Entrevistada: Sim, eu acho que sim, porque eu já pratico voluntariado desde pequenina, desde o sétimo ano e acho que desde essa altura que comecei a ter mais atenção às pessoas e ver que não são todas iguais a mim e que não têm as mesmas possibilidades, as mesmas oportunidades e comecei a ver que existem muitas desigualdades e que devia dar mais atenção a elas e ter cuidado muitas vezes com aquilo que digo ou que faço.

Entrevistador: Consideras que o projeto desta escola é importante para a melhoria dos problemas existentes do ambiente que a envolve?

Entrevistado: Eu acho que sim, eu acho que pelo menos o colégio dá imenso apoio ao voluntariado e acho que é uma coisa ótima porque o que nós fazemos pode não ser muito mas acho que é melhor fazer qualquer coisa do que não fazer nada, é sempre uma ajuda.

Entrevistador: Consideras que o trabalho que de voluntariado que desenvolveste foi sempre ao encontro daquilo que tencionavas e expectavas?

Entrevistada: Sim, porque o colégio oferece um variado leque de possibilidades para fazermos determinadas coisas e no meu caso tive a oportunidade de escolher as áreas que mais gostava e experimentei de tudo um pouco. Acho que o colégio oferece imensas possibilidades.

Entrevistador: E quando escolheste pensas-te: “ah vou fazer com crianças, vou gostar imenso” e depois foi isso mesmo que aconteceu?

Entrevistada: Hum...não. É assim, a primeira vez achei muito giro e gostei muito daquilo mas depois há alturas em que aquilo é quase um sacrifício mas que se nós nos responsabilizamos para fazer aquilo temos de fazer até ao fim.

Entrevistador: Para ti quais são os pontos fortes e fracos deste projeto?

Entrevistada: Os pontos fortes são dar-nos a conhecer todas essas vertentes e todos estes espaços que existem e que nós nem damos por eles. Os pontos negativos... sinceramente não vejo assim nada que mudasse.

Entrevistadora: Então, no geral o que aprendeste com o voluntariado?

Entrevistada: Eu aprendi a dar-me. Como eu disse, eu era daquelas pessoas que se calhar pensava mais em mim e só depois é que pensava nos outros e depois de começar a fazer estas atividades é que comecei a perceber que me sentia melhor a dar de mim, disponibilizar-me para as outras pessoas do que estar em casa a ver televisão. Essencialmente foi isso. Aprender a dar-me e tentar não viver num mundo tão egocêntrico.

Entrevistador: Pretendes continuar a fazer voluntariado? Porquê?

Entrevistada: Sim, quero continuar imenso a fazer voluntariado, não digo nas mesmas instituições, mas experimentar outras coisas porque não quero viver num mundo só meu e há tantas pessoas a precisar de ajuda que eu acho que faz parte do meu dever ajudar aqueles que não têm tantas possibilidades como eu.

Entrevistador: Então sentes-te bem a fazer voluntariado?

Entrevistada: Sim, muito.

Entrevistador: Pronto, já está. Muito obrigada.

-Entrevista B- Colégio São João de Brito – Entrevistado Masculino

Entrevistador: Alguma vez tinhas pensado em fazer voluntariado?

Entrevistado: Antes de saber do projeto?

Entrevistador: Sim.

Entrevistado: Sim, porque acho que sempre fui de dar-me um bocado à sociedade, sempre gostei de estar com crianças que é o que faço no voluntariado e portanto juntei o útil ao agradável.

Entrevistador: E quem é que te incentivou a isso? A escola, os pais?

Entrevistado: Bem, eu acho que foi os dois de igual modo mas penso que a decisão veio mesmo por mim.

Entrevistador: Como tomaste conhecimento do projeto da escola e o que fez aceitar?

Entrevistado: Eu antes de fazer voluntariado no secundário a partir do projeto, já tinha feito no nono ano em área de projeto e estudo acompanhado. Nós tínhamos de escolher: ou ficávamos na sala ou fazíamos voluntariado e eu escolhi fazer voluntariado e escolhi também fazer com crianças aqui perto do colégio numa espécie de ATL e gostei. No décimo ano interrompi porque os meus pais ficavam preocupados porque é um ano muito importante em termos de notas para a faculdade, mas quando vi que a coisa estava controlada voltei para o voluntariado.

Entrevistador: Então e para ti, o que é o voluntariado?

Entrevistado: Bem, o voluntariado para mim é mais uma hipótese de conseguir ajudar crianças, conseguir que tenham um futuro para além do espectável para pessoas com menos rendimentos e menos incentivos à escola. Acho que nisto, o voluntariado é a minha oportunidade de conseguir que isto realmente aconteça. Que eles tenham as mesmas oportunidades.

Entrevistador: Algum familiar teu já fez ou faz voluntariado?

Entrevistado: sim, a minha irmã fez voluntariado no mesmo sítio onde eu faço e de resto que eu tenha conhecimento não, sem contar com aquelas coisas, que não sei se é considerado voluntariado, como entregar roupas à escola, coisas desse género.

Entrevistador: Achas que a tua irmã teve influência na tua decisão?

Entrevistado: Não porque ela fez mas eu só soube disso depois de eu começar a fazer.

Entrevistador: Tiveste algum tipo de formação antes de começares a colaborar com a instituição?

Entrevistado: Sim, tivemos um dia em que as pessoas que iam trabalhar como voluntários escolheram um dia para fazer uma reunião com os vários responsáveis pelo projeto e das instituições. Deram-nos um caderno onde estava dicas para o voluntariado e o que precisávamos de saber para as diferentes áreas; no meu caso como se trabalhava com crianças. Lê-mos o que estava escrito, discutimos e debatemos. Basicamente foi isso.

Entrevistador: Achas que de alguma forma isso te deu algumas bases para o ias fazer?

Entrevistado: Sim.

Entrevistador: Estavas consciente do teu papel enquanto voluntário antes de iniciares as tarefas?

Entrevistado: Não, se calhar ainda hoje não tenho bem noção. Direitos não sei se tenho alguns. Deveres basicamente sei o que tenho de fazer, que é ajudar as crianças e isso foi-me dito mais ou menos, porque não sabia bem quais as idades que me iriam calhar.

Entrevistador: Recebeste apoio ou orientação por parte da instituição que te acolheu?

Entrevistado: Não muito porque eu acho que eles estão um bocado familiarizados com o voluntariado, então eles estão à espera que quando a pessoa lá chegue, já saiba o que vai fazer e através da observação se integre. Também como sabiam que a minha irmã já tinha feito estavam à espera que eu já soubesse o que ia ver e fazer.

Entrevistador: Nesse sentido, sentiste alguma dificuldade de integração ou assim?

Entrevistado: Hum... não. A maior parte das crianças foram muito recetivas porque também já estão habituadas. Claro que há sempre uns casos à parte mas acho que não tive problemas.

Entrevistador: Com que instituições já trabalhaste e quais as tuas tarefas?

Entrevistado: Portanto, aqui já trabalhei num ATL, durante o nono ano, em que fazia a mesma coisa, ajudava a nível de trabalhos de casa, só que aí planeava atividades para fazermos como por exemplo uma aulinha de origami e depois neste é principalmente ajudar nos trabalhos de casa, tomar conta deles. Depois também tive outras coisas como o banco alimentar, não sei se conta.

Entrevistador: claro que conta. Fizeste mesmo trabalho de armazém ou estiveste envolvido na recolha?

Entrevistado: Estive a recolher no Continente.

Entrevistador: Quais as competências pessoais e técnicas que pensas ter desenvolvido com o voluntariado?

Entrevistado: Bem, de certeza que me tornei mais ativo na medida em que agora consigo fazer mais coisas ao mesmo tempo. Se calhar também a minha capacidade de comunicar com as pessoas, não posso ensinar de qualquer maneira, tenho de descobrir os interesses de cada um para me conseguir relacionar bem com eles e também é a paciência, que é preciso muita.

Entrevistador: Que tipo de valores pensas que um voluntário deve ter?

Entrevistado: Acho que ele tem de acreditar naquilo que está a fazer, ou seja não fazer só pela obrigação mas pensar que tem a oportunidade de mudar uma coisa que envolve pessoas, dependendo do tipo de voluntariado. Acho que tem de ser responsável, tem de gostar do que faz, ser simpático e tem que ter sobretudo uma capacidade de adaptação porque por exemplo numa situação em que a pessoa ainda não está bem ambientada tem de tentar ao máximo adaptar-se à tarefa e ao sítio onde está pois assim só assim irá conseguir comunicar com as pessoas, pedir ajuda e vai se calhar ter mais depressa rendimento daquilo que faz.

Entrevistador: e identificas-te com estes valores todos?

Entrevistado: Acho que sim, espero bem que sim.

Entrevistador: Consideras-te um cidadão ativo?

Entrevistado: Sim, podia ser mais ativo mas estou a trabalhar para isso porque por exemplo no ano passado não fazia praticamente nada, era escola – casa, casa-escola e cinema às sextas-feiras e agora estou na associação de estudantes, faço voluntariado, dou explicações e estudo.

Entrevistador: Consideras que o projeto da tua escola é importante para os problemas que a envolve?

Entrevistado: Acho que sim, porque por exemplo a associação onde faço voluntariado é aqui muito perto da escola e estamos a tentar formar as crianças e jovens para exatamente evitar que tenham tendência a fazer coisas que se passam aqui á volta do colégio em que por exemplo, há assaltos e outras coisas que podem ser feitas por pessoas que não tiveram oportunidades e nós tentamos lutar para dar essas oportunidades.

Entrevistador: Consideras que todos os trabalhos que tens feito a nível de voluntariado foram ao encontro daquilo que estavas à espera?

Entrevistado: Inicialmente, a minha primeira opção era trabalhar com cavalos porque eu andei em equitação e então achava que se adequava a mim só que não fui a tempo e as vagas foram todas preenchidas. Portanto depois acabei por escolher outra coisa.

Entrevistador: E foi o que expectavas que fosse?

Entrevistado: Sim, por acaso sim. Por acaso eu no início fui um bocado negativo quando pensei naquilo porque a primeira vez que fui lá eram crianças mais ou menos até ao quarto ano e depois quando voltei já não sabia de que idades eram e aquilo vai até ao nono. Então fiquei um pouco reticente pois estou mais à vontade com crianças do que com alunos que pouca diferença de idades têm da minha. Lidar com crianças mais pequenas, é uma coisa, talvez o nível de respeito seja maior, agora trabalhar com pessoas dois ou três anos mais novas parece que não impõe tanto respeito. Fiquei bastante surpreendido porque não aconteceu nada disso, aceitaram-me todos muito bem e respeitam-me. Mais do que respeito há amizade, o que é ótimo.

Entrevistador: Para ti quais são os pontos fortes e fracos deste projeto?

Entrevistado: Pontos fortes é o facto de se envolver com uma diversidade de instituições. Há uma grande diversidade e as pessoas têm grande opção de escolha. Hum... se calhar o problema é que as pessoas não estão muito mentalizadas para o voluntariado, há muita gente que faz mas há muitas pessoas que pensam que o voluntariado é um bicho de sete cabeças e que não há tempo devido ao estudo e isto é do género quando mais tenho para fazer mais aproveito o meu tempo e portanto eu acho que este projeto deveria por exemplo chamar antigos voluntários para incentivar.

Entrevistador: Com este projeto passaste a interessar-te mais pelos problemas à tua volta?

Entrevistado: Continuei. Eu, inicialmente já tinha pensado. Acima de tudo quando um amigo meu foi assaltado comecei logo a pensar nas circunstâncias que levaram possivelmente ao assalto não só da parte dele mas também do assaltante e comecei a pensar que a culpa se calhar também não era dele porque a sociedade também o levou à situação onde se encontrava e portanto a partir daí comecei a desenvolver o meu sentido social e a pensar mais nestas coisas que depois continuei e reforcei com o voluntariado por estar mais em contacto com essa realidade. Portanto tive mais acesso realmente ao que acontece.

Entrevistador: Assim no geral, o que aprendeste com o voluntariado?

Entrevistado: Bem, acho que sobretudo eu era muito pragmático e aprendi a ser mais flexível também por estas experiências, por estar em contacto com realidades diferentes da minha e também por não serem exatamente aquilo que é mostrado pelos media. Acho que me tornei numa melhor pessoa até porque a postura no voluntariado tem de ser muito boa, um critério para eu estar lá é saber o porquê, isto parece que não está a fazer muito sentido (risos) O que é que eu aprendi mais? Hum...talvez também a dar-me melhor com as pessoas e ter mais consideração pelos outros e ter mais em consideração aquilo que os leva a ser como são, não julgar as pessoas pelo que fazem mas pensar mais que se calhar aconteceu alguma coisa ou que há uma história por detrás daquilo que aconteceu e portanto não posso julgar uma pessoa de imediato, tenho de ter fundamentos exatamente para conseguir avaliar as pessoas.

Entrevistador: Que vantagens é que tu achas que o voluntariado pode trazer para ti?

Entrevistado: hum... disto tendo em conta o emprego que quero ter, que passa também por ajudar as pessoas, ser psicólogo ou psiquiatra, dá imenso jeito este trabalho comunitário que me permite avaliar as pessoas e portanto isto são exercícios que acabo por valorizar muito tendo em conta o meu futuro. Depois no dia-a-dia eu penso que independentemente de ter pai, mãe e amigos, com esta experiência consigo afastar-me mais dessa posição mas não deixar de fazer aquilo que faria ou seja consigo tornar mais natural aquilo que costumava fazer e deixar as coisas serem mais uma relação de amizade do que propriamente familiar.

Entrevistador: Pretendes continuar a fazer voluntariado no futuro? Porquê?

Entrevistado: Sim, porque gosto de ajudar e isto é uma das maneiras que encontrei de conseguir isso. Se eu sentir que o meu voluntariado é útil então eu acho que tenho uma certa obrigação de continuar e pelo menos continuar a tentar que seja porque acho que é isso o melhor que uma pessoa pode fazer, conseguir chegar aos outros e torna-los a eles também melhor.

Entrevistador: Já está, obrigada!

-Entrevista C- Colégio São João de Brito – Entrevistado Feminino

Entrevistador: Alguma vez tinhas pensado fazer voluntariado?

Entrevistada: Sem ser no colégio não, porque entrei no colégio muito cedo e foi com todas as atividades que eu comecei a querer fazer voluntariado.

Entrevistador: Mas antes de começares o projeto de voluntariado em si, vias nas notícias e pensavas que gostarias de fazer voluntariado?

Entrevistada: É assim, eu desde pequenina que faço banco alimentar por isso sempre gostei.

Entrevistador: Como tomaste conhecimento deste projeto e o que te fez aceitar?

Entrevistada: Foi através dos meus professores porque tinha a disciplina de área de projecto e desde aí começamos a fazer voluntariado e a ir um centro de idosos. A partir daí, quando deixou de ser obrigação, senti que gostava ainda de continuar a fazer.

Entrevistador: Para ti o que é que é o voluntariado?

Entrevistada: O voluntariado para mim é poder dar um bocadinho de mim às pessoas que mais precisam. É, sei lá, eu sei que há pessoas que não têm nem metade das coisas que eu tenho e posso ter e que as vezes, agora falando no caso de idosos, que às vezes uma simples conversa de cinco minutos para eles é ótimo e para nós é uma coisa completamente banal e que não damos grande importância.

Entrevistador: Algum familiar teu já fez ou faz voluntariado?

Entrevistada: Tirando o banco alimentar, acho que não. Sou mesmo a única a fazer.

Entrevistador: tiveste algum tipo de formação antes de começares a colaborar com a instituição?

Entrevistada: Não, aprendi mais ou menos as áreas que havia, por exemplo para os idosos é preciso fazer “X” coisas ou têm mais necessidades para outras coisas mas assim uma formação formal não.

Entrevistador: Estavas consciente do teu papel enquanto voluntária antes de iniciares as tarefas? Era aquilo que estavas à espera?

Entrevistada: Sabia, mas eu pelo menos a primeira vez que fiz voluntariado, fui um dia ver o que tinha de fazer e o que era preciso ser feito e tudo isso, mas acho que só quando cheguei lá e comecei a fazer as coisas é que tomei completa consciência mesmo do que era preciso ser feito.

Entrevistador: Recebeste apoio e formação por parte da instituição que te acolheu?

Entrevistada: Sim, podemos considerar que sim. Explicaram-me as coisas. A primeira vez que fiz, com a disciplina de área de projeto, disseram-me que tinha de falar com os idosos e tinha de estar com eles e não me disseram mais nada. Este ano, que estou a fazer voluntariado no Joka que é hipnoterapia com pessoas com paralexia cerebral aí

sim tive uma formação com os cuidados que devia ter, o que precisava de fazer e a ter atenção.

Entrevistador: Com que instituições já trabalhaste e quais as tuas tarefas?

Entrevistada: Já tive num Centro de Dia para idosos, em que basicamente nós falávamos com eles e muitas vezes jogávamos cartas ou dominó, o que for. Agora estou no Jokey com crianças com paralexia cerebral, estou a dar explicações a pessoas também com menos possibilidades. Já tive em infantários a ajudar a dar de comer e levantar da sesta, acordar, vestir e isso tudo.

Entrevistador: No Jokey qual era a tua tarefa?

Entrevistada: A minha tarefa era ajudar a por as crianças em cima dos cavalos, a ter atenção à postura delas, fazer jogos para desenvolver, a pô-los a “pensar” e desenvolver as atividades motoras.

Entrevistador: Destes todos qual achas que para ti foi o mais gratificante?

Entrevistada: Foi o Jockey sem duvida.

Entrevistador: Quais as competências pessoais e técnicas que pensas ter desenvolvido com o voluntariado?

Entrevistada: Em primeiro lugar aprendi a ter paciência porque nós aqui somos todos muito parecidos e acho que pelo menos no caso do pragal, onde dou explicações, as pessoas são completamente diferentes de nós e é preciso ter imensa paciência, esforço e demonstrar carinho muitas vezes para estar a ouvir ou para falar com elas para além de ser só debitar matéria e explicar. Acho que exige mais de mim no sentido em que às vezes torna-se um esforço.

Entrevistador: E no Jockey também a prendeste a lidar com pessoas portadoras de deficiência?

Entrevistada: Sim, aprendi a lidar com essas deficiências e tecnicamente também é preciso ter muita paciência porque os miúdos não sabem o que estão a fazer, ou alguns deles já começam a ter confiança a querer “esticar a corda” e temos de ter paciência

porque não nos podemos chatear com eles assim como faríamos com outro tipo de crianças.

Entrevistador: Que tipo de valores pensas que um voluntário deve ter?

Entrevistada: Eu acho que ele deve estar preparado para tudo, ser responsável pois o voluntariado é uma coisa que deve ser assídua. Acho que deve ter paciência, deve estar mentalmente preparado para tudo e acima de tudo tem de ser bem disposto e ter bom espírito de equipa.

Entrevistador: E achas que te identificas com eles?

Entrevistada: Eu acho que sim, claro que às vezes há alturas em que é mais difícil estar sempre presente e querer estar sempre lá.

Entrevistador: Consideras-te uma cidadã ativa?

Entrevistada: Faço voluntariado, mas acho que sou mais ou menos. Para além do voluntariado não faço mais nada assim para contribuir para a sociedade. Acho que podia fazer muito mais. Nós somos tantos e há tanta gente a precisar de ajuda que nós muitas vezes pensamos mais no nosso umbigo do que nos outros, mais em nós do que os outros que estão lá fora a precisar de ajuda. Acho que eu estando disponível poderia fazer muito mais além do voluntariado que eu faço e sei lá, as vezes pode-se fazer isto ou aquilo para ajudar e não se faz.

Entrevistador: Achas que devido ao voluntariado passaste a estar mais atenta aos problemas existentes?

Entrevistada: Sim, eu acho que sim, porque eu já pratico voluntariado desde pequenina, desde o sétimo ano e acho que desde essa altura que comecei a ter mais atenção às pessoas e ver que não são todas iguais a mim e que não têm as mesmas possibilidades, as mesmas oportunidades e comecei a ver que existem muitas desigualdades e que devia dar mais atenção a elas e ter cuidado muitas vezes com aquilo que digo ou que faço.

Entrevistador: Consideras que o projeto desta escola é importante para a melhoria dos problemas existentes do ambiente que a envolve?

Entrevistado: Eu acho que sim, eu acho que pelo menos o colégio dá imenso apoio ao voluntariado e acho que é uma coisa ótima porque o que nós fazemos pode não ser muito mas acho que é melhor fazer qualquer coisa do que não fazer nada, é sempre uma ajuda.

Entrevistador: Consideras que o trabalho que de voluntariado que desenvolveste foi sempre ao encontro daquilo que tencionavas e expectavas?

Entrevistada: Sim, porque o colégio oferece um variado leque de possibilidades para fazermos determinadas coisas e no meu caso tive a oportunidade de escolher as áreas que mais gostava e experimentei de tudo um pouco. Acho que o colégio oferece imensas possibilidades.

Entrevistador: E quando escolheste pensas-te: “ah vou fazer com crianças, vou gostar imenso” e depois foi isso mesmo que aconteceu?

Entrevistada: Hum...não. É assim, a primeira vez achei muito giro e gostei muito daquilo mas depois há alturas em que aquilo é quase um sacrifício mas que se nós nos responsabilizamos para fazer aquilo temos de fazer até ao fim.

Entrevistador: Para ti quais são os pontos fortes e fracos deste projeto?

Entrevistada: Os pontos fortes são dar-nos a conhecer todas essas vertentes e todos estes espaços que existem e que nós nem damos por eles. Os pontos negativos... sinceramente não vejo assim nada que mudasse.

Entrevistadora: Então, no geral o que aprendeste com o voluntariado?

Entrevistada: Eu aprendi a dar-me. Como eu disse, eu era daquelas pessoas que se calhar pensava mais em mim e só depois é que pensava nos outros e depois de começar a fazer estas atividades é que comecei a perceber que me sentia melhor a dar de mim, disponibilizar-me para as outras pessoas do que estar em casa a ver televisão. Essencialmente foi isso. Aprender a dar-me e tentar não viver num mundo tão egocêntrico.

Entrevistador: Pretendes continuar a fazer voluntariado? Porquê?

Entrevistada: Sim, quero continuar imenso a fazer voluntariado, não digo nas mesmas instituições, mas experimentar outras coisas porque não quero viver num mundo só meu e há tantas pessoas a precisar de ajuda que eu acho que faz parte do meu dever ajudar aqueles que não têm tantas possibilidades como eu.

Entrevistador: Então sentes-te bem a fazer voluntariado?

Entrevistada: Sim, muito.

Entrevistador: Pronto, já está. Muito obrigada.

-Entrevista D- Colégio São João de Brito – Entrevistado Masculino

Entrevistador: Alguma vez tinhas pensado em fazer voluntariado?

Entrevistado: Acho que só comecei mesmo a pensar nisso no 9º ano, que foi quando o meu irmão começou a ir para o Pragal para fazer um tipo de voluntariado mais a sério. Aliás, até ao nono ano não era uma coisa de que eu gostava porque pensava que eram os beatos que faziam aquilo e não me identificava muito. Só que comecei a fazer semanalmente no 10º ano e agora gosto imenso. É ir lá uma hora e ao princípio parece chato mas comecei mesmo a entusiasmar-me e a ir lá com gosto.

Entrevistador: Então consideras que o teu irmão foi uma influência?

Entrevistado: Sim, o meu irmão e a minha mãe, que também faz eventos de solidariedade, encorajaram-me a ver realidades diferentes.

Entrevistador: Como é que tomaste conhecimento do projeto da tua escola e o que te levou a aceitar?

Entrevistado: O meu primeiro contacto foi com um amigo do meu irmão que trazia testemunhos lá para a casa e um deles falou da ludoteca “ah, vais para lá, é só uma hora, não custa nada ajudar os miúdos a fazer os trabalhos” e eu comecei a pensar naquilo. Quando a Joana disse, em Setembro, que as inscrições estavam abertas e que a partir daí nós poderíamos inscrever-nos, eu peguei naquilo sem hesitar e inscrevi-me. O folheto

informativo também estava ótimo e isso ainda apelou mais à minha vontade em fazer voluntariado.

Entrevistador: Para ti o que é o voluntariado?

Entrevistado: O voluntariado em si é complexo mas acho que são serviços que uma pessoa faz tendo em conta o bem dos outros portanto há pessoas que prestam serviços mas se calhar a intervenção não é a pensar no bem dos outros e o voluntariado tem esse aspeto que é “ok, eu hoje vou prescindir do meu tempo ou de momentos mais lúdicos para estar a servir pessoas que têm uma vida muito mais difícil que a minha”. Nesse aspeto sou afortunado e é óbvio que me vai custar mas acho que o voluntariado é mesmo isso: é um custar mas que no fim tem sempre aquela recompensa de ver os miúdos a brincar e satisfeitos.

Entrevistador: Tiveste algum tipo de formação antes de colaborar com a instituição?

Entrevistado: Como formação tivemos uma conferência em que fomos separados pelos que gostavam mais de trabalhar com crianças, com os mais velhos ou com comida, tudo o que o programa de voluntariado tem, e disseram: “se vocês se inscreveram é porque têm um chamamento mais forte para as crianças ou para outras áreas” por isso a formação em si no sentido de tens de fazer isto assim e assim, mesmo dar instruções, foi mais a chamada experiência no terreno mas acho que os dez anos que tive cá, não feitos pelo programa de voluntariado, já foram uma ótima formação para o que faço.

Entrevistador: E tiveste algum tipo de formação/orientação durante o teu trabalho na instituição?

Entrevistado: No meu primeiro ano tive dois colegas mais velhos, que eram do 12º ano e o mais experiente orientava-nos. Depois havia lá um voluntário exterior ao colégio que pronto, também manejava as coisas. Agora inverteu-se a situação, sou eu o mais velho e tenho colegas do 10º ano e continua a haver esse tal voluntário de vinte e tal anos que ainda me ajuda mas já posso tomar as minhas decisões portanto tenho um grau de responsabilidade.

Entrevistador: Então achas que te sentes mais autónomo?

Entrevistado: Sim, acho que eu tomo uma decisão que pode afetar o trabalho algo que no 10º ano nem pensava fazer do tipo: “acha que agora já posso?”, e agora é mais “sim, sim, vai lá”

Entrevistador: Estavas consciente do teu papel enquanto voluntário?

Entrevistado: Não sei, Tecnicamente não sabia que tinha algum direito. Direitos e deveres assim técnicos não, agora sabia bem o que queria fazer e o que podia fazer mas acho que tecnicamente aqueles pontos mesmo chave não.

Entrevistador: Com que instituições já colaboraste e quais as tuas tarefas?

Entrevistado: Neste programa do colégio tive os dois anos sempre com a mesma instituição, que é a ludoteca do Bom Pastor, aqui no centro da alta de Lisboa, que funciona mais ou menos como um ATL. As crianças vão para lá fazer os trabalhos de casa, passar o tempo ou algo semelhante e eu basicamente o que tenho de fazer é ajudar a fazer os trabalhos de casa, dar trabalhos de casa, dizer pouco barulho, coordenar mais ou menos o comportamento deles e garantir que ou aprendem uma coisa nova ou que os trabalhos estão feitos.

Entrevistador: Quais as competências pessoais e técnicas que pensas ter desenvolvido?

Entrevistado: A comunicação, acho que eu antes falava, mas é mais aquele palavreado mais de nono ano e agora quando fui lá tive de ter cuidado com o vocabulário para não dizer certas coisas e acho que a comunicação desde aí evoluiu. E eu agora devido ao voluntariado já não tenho vergonha de falar com as crianças e de dizer coisas erradas. Outra coisa acho que foi o ato de ensinar, isso também tem a ver com a comunicação só que por exemplo a minha prima agora vira-se muito para mim para buscar soluções de exercícios que está a trabalhar na aula e eu sou capaz de corresponder e dizer: “ah então faz assim...” e eu acho que isto foi graças ao 10º ano na ludoteca que me deu mais confiança para dizer “isto está errado, isto não”. Competências técnicas, não sei. A comunicação e a parte de ensinar acho que foi o essencial. Ah, e também uma mais pessoal, acho que isto é semanal, uma hora e dez por isso o serviço, por exemplo, eu ia de carro, agora tenho de apanhar o autocarro que está sempre cheio pois só há uma carreira e então acho que aumentou a minha capacidade de servir. Agora estou mais disponível para dar de mim graças a isto.

Entrevistador: Que tipo de valores pensas que um voluntário deve ter?

Entrevistado: Se calhar uma resposta muito típica aqui no colégio é ser católico, mas acho que fazer voluntariado é muito bom e todos devem fazer. Acho que o serviço é o mais forte, a disponibilidade e o espírito de gratuidade. É o gostar de dar tanto como a sociedade espera de nós. Fazer as outras pessoas sentirem que podem pedir qualquer coisa que um voluntário vai querer corresponder. Outros valores é a afetividade, uma pessoa não pode ser nem muito fria, nem muito sensível porque há pessoas, por exemplo, no primeiro dia em que fui lá havia uma menina e eu toquei-lhe no cabelo porque era meio estranho e ela disse “ah é porque a minha mãe queimou-me o cabelo” e eu fiquei um pouco sem reação: “ok, hum...então mas que trabalhos tens hoje?” Eu no primeiro dia fiquei logo um pouco chocado. Então pronto, eles hoje contam-me histórias assim e eu tento perguntar “ah, então mas o que é que tinhas feito?” tento suavizar o assunto e depois depende de cada área de voluntariado. Se for uma área mais física é tentar não se vencer pelo cansaço, tentar estar sempre pronto “então e agora o que queres fazer? E agora?”. Quanto ao trabalho com crianças acho que é importante também ser um exemplo. Penso que é um dos pontos mais essenciais do voluntariado, ser um exemplo. Possivelmente é uma pessoa que eles se vão lembrar daqui a uns anos e pensar “ah aquele tipo vinha cá ajudar, talvez também o possa fazer”. Acho que este é um bom valor.

Entrevistador: Então e achas que tens em ti todos esses valores?

Entrevistado: Utopicamente acho que sim, mas às vezes custa um bocado, por exemplo chego lá naquelas semanas mesmo cansativas e às vezes custa-me estar lá com um sorriso na cara e tentar motivar ou ir ao banco alimentar, essas vezes é difícil mas acho que para eu me achar mesmo voluntário tenho de superar isso e ajudar as pessoas.

Entrevistador: Então consideras-te um cidadão activo?

Entrevistado: Sim, acho que sim. Pelo menos na vida daqueles miúdos. Não é que o voluntariado mude o mundo mas acho que ativo sou porque fico todos os dias aqui até às cinco e meia, que não é bem um sacrifício, e apanho o autocarro para fazer algo pelos outros. Acho que sim, sou ativo.

Entrevistador: Consideras que este projeto da escola contribui para a melhoria de problemas existentes?

Entrevistado: Sim acho que sim, pegando no exemplo de um amigo meu que vai comigo: Eu antes ia com dois amigos do meu irmão, que se calhar não me dava tão bem, e agora somos amigos. Acho que há muita gente que não se fala nos corredores, e que com o voluntariado se unem ou criam uma ligação ótima e acho que é importante porque aqui no colégio as pessoas são um bocado riquinhas demais e não têm noção do que se passa lá fora e por muito pouco tempo que seja, uma hora ou quarenta e cinco minutos, acho que este programa permite um relance mostrando que há vidas muito diferentes das nossas, pessoas que não têm as coisas que nós temos aqui e acho que este programa proporciona isso.

Entrevistador: Consideras que o trabalho que estás a desenvolver na instituição vai ao encontro daquilo que tencionavas e esperavas?

Entrevistado: Foi mais ou menos, porque uma pessoa tem sempre umas expectativas um bocado altas ou baixas e dependendo disso vai sempre chocar com a realidade. Eu no primeiro dia estava mesmo nervoso e só pensava que tinha de relaxar: “Será que vou dizer as coisas certas? e saber o que me vão perguntar?” Mas depois saí de lá com um sentimento de “ok, acho que correu bem e a próxima quarta-feira vai ser muito melhor” e fui ganhando confiança e à vontade.

Portanto era e não era o que estava à espera porque eu só tinha dois exemplos de infantários: este do colégio, que é uma área enorme, e a minha primária e infantil que era mais pequena. No entanto, quando lá cheguei aquilo era do tamanho deste gabinete por isso houve aí um choque e para além disso aquilo tem um cheiro característico que uma pessoa não está habituada. Houve mesmo ali um choque mas em termos essenciais, porque isto são coisas mais exteriores, de resto foi muito ao encontro das minhas expectativas. Há um choque grande a nível de identidades entre mim, que tenho uma família estável, uma boa casa e uma boa família e embora eu já tivesse ouvido falar daquele bairro e que tinha mau aspeto e as pessoas também, consegui observar isso em primeira mão e hoje até me sinto mais à vontade porque sei o que se passa lá dentro e eles sabem que eu vou lá ajudar as crianças, por isso as expectativas nesse aspeto foi o que eu estava à espera.

Entrevistador: Pronto e foste mesmo tu que decidiste trabalhar com crianças, certo?

Entrevistado: Sim, com adultos não me imagino.

Entrevistador: Para ti, quais os pontos fortes e fracos deste projeto?

Entrevistado: Fortes: acho que mobilizam muita gente, fracos: é que a maioria dos voluntários também são aqueles que apoiam a pastoral, não é um grupo alvo mas são aqueles mais motivados ao serviço do que aqueles que não estão tão envolvidos nisso. Embora eu às vezes fique admirado por ver alguns colegas a fazer e penso sempre “aquele está a fazer voluntariado? não estava à espera mas é muito bom”. Mesmo assim ainda há muita gente e isto é um ponto fraco que não é do programa, pois este é muito bom, é mais das pessoas. O programa devia ser mais insistente com estas pessoas e apelar de uma forma mais atrativa todos os alunos a ajudarem a comunidade exterior. Há muito aqui à volta. Estes bairros aqui são problemáticos e há uma data de instituições e pessoas com graves problemas e acho que a esse respeito é muito bom porque sem o projeto para nós o Lumiar era o colégio e ponto.

Entrevistador: A partir do voluntariado passaste a interessar-te mais pelos problemas sociais ou notícias do jornal?

Entrevistado: Sim, não tinha noção do que se passava lá fora. Vinha todos os dias para o colégio e voltava ou de carro ou de metro e mais nada. Via um cigano e até tinha medo e hoje graças ao voluntariado e aos professores olho para um homem com a roupa toda rota e em vez de ter medo penso “este homem não deve ter a vida nada fácil” e começo a relativizar. As notícias e a minha mãe nos eventos de solidariedade falam muitas vezes em mulheres que são abandonadas grávidas ou que não têm emprego ou de filhos que são abandonados e eu penso sempre nisso porque na ludoteca também vão para lá pessoas que não tem nem mãe nem pai e por isso cada vez mais graças ao voluntariado tanto no banco alimentar como na ludoteca eu pego mais no que vejo em termos de problemas sociais, preocupo-me mais e acho que isso devo muito ao voluntariado.

Entrevistador: Então assim no geral, o que aprendeste com o voluntariado?

Entrevistado: Aprendi que em mim há uma certa vontade em servir, algo que desconhecia. A minha mãe pedia-me para por a mesa e eu fazia um sacrifício enorme e hoje em dia já ponho e sou mais ativo, acho isso ótimo. O sentido de disponibilidade também e a vontade de ensinar. No 10º ano não fazia a mínima ideia do que queria fazer e com o voluntariado cheguei à conclusão que o que gostava mesmo era de ser professor. Ajudar as crianças e falar com elas e esclarecer as dúvidas delas. Acho que o voluntariado mudou muito esse aspeto da minha vida que foi o ensino. Cada vez gosto mais de aprender e ensinar.

Entrevistador: então achas que o voluntariado te motivou de certa forma para a escola?

Entrevistado: Sim, eu tenho estes meios todos para ter boas notas, tenho uma boa família e um ótimo colégio e olhando para aquelas crianças penso: porque é que não haveria de estar a aproveitar isto? O voluntariado, embora sejam só 15 miúdos mais ou menos levou-me a pensar que tinha de fazer mais e portanto foi algo importante.

Entrevistador: Pretendes continuar a fazer voluntariado? Porquê?

Entrevistado: Sim, porque por exemplo o programa só me deixa ir para o pragal no 12º ano e vai ter de por em causa uma tarde, mas eu não queria deixar estes miúdos porque ao longo da semana só há quatro voluntários. O voluntariado já fez tanto pela vida deles que é algo que quero manter e ser um bom exemplo. Quando estou no voluntariado esqueço tudo, posso estar preocupado porque tenho um teste amanhã mas esqueço por completo porque há pessoas com problemas maiores do que os meus e se estou preocupado é porque já devia ter estudado. É esta sensação de dar que eu acho que é rejuvenescedora.

Entrevistador: Ultima pergunta, achas que o voluntariado te pode trazer benefícios para o futuro?

Entrevistado: Sim, acho que é o maior benefício que uma pessoa pode dar a si própria: primeiro porque hoje em dia num espaço mais profissional as empresas estão cada vez mais a investir na solidariedade social e em eventos de caridade e isto é uma “montra”. Depois graças ao voluntariado já tenho uma ideia do que quero fazer, gostava de ir tirar um ano para fazer voluntariado ou no nosso país ou mesmo lá fora. O voluntariado irá trazer benefícios nem que seja num futuro próximo ou daqui a dez dias porque me sinto

melhor ao ver a vida deles melhor. O voluntariado só pode trazer benefícios, sou uma melhor pessoa agora.

Entrevistador: E pronto, já está! Obrigada!

-Entrevista E – Escola Secundária Romeu Correia – Entrevistado Feminino

Entrevistador: Alguma vez tinhas pensado em fazer voluntariado?

Entrevistado: Já, há dois anos porque sempre tive curiosidade em experimentar fazer voluntariado com idosos.

Entrevistador: E porquê com idosos?

Entrevistado: Porque sempre gostei muito, sempre lidei com idosos e sempre tive aquele desejo em querer ajudar, estar com eles e falar com eles.

Entrevistador: Como tomaste conhecimento do projeto e o que te fez aceitar?

Entrevistado: O professor falou connosco quando começámos os TAPS. Ele perguntou o que achávamos sobre fazer voluntariado e como é uma coisa que sempre quis fazer e que fica no currículo decidi aceitar.

Entrevistador: Achas que foste influenciada por alguém? Um familiar ou amigos ou achas que foi mesmo iniciativa tua?

Entrevistado: A minha avó costuma de estar com idosos e adora, mas acho que foi mesmo por incentivo próprio.

Entrevistador: Para ti, o que é o voluntariado?

Entrevistado: É ajudar sem pedir nada em troca, simplesmente recebemos o carinho das outras pessoas.

Entrevistador: Tiveste algum tipo de formação por parte da escola?

Entrevistado: Sim. Disseram o que íamos fazer e discutíamos nas aulas. Falámos que não íamos substituir o trabalho de ninguém e como não era um estágio mas sim um trabalho voluntário, devíamos fazer o que melhor soubéssemos. Não fazíamos nada muito pesado, como mudar uma fralda, porque isso era o trabalho das profissionais. No meu caso estava a dar de comer, falar um pouco com eles, por as mesas e assim. Saí da escola a saber qual o meu papel numa instituição.

Entrevistador: Então e disseram-te como devias fazer as coisas, cuidados a ter?

Entrevistado: Lá na instituição disseram para não prestar muita atenção ao que eles dizem porque eles quando veem pessoas novas podem fazer-se de coitadinhos para nós os ajudarmos em tudo. Portanto davam-nos dicas para nos facilitarem a vida.

Entrevistador: Achas que estavas consciente do teu papel enquanto voluntária?

Entrevistado: Sim, mais ou menos. Sabia que ia para lá e que tinha de falar com eles e os ajudar mas não sabia mesmo ao certo o que iria acabar por fazer. Sabia o que devia ou não fazer.

Entrevistador: Achas que recebeste formação por parte da instituição que te acolheu? Estavas a dizer que te chamaram a atenção, isso ajudou?

Entrevistada: Sim, orientavam-me e explicavam-me como era cada pessoa e de acordo com cada uma como deveria agir. Nós próprios perguntávamos porque por exemplo havia uma senhora que fazia sempre cara estranha e tinha a mania de dizer “andam-me aqui a tratar mal” e era estranho. E claro que nestas situações, nós próprios queremos tentar perceber e eles explicavam sempre.

Entrevistador: Com que instituições já colaboraste e quais as tuas tarefas?

Entrevistada: Na santa casa da misericórdia em Almada. Logo no primeiro dia tive a ajudar a fazer flores em papel para o dia da mulher e a organizar as coisas mais básicas como por as mesas, estar com eles, tirar fotografias, dançar, pronto a animar aquilo. Fiquei logo à vontade! Nos outros dias dou de comer, à boca de alguns, falo com eles, ponho as mesas e por vezes saio em passeio com eles para os ajudar a apanhar o autocarro e também para fazer companhia.

Entrevistador: Quais as competências pessoais e técnicas que pensas ter desenvolvido?

Entrevistada: Eu aprendi a compreender melhor os idosos, a saber falar com cada um deles e a respeitá-los embora, antes de fazer voluntariado já tivesse tido contacto com outros idosos amigos da minha avó, mas é sempre uma experiência enriquecedora.

Entrevistador: Que tipo de valores pensas que um voluntário deve ter?

Entrevistada: Um voluntário deve ser paciente, animado, estar sempre disposto a ouvir e não julgar.

Entrevistador: Porque falas em não fazer julgamentos?

Entrevistada: Porque tive de aprender que alguns idosos não estão bem mentalmente e então dizem às vezes algumas coisas que podes não gostar. Não os devemos julgar porque também estão numa idade com alguns problemas e não nos devemos inferiorizar a nós porque eles às vezes dizem coisas que não querem dizer.

Entrevistador: Identificas-te com todos os valores que referiste?

Entrevistada: Sim, acho que sim.

Entrevistador: E consideras-te uma cidadã ativa?

Entrevistada: Mais ou menos, por estar no voluntariado, a ajudar os outros, sentia que era mais ativa. Infelizmente tive de sair agora devido às notas, mas eu mas eu sempre estive lá porque queria e quero ver se consigo voltar no próximo ano. Agora não me sinto muito ativa porque nem sempre estou a ajudar pessoas como agora que saí da instituição. Podia fazer mais.

Entrevistador: Agora sobre o projeto. Achas que o Ecosol e a sua vertente de voluntariado é importante para a melhoria dos problemas que envolve a escola?

Entrevistada: Sim, eu acho que é bom. O Ecosol no Natal ajuda muitas famílias que não podem ter uma ceia para comer. Temos vários projetos de recolha de tampas para cadeiras de rodas, o óleo que não me lembro o que ajuda, e o voluntariado faz um elo de entrada num outro meio. Veremos como é estar com idosos ou com crianças e portanto

no seu todo acho que é um bom projeto. Isto faz também com que nós alunos tenhamos aquela sensibilidade para as pessoas, para o ambiente e tudo isso.

Entrevistador: Consideras que o trabalho que estás a desenvolver vai ao encontro daquilo que estavas à espera?

Entrevistada: Sim, foi o que eu esperava, só que no início foi um bocado pesado porque eles faziam-me lembrar parentes meus e pensar que um dia poderiam ficar assim fez com que custasse um bocado. Mas sinto-me bem a ajudar porque também há situações que os familiares não aparecem e as pessoas acabam realmente por gostar de nós.

Entrevistador: Para ti, quais são os pontos fortes e fracos deste projeto?

Entrevistada: Os pontos fortes é ajudar imenso não só dentro da escola mas também outras instituições lá fora. Acho que não mudava grande coisa porque é ótimo, só que às vezes os alunos não aderem muito, acabam só por alinhar no cabaz de natal mas de resto, na parte do voluntariado não houve muita gente que aderiu e é um projeto ótimo porque envolve várias áreas, não só idosos, mas também o ambiente, por exemplo. Na parte dos cabazes de natal todos aderem e depois há sempre aquela coisa de qual é o cabaz mais bonito e é muito giro.

Entrevistador: Então e o que é que achas que o projeto podia fazer para chamar mais pessoas a participar?

Entrevistada: Sinceramente não sei. Acho que vem mesmo da parte dos alunos não quererem ou a falta de tempo e não pelo projeto em si. A escola teria de tornar ou divulgar o voluntariado de uma forma mais apelativa, talvez divulgando as vantagens.

Entrevistador: Com este projeto, começaste a interessar-te mais pelos problemas sociais?

Entrevistada: De uma certa maneira sim, porque ao entrar em contacto com os problemas, neste caso dos idosos, fiquei a saber como realmente são, o que tornou tudo mais real, principalmente as notícias dos telejornais. Às vezes custa um bocado ver idosos que morrem em casa sozinhos e é algo que me afeta. Acho mal porque merecem

tanta atenção como as crianças e como os adultos. Custa-me ver notícias a dizer “ah, morreu sozinho numa casa em que só descobriram passado algum tempo”. Custa-me porque toca-me sempre, gostava de poder tido ajudado aquela pessoa.

Entrevistador: No geral então, o que aprendeste com o voluntariado?

Entrevistada: Aprendi a ter mais paciência, às vezes quando uma pessoa sofre de alzheimer e diz que uma coisa está alí e não está, dizer “ah está está” para não a contrariar, não sei bem.

Entrevistador: Pretendes continuar a fazer voluntariado?

Entrevistada: Sim, quero continuar a fazer.

Entrevistador: Porquê?

Entrevistada: Porque acho muito giro e sinto-me bem. Mas também gostava de experimentar outras áreas sem ser só com idosos para ver como é.

Entrevistador: E o que é que achas que o voluntariado pode trazer-te no futuro? Achas que tem vantagens?

Entrevistada: Na minha área tem, é sempre bom para o currículo porque quero mesmo trabalhar com idosos, crianças e isso tudo e portanto é bom até porque vou ter de fazer um estágio e assim já tenho uma noção de como será. Mas acho que é bom mesmo para as pessoas que não estão neste curso porque é sempre uma maneira de nos despertar para várias coisas da vida e ficamos mais sensibilizados para ajudar.

-Entrevista F – Escola Secundária Romeu Correia – Entrevistado Masculino

Entrevistador: Alguma vez tinhas pensado em fazer voluntariado?

Entrevistado: Já tinha esse desejo mas não tinha idade para o fazer.

Entrevistador: E porque é que pensaste nisso?

Entrevistado: Porque faz parte dos meus valores, daquilo que aprendi com os escuteiros e para além disso a minha mãe também faz voluntariado, é como se fosse uma coisa de família.

Entrevistador: E ela levava-te a fazer voluntariado?

Entrevistado: Sim, às vezes quando ela trabalhava no CAF de Almada eu ia com ela e isso talvez tenha sido uma motivação para eu querer fazer.

Entrevistador: Como tomaste conhecimento do projeto e o que te fez aceitar?

Entrevistado: Portanto a turma 11º ano dos TAPS veio à minha sala falar da bolsa de voluntariado e depois o diretor da minha turma também cativou e foi assim. Depois falei com o diretor porque não tinha idade na altura e ele ajudou-me e agora estou a fazer voluntariado finalmente.

Entrevistador: Então e quando eles foram lá à tua sala o que é que te disseram que te fez pensar que era mesmo aquilo que tu querias fazer?

Entrevistado: Começaram a falar do voluntariado e as coisas boas disso mas meteram logo o entrave do problema da idade porque eu sou dos mais novos da turma e para nos inscrevermos temos de ter dezasseis anos e eu ainda tinha quinze, mas o diretor ajudou-me e tudo se encaminhou.

Entrevistado: Para ti, o que é o voluntariado?

Entrevistador: Para mim é aquele momento da semana que eu vou lá e meto as minhas capacidades ao serviço da sociedade. É a minha parte. Dão-me conhecimentos que é a escola e eu devo dar algo à sociedade portanto o voluntariado para mim é dar-me.

Entrevistado: Na tua família, só a tua mãe faz ou fez voluntariado?

Entrevistador: Sim, a minha mãe.

Entrevistado: Sentes então que foi uma grande influência?

Entrevistador: Sim.

Entrevistador: Agora a nível da formação. Tiveste algum tipo de formação antes de começares a colaborar com a instituição?

Entrevistado: Sim, a minha professora de expressões e o meu diretor de turma fizeram um esforço para me preparar. Explicaram-me tudo mas eu acho que eles também confiam em mim e por isso não precisaram de me dar tantas guias como dão aos outros, porque já fui escoteiro. Nos escuteiros tenho de cuidar dos mais novos e portanto já sei mais ou menos formas de ajudar e de estar porque é o dia-a-dia dos escuteiros. Disseram-me para aplicar aquilo que eu já sabia como ter paciência, ser flexível e como viram que já tinha algum conhecimento deixaram-me ir.

Entrevistado: Estavas consciente do teu papel enquanto voluntário antes de iniciares as tarefas?

Entrevistador: Sim, sabia o que podia ou não fazer até porque lá em casa a minha mãe fala muito disto e tenta que corra tudo bem.

Entrevistado: Recebeste apoio e formação por parte da instituição que te acolheu?

Entrevistador: Sim, a Educadora onde eu estou, a Filomena, ajuda bastante e explica-me as dinâmicas e eu acho que isso é que tem sido a minha verdadeira formação pois está ligada à prática em si.

Entrevistado: Com que instituições colaboras e quais as tuas tarefas?

Entrevistador: Estou aqui no infantário do Feijó e a função é estar com eles no intervalo e quando a educadora vai às outras salas, porque só há duas educadoras para três salas, eu fico com eles a dinamizar, a fazer jogos tal como no recreio.

Entrevistado: E já tinhas feito voluntariado em outros sítios?

Entrevistador: Voluntariado social só mesmo aqui, já fiz foi coisas muito pontuais.

Entrevistador: Quais as competências pessoais e técnicas que pensas ter desenvolvido com o voluntariado?

Entrevistado: A nível de competências pessoais aumentei a minha sensibilidade para as crianças, elas tornaram-me mais sensível com as suas histórias de vida porque pessoas com três ou quatro anos já passaram por coisas que eu com quinze anos nunca passei e isso desenvolveu a minha capacidade de ver o mundo de outra maneira. Técnicas, aprendi a cuidar de crianças, a falar com elas, a ser mais responsável e a fazer tudo o que aprendo no curso onde estou. Há muitas teorias e o voluntariado serve para por em prática o que eu aprendo.

Entrevistador: Acho que o voluntariado te motiva para as aulas?

Entrevistado: Sim, sem dúvida. Às vezes estou nas aulas e uma professora fala de alguma coisa e eu penso logo da criança “X” do infantário.

Entrevistador: Que tipo de valores achas que um voluntário deve ter?

Entrevistado: Acho que um voluntário deve ter sensibilidade para alguns assuntos, ter a mente aberta e respeitar essencialmente as pessoas que trabalham com ele.

Entrevistador: Consideras-te um cidadão ativo?

Entrevistado: Acho que sim, eu faço alguma coisa, acho-me ativo agora não sei se estou no contexto certo.

Entrevistador: Sobre o projeto: Consideras que este projeto da tua escola é importante para a melhoria dos problemas que a envolve?

Entrevistado: Sim, algumas escolas aqui do agrupamento beneficiaram muito com o projeto. Havia dias em que havia uma educadora para setenta crianças e sem auxiliar sem nada, o que causa o caos no infantário ou os pais não deixarem lá as crianças. Depois na minha turma há casos de pessoas que não têm dinheiro e o EcoSol tem ajudado bastante, até para virem às aulas porque alguns trabalhavam e já conseguiram reduzir o horário porque o EcoSol os ajudou.

Entrevistador: Achas que pondo os alunos a ajudar e a própria escola ajudar os alunos transmite uma mensagem para vocês?

Entrevistado: Eu acho que dentro do meu curso está dentro na dinâmica mas acho que há outros cursos como ciências que não está tão ligado a isto. Nisto a escola acaba por ser elitista.

Entrevistador: Então quais achas que são os pontos fortes e fracos do projeto?

Entrevistado: Fracos é estar direcionado só para algumas pessoas. O projeto abrange os alunos de toda a escola mas quem realmente ajuda são os cursos profissionais, os outros não são tão ativos nessa parte. Deveriam fazer sessões junto às turmas com voluntários para os motivar. Os pontos fortes são ajudar as pessoas a virem às aulas sem se preocuparem com o trabalho. Para além disso ajuda as pessoas, através do voluntariado, a terem uma função na sociedade, porque há pessoas que se sentem inúteis e com o voluntariado ganham um rumo na vida.

Entrevistador: Consideras que o trabalho que estás a desenvolver vai ao encontro daquilo que estavas à espera?

Entrevistado: Quando comecei lá achei que não iria ser nada demais mas depois reparei que aquilo que eu sinto ao fazer as pequenas coisas é que as crianças dão-me imenso carinho porque eu dou e elas dão-me e isso é mais uma motivação para o voluntariado do que propriamente as tarefas que estou a fazer.

Entrevistador: Com este projeto passas-te a interessar-te mais pelos problemas sociais?

Entrevistado: Não sei, eu sou uma pessoa que vê as notícias mas que não liga muito porque às vezes estamos a ver só as coisas de uma forma pessimista e eu prefiro ver no próprio meio. O voluntariado permitiu-me isso. Por exemplo tenho uma série de colegas que têm vidas muito complicadas e daí é que se percebe a motivação deles, e portanto passei a saber que o importante é saber o contexto dos problemas que tanto se ouvem falar porque as notícias dão mesmo uma perspetiva muito pessimista.

Entrevistador: No geral o que é que aprendeste com o voluntariado?

Entrevistado: É mais aplicar o que aprendo nas aulas e isso é mais uma motivação.

Entrevistador: Pretendes continuar a fazer voluntariado?

Entrevistado: Pretendo continuar mas é as vezes o tempo não o permite. Agora já não, já fiz os trabalhos todos mas houve uma altura do segundo período que deixava-me tarde a fazer os trabalhos e acordava cedo para ir para o voluntariado. Acho fiz um sacrifício para o voluntariado e é uma experiencia que eu vou tentar continuar mas depende sempre do horário.

Entrevistador: Achas que o voluntariado te pode trazer vantagens?

Entrevistado: Claro que tem vantagens, como cidadão. Permite que eu dê o meu contributo à sociedade porque ela dá-me educação a partir da escola e com o voluntariado também dou a minha parte e acho que isso é das coisas mais importantes do voluntariado.

Entrevistador: Então achas que o voluntariado no teu futuro contribui para...

Entrevistado: Contribui para eu ser uma pessoa melhor.

-Entrevista G – Escola Secundária Romeu Correia – Entrevistado Masculino

Entrevistador: Alguma vez tinhas pensado em fazer voluntariado.

Entrevistado: Não, nunca me tinha vindo à cabeça.

Entrevistador: Então como tomaste conhecimento do projeto e o que te fez aceitar?

Entrevistado: O projeto EcoSol foi divulgado pelas salas e falaram disso de uma maneira que me fez logo querer participar. Disseram que o voluntariado era bom para nós e perguntaram se os alunos estavam interessados e no fim acabei por inscrever-me e não estou nada arrependido.

Entrevistador: Para ti o que é o voluntariado?

Entrevistado: É ter a hipótese de ajudar os outros.

Entrevistador: Tens alguém na família que faz ou fez voluntariado?

Entrevistado: Não.

Entrevistador: Tiveste algum tipo de formação antes de começares a colaborar com a instituição?

Entrevistado: Na área onde estou falamos muito sobre a área social e por isso acho que a escola acabou por me dar uma formação para o que iria enfrentar no voluntariado. Para além disso já tive um estágio onde aprendia a maioria das coisas.

Entrevistador: Estavas consciente do teu papel enquanto voluntário antes de começares as tarefas?

Entrevistado: Sim, explicaram-me logo qual seria o meu papel mas assim o que ia fazer mesmo foi-me dito só na instituição.

Entrevistador: Então recebeste apoio por parte da instituição que te acolheu?

Entrevistado: Sim, tenho uma orientadora que me explica tudo e responde às minhas perguntas.

Entrevistador: Com que instituições já colaboraste e quais as tuas tarefas?

Entrevistado: Trabalhei na Trafaria com crianças e idosos. Com os idosos tinha de estar com eles, dar-lhes de comer e com as crianças foi mais tomar conta delas. Com os idosos é melhor porque eles já sabem ter uma conversa enquanto que uma criança quer atenção.

Entrevistador: Então porque é que agora trabalhas com crianças?

Entrevistado: Também é bom. Escolhi porque só tinha estado uma semana com crianças, então foi para tirar as dúvidas.

Entrevistador: Quais as competências pessoais e técnicas que pensas ter desenvolvido com o voluntariado?

Entrevistado: Talvez a parte da refeição. Eu não sabia como havia de dar de comer e como era com os medicamentos e isso foi algo que me ensinaram. Parece simples mas fez-me crescer.

Entrevistador: E competências pessoais?

Entrevistado: Aprendi a ouvir, eles tinham conversas comigo, falavam de tudo, sobre a sua infância e isso tudo. Às vezes era um bocado chato mas gostava de ouvir. Com as crianças aprendi a ter paciência, acho que nem é tanto de impor autoridade porque ainda fazem pior, só querem fazer o que não devem.

Entrevistador: Que tipo de valores pensas que um voluntário deve ter?

Entrevistado: Disponibilidade, assiduidade, motivação e ser responsável.

Entrevistador: Porquê?

Entrevistado: Então porque por exemplo naquela semana que vamos à praia com elas temos que nos encarregar que não acontece nada de mal e isso é ser responsável.

Entrevistador: Identificaste com estes valores?

Entrevistado: Sim.

Entrevistador: Consideras-te um cidadão ativo?

Entrevistado: Sim acho que sim mas não sei explicar.

Entrevistador: Tu fazes voluntariado e por isso achas que és mais ativo que os outros?

Entrevistado: Sim, mas não tanto. Acho que podia fazer mais principalmente com os idosos.

Entrevistador: Agora sobre o projeto. Consideras que o projeto da escola é importante para a melhoria dos problemas que a envolve?

Entrevistado: Acho que sim que faz diferença até porque acho que é a única escola que tem um banco de voluntariado e acho que é bom para os alunos e não só.

Entrevistador: Porquê?

Entrevistado: Porque acho que desenvolvem mais competências e mais capacidades sociais nos alunos e é uma mais-valia para a escola porque ajuda os alunos.

Entrevistador: O trabalho que estás a desenvolver é aquilo que esperavas?

Entrevistado: Não é aquilo que estava à espera porque foi como eu disse prefiro os idosos. Com as crianças tenho de ter muita paciência e depois se descobrem o nosso ponto fraco já não há nada a fazer e isto não acontece com os idosos.

Entrevistador: Com este projeto de voluntariado passas-te a interessar-te mais pelos problemas sociais?

Entrevistado: Sim, olha passei a ver o telejornal, coisa que não via e para além disso tornei-me mais preocupado em querer perceber o porquê dos problemas e o que cada um poderia fazer para os melhorar.

Entrevistador: Para ti quais são os pontos fortes e fracos do projeto?

Entrevistado: Pontos fortes é ajudar os alunos que mais necessitam porque este projeto não é só a bolsa de voluntariado, para além disso facilita também a ponte entre os alunos que querem fazer voluntariado e quem precisa de ajuda. Os pontos fracos, não sei mesmo.

Entrevistador: Para ti qual é a maior vantagem?

Entrevistado: A maior vantagem é poder ajudar os outros.

Entrevistador: E achas que te pode trazer vantagens no futuro?

Entrevistado: Acho que sim, se for trabalhar nesta área já saberei como lidar com quem vou trabalhar.

Entrevistador: Então achas que te pode ajudar a arranjar emprego?

Entrevistado: Sim, profissionalmente podem ver-me de outra forma. Não quer dizer que te deem um valor muito alto mas destacas-te por fazer voluntariado.

Entrevistado: Então e pontos fracos, o que mudavas?

Entrevistado: Não sei, talvez deixarem mudar de instituição sem ter de esperar pelo fim do ano letivo.

Entrevistador: No geral o que é que aprendeste com o voluntariado?

Entrevistado: A compreender as crianças, acho que é uma coisa difícil.

Entrevistador: Pretendes continuar a fazer voluntariado e porquê?

Entrevistado: Sim, pretendo continuar mas com idosos porque gosto destas atividades.

Entrevistado: Mas pretendes trabalhar com idosos porque gostas e gostavas de trabalhar nessa área ou porque te sentes bem a fazer voluntariado?

Entrevistado: Penso que ambas as coisas. Se não me sentisse útil a fazer voluntariado, não o faria.

Entrevistador: Uma pergunta agora à parte. Tu estás num curso profissional de apoio psicossocial não é? Porque escolheste este curso?

Entrevistado: Não sei, na altura apareceu e foi a opção que mais me motivou.

Entrevistador: E achas que este curso te motiva mais para a escola?

Entrevistado: Sim, já tinha pensado desistir da escola mas acho que o curso e o voluntariado, pela parte prática que complementa o que tenho vindo a aprender, puxaram por mim.

Entrevistador: Pronto, já está, obrigada!

-Entrevista H– Escola Secundária Romeu Correia – Entrevistado Feminino

Entrevistador: Alguma vez tinhas pensado em fazer voluntariado?

Entrevistado: Antes de estar neste curso de técnico de apoio psicossocial não tinha pensado muito nisso. Também era mais novinha e não tinha consciência de muitas coisas que vim a ter neste curso, como os vários tipos de problemas sociais e quais as dificuldades que existem. Aí sim comecei a ver que é importante fazer voluntariado e comecei a pensar em fazer. Depois também há uma questão sobre eu ter de fazer um estágio e assim vou-me ambientando ao local.

Entrevistador: E como tomaste conhecimento deste projeto e o que te fez aceitar?

Entrevistado: Foi através do curso e porque um dos organizadores da bolsa de voluntariado é o meu diretor de turma e então tomamos logo conhecimento direto porque trabalhamos com este professor. Então foi a partir daí e depois candidatei-me.

Entrevistador: Para ti, o que é o voluntariado?

Entrevistado: Para mim o voluntariado é um auxílio extra aquele que a instituição já tem, é sempre bom mais uma ajuda porque eles não conseguem fazer coisas banais tendo outros assuntos com maior importância dependentes. Cabe então a nós estarmos lá a fazer aquilo que eles muitas vezes não têm tempo, coisas básicas.

Entrevistador: Algum familiar teu, já fez ou faz voluntariado?

Entrevistado: que eu tenha conhecimento acho que não.

Entrevistador: Tiveste algum tipo de formação antes de começares a colaborar com a instituição?

Entrevistado: Tive um tempo de estágio no 1º ano de curso durante um mês. Formação em si, mais ou menos. A parte teórica é que tenho a partir da escola porque nós tratamos muito deste tipo de assuntos.

Entrevistador: Estavas consciente do teu papel enquanto voluntária antes de iniciares as tarefas?

Entrevistado: Mais ou menos, não sabia muito daquilo que compete a um voluntário. Eu trabalhei com idosos, tinha ideia do que era trabalhar com eles porque o meu estágio foi lá. Agora com crianças nunca tinha lidado assim diretamente, só em casa mas não é

a mesma coisa. Então acho que não. Agora é que já estou a ficar mais integrada mas de início acho que não.

Entrevistador: Recebeste apoio e formação por parte da instituição que te acolheu?

Entrevistado: O meu diretor de turma, quando foi para começar levou-me lá e tivemos uma reunião com as coordenadoras onde elas me explicaram o meu papel, como eram as instalações, esse tipo de coisas.

Entrevistador: Com que instituição colaboraste e quais as tuas tarefas?

Entrevistado: Como voluntária trabalho aqui na escola de Vale Flores.

Entrevistador: E o que fazes lá?

Entrevistado: Então, esta escola tem miúdos problemáticos não só ao nível do comportamento mas também a nível cognitivo ou cegos. Eu vou lá para a sala de aula uma vez por semana e dou-lhes apoio durante a aula porque o professor tem a matéria dele para dar e fico eu ao lado deles a acompanhá-los porque precisam de mais atenção. Muitas vezes os mais mal comportados também por terem alguém ao lado acalmam-se e ficam mais atentos. Depois durante o intervalo faço jogos com eles que é uma coisa que ninguém faz e como é uma escola do primeiro ao quarto ano é só auxiliares a vê-los mas ninguém interage com eles. Então eu faço esse trabalho no intervalo e durante as aulas dou apoio ao professor.

Entrevistador: Isso é durante quanto tempo?

Entrevistado: É das nove ao meio dia. É até mais ou menos à hora de almoço.

Entrevistador: Quais as competências pessoais e técnicas que pensas estar a desenvolver com o voluntariado?

Entrevistado: Pessoais, talvez ajudar o outro. Para já, é uma coisa que eu gosto de fazer e portanto aí já me dá valor pessoal que é uma coisa que todos deviam de fazer porque é sempre bom ajudar. A nível técnico é ficar a conhecer outra realidade e saber trabalhar com ela. Não só aprendo a estar ali com os outros e a ajudar como a observar o que está à minha volta.

Entrevistador: Que tipo de valores pensas que um voluntário deve ter?

Entrevistado: Deve estar muito apto a tentar perceber o outro com quem vai trabalhar e que tenha consciência do voluntariado que vai fazer. Há muitas situações que vai ter de lidar e coisas que vai ter de fazer portanto tem de ser muito dinâmico, acho que é o mais essencial. Não convém ser muito envergonhado, convém ser aberto e estar pronto a qualquer situação porque estamos ali para ajudar e não podemos estar acanhados.

Entrevistador: Identificas-te com estes valores?

Entrevistado: Identifico-me.

Entrevistador: Então consideras-te uma cidadã ativa?

Entrevistado: Podia ser um bocadinho mais mas como ainda tenho a escola e os trabalhos para fazer e estudar... por mim até podia estar no voluntariado mais vezes mas como à muitas outras coisas acho que não conseguiria fazer mais do que aquilo que faço. Acho que agora sou muito mais ativa mas dentro daquilo que posso.

Entrevistador: Agora sobre o projeto da escola. Consideras que o projeto da escola é importante para a melhoria dos problemas que a envolve?

Entrevistado: O voluntariado é uma parte do projeto recente mas acho que faz muito porque envolve tudo o que está à nossa volta, não estamos focados só dentro da escola mas também vemos o que está lá fora. Dá-nos a possibilidade de ajudarmos, de fazermos algo tanto pelos nossos colegas como lá fora e isto é bom para os alunos de qualquer curso que tenham interesse em ajudar. É sempre bom para todos. O EcoSol no geral é muito bom até porque os projetos que ajudam os alunos mais carenciados muitas vezes não são suficientes e este é diferente porque até os professores ajudam os próprios alunos e suas famílias, de forma indireta.

Entrevistador: E achas que isso é uma forma de transmitir um exemplo para os alunos?

Entrevistado: Sim, eu acho que quem está mais envolvido no projeto tem mais noção dos problemas existentes. Há alunos aqui na escola que não sabem muito bem o que se passa mas acho que o projeto, para quem quer participar ou conhece, é uma boa forma

de influenciar não só a sua maneira de estar na vida mas também a forma como olhamos para os outros sabendo que podemos marcar a diferença.

Entrevistador: Consideras que o trabalho que estás a fazer era mesmo aquilo que estavas à espera?

Entrevistado: Sim, basicamente o que eu queria era dar assistência às crianças e basicamente é o que estou a fazer com a vertente de estar no intervalo a fazer jogos que ninguém faz. Vou lá eu própria fazer isso e é bom ser alguém que não há naquela instituição e fazer coisas que ninguém faz.

Entrevistador: E o resultado desse trabalho com crianças era mesmo o que esperavas, ou seja: vou trabalhar com crianças, vai ser ótimo e foi mesmo isso que aconteceu?

Entrevistado: Hum... a parte boa digamos que é sempre o que estamos à espera, mas depois a parte má nunca pensamos porque há miúdos mal comportados, outros não obedecem, mas isso é em todo o lado. Esta parte nunca pensamos muito mas não me incomoda porque acho que é mais o que tenho e bom do que o que tenho de mau.

Entrevistador: Para ti quais são os pontos fortes e fracos deste projeto?

Entrevistado: Do voluntariado como disse, um dos pontos fortes é poder sair da escola e ver coisas que não vemos aqui dentro independentemente de com quem fazemos voluntariado: adultos, idosos, crianças ou mesmo com deficiências. Pronto ter contacto com pessoas diferentes de nós. Negativos, não há assim nada que mudasse.

Entrevistador: Por exemplo, achas que podia ser mais bem divulgado?

Entrevistado: Da vertente do voluntariado sabem, foi divulgado e há pessoas interessadas, até fui eu própria uma das que foi divulgar a bolsa às salas de aulas e falar do projeto nas turmas e correu bem. Agora o EcoSol ouve-se falar há muito tempo mas ninguém tem a noção mesmo do que é que envolve porque o EcoSol envolve imensas coisas, não é só distribuição de comida tem outras coisas. Aí acho que deveria haver uma maior divulgação. Alertar de uma maneira diferente.

Entrevistador: Com este projeto passaste a interessar-te mais com os problemas sociais?

Entrevistado: Acho que isso não foi tanto com o projeto, foi mais pela formação que estou a ter mas penso que o voluntariado pode ajudar as pessoas a refletirem sobre os problemas sociais. No meu curso sou alertada para isso diariamente e então penso que não veio tanto do voluntariado mas mais pela formação.

Entrevistador: Porque escolheste esta área?

Entrevistado: Inicialmente porque queria trabalhar com crianças mas agora que estou no curso comecei a interessar-me mais por outras áreas porque falamos da acção social no âmbito não só de crianças mas no apoio à velhice e começo a interessar-me por tudo um pouco mas inicialmente foi pelas crianças.

Entrevistador: O que é que aprendeste com o voluntariado, agora no geral?

Entrevistado: Aprendi a ser profissional, temos de levar aquilo mesmo a sério, estar atentos à nossa volta e pensar que fazemos coisas pequeninas mas se todos fizerem já é bom e o voluntariado é isso mesmo, é ir lá e fazer o que as outras pessoas não conseguem, damos às pessoas as coisas de uma forma que se calhar os profissionais não conseguem.

Entrevistador: Pretendes continuar a fazer voluntariado?

Entrevistado: Sim.

Entrevistador: Porquê?

Entrevistado: Porque gosto desta experiência e mesmo quando acabar a escola e que não tenha trabalho desde que tenha disponibilidade acho que vou sempre querer fazer voluntariado nem que seja uma vez por semana. É sempre bom para as instituições e para o meu currículo. Cada trabalho que faço conta como uma experiência e ganho conhecimento, não é?

Entrevistador: Achas que o voluntariado e o curso que escolheste têm ajudado a focares-te na escola?

Entrevistado: Sim, porque as disciplinas são diferentes e são do meu interesse. Não é como história, geografia que não me interessa para nada porque se calhar não é o que eu

quero. Quando escolhemos um curso destes temos disciplinas focadas só nesse curso e coisas que nos interessam por isso acho que sim que estou muito mais focada na escola. Aliás eu tinha muito más notas e agora sou uma das melhores da turma porque me interessei pela área social e gosto e aprendo.

Anexo D – Entrevistas transcritas: Técnicas

Entrevista I - Técnica do projeto “Ser+” Colégio São João de Brito

Entrevistador: Como surgiu a ideia deste projeto?

Entrevistada: Então, este projeto no fundo, não há assim uma ideia em concreto porque faz parte um bocadinho do paradigma da escola, deste colégio, que tem como lema educar para servir e portanto desde os seus inícios que há sempre uma preocupação social muito grande e por pessoas que consoante as suas sensibilidades vão organizando atividades a nível de voluntariado, campanhas, algumas ações que iam sempre sendo esporádicas quer dizer, um bocadinho consoante os interesses de cada professor e as motivações de cada professor. O que aconteceu foi que há dois anos a direção do colégio sentiu a necessidade de haver uma proposta mais pensada, mais estável que não dependesse exatamente dos professores e fosse uma oferta constante e foi daí que surgiu a sistematização desses projetos, chamado projeto ser mais, este no fundo é um bocadinho a junção de muita das coisas que já se iam fazendo tirando uma estrutura mais pensada e refletida e pronto, não há assim uma data não há assim um momento certo.

Entrevistador: Então, quais os objetivos do projeto em si e da escola para com o projeto?

Entrevistado: Então os objetivos do projeto no fundo o projeto vai ao encontro daquilo que é a missão da escola que é criar homens e mulheres para os outros e com os outros e portanto o projeto procura muito isso, o criar e formar nos nossos alunos essa preocupação constante e para o outro e esse contacto com o outro. É isto que significa o projeto que tem como objetivos permitir aos alunos um contacto com uma realidade diferente, uma realidade social diferente da deles e por isso é que há esta preocupação

muito grande com o voluntariado e com a comunidade externa que é essa atenção ao outro, não é? Conhecer o outro, o que pode ter de diferente de mim e também um objetivo muito concreto de consoante os alunos forem crescendo permitir-lhes ver qual o papel deles no mundo e que intervenção é que eles podem ter na sociedade que nem sempre é a mais justa, nem sempre é a mais equilibrada. Portanto o projeto é em si um objetivo em concretizar a missão do próprio colégio.

Entrevistador: Nesta escola existe outros projetos a nível social?

Entrevistado: Sim, Existe o Eco escolas, que não é bem a nível social mas é assim ligado a uma preocupação também do impacto ambiental que nós temos, pode ser considerado social. Neste ano também há um projeto de empreendedorismo com formação de empresas e ideias inovadoras que também pode estar ligado à área social no nível que nos põe a pensar em ideias mais solidárias, no fundo este projeto procura avançar todas as iniciativas que existem a nível social, portanto no fundo a longo prazo a ideia era haver esse projeto a nível europeu e subdividir-se em projetos como recriar o banco alimentar ou outras as iniciativas que vão surgindo serem agrupadas no programa.

Entrevistador: Que tipo de publicidade é utilizada para divulgar a vossa ação

Entrevistado: Então, junto dos alunos o colégio tem uma revista e esporadicamente escrevemos alguns artigos para essa revista, o que é que andamos a fazer e pronto como é que as coisas estão a correr e portanto há uma informação que chega não só aos alunos mas também aos pais, comunidade educativa em geral. Para publicitar para sensibilizar, angariar voluntários, fazer mover as massas, usamos muito o contacto individual, encontrar no corredor e falar das coisas e incentivar, muito através de cartazes assim chamativos. Lá fora é uma preocupação agora mais recente que é como se publicita isto lá fora sem ter um ar ostensivos mas no fundo isto também gratifica o nosso colégio. Esta parte ainda está a ser trabalhada, ainda não conseguimos alcançar o que nós queremos e que achamos que seja a melhor forma de publicitar o projeto. Este ano aconteceu, fui falar do projeto a uma conferência e portanto de alguma forma vai-se publicitando e depois com as organizações com quem nós trabalhamos a nível de voluntariado é muito pelo passa a palavra, um contacto muito informal, também não faz sentido ser de outra forma, e acaba por funcionar muito através de um contacto individual que vamos tendo com as pessoas.

Entrevistador: Considera que a escola tem uma participação ativa na responsabilidade social?

Entrevistado: Sim, acho que sim, considero que sim e porquê, porque uma preocupação dos colégios da companhia de Jesus em Portugal é a mudança que nós queremos provocar no mundo, portanto a nossa responsabilidade para com a sociedade e portanto no fundo o colégio procura fomentar e educar também com uma ação já concreta de mudança e apoio.

Entrevistador: Quais os público-alvo deste projeto? Porquê?

Entrevistado: O público-alvo são os alunos dos três aos dezoito anos que são os alunos todos que frequentam o colégio. Também temos como público-alvo do projecto a comunidade educativa, ou seja os professores, auxiliares, se calhar aqui sim ainda não atingimos o que gostaríamos não é? E também os pais, portanto os pais, as famílias. Porquê? Porque no fundo é um projeto que procura ser para a comunidade toda. A comunidade que diariamente vem ao colégio não é? E a comunidade que faz parte do colégio indiretamente, portanto os pais, os avos, os tios, os amigos. E o colégio também tem um espírito, uma relação muito familiar, por exemplo como alunos que saem do colégio continuarem a vir cá, continuarem a fazer coisas no colégio, portanto faz muito sentido também que este projeto seja para todas essas pessoas, não só limitativo a quem frequenta o colégio.

Entrevistador: Existe alguma formação dada aos alunos?

Entrevistado: Pronto isso é outra das coisas que ainda está a ser trabalhado, que é um guião fomentado de formação. Ainda não conseguimos encontrar o modelo mais fácil de ela ser executada. Este ano pela primeira vez tentou-se dar alguma formação durante duas semanas todos os dias os alunos inscreviam-se no seu melhor horário para terem uma mini formação, é elaborado o guia do voluntário, um manual que explica quais são as instituições, quais são as melhores formas de interagir com idosos, com crianças, com pessoas com deficiência mental, uma forma de também passar essa informação mais teórico-prática só que o que sentimos é que isto pode não resultar com os mais velhos. É muito difícil conseguir controlar essas agendas todas e também arranjar um modelo que seja compatível com as idades deles. E portanto acho que é um dos pontos

em maior falha, ainda sendo que para além de estar nos nossos planos, todos os anos tentamos fazer mais e melhor, mas pronto isto para os alunos mais velhos, para os alunos mais novos o que se procura fazer não é dar uma formação porque eles não fazem voluntariado, mas é mais um processo de reflexão sobre o que vão fazer ou o que já fizeram. Alunos mais novos por exemplo que vão dinamizar uma manhã no hospital Santa Maria, o que se procura é depois eles na aula de religião seguinte à ida deles pensem nisso, como correu, o que eles gostaram, o que não gostaram, porque é que acham que aqueles meninos estavam doentes, e pronto portanto não é bem uma formação no sentido de preparar para mas serve para ter a certeza que a experiência é integrada pelos alunos.

Entrevistador: Como é que os alunos são associados ao projeto, ou seja os alunos são obrigados pela escola a participar no projeto ou é um fator facultativo?

Entrevistado: Sim, até ao sexto ano eles são obrigados a, no sentido em que é como se fosse outra disciplina, faz parte, um projeto que todos têm de ter, claro que por exemplo na ida ao Hospital Santa Maria, há pais que dizem que não querem que os filhos vão devido ao contacto com as doenças, nós respeitamos isso mas claro que tentamos não fomentar isso. Nós ao fazermos essa oferta é também porque confiamos e porque sabemos que vai correr bem. A partir do sétimo ano ao décimo segundo já parte mais da motivação individual, há uma proposta e os alunos aderem ou não se quiserem, sendo que não há nenhuma contrapartida por aderirem. É só mesmo vontade e identificação com o projeto.

Entrevistador: Que tipo de funções são desempenhadas pelos vários funcionários da Escola no âmbito deste projeto?

Entrevistado: Este projeto só resulta se tiver uma ação dos professores, não é? Sobretudo os professores responsáveis, que são os diretores de turma. Até ao sexto ano isto é muito claro porque todas as propostas que são feitas são dinamizadas pelos próprios professores em contexto de turma, por exemplo uma campanha de recolha de bens, eu lanço a campanha, vou lá dinamizo, posso convidar uma pessoa da instituição a vir cá apresentar a instituição mas eu não estou diariamente com eles e portanto toda essa dinamização só resulta se o professor que está com eles, for avisando, lembrando e portanto os professores tem muito esse papel de ir pondo a bicicleta a andar, um

bocadinho isso não é? Isto é muito claro até ao sexto ano, a partir daí os professores também tem um papel importante no sentido em fomentar, incentivar, por exemplo há uma professora no secundário que todos os períodos me pede o nome dos alunos que eu tenho a fazer voluntariado para nas avaliações para casa meter uma frase simpática de agradecimento, portanto os professores também acariciam isto de forma diferente. O ano passado em que tínhamos alunos do terceiro ciclo que saiam também em voluntariado mas acompanhados por um adulto tínhamos vigilantes por exemplo que disponibilizavam do seu tempo para acompanhá-los. Portanto no fundo os professores têm um papel muito importante na dinamização real, mas também tem um papel muito importante no pensar nesse projeto e o que queremos fazer para o ano. Há uma preocupação de no final do ano fazer uma reunião de avaliação com os professores, o que correu bem, o que não correu bem, e no início do ano o que nós podemos fazer este ano, o que se pode fazer diferente, que propostas é que têm. Até porque o colégio todos os anos tem um tema e esse tema é trabalhado ao longo do ano fazendo sentido haver uma adaptação de o que se vai falar no próximo ano e portanto os professores e comunidade educativa em geral são sempre chamados a participar quer seja ativamente ponto a mão na massa quer seja teoricamente.

Os pais também, não sei se vais perguntar mais à frente...

Entrevistador: Não, pode falar

Entrevistado: Por exemplo, temos o projeto refood, as instituições aqui da alta de lisboa juntaram-se e identificaram que há muita fome aqui na alta de Lisboa e pediram ao colégio para darmos a nossa contribuição para o projeto aqui na alta de Lisboa. Nós dissemos que sim claro mas na medida de cativar os nossos pais e arranjar voluntários. Não o colégio participar mas através de todas as pessoas que fazem parte e então foi lançado um aviso aos pais e comunidade educativa, professores também e isso levou a que imensa gente participasse, dinamizasse e começasse a montar um plano e já houve reuniões cá no colégio com imensa gente e portanto depois os pais também tem este trabalho de irem aceitando propostas, irem dinamizando também e participando.

Entrevistador: Com quem trabalham a nível de parcerias?

Entrevistado: As parcerias todas, é isso? Então posso começar pelas mais esporádicas como o Banco Alimentar que aliamos com o supermercado que é o Continente aqui de Telheiras, depois temos aqui na alta de Lisboa instituições a que apoiamos, posso dizê-las todas, não tem problema nenhum: associação paralexia cerebral a quem distribuímos refeições diárias, a associação espaço mundo que funciona como ATL, onde temos lá voluntários a dar explicações, o CASIL que é um centro de idosos, que agora neste momento não temos lá voluntários mas fazemos intercâmbio entre idosos e crianças, é um projeto a nível do sexto ano, temos a junta de freguesia, também temos lá voluntários, temos o CAF que neste momento também não temos lá voluntários (hum...) temos, não me lembro dos nomes todos vou-te dar um papel com todos, um panfleto.

Entrevistador: De que forma é que estas parcerias apoiam o desenrolo do projeto?

Entrevistado: Então apoiam o nosso projeto no sentido em que nos ajudam a trabalhar aquilo que nós queremos trabalhar com os nossos alunos. No fundo estas parcerias permitem que nós façamos voluntariado, para que nós possamos sensibilizar os nossos alunos para um contacto mais real com o outro, uma realidade social diferente. Neste sentido eles completam aquilo que é o nosso projeto educativo.

Entrevistador: E como é feito o contacto com estas parcerias?

Entrevistado: Procuo fazer essas reuniões com as instituições por período e é engraçado porque elas são muito acessíveis, portanto a maioria ajuda-nos trazendo um feedback da prestação dos nossos alunos para podermos dar ou orientar alguma coisa. Muito também por contacto telefónico, como é uma relação muito informal, não há nenhum problema em pegar no telefone para dizer alguma coisa. O email também funciona muito bem com algumas instituições mas nas instituições que são mais pequeninas o email não é uma coisa tão natural para eles ainda por isso é preferível o telefone.

Entrevistador: Então significa que a escola tem uma relação informal e boa com as suas parcerias, não é costume haver incidentes?

Entrevistado: Sim, incidentes no sentido em que há instituições que por serem tão pequeninas muitas vezes não conseguem dar resposta aos projetos que propomos, por

exemplo uma instituição por ser tão pequenina nós fazemos uma proposta de alunos irem lá fazer voluntariado e que os nossos alunos acabam por cada um trabalhar por si porque a instituição não consegue acompanhar, mas eu acho que é uma consequência da dimensão das instituições, os técnicos estão sempre ocupados. Também temos um caso menos bom que por ser uma instituição demasiado grande também acaba por não haver uma proximidade de relação e marcar reuniões é sempre uma dor de cabeça, ir lá sem avisar no sentido de olhe posso falar com a Dr^a tal “ai está muito ocupada” pronto. E acaba então por não existir um acompanhamento que é preciso e essencial acabando por ficar um bocadinho para trás, mas pronto não são bem desentendimentos, os incidentes passam sempre por coisas assim, nada de grave.

Entrevistador: Agora vamos falar um pouco sobre a avaliação do projeto e a tua opinião face a ele: Como avalia o projeto em termos de potencialidades e fraquezas?

Entrevistado: Potencialidades, acho que é espetacular, estou a brincar. Não, tem imensas potencialidades porque acho que é conseguir o melhor dos dois mundos que é pegar em alunos, neste caso social de nível socioeconómico elevado ou relativamente mais elevado do que se calhar a maioria da população e pô-los em contacto com o que é a própria realidade social e com maiores dificuldades, não é? Portanto juntar esta necessidade de alunos que são fomentados a querer ajudar e querem ajudar e dar com pessoas que realmente precisam. Posso não falar de dinheiro, precisam de nós, precisam de uma tarde de convívio, parece-me que o grande potencial assim a olhos vistos é haver uma parte que dá o que a outra parte precisa de receber e acho que este projeto consegue fomentar isso e depois tudo o que esse dar e receber trás tanto para os nossos alunos e com para quem nos estamos e trabalhamos. A nível de formação pessoal e social também é muito importante e eu acho que um facto engraçado neste projeto é que potencia muito claramente aquilo que é a verdadeira missão do colégio. A matemática, a história, o Português estão sempre implementados na escola, tu vais para lá, vais para aprender e então o que é que difere esta escola das outras todas? É exatamente isso, é a preocupação em formar homens e mulheres para os outros e com os outros que experiencia de uma forma social com este projeto

Quais são as fraquezas, (hum), acho que as fraquezas é ainda não ter alcançado, parece-me a mim, a melhor forma de isto chegar aos alunos, estou a pensar principalmente nos mais velhos, a ideia é, quero dizer qual seria o acontecimento espetacular? que todos os

alunos chegassem ao secundário e automaticamente fizessem voluntariado porque essas questões já teriam sido tão trabalhadas desde pequeninos que aquilo já seria super natural para eles. Esta é uma leitura enviesada porque não está atenta a outras circunstâncias normais: ter alunos a estudar porque querem entrar para medicina, terem imensas atividades, que é o que acontece aqui mais naturalmente e portanto se calhar é uma fraqueza ainda, que é esta aproximação do projeto aos alunos, que eu acho que é colmatável. Outra fraqueza que não é bem uma fraqueza é mais uma constatação que eu acho que se pode tornar numa fraqueza é o facto de depender, ou seja pode haver uma proposta mega organizada, mas depois a sua concretização depende dos professores pelo facto de serem eles que dinamizam, fomentam que: se um professor disser “deviam fazer voluntariado porque é bom” ou se disser “ ah, não façam voluntariado, não vale a pena” faz toda a diferença, não é? e portanto eu acho que é um dos elementos a ter em conta e também a cativar mais os alunos porque sem eles e os professores isto não anda para a frente, são os primeiros a conseguir boicotar o trabalho. Mas não é uma fraqueza, é uma constatação e temos que jogar com isso para que não se torne numa fraqueza.

Mais fraquezas, bem não são fraqueza, mas acho que são coisas que ainda não conseguimos alcançar: ainda não temos propostas fortemente aliciantes para a comunidade educativa, professores, pessoal não docente, auxiliares porque também falta aquela avaliação inicial do que gostavam de fazer, o que acham que este projecto vos podia dar. Eu estou cá só há dois anos e portanto as coisas vão crescendo devagarinho, é natural haver falhas.

Entrevistador: Como é avaliado o projeto e os impactos pedagógicos?

Entrevistado: Ah, olha outra fraqueza, ainda bem que perguntaste. Aqui sim, acho que ainda há muito por fazer. A avaliação passa muito por, ou melhor a avaliação procura abranger três intervenientes, que são, os próprios alunos, as instituições onde eles vão e os professores que são os que nos podem dar um feedback mais real. Com as instituições são feitas avaliações por período com aspetos positivos, aspetos negativos, o que se pode melhorar, o que se pode fazer diferente. Com os alunos consoante as atividades, com os mais velhos é o que correu bem, o que não correu bem, o que podia ter corrido melhor e o que farias de diferente. Com os alunos mais novos é mais informal ou através de mim ou através do professor e depois as avaliações dos professores passam também pelas reuniões no final do ano para se ver o que correu

bem. Este ano pela primeira vez fiz um género de indicadores para poder avaliar o projeto, que acho que ainda vão ter de ser reformulados, será uma tarefa no próximo ano, que no fundo pretendem procurar avaliar mais o projeto em si, não tanto a nível de era suposto fazer isto e fez-se isto, ver os objetivos, sempre que a grande dificuldade é sempre de avaliar o impacto. Eu tenho-me reconfortado muito vendo o feedback das instituições, as vezes dizem “ah passou aqui aquele voluntario do ano passado, foi espetacular” o perceber que as pessoas dão valor e que sentem isto e isto acaba por ser muito normal numa conversa informal dizerem que o pai do aluno tal passou aqui e vê-se de alguma forma isto vai dando lucros não é? Mas isto de alguma forma devia ser mais formal, devia haver uma forma de medir isto. Junto dos alunos, não sei mas acho que uma avaliação, mas não sei porque só seria possível daqui dez anos, era ver se os alunos que começaram a ser trabalhados desde os seis anos chegam ao secundário e escolhem fazer voluntariado. Mas eu acho que esta é que vai ser a verdadeira avaliação do impacto do projeto, o que funcionou ou não e depois também posso ver mais à frente não é? Como é que estes alunos se formaram enquanto homens e mulheres, que papel é que eles desempenham.

Entrevistador: Quais os impactos do voluntariado nos alunos? Quais as potencialidades pedagógicas?

Entrevistado: Eu acho que o projeto permite complementar a educação deles aqui no colégio. Através da oferta curricular e disciplinar do colégio ficam aptos a matemática, a ciências e este projeto é no fundo para lhes dar aptidões a nível pessoal e social, torna-los uma pessoa mais integra mais consciente com maior atenção ao outro. Isto consegue-se ver melhor nos alunos do secundário porque percebe-se que são sempre os mesmos a fazer de livre vontade e a dinamizar mas também são os que são mais disponíveis e que têm uma maior preocupação, portanto eu acho que as competências vão sendo trabalhadas e vão-se tornando intrínsecas neles e alguns até já podem ter isso formado, por natureza já serem mais disponíveis mas acho que o voluntariado também vai trabalhando isto muito neles, uma preocupação, uma atenção para com o outro. Acho que um dos impactos muito grandes é este contacto especial e diferente. O colégio de uma forma geral tem uma população muito parecida, eles são muito parecidos entre eles não é? Não é como se calhar numa escola pública onde há o chinês, o branco o amarelo, aqui são todos muito parecidos, com histórias de vida muito parecidas, no

sentido em que apresentam estilos de vida muito parecidos talvez. Acho que o projeto permite ver um mundo diferente deste, um mundo que não passa por isto infelizmente, mas também mostrar as coisas boas, não é a ideia de que os outros são uns coitadinhos e eu acho que esta é outra das potencialidades do projeto que é tira-los, abana-los para os tirar de uma zona de conforto em que pensam que é sempre assim e nós mostramos “olha vê como não é” e acho que isso também é uma grande mais-valia. Fico muito contente quando uma instituição acolhe um aluno porque sei que foram desinstalados, só isso já é espetacular porque há um perigo muito grande de o aluno entrar aqui aos seis anos e sair aos dezoito a achar que o mundo é isto e portanto tentamos que tenham consciência que não é assim. E portanto acho que a maior mais valia é isso a formação pessoal e social e de ver estas diferenças e isso é visível não só neste projeto. Temos um campo de férias e os pais percebem também que aquilo muda os filhos e portanto eu acho que é a junção de muitas coisas que o colégio vai oferecendo. Este projeto é só mais uma forma óbvia de motivação para transformar o mundo de mais pessoas.

Entrevistador: Quais os impactos do projeto na própria escola?

Entrevistado: (hum) esta é difícil. Acho que no fundo sempre houve esta, ou seja este projeto antes de ter esta organização ia sendo feito através de outras coisas de pessoas que se interessavam por estas coisas. Eu acho que o que este projeto veio dar ao colégio foi mais no sentido de estrutura, não é? De os professores saberem que este ano têm de fazer isto com a sua turma e para o ano aquilo. Depois damos uma cara, que também acho ser muito importante porque antigamente era tudo um bocadinho por si, cada pessoa fazia mais ou menos o que queria e agora as pessoas começam a reconhecer que fazemos uma proposta a nível social vou falar com a Joana, se preciso de outra coisa, sei a quem recorrer e portanto começa a haver aqui algum reconhecimento de que o colégio tem alguma intervenção neste sentido e portanto há alguém a quem posso recorrer, por exemplo no outro dia veio aqui uma professora e disse “Joana preciso da tua ajuda, tenho uns alunos que se andam a portar mal e não sei quê, diz-me um voluntariado que queres que eles façam” e eu respondi “se calhar o voluntariado não é para ser feito como um castigo” e então propus que fossem arrumar a biblioteca ou apanhar o lixo da escola, alguma coisa que fosse mesmo um castigo, caso contrario ficariam a pensar mal do voluntariado para o resto da vida. Mas eu acho que isto é um impacto positivo, é as pessoas começarem a reconhecer que há uma intervenção da escola nesse sentido e eu

acho também, não tenho a certeza mas parece-me que os professores com uma maior preocupação a nível social ficam também contentes por saber que o colégio tem também essa preocupação e esta participação social. Por exemplo agora no projeto refood tive muitos professores que vinham dizer que bom que proposta boa, gostava muito de participar mas não tenho tempo, ou seja quase como não tinham de me dizer nada mas reconhecem que é importante e eu acho que isto também é um impacto positivo na dinâmica da escola, perceberem que há aqui uma ação social por parte do colégio.

Entrevistador: Então, no seu entender, qual o papel da escola na comunidade envolvente?

Entrevistado: Isto é uma das coisas que está escrita no manual do colégio que é: o colégio deve tanto quanto possível disponibilizar os seus serviços para comunidade no sentido de ajudar os que mais precisam. E portanto isto vai como um dos papeis que está escrito que é disponibilizar seja o que for e o que nós fazemos em termos de serviços por exemplo temos um grupo de teatro que monta uma peça e convidamos as instituições todas aqui à volta a virem assistir à peça, temos uma instituição que precisa de fazer um plano de férias de natal e precisam dos campos de futebol e não sei quê e nós convidamos a virem cá ao colégio usar os nossos campo e para estarem à vontade, podemos pedir a alunos que organizem um peddi paper, e portanto lá está este papel de estar aberto ao que é preciso no sentido de abrir as portas e oferecer os nossos recursos ao que for necessário. Eu acho que através desta abertura que colégio sente que deve ter e tem passa também por esta aproximação de relação com a comunidade. Acho que o que mais demonstra essa abertura da escola à comunidade é as instituições terem uma necessidade e já convidam o colégio a participar na resposta e portanto eu acho que é claramente o colégio a intervir na comunidade mesmo que não seja nada em concreto, não estamos a dar comida, não estamos a responder de forma direta mas estamos a ser mediadores entre quem pode ser voluntário, quem pode dirigir o projeto e portanto no fundo o colégio também procura funcionar como um interveniente não tão ativo no sentido de sermos nós uma instituição da alta de lisboa mas um interveniente mais passivo de mediação entre aquilo que a comunidade pode precisar e aquilo que o colégio pode dar enquanto serviço e acho que funciona neste sentido.

Entrevistador: E agora por fim, quais os desafios futuros deste projeto?

Entrevistado: (Risos) Os desafios são imensos, sobretudo porque acho que se pode fazer muito melhor e o que eu gostava muito de conseguir era montar um projeto desde o início ao fim, portanto todas as fases como o planeamento, com objetivos, indicadores, com metodologias de avaliações que no fundo houvesse aqui um ciclo de aplicação, avaliação, formação, encontrar um modelo base de: isto é a melhor forma de fazer isto. Acho que um desafio também assim muito pessoal é de meter aqui uma cobra que vai circular sozinha, posso não estar cá eu, pode estar outra pessoa qualquer que isto continua a funcionar e funciona bem, este é um dos desafios, o outro desafio, como já te tinha dito, existem mais dois colégios da companhia de Jesus de Portugal e nós estamos agora numa intervenção social em conjunto, não sei como vai ser para o ano. Este ano juntamo-nos num fim de semana em que todos os voluntários dos colégios fizeram uma formação sobre o que são os direitos Humanos, prepararam uma sensibilização para os colégios, ou seja no mesmo dia à mesma hora todos os colégios estão a fazer o mesmo. Portanto o desafio do projeto é começar não só dinamizar a comunidade local mas conseguir ter uma intervenção mais macro. Que os parceiros não sejam só os parceiros locais mas também os parceiros dos outros colégios. O terceiro desafio é conseguirmos chegar aos alunos quase através pelos pais e educadores. Há aqui uma proposta que agora já avançou que é no site da associação de pais montar uma página no site onde se possa fazer coincidir a oferta e a procura, ou seja os pais perguntam-me “tenho roupa para dar, onde posso deixar?” e há instituições que pedem e portanto juntar estes dois mundos de uma forma mais direta e portanto uma proposta mais dirigida para os pais. E pronto acho que são estas três: um projeto que funcione em rodinha, a junção do projeto com os outros três colégios e aqui mais uma preocupação maior com a comunidade educativa como os pais.

Entrevista J- técnica do projecto “EcoSol” Escola Secundária romeu correia

Entrevistador: Como surgiu a ideia deste projeto?

Entrevistado: Então, surgiu à aproximadamente cinco anos e funciona em consequência da afluência do número de casos de alguma maneira sinalizados e observados pelos diretores de turma e alunos com roupa pouco adequada à época, com testemunhos de alguns encarregados de educação que passavam muitas dificuldades

económicas, alunos que não tinham material escolar e sendo a nossa escola muito preocupada em ajudar a comunidade, sempre o fizemos e de alguma maneira porque não ajudarmos os alunos aqui da escola? Portanto a ideia veio desta observação atenta não é? Dos professores e dos funcionários e surgiu com um objetivo ou com o intuito de organizar de forma mais formal uma maneira de canalizar esta atitude mais solidária por todo o pessoal docente e não docente para dar resposta aos nossos alunos da nossa casa, daí o nome “projeto EcoSol”, casa solidária.

Entrevistador: E a vertente da bolsa de voluntariado surgiu com esta ideia?

Entrevistado: Não, a bolsa de voluntariado surgiu após, nomeadamente este ano e por outra necessidade que surgiu de outra observação nossa que é a vontade manifestada por vários alunos, no âmbito tanto do curso de técnico de apoio psicossocial, que temos cá na escola, como de outros, a vontade de querer ajudar e de procurar instituições ou locais onde pudessem apoiar e fazer voluntariado no âmbito social. O que acontece é que por vezes os alunos querem e não sabem onde procurar e temos instituições que necessitam e não têm oferta, portanto ao fim ao cabo percebemos que a escola numa extensão do EcoSol poderia ser essa moderadora não é? Poderia ser esse equilíbrio entre a procura e a oferta entre os que necessitam e de alunos motivados e com perfil que sentissem vontade de ajudar. Portanto a bolsa de voluntariado veio nesta sequência.

Entrevistador: Quais são os objetivos do projeto?

Entrevistado: O projeto EcoSol consiste em ajudar e apoiar famílias que estão em situações desfavoráveis a nível económico, não é? E social, e neste sentido a nossa resposta que vamos dando, a nível de bens alimentares, material escolar e de outros bens que a família necessite, como por exemplo já arranjamos roupa de cama, uma secretária a uma família que tinha saído de uma barraca e que teve direito a uma casa camarária, portanto ajudamos a mobilar o quarto. Portanto o objetivo é ajudar famílias que nos chegam sinalizadas de uma forma organizada e ajudarmos com o que a família necessita na altura. Uma ajuda se calhar pontual, é uma ajuda que não resolve os problemas da família mas é uma ajuda que minimiza algumas consequências das dificuldades económicas. Do voluntariado, é diferente. Do voluntariado é de alguma maneira proporcionar locais e experiências aos nossos alunos que têm vontade, não é? No sentido também de ajudarmos na formação da cidadania pensando nós que o

voluntariado é muito importante para o desenvolvimento integral do aluno e às instituições estamos a dar recursos humanos de qualidade, com perfil, motivados e formados por nós, pelos professores, no sentido de ajudar.

Entrevistador: E os objetivos da escola na construção deste projeto?

Entrevistado: O objetivo, da escola (hum...), digamos que é uma escola que sempre teve em termos de projeto educativo, uma procuração com a solidariedade, digamos. E é uma escola que tem, desde muitos anos, uma história na animação sociocultural e na intervenção na comunidade e mais agora que temos o curso de técnico psicossocial. Sempre ajudámos, sempre entrámos em campanhas de voluntariado, recolha, sempre participamos no banco alimentar, na recolha de tampinhas, de roupa, e portanto uma coisa não tanto organizada, portanto os professores organizavam, alguns alunos organizavam, não é? Mas digamos que há um objetivo comum que é promoção da solidariedade. Portanto surgiu quando a escola entendeu que com essa história e com essa vontade em ajudar, que sempre tivemos, fazia falta um projeto que consolidasse essa atitude que a escola tem vindo a manifestar ao longo dos anos. Portanto basicamente o EcoSol mobilizasse de forma integrada com os recursos humanos que tem que são pessoas solidárias e preocupadas.

Entrevistador: Então, considera que a escola tem uma participação activa responsabilidade social?

Entrevistado: Tem, bastante. Pelo que fazemos há vários anos, pelo que fazemos agora, pela própria formação que damos aos alunos, pela própria planificação de várias aulas nomeadamente ao nível dos cursos técnico de apoio psicossocial não é? E também a intervenção que os alunos fazem na comunidade no âmbito escolar e fora dele, através da bolsa de voluntariado.

Entrevistador: Que tipo de publicidade utilizam para divulgar a vossa acção na comunidade, nos alunos e nas suas famílias?

Entrevistado: Inicialmente começámos com uma divulgação interna, não é? Precisávamos de sócios para o projeto, que são os nossos doadores de bens. Portanto começamos por uma divulgação interna. Atualmente fazemos uma divulgação externa,

temos uma página no facebook, através da página da escola, através do jornal revista da camara municipal de Almada, que gostaram do projeto portanto vieram saber mais sobre o projeto, (hum...) mas na verdade não é uma coisa que nos preocupe muito, a divulgação externa, porque é tudo internamente portanto, ou seja não precisamos de pessoas para fomentar o projeto, se calhar poderíamos falar em parcerias, isso sim, até porque quem participa no projeto pode sempre falar com pessoas, a comunidade socio educativa e os alunos ajudam no sentido de organizar os bens.

Entrevistador: Então, mas de que forma é que cativam os alunos a participar?

Entrevistado: No EcoSol não cativamos, porque no projeto quem ajuda são os nossos doadores portanto professores a até alguns familiares, colegas nossos que querem participar, por exemplo, no sentido de doar os bens alimentares e o pagamento da cota. Onde é que os alunos entram, no fundo? Entram no sentido de querem ajudar na recolha dos alimentos no sentido de quererem ajudar a família. Portanto os alunos não são os nossos doadores, são os nossos colegas, professores, sendo os alunos e as famílias os destinatários. Temos sim, um grupo de jovens que nos ajuda a levar as coisas às famílias, a organizar os sacos e a divulgar, como por exemplo, embora haja uma atividade que ligamos as pessoas todas, move as turmas todas da escola, neste projeto que é os cabazes de Natal, onde toda a escola é convidada a fazer os cabazes no âmbito do EcoSol e de facto temos tido uma adesão quase 100%, todas as turmas aderem e fazem sentido fazer este cabaz. E portanto, aí sim metemos a escola toda a funcionar e aí motivamos os alunos e os próprios alunos motivam outros alunos. Há grupos de alunos também que fomos chamar para irem a todas as turmas e apelarem à solidariedade. E o voluntariado a mesma coisa, tivemos um grupo de alunos a divulgar a bolsa de voluntariado junto das turmas a apelar para a importância do voluntariado, portanto não somos nós adultos para alunos, é aluno para aluno. Nós pensamos que assim conseguimos passar a mensagem mais eficazmente.

Entrevistador: Quais os público-alvo e porquê?

Entrevistado: Então, o público-alvo do projeto EcoSol é todo o aluno, família que necessite e como é que essas sinalizações nos chegam? Pelos diretores de turma ou professores, ou funcionários. Portanto qualquer aluno que necessite, que esteja a ultrapassar uma situação de dificuldade económica é sinalizado por alguém, essa

sinalização chega. Este projeto digamos que recolhe ou organiza as sinalizações das famílias e tenta dar resposta. Portanto nós não temos, o público-alvo é as famílias que desejarem, a pobreza. Do voluntariado, é diferente, o público-alvo são os jovens com 16 ou mais anos de idade, com motivação, com perfil e com vontade de ajudar outros, não é? Com preocupações sociais e portanto aí fizemos um conjunto de entrevistas com o responsável por essa bolsa. Portanto abriram as inscrições, inscreveram-se vários alunos, foram todos entrevistados, um bocadinho também para auscultar a sua (hum..) as suas particularidades, os seus interesses também em termos de destinatários, porque também alguns gostam mais de trabalhar com crianças, outros com a terceira idade, portanto tivemos essa preocupação, de fazer essa organização e tentar coloca-los em instituições que de alguma maneira se identifica-se com eles.

Técnico 2: E curiosamente, são quase todas raparigas, para aí 90% são raparigas.

Entrevistador: E porque acha que isso acontece?

Técnico 2: Não sei explicar, mas talvez haja uma maturidade mais precoce nas raparigas e por consequente a responsabilidade e a descoberta do outro e do interesse social portanto venha mais cedo e são elas que mostraram maior disponibilidade para esse tipo de serviço. Poderão ser mais generosas, é uma hipótese.

Entrevistador: Que tipo de formação é desenvolvida para os alunos que participam neste projeto?

Técnico 2: Portanto, este primeiro ano não houve propriamente formação, digamos que a formação é feita junto das próprias instituições que têm uma preocupação em ter um responsável por fazer um enquadramento. Em todas estas instituições já há trabalho de voluntariado com o outro e por conseguinte já haveria responsáveis para fazer voluntariado e portanto é uma formação em exercício, uma formação direta. Está previsto, estamos a pensar para o próximo ano podermos organizar uma formação mais específica diretamente aos nossos alunos que estão a fazer voluntariado. Está previsto para o mês que vem uma ação de voluntariado para todo o conjunto (os vinte cinco elementos que estão inscritos) para poderem fazer um trabalho de voluntariado junto da comunidade vida e paz que trabalha junto dos sem abrigo. A intenção é o convívio também, juntarmos todos numa ação única e ao mesmo tempo ver, entrar em contacto

com uma outra instituição, a comunidade vida e paz em Lisboa que cujo o trabalho que é feito de apoio aos sem abrigo é feito exclusivamente com

Entrevistador: De que forma é que os alunos são associados ao projeto? São eles que escolhem participar?

Técnico 2: Inscreveram-se, estão sensibilizados e portanto são eles que escolhem participar.

Entrevistador: E no caso do EcoSol também são as pessoas que escolhem?

Entrevistado: Sim, houve uma ação de sensibilização quando o projeto iniciou, falamos do projeto, normalizamos o projeto, apresentamos em conselho pedagógico nesse sentido e a partir daí falámos com colegas e angariámos pessoas em função daquilo que as pessoas queriam fazer, e o que as pessoas queriam fazer era ajudar e o que nós fizemos foi uma maneira de dizer para nós “ok, conseguimos fazer isto de uma forma organizada” basta uma cota, uma prestação e ajuda quem quer, inscreveu-se quem quis.

Entrevistador: Que tipo de funções são desempenhadas pelos vários funcionários da escola?

Entrevistado: Se calhar não lhe consigo responder dessa maneira, o que eu lhe posso dizer é que na equipa, a equipa EcoSol, temos funções definidas, não é? Temos uma pessoa mais ligada à divulgação, temos uma pessoa mais ligada à questão da contabilidade e de organizar as cotas, quem é que já pagou, quem não pagou. Temos uma pessoa organizada, ou se quiser com um objetivo mais de fazer a ligação com os próprios diretores de turma dos alunos, temos uma pessoa que trabalha com e-mail, portanto todos os pedidos que fazemos por mail, a pessoa recebe e sabe que durante aquela semana nós precisamos dele para trazer a massa, o arroz ou outra coisa e temos outra pessoa mais para a questão do voluntariado. Portanto nós estamos divididos, cada um com as suas funções. Os sócios têm a função de fazer o que lhes pedimos no prazo definido. Os funcionários ajudam e se calhar numa forma não tão contemplada, a funcionária da papelaria que é onde dizemos para as pessoas levarem os bens, tem uma folhinha e ela é que aponta, recebe e armazena os bens recebidos, a data de entrega e a assinatura. Portanto digamos que é uma pessoa que nos ajuda nesse aspeto mais

burocrático se quiser. As outras funções tanto de professores como funcionários na verdade têm a função de sinalizar. Os funcionários estão muito atentos, não é? Estão com os alunos e portanto uma das funções é sinalizares. Como projeto estamos organizados e definidos, os sócios fazem a sua função e o resto da escola também. Não precisa de ser sócio do projeto para pedir ajuda ao projeto ou para sinalizar.

Entrevistador: Com quem trabalham a nível de parcerias?

Entrevistado: Inicialmente não trabalhávamos com ninguém. Depois à medida que fomos divulgando o projeto a nossa primeira parceria foi a liga dos amigos do Hospital Garcia de Horta na resolução de um problema grave de uma família. Precisávamos de uma prótese e conseguimos através da Liga dos Amigos do Hospital Garcia de Horta. Depois temos a parceria com uma ótica aqui na comunidade. Portanto temos alunos que veem mal e cada vez mais temos alunos que continuam a ver mal porque não têm dinheiro para pagar os óculos e portanto conseguimos a parceria ali da ótica que ficou sensibilizado com o projeto. Fomos lá, explicámos e portanto faz um desconto na consulta e no preço das lentes, não é? Muitas vezes é o projeto que paga esses óculos e essas lentes dos alunos. Portanto estas foram as duas primeiras parcerias. Tentámos outras, nomeadamente com cartas à Decathlon e ao Jumbo, no sentido de nos dar alguma roupa e no fundo leite, que é uma coisa que a família precisa muito. Nunca obtivemos resposta e as outras parcerias que foram surgindo têm a ver agora no âmbito do voluntariado que são várias as instituições que estavam recetíveis e quiseram trabalhar connosco e são elas que permitem dar mais aos alunos tanto a nível de experiência como a nível de bens.

Técnico 2: Podemos destacar a Santa Casa da Misericórdia. Depois a própria escola, porque é um agrupamento. Tem escolas do primeiro ciclo com alunos nossos a trabalhar nos jardins-de-infância, a apoiar as educadoras e o centro de recursos integrados do colégio baseado na saúde mental.

Entrevistada: Desculpa interromper, temos também o Centro de Acolhimento. Nós tínhamos um aluno institucionalizado e essa instituição precisava de um computador e houve alguém amigo de uma amiga que falou que este projeto ajudava portanto tinha um computador em casa e veio trazer esse computador a nós, projecto EcoSol escola, na altura ainda não precisávamos mas o aluno que estava na instituição não tinha

computador e portanto o computador que deram aqui para nós, nós fomos levar à instituição e que na verdade apoiamos o nosso aluno que vivia lá como todos ou outros que estavam lá a viver no sentido de terem um computador. Portanto isto foi uma parceria pontual, por isso de alguma maneira vamos fazendo parcerias no sentido de ajudar, às vezes não só o aluno e a família mas como, neste caso, uma instituição. Nós fazemos sempre o concurso de o cabaz vencedor e há dois anos um desses cabazes foi para uma instituição. Era um cabaz enorme e portanto achámos que queríamos doar a quem precisava mesmo. Portanto, não sei se isto é uma parceria no sentido formal mas de alguma maneira vamos estabelecendo relações, não é?

Entrevistador: Então e agora diga-me, qual é a relação entre a escola e as parcerias. De que forma é estabelecido o contacto? Se marcam reuniões, ou telefonemas, email's, como é que processam?

Entrevistada: Sim, por norma comunicamos muito por telefonemas e reuniões.

Entrevistador: E é uma coisa muito formal ou mais informal?

Entrevistada: Eu acho que inicialmente começa por ser informal, era isso que eu lhe estava a dizer, portanto não tenho nada escrito dos amigos do Hospital Garcia da Horta, entendendo uma parceria como algo que implica um contracto assinado, nós não temos, não é? Pronto eu não sei se podemos chamar parcerias, são parcerias informais portanto, não estão formalizadas em documentação.

Em cada instituição temos a pessoa responsável, temos o contacto, e-mail e se for preciso telefone. Com os alunos é a mesma coisa. Quando algum aluno por algum motivo não pode ir tem a responsabilidade de telefonar para a responsável dizendo “eu amanhã não posso ir, estou aqui com uma tarefa na escola”, há essa responsabilidade. É exatamente isso, uma parceria com um certo nível de informalidade, mas rigorosa, portanto e com contactos um pouco bilaterais não é? A última parceria que fizemos foi vender produtos com uma empresa ou como um grupo, com dois jovens empreendedores que montaram uma empresa online, a x-pocket e pronto e portanto, não tenho nada escrito mas que fizemos uma parceria informal fizemos.

Entrevistador: Agora é sobre a avaliação do projeto, como é que avalia o projeto em termos de potencialidades e fraquezas?

Entrevistada: Fraquezas não encontro nenhuma, encontro potencialidades. Menos bem? Uma coisa que funcione menos bem neste projeto, podíamos ajudar mais famílias por exemplo se tivéssemos do jumbo todos os meses “x” litros de leite e cereais. Com isso eu conseguiria ajudar mais as famílias, ou outras famílias, ou as mesmas famílias mais vezes. Isso é o que eu acho que é o que nós podemos fazer, mas isso é uma potencialidade e não uma fraqueza. O transporte, é outra coisa. Pode-me perguntar assim: como é que estes sacos chegam as famílias? Porque muitas dessas famílias não têm meios de transporte, e portanto imagina o que é carregar sacos com doze litros de leite e com sete latas de salsichas, portanto são coisas pesadas. O que acontece é neste movimento, nesta logística, não temos carrinha, não temos transporte, portanto contamos sempre com o amor à camisola e com a boa vontade dos diretores de turma, que agora ultimamente, maioritariamente das vezes são eles que levam a mercadoria, metem os sacos do carro e vão lá à casa do aluno. Quando isto acontece somos nós que temos que garantir o transporte, com o nosso carro, são poucas as famílias que vêm buscar. Em termos de potencialidades acho que temos crescendo no sentido de dar maior resposta às famílias, mas acho que estamos muito bem organizados, acho que todos sentimos que este projeto serve para o mesmo objetivo permitindo que funcionemos bem e que todos, incluindo a própria escola se identifiquem com o projeto.

Em termos de sustentabilidade do projeto, é sustentável. Nós podíamos ir embora para o ano, que deixamos tudo organizado e preparado para outras pessoas continuarem, portanto, é sustentável neste sentido, continuação do trabalho, porque há projetos que só funcionam com determinados tipos de pessoas. Nós montámos uma coisa onde podemos delegar tudo: a documentação, os contactos, as instituições, os e-mails. Portanto outra equipa podia chegar aqui, montar este plano e dar continuidade. Poderia não correr tão bem, mas acho que é sustentável nesse aspeto. Na verdade o retorno que temos tido tem sido muito positivo pelas próprias famílias e pelos próprios alunos, nós não resolvemos problemas mas minimizamos.

Entrevistador: Sim, e a nível da bolsa de voluntariado?

Entrevistada: As fraquezas debruçam-se sobre um aspeto limitativo, tem a ver com o facto de a escola não ter possibilidades de disponibilizar mais horas dentro do horário do professor, neste caso não é no horário letivo, mas no horário não letivo, para uma dedicação mais sistemática desde projeto. Tenho duas horas por sessão que são gastas

aqui nesta reunião. Tudo o que se faz, faz-se na base do voluntariado, digamos assim, pelo professor, o que está tudo certo só que provavelmente a escola neste momento é tão grande que muitas das vezes o tempo disponível é reduzido e seria muito útil para o voluntariado se houvesse uma pessoa responsável três, quatro, cinco horas por semana para poder ir frequentemente aos locais, acompanhar e recrutar não é? Poder pensar um pouco na formação contínua, portanto no fundo aprofundar e refletir o sentido daquilo que é a experiência vivencial do aluno.

Entrevistador: Como é avaliado o projeto e os impactos pedagógicos?

Entrevistada: Enfim, nós reunimos todas as semanas mas de alguma maneira vamos fazendo uma avaliação mais informal. No final do ano, a nossa avaliação tem muito a ver com o número de famílias que ajudamos como o que demos às famílias. Na verdade acho que este projeto, não sei como é que isso se avalia, mas é assim, ninguém estuda com fome, e portanto, um dos objetivos também era reduzir a questão do abandono. Se calhar isso não se coloca tanto com a questão da escolaridade obrigatória, mas sim dar condições aos nossos alunos para poderem estudar com alguma dignidade, porque estudar implica estar concentrado ou estar bem não é? Portanto, como é que nós avaliamos esse impacto? A avaliação desse impacto passa muito pelo retorno do próprio diretor ou mesmo da própria família que vem e que agradece, ou do próprio aluno não é? É engraçado que muitas vezes temos aqui um ou dois alunos que são apoiados por nós e assim que o projeto se inicia quando vêm aqui à porta, têm vergonha não é? Portanto, não é uma questão de vergonha, o aluno vem e diz “se no próximo mês ou próxima semana pudessem ajudar outra vez a minha família eu agradecia”, portanto o próprio aluno reconhece e a própria escola reconhece que o “EcoSol” é uma outra resposta que a escola pode dar como alternativa que antes não tinha. Com isto o “EcoSol”, e porque este ano temos mais potencial cá na escola, temos ajudado muito mais, indo para além do que consiste o “EcoSol”. Por existir este projeto a assistente social veio ter connosco porque sabia que nós éramos um projeto que aglomerava as sinalizações das famílias empobrecidas ou com dificuldade económica e quando a partir do por exemplo “programa pera”, que tem a ver com o programa de reforço alimentar, a direção da escola e a assistente social, o primeiro recurso a que recorreu foi a nós e funcionamos já quase em rede. A assistente social sabe que há uma sinalização, vem perguntar ao “EcoSol” e o “EcoSol” tenta garantir que as famílias apoiadas pelo

“EcoSol” também sejam apoiadas em termos de serviço social, subsídios que essas famílias têm direito e que nós nem sabemos, dentro das leis ou do serviço social e portanto trabalhamos muito em sintonia visto que a assistente social também cá está, com a senhora responsável por atribuir todos apoios a nível do social e do sasse que é a senhora da secretaria, que também já recorre a nós para tentar saber às vezes a situação da família. Eu penso que isto é muito bom não é? A avaliação final fazemos nós mais formal, fazemos o relatório, fazemos o lançamentos das famílias finalizadas, do dinheiro que ficamos em caixa, do que comprámos, não é? Não no sentido do que o que fizemos à família foi bom ou mau, não nesse sentido, mas a partir do momento que apoiamos uma família o objetivo está cumprido.

Entrevistador: E existe outros projetos na escola? Ou se esse é maior?

Entrevistada: Não é uma questão de ser o maior, é assim, com esse objetivo, com essa organização, com essa sensibilização do “ECoSol”, é o único projeto que tem a ver com esta recolha ao nível do que a família precisa ao longo do ano, mas há muitas outras iniciativas, até porque estamos em agrupamento e também há outras escolas. Temos ali a escola do lado que funciona de outra forma: recolhe livros, material escolar, onde as pessoas levam e eles vendem. Também trabalham a questão da reciclagem portanto armazenam o que as pessoas levam ou vão doando. Nós aqui funcionamos à medida do que nos pedem, eu não faço arrumações e trago as coisas para aqui. As pessoas quando pedem ou eu quando peço, peço justificando o tamanho M ou L, tipo de calçado 42 ou 43, e preciso de leite, entre outros, e as pessoas dão em função daquilo que nós pedimos porque na verdade não é tipo banco alimentar nenhum, nós não armazenamos, nós pedimos em função do daquilo que nos pedem e que a família necessita, agora essa escola sempre teve outras atividades ligadas à solidariedade, sem dúvida nenhuma, e, continua a ter.

Entrevistador: Como é que é avaliado os impactos do voluntariado?

Entrevistada: Nós no fim do ano vamos reunir-nos novamente com todos os voluntários para haver a partilha de experiencias e a avaliação de como correu, porque temos voluntários em creches, em jardins-de-infância, em lares entre outras. Durante o percurso temos vindo a acompanhar estes alunos e temos alguns impactos positivos, por exemplo a nível pedagógico do voluntariado, temos verificado que vários alunos fazem

voluntariado uma vez por semana, portanto uma determinada hora ou duas horas, e frequentemente quando a instituição organiza uma determinada iniciativa, eles fazem um esforço para estarem aqui dentro da escola para poderem acompanhar essa iniciativa. Isso é um exemplo muito importante de que o voluntariado permite que os alunos logo numa primeira fase se interessem pela instituição onde estão e estejam à vontade, e são convidados a assistir e a participar em todas as iniciativas, portanto estamos a falar do lar em Almada que os dois voluntários que lá estavam passaram uma tarde, um dia, de sexta-feira, pediram à escola para puderem participar nas comemorações do dia da mulher. Esses e outros são sinais de que os voluntários e o voluntariado estão a concretizar os seus objetivos nomeadamente na própria vida da instituição mas realmente no fim do ano vamos fazer uma avaliação mais formal.

Entrevistador: Ok, e essa avaliação deve passar mais pelo correu bem, correu mal?

Entrevistada: Exatamente, o impacto subjetivo, o interesse para a pessoa, a experiência para a pessoa, e depois, em termos organizativos, o que é que correu bem e o que é que pode melhorar no trabalho.

Técnico 2: Eu acho que aquilo que nós sentimos também no final do ano, em termos de avaliação é que este projeto foi criado neste sentido, não é? Casa solidária, ou seja queríamos que os alunos que passassem por aqui reconhecessem que a escola fora importante para o seu percurso escolar mas que também foi importante no seu testemunho da sua vida mais pessoal e familiar. Eu acho que acabam por sentir um certo aconchego e portanto a partir do momento em que nós distribuímos material escolar estamos a adotar recursos a este aluno para conseguir estudar e ter as mesmas oportunidades e condições que os seus colegas. E quando a família reconhece que esta escola também se interessa e também apoia pelas condições sociais, eu penso que isto é aquilo que nós queríamos, não é? Independentemente de ajudarmos dez ou vinte, queremos ajudar mais famílias mas é este sentimento que queremos criar também no aluno. Acho que é positivo e gostávamos que os marcássemos por isso. Portanto este sentido de aconchego em que eles pensam “Bolas, há aqui um grupo de pessoas que se preocupam comigo e com a minha família!” e neste sentido acho que somos das poucas escolas de Almada que fazem isto, se não foi a primeira aliás.

Entrevistador: Para si os impactos do voluntariado nos próprios alunos?

Técnico 2: Logo em primeiro lugar, tem a experiência de desenvolver um trabalho e de ter uma atividade social. Contribuem para que uma organização funcione um bocadinho melhor, faça mais qualquer coisa que sem o voluntário não é possível fazer, não é? Depois é uma oportunidade para estes jovens terem uma experiência mais profissional podendo recolher informação sobre a estrutura de uma organização, perceber que há estruturas, hierarquias, há um conjunto de atividades, perceber as características de uma população sejam idosos, crianças ou jovens. Em terceiro lugar acho que aumenta a responsabilidade de um estudante visto que para além das suas tarefas a nível da escola tem de se organizar para poder cumprir com as suas obrigações e neste ponto de vista aumenta a sua forma de organização e o seu grau de responsabilidade. Também há impactos no aproveitamento do tempo, valorizar o tempo. Mas eles na avaliação dirão outros com certeza.

Entrevistador: Qual o papel da escola na comunidade envolvente?

Entrevistado: O que acontece hoje é que a escola, cada vez mais, intervém ou pelo menos vai entrando por algumas instituições da comunidade quer seja pelas atividades do voluntariado quer seja por atividades mais formais e culturais da escola. Aquilo que nós queremos é instituir na escola e também na comunidade, porque a escola faz rede com a comunidade, é poder fazer-lo de uma forma mais continua ou não ou mais formal ou informal, mas a comunidade de alguma maneira vai recebendo o que as escolas vão dando e aquilo que nós queremos com este projeto, de alguma maneira, é instituir esta cultura deste valor e desta gratificação. Se calhar até pode nem ser através do voluntariado, porque há quem ajude de outras formas, mas é instituir um bocadinho desta cultura da responsabilidade cívica, de ajudar o outro, e portanto essa gratificação pessoal. Cada vez mais eu acho que é importante para os nossos alunos crescerem de uma forma agradável e os próprios professores poderem tirar técnicas disto porque há muitos alunos que não querem aprender e que através de outras atividades mais informais que até pode ser pelo voluntariado, podemos de certa forma motivar o aluno para outro tipo de cultura, ou outros tipos de interesses porque há alunos que só têm aquilo que as escola lhes dá porque de facto há famílias que não funcionam por variadíssimas razões e os alunos ficam na escola. A própria escola que também tem cada vez menos condições, a nível económico, tem desenvolve um papel cada vez mais bilateral, interventivo e de trabalho com a comunidade, sendo nós este ecossistema nesta

perspetiva mais sistémica. Afinal de contas o contexto educativo faz parte também do desenvolvimento do aluno pois é aqui que o aluno acaba por passar muito tempo.

Técnico 2: Entre muitos exemplo que podíamos dar, dentro desta perspetiva, podemos referir um projeto que está a ser desenvolvido pelos alunos de uma turma do curso profissional em que 7 ou 8 alunos estão inscritos na bolsa de voluntariado. Estão a montar uma exposição em parceria com a Santa Casa da Misericórdia e a Casa da Cerca de Almada e que vai consistir numa exposição que resulta de um conjunto de entrevistas que os alunos fizeram a idosos com vários graus de dependência desde aqueles institucionalizados até aos completamente autónomos que são apoiados pelo serviço domiciliar e portanto com um conjunto de imagem e texto vamos dar voz a esta comunidade cada vez maior, havendo uma preocupação em alertar sobre o que é ser idoso.

Entrevistador: Quais os desafios do projeto?

Entrevistada: Olhe um dos futuros é provavelmente crescer abrangendo os encarregados de educação. Não temos muito tempo mas gostaríamos de os envolver também através de possibilitarmos que sejam sócios também e envolve-los também no espirito deste banco alimentar. Isso implica outra dinâmica, outra organização e talvez uma equipa maior, não sei se o vamos conseguir. Outro desafio é cada vez mais aumentar as parcerias regulares. Claro que temos um desafio contínuo que é inculcar esta filosofia na escola, fazermos os nossos alunos pensar e questionar sobre o conceito de solidariedade e sobre o porquê de ajudar. Nos cabazes de Natal há sempre alunos que perguntam porque é que têm de ajudar se a eles ninguém ajuda e portanto gostamos de levar os membros da nossa instituição a refletir sobre a importância desta prática de cidadania e da preocupação do outro. Por um lado queremos alargar a oferta, não só mais instituições para a prática de voluntariado como diferentes modalidades de intervenção. Temos vários alunos que gostariam muito de trabalhar com os sem-abrigo e realmente em Almada há vários sem abrigo mas ainda não há nenhuma organização para eles o que nos obriga a irmos trabalhar para Lisboa mas queremos alargar a oferta e por outro lado gostaríamos de numa segunda fase abrir estas oportunidades de voluntariado também aos pais e professores, o que seria interessante.

Entrevistador: E pronto, muito obrigada

Anexo E – Grelhas de Análise de entrevistas aos voluntários

Grelha de Entrevista A – Colégio São João de Brito

Tema	Categoria	Sub-categorias	Indicadores/ Unidades de registo	Unidades de Contexto
Motivação	Fontes de Motivação	-Professores	“(…) portanto foi a minha professora de propôs nas aulas de área de projeto (…)”	“(…) a primeira vez que fiz foi no sétimo ano, portanto foi a minha professora de propôs nas aulas de área de projeto e depois fiz no sétimo, oitavo e nono nas aulas de área de projeto.”
		-Departamento de serviços sociais	“(…) do departamento de serviços sociais.”	“Agora desde o décimo primeiro foi através do departamento de serviços sociais.”
		-Motivação própria	“(…)acho que é uma experiência pela qual toda a gente deveria passar.”	“Eu acho que faz todo o sentido ter tempo para fazer alguma coisa interessante em vários sentidos e acho que é uma experiência pela qual toda a gente deveria passar.”
	Significado atribuído ao voluntariado	-É a entrega pessoal	“É a entrega (…)”	“É a entrega, a disponibilidade, é despende do nosso tempo e da nossa paciência para ajudar pessoas que à partida têm qualquer tipo dificuldades na vida.”
		-Disponibilidade	“(…)disponibilidade(…)”	
		-É a vontade de ajudar	“(…)ajudar pessoas (…)”	
Formação	Formação	- Introdução sobre a	“(…)uma pequena introdução	“Não, só uma pequena introdução acerca do que era a

	<p>como preparação para o terreno</p> <p>Grau de consciencialização do seu papel enquanto voluntário</p> <p>Formação e orientação no terreno</p>	<p>instituição e tipo de trabalho a desempenhar enquanto voluntário</p> <p>-Sabia os seus deveres</p> <p>-Formação de tipo informal</p>	<p>(...)"</p> <p>"Sim, sabia (...)"</p> <p>"(...) não nos deram propriamente uma formação."</p> <p>"Às vezes propõem fazer uma atividade diferente (...) propõem que nós participemos nas festividades também e que ajudemos a organizar."</p>	<p>instituição e o que era esperado que nós fizéssemos."</p> <p>"Sim, sabia quais os deveres que iria ter."</p> <p>"Os responsáveis da instituição não nos deram propriamente uma formação. Às vezes propõem fazer uma atividade diferente por exemplo, se é carnaval ou Natal propõem que nós participemos nas festividades também e que ajudemos a organizar."</p>
Fase no terreno	Instituições onde praticou voluntariado	<p>-Associação Espaço Mundo</p> <p>-Lar de idosos</p> <p>-Num Infantário</p>	<p>"Na associação Espaço Mundo (...)"</p> <p>"(...) estive num lar de idosos (...)"</p> <p>"(...) num infantário(...)"</p>	<p>"Na associação Espaço Mundo e o que eu faço é ajudar as crianças a estudar e a fazer os trabalhos delas. Na área de projeto no sétimo e oitavo estive num lar de idosos e havia uma parte em que conversávamos com os idosos, dividíamo-nos em grupos e falávamos e depois havia uma parte no final em que cantávamos e tocávamos músicas para eles."</p>

	<p>Tarefas realizadas</p>	<p>-Apoio escolar</p>	<p>“(…)o que eu faço é ajudar as crianças a estudar e a fazer os trabalhos delas.”</p>	<p>No nono ano foi num infantário a brincar com miúdos de cinco anos.”</p>
		<p>-Animação de idosos</p>	<p>“(…)conversávamos com os idosos (…)”</p>	
		<p>- Dinamização com crianças</p>	<p>“(…)foi num infantário a brincar com miúdos de cinco anos.”</p>	
	<p>Avaliação de acordo com a expectativa</p>	<p>- Positiva</p>	<p>“(…)fui eu que escolhi fazer isto.”</p>	<p>“Sim, sem dúvida que sim. Há um leque de instituições que nos foi propostas, idosos, crianças, crianças deficientes que têm aulas de cavalos, faz parte da terapia deles, portanto fui eu que escolhi fazer isto.”</p>

Voluntariado	<p>Características que um voluntário deve ter</p> <p>Dificuldades sentidas</p> <p>Vantagens</p>	<p>- Ser Responsável</p> <p>-Estar disposto a assumir um compromisso</p> <p>-Estar disponível</p> <p>-Ser Paciente</p> <p>-Estar concentrado na tarefa</p> <p>-Ser calmo</p> <p>-Não apresenta</p> <p>-Possibilita o contato com várias instituições e pessoas</p>	<p>“(…)ser responsável (…)”</p> <p>“(…)deve estar disposto a assumir um compromisso (…)”</p> <p>“(…)estar disponível.”</p> <p>“Ter paciência (…)”</p> <p>“(…)estar apenas focado no que está a fazer (…)”</p> <p>“(…) ter muita calma (…)”</p> <p>“(…)contacto diretamente com instituições e com pessoas desfavorecidas (…)”</p>	<p>Deve ser responsável, deve estar disposto a assumir um compromisso, estar disponível. Ter paciência, não pensar em outras coisas, estar apenas focado no que está a fazer e ter muita calma com eles porque às vezes podem ser mal-educados connosco.”</p> <p>“(…)contacto diretamente com instituições com pessoas desfavorecidas e que vivem de uma maneira completamente diferente da minha (…)”</p>
--------------	---	--	---	--

	<p>Perspetivas futuras</p>	<p>-Permite realizar tarefas interessantes</p> <p>-Desejo de continuar</p>	<p>“(...)faz todo o sentido ter tempo para fazer alguma coisa interessante (...)”</p> <p>“Eu gostava de continuar a fazer (...)”</p>	<p>“Eu acho que faz todo o sentido ter tempo para fazer alguma coisa interessante em vários sentidos e acho que é uma experiência pela qual toda a gente deveria passar.”</p> <p>“Eu gostava de continuar a fazer, faz todo o sentido despende parte do meu tempo para ajudar os outros.”</p>
--	----------------------------	--	--	---

-Grelha de Entrevista B – Colégio São João de Brito

Tema	Categoria	Sub-Categoria	Unidades de registo/ Indicadores	Unidades de Contexto
Motivação	Fontes de Motivação	-Escola	“(…)tínhamos de escolher, ou ficávamos na sala ou fazíamos voluntariado (...) e gostei.”	“Nós tínhamos de escolher: ou ficávamos na sala ou fazíamos voluntariado e eu escolhi fazer voluntariado e escolhi também fazer com crianças aqui perto do colégio numa espécie de ATL e gostei.”
		-Pais	“(…) foi os dois de igual modo (...)”	
		-Desejo próprio	“(…) a decisão veio mesmo por mim.”	“Entrevistador: E quem é que te incentivou a isso? A escola, os pais? Entrevistado: Bem, eu acho que foi os dois de igual modo mas penso que a decisão veio mesmo por mim.”
	Significado atribuído ao voluntariado		“(…)sempre fui de dar-me um bocado à sociedade (...)”	“(…)acho que sempre fui de dar-me um bocado à sociedade, sempre gostei de estar com crianças que é o que faço no voluntariado e portanto juntei o útil ao agradável.
		-Ajudar os outros	“(…) é mais uma hipótese de conseguir ajudar (...)”	“(…)o voluntariado para mim é mais uma hipótese de conseguir ajudar crianças, conseguir que tenham um futuro para além do espetável para pessoas com menos rendimentos e menos incentivos à escola. Acho que nisto, o voluntariado é a minha oportunidade de conseguir que isto realmente
		- Promover as mesmas oportunidades para	“(…) o voluntariado é a minha oportunidade de conseguir (...)que	

		todos	eles tenham as mesmas oportunidades.”	aconteça. Que eles tenham as mesmas oportunidades.”
Formação	Formação de Preparação para o terreno	- Reuniões -Através de um “Manual” -Debates	“(…) escolheram um dia para fazer uma reunião.” “(…)deram-nos um caderno com dicas para o voluntariado (…)” “(…)discutimos e debatemos.”	“(…) tivemos um dia em que as pessoas que iam trabalhar como voluntários escolheram um dia para fazer uma reunião com os vários responsáveis pelo projeto e das instituições. Deram-nos um caderno onde estava dicas para o voluntariado e o que precisávamos de saber para as diferentes áreas; no meu caso como se trabalhava com crianças. Lêmos o que estava escrito, discutimos e debatemos.”
	Grau de consciencialização do seu papel enquanto voluntário	- Conhecimento das tarefas - Sem conhecimento dos seus direitos	“(…) sei o que tenho de fazer (…)” “Direitos não sei se tenho alguns.”	“Direitos não sei se tenho alguns. Deveres basicamente sei o que tenho de fazer, que é ajudar as crianças e isso foi-me dito mais ou menos, porque não sabia bem quais as idades que me iriam calhar.”
	Formação e orientação no terreno	-Formação baseada na observação e repetição	“Eles estão à espera que quando uma pessoa lá chegue, já saiba o que fazer (…) e através da observação se integre.”	“(…)acho que eles estão um bocado familiarizados com o voluntariado, então eles estão à espera que quando a pessoa lá chegue, já saiba o que vai fazer e através da observação se integre.”
Fase no Terreno	Instituições onde praticou	- ATL	“(…)já trabalhei num ATL (…)”	“(…)já trabalhei num ATL, durante o nono ano, em que fazia a mesma coisa, ajudava a nível de

	<p>voluntariado</p>	<p>-Banco Alimentar</p> <p>-Apoio Escolar</p> <p>-Planeamento de atividades</p> <p>-Recolha de alimentos</p> <p>-Apresentava negatividade ao início</p> <p>-Apresentava outro desejo</p>	<p>“(...) também tive outras coisas como o banco alimentar (...)”</p> <p>“(...)ajudava a nível de trabalhos de casa.”</p> <p>“(...)planeava atividades para fazermos (...)”</p> <p>“Estive a recolher no Continente.”</p> <p>“(...) no início fui um bocado negativo (...)”</p> <p>“(...)Fiquei um pouco reticente (...)”</p> <p>“(...) a minha primeira opção era trabalhar com cavalos (...)só que</p>	<p>trabalhos de casa, só que aí planeava atividades para fazermos como por exemplo uma aulinha de origami e depois neste é principalmente ajudar nos trabalhos de casa, tomar conta deles. Depois também tive outras coisas como o banco alimentar, não sei se conta.”</p> <p>“Estive a recolher no Continente.”</p> <p>“Por acaso eu no início fui um bocado negativo quando pensei naquilo porque a primeira vez que fui lá eram crianças mais ou menos até ao quarto ano e depois quando voltei já não sabia de que idades eram e aquilo vai até ao nono. Então fiquei um pouco reticente pois estou mais à vontade com crianças do que com alunos que pouca diferença de idades têm da minha.”</p> <p>“Inicialmente, a minha primeira opção era trabalhar com cavalos porque eu andei em equitação e então achava que se adequava a mim só que não fui a</p>
--	---------------------	--	--	--

			não fui a tempo (...)"	tempo e as vagas foram todas preenchidas. Portanto depois acabei por escolher outra coisa."
Avaliação de aprendizagens	Aprendizagens adquiridas	-Tornou-se mais ativo	"(...)de certeza que me tornei mais ativo (...)agora consigo fazer mais coisas ao mesmo tempo." "(...) no ano passado não fazia praticamente nada (...) e agora estou na associação, faço voluntariado, dou explicações e estudo."	"Bem, de certeza que me tornei mais ativo na medida em que agora consigo fazer mais coisas ao mesmo tempo. Se calhar também a minha capacidade de comunicar com as pessoas, não posso ensinar de qualquer maneira, tenho de descobrir os interesses de cada um para me conseguir relacionar bem com eles e também é a paciência, que é preciso muita." "(...)por exemplo no ano passado não fazia praticamente nada, era escola – casa, casa-escola e cinema às sextas-feiras e agora estou na associação de estudantes, faço voluntariado, dou explicações e estudo."
		-Capacidades de comunicação	"(...) a minha capacidade de comunicar com as pessoas (...)"	
		-Tornou-se mais paciente	"(...)paciência, que é preciso muita (...)"	
		-Tornou-se mais independente	"(...)independentemente de ter pai, mãe e amigos (...) consigo afastar-me mais dessa posição(...)ou seja consigo tornar mais natural o que costumava fazer (...)"	"Depois no dia-a-dia eu penso que independentemente de ter pai, mãe e amigos, com esta experiência consigo afastar-me mais dessa posição mas não deixar de fazer aquilo que faria ou seja consigo tornar mais natural aquilo que costumava fazer e deixar as coisas serem mais uma relação de amizade do que propriamente familiar."
		-Tornou-se mais	"(...)aprendia ser mais flexível	"Bem, acho que sobretudo eu era muito pragmático

	Impactos na consciência cívica	<p>flexível</p> <p>-Relacionamento com o outro</p> <p>-Tornou-se mais compreensivo não julgando</p> <p>- Reconhecimento de outras realidades e problemas inerentes</p>	<p>(...)"</p> <p>"(...) a dar-me melhor com as pessoas (...)"</p> <p>"(...)ter mais consideração pelos outros (...) não julgar as pessoas (...)"</p> <p>"(...) comecei a pensar que a culpa se calhar também a sociedade o levou a essa situação."</p> <p>"(...)comecei a desenvolver o meu sentido social e a pensar mais nestas coisas (...)"</p> <p>"(...)tive mais acesso realmente ao que acontece."</p>	<p>e aprendi a ser mais flexível (...)"</p> <p>"(...)talvez também a dar-me melhor com as pessoas e ter mais consideração pelos outros e ter mais em consideração aquilo que os leva a ser como são, não julgar as pessoas pelo que fazem mas pensar mais que se calhar aconteceu alguma coisa ou que há uma história por detrás (...)"</p> <p>"Acima de tudo quando um amigo meu foi assaltado comecei logo a pensar nas circunstâncias que levaram possivelmente ao assalto não só da parte dele mas também do assaltante e comecei a pensar que a culpa se calhar também não era dele porque a sociedade também o levou à situação onde se encontrava e portanto a partir daí comecei a desenvolver o meu sentido social e a pensar mais nestas coisas que depois continuei e reforcei com o voluntariado por estar mais em contacto com essa realidade. Portanto tive mais acesso realmente ao que acontece."</p>
Avaliação do Projecto	<p>Pontos fortes</p> <p>Pontos fracos</p>	<p>- Diversidade de Parcerias</p> <p>-Mentalidade dos alunos</p>	<p>"Pontos fortes é o facto de se envolver com uma diversidade de instituições (...)"</p> <p>"(...)o problema é que as pessoas não estão muito mentalizadas para o voluntariado (...)"</p>	<p>"Pontos fortes é o facto de se envolver com uma diversidade de instituições. Há uma grande diversidade e as pessoas têm grande opção de escolha. Hum... se calhar o problema é que as pessoas não estão muito mentalizadas para o voluntariado, há muita gente que faz mas há muitas pessoas que pensam que o voluntariado é um bicho</p>

	<p>Propostas</p> <p>Escola como meio de Desenvolvimento</p>	<p>-Palestras por antigos alunos voluntários</p> <p>-Através do voluntariado promove o desenvolvimento local</p>	<p>“(...)devia, por exemplo, chamar antigos voluntários para incentivar.”</p> <p>“(...)estamos a tentar formar as crianças e jovens para exatamente evitar que tenham tendência a fazer coisas que se passam aqui à volta do colégio (...)”</p> <p>“(...)nós tentamos lutar para dar essas oportunidades.”</p>	<p>de sete cabeças (...) acho que este projecto deveria por exemplo chamar antigos voluntários para incentivar.”</p> <p>“(...) por exemplo a associação onde faço voluntariado é aqui muito perto da escola e estamos a tentar formar as crianças e jovens para exatamente evitar que tenham tendência a fazer coisas que se passam aqui á volta do colégio em que por exemplo, há assaltos e outras coisas que podem ser feitas por pessoas que não tiveram oportunidades e nós tentamos lutar para dar essas oportunidades.”</p>
Voluntariado	Valores que um voluntário deve ter	<p>-Acreditar no seu trabalho</p> <p>- Ser responsável</p> <p>-Gostar do trabalho</p> <p>- Ser simpático</p> <p>- Ter capacidade de adaptação</p>	<p>“(...)tem de acreditar naquilo que está a fazer (...)”</p> <p>“(...)tem de ser responsável (...)”</p> <p>“(...)tem de gostar do que faz (...)”</p> <p>“(...)ser simpático (...)”</p> <p>“(...) ter sobretudo uma capacidade de adaptação (...)”</p>	<p>“Acho que ele tem de acreditar naquilo que está a fazer, ou seja não fazer só pela obrigação mas pensar que tem a oportunidade de mudar uma coisa que envolve pessoas, dependendo do tipo de voluntariado. Acho que tem de ser responsável, tem de gostar do que faz, ser simpático e tem que ter sobretudo uma capacidade de adaptação porque por exemplo numa situação em que a pessoa ainda não está bem ambientada tem de tentar ao máximo adaptar-se à tarefa e ao sitio onde está pois assim só assim irá conseguir comunicar com as pessoas, pedir ajuda e vai se calhar ter mais depressa rendimento daquilo que faz.”</p>

	Vantagens	-Poder ajudar os outros	“(...)passa também por ajudar as pessoas (...)”	“(...)disto tendo em conta o emprego que quero ter, que passa também por ajudar as pessoas, ser psicólogo ou psiquiatra, dá imenso jeito este trabalho comunitário que me permite avaliar as pessoas e portanto isto são exercícios que acabo por valorizar muito tendo em conta o meu futuro.”
		-Permite ganhar experiência	“(...)são exercícios que acabam por valorizar muito tendo em conta o meu futuro.”	
	Perspectivas futuras	-Pretende continuar a fazer voluntariado	“Sim, porque gosto de ajudar (...)” “(...)acho que tenho uma certa obrigação de continuar (...)”	“(...)gosto de ajudar e isto é uma das maneiras que encontrei de conseguir isso. Se eu sentir que o meu voluntariado é útil então eu acho que tenho uma certa obrigação de continuar e pelo menos continuar a tentar que seja porque acho que é isso o melhor que uma pessoa pode fazer, conseguir chegar aos outros e torna-los a eles também melhor.”

-Grelha de Entrevista C – Colégio São João de Brito

Tema	Categoria	Sub-Categoria	Unidades de registo/ Indicadores	Unidades de contexto
Motivação	Fontes de Motivação	-Atividades do colégio	“(…) foi com todas as atividades que eu comecei a fazer voluntariado.”	“(…)entrei no colégio muito cedo e foi com todas as atividades que eu comecei a querer fazer voluntariado.”
		- Professores	“(…)através dos meus professores (…)”	“Foi através dos meus professores porque tinha a disciplina de área de projeto e desde aí começamos a fazer voluntariado e a ir um centro de idosos.”
		-Desejo próprio	“(…)sempre gostei.” “(…)senti que gostava ainda de continuar a fazer.”	“(…)eu desde pequenina que faço banco alimentar por isso sempre gostei.” “A partir daí, quando deixou de ser obrigação, senti que gostava ainda de continuar a fazer.”
	Significado atribuído ao voluntariado	-É ajudar os outros	“(…)é poder dar um bocadinho de mim às pessoas que mais precisam.”	“O voluntariado para mim é poder dar um bocadinho de mim às pessoas que mais precisam.”
Formação	Formação como preparação para o terreno	-Formação informal	“(…)assim uma formação formal não.”	“Não, aprendi mais ou menos as áreas que havia, por exemplo para os idosos é preciso fazer “X” coisas, ou têm mais necessidades para outras coisas mas assim uma formação formal não.”

		-Aprendizagem sobre as várias áreas de voluntariado	“(...) aprendi mais ou menos as áreas que havia (...)”	
		-Visita de enquadramento	“(...) fui um dia ver o que tinha de fazer (...)”	“(...)fui um dia ver o que tinha de fazer e o que era preciso ser feito e tudo isso (...)”
	Grau de consciencialização do seu papel enquanto voluntário	-Consciente do seu papel	“Sabia (...)”	“Sabia, mas eu pelo menos a primeira vez que fiz voluntariado, fui um dia ver o que tinha de fazer e o que era preciso ser feito e tudo isso, mas acho que só quando cheguei lá e comecei a fazer as coisas é que tomei completa consciência mesmo do que era preciso ser feito.”
	Formação e orientação no terreno	-Formação sobre o público-alvo	“(...)tive uma formação com os cuidados que devia ter (...)” “(...)explicaram-me as coisas.”	“Este ano, que estou a fazer voluntariado no Jokey que é hipnoterapia com pessoas com paralexia cerebral aí sim, tive uma formação com os cuidados que devia ter, o que precisava de fazer e a ter atenção.” “Sim, podemos considerar que sim. Explicaram-me as coisas.”

	Avaliação de acordo com a expectativa	-Positivas	“(...)tive uma oportunidade de escolher as áreas que mais gostava (...)”	“Sim, porque o colégio oferece um variado leque de possibilidades para fazermos determinadas coisas e no meu caso tive a oportunidade de escolher as áreas que mais gostava e experimentei de tudo um pouco.”
Avaliação de aprendizagens	Aprendizagens adquiridas	-A ser paciente	“(...)aprendi a ter paciência (...)”	“Em primeiro lugar aprendi a ter paciência porque nós aqui somos todos muito parecidos e acho que pelo menos no caso do pragal, onde dou explicações, as pessoas são completamente diferentes de nós e é preciso ter imensa paciência (...)”
		-A lidar com crianças deficientes	“(...)aprendi a lidar com essas deficiências (...)”	“(...)aprendi a lidar com essas deficiências e tecnicamente também é preciso ter muita paciência (...)não nos podemos chatear com eles assim como faríamos com outro tipo de crianças.”
	Impactos na consciência cívica	-Passou a pensar mais nos outros	“(...)aprender a dar-me e tentar não viver num mundo tão egocêntrico.” “(...) muitas vezes pensamos mais no nosso umbigo do que nos outros (...)”	. Como eu disse, eu era daquelas pessoas que se calhar pensava mais em mim e só depois é que pensava nos outros e depois de começar a fazer estas atividades é que comecei a perceber que me sentia melhor a dar de mim(...). Essencialmente foi isso. Aprender a dar-me e tentar não viver num mundo tão egocêntrico. “Nós somos tantos e há tanta gente a precisar de ajuda que nós muitas vezes pensamos mais no nosso umbigo do que nos outros, mais em nós do

		<p>-Reconhecimento da diversidade</p> <p>-Passou a ser mais cauteloso</p> <p>-Passou a ser mais responsável</p>	<p>“(...) comecei a ter mais atenção às pessoas e ver que não são todas iguais (...)”</p> <p>“(...)devia(...) ter cuidado muitas vezes com aquilo que digo ou que faço.”</p> <p>“(...)se nós nos responsabilizamos para fazer aquilo, temos de fazer até ao fim.”</p>	<p>que os outros que estão lá fora a precisar de ajuda.”</p> <p>“(...)porque eu já pratico voluntariado desde pequenina, desde o sétimo ano e acho que desde essa altura que comecei a ter mais atenção às pessoas e ver que não são todas iguais a mim e que não têm as mesmas possibilidades, as mesmas oportunidades e comecei a ver que existem muitas desigualdades e que devia dar mais atenção a elas e ter cuidado muitas vezes com aquilo que digo ou que faço.</p> <p>“É assim a primeira vez achei muito giro e gostei muito daquilo mas depois há alturas em que aquilo é quase um sacrifício mas que se nós nos responsabilizamos para fazer aquilo temos de fazer até ao fim.”</p>
Avaliação do projeto	<p>Pontos fortes</p> <p>Pontos fracos</p>	<p>-Dá a conhecer outras realidades e instituições</p> <p>-Serve de apoio ao voluntariado</p> <p>-Não apresenta</p>	<p>“Os pontos fortes são dar-nos a conhecer todas essas vertentes e todos estes espaços (...)”</p> <p>“(...) o colégio dá imenso apoio ao voluntariado.”</p> <p>“(...) não vejo assim nada que mudasse.”</p>	<p>“Os pontos fortes são dar-nos a conhecer todas essas vertentes e todos estes espaços que existem e que nós nem damos por eles.”</p> <p>“(...) eu acho que pelo menos o colégio dá imenso apoio ao voluntariado e acho que é uma coisa ótima (...)”</p>

	Escola como meio de desenvolvimento	<p>-Promove o voluntariado</p> <p>-Torna os alunos ativos na sociedade</p>	<p>“(...) o colégio dá imenso apoio ao voluntariado (...) é sempre uma ajuda.”</p> <p>“(...)o que nós fazemos é sempre uma ajuda.”</p>	<p>“(...) eu acho que pelo menos o colégio dá imenso apoio ao voluntariado e acho que é uma coisa ótima porque o que nós fazemos pode não ser muito mas acho que é melhor fazer qualquer coisa do que não fazer nada, é sempre uma ajuda.”</p>
Voluntariado	Características que um voluntário deve ter	<p>-Ser responsável</p> <p>-Ser assíduo</p> <p>-Ser paciente</p> <p>-Deve estar mentalmente preparado para as eventualidades</p> <p>-Ser bem disposto</p> <p>-Ter espírito de equipa</p>	<p>“(...)ser responsável(...)”</p> <p>“(...)deve ser assídua (...)”</p> <p>“(...)deve ter paciência (...)”</p> <p>“(...)deve estar mentalmente preparado para tudo (...)”</p> <p>“(...)ser bem disposto (...)”</p> <p>“(...)ter bom espírito de equipa.”</p>	<p>“Eu acho que ele deve estar preparado para tudo, ser responsável pois o voluntariado é uma coisa que deve ser assídua. Acho que deve ter paciência, deve estar mentalmente preparado para tudo e acima de tudo tem de ser bem disposto e ter bom espírito de equipa.”</p>

	<p>Dificuldades sentidas</p>	<p>-Ser assíduo</p> <p>- Ter sempre vontade de trabalhar</p>	<p>“(…)é mais difícil estar sempre presente (…)”</p> <p>“(…)há alturas em que aquilo é quase um sacrifício (…)”</p>	<p>“(…)claro que às vezes há alturas em que é mais difícil estar sempre presente e querer estar sempre lá.”</p> <p>“É assim, a primeira vez achei muito giro e gostei muito daquilo mas depois há alturas em que aquilo é quase um sacrifício mas que se nós nos responsabilizamos para fazer aquilo temos de fazer até ao fim.”</p>
	<p>Vantagens</p>	<p>-Sentir-se bem consigo própria</p>	<p>“(…)sentes-te bem(…)? Sim, muito (…)”</p>	<p>Entrevistador: “Então sentes-te bem a fazer voluntariado?” Entrevistada: Sim, muito.”</p>
	<p>Perspetivas futuras</p>	<p>-Pretende continuar a fazer voluntariado</p> <p>-Pretende explorar outras áreas</p>	<p>“(…) quero continuar imenso a fazer voluntariado (…)”</p> <p>“(…) experimentar outras coisas (…)”</p>	<p>“Sim, quero continuar imenso a fazer voluntariado, não digo nas mesmas instituições, mas experimentar outras coisas porque não quero viver num mundo só meu e há tantas pessoas a precisar de ajuda que eu acho que faz parte do meu dever ajudar aqueles que não têm tantas possibilidades como eu.”</p>

-Grelha de Entrevista D – Colégio São João de Brito

Tema	Categoria	Sub-categoria	Unidades de registo/ Indicadores	Unidades de contexto
Motivação	Fontes de Motivação	-O irmão	“(…) só comecei a pensar nisso quando o meu irmão começou a ir para o Pragal (…)”	“Acho que só comecei mesmo a pensar nisso no 9º ano, que foi quando o meu irmão começou a ir para o Pragal para fazer um tipo de voluntariado mais a sério.”
		-A mãe	“(…)o meu irmão, a minha mãe (…)”	“(…)o meu irmão e a minha mãe, que também faz eventos de solidariedade, encorajaram-me a ver realidades diferentes.”
		-Amigos	“(…) o meu primeiro contacto foi com um amigo do meu irmão (…)”	“O meu primeiro contacto foi com um amigo do meu irmão que trazia testemunhos lá para a casa e um deles falou da ludoteca (…)”
		-Escola	“Quando a Joana disse (…)” “O folheto informativo também estava ótimo (…)”	“Quando a Joana disse, em Setembro, que as inscrições estavam abertas e que a partir daí nós poderíamos inscrever-nos, eu peguei naquilo sem hesitar e inscrevi-me. O folheto informativo também estava ótimo e isso ainda apelou mais à minha vontade em fazer voluntariado.”
	Significado	-É prestar serviços	“(…)são serviços que uma pessoa	“O voluntariado em si é complexo mas acho que

	atribuído ao voluntariado	<p>- É estar disponível</p> <p>-É um trabalho recompensador</p>	<p>faz tendo em conta o bem dos outros (...)"</p> <p>"(...) prescindir do meu tempo (...)"</p> <p>"(...)no fim há sempre aquela recompensa (...)"</p>	<p>são serviços que uma pessoa faz tendo em conta o bem dos outros (...) voluntariado tem esse aspeto que é "ok, eu hoje vou prescindir do meu tempo ou de momentos mais lúdicos para estar a servir pessoas que têm uma vida muito mais difícil que a minha". (...) o voluntariado é mesmo isso: é um custar mas que no fim tem sempre aquela recompensa de ver os miúdos a brincar e satisfeitos."</p>
Formação	<p>Formação como preparação para o terreno</p> <p>Grau de consciencialização do seu papel enquanto voluntário</p>	<p>- Conferências por público-alvo</p> <p>- Formação geral do colégio</p> <p>-Consciente dos seus deveres e limites</p> <p>-Sem conhecimento dos seus direitos</p>	<p>"(...)tivemos uma conferência em que fomos separados (...)"</p> <p>"(...)os dez anos que tive cá (...)já foram uma ótima formação (...)"</p> <p>"(...)sabia bem o que queria fazer e o que podia fazer (...)"</p> <p>"(...)não sabia que tinha algum direito."</p>	<p>"Como formação tivemos uma conferência em que fomos separados pelos que gostavam mais de trabalhar com crianças, com os mais velhos ou com comida, tudo o que o programa de voluntariado tem(...)mas acho que os dez anos que tive cá, não feitos pelo programa de voluntariado, já foram uma ótima formação para o que faço."</p> <p>"Tecnicamente não sabia que tinha algum direito. Direitos e deveres assim técnicos não, agora sabia bem o que queria fazer e o que podia fazer mas acho que tecnicamente aqueles pontos mesmo chave não."</p>

	Formação e orientação no terreno	<p>- Instruções sobre como fazer as várias tarefas</p> <p>-Orientação por voluntários mais antigos</p>	<p>“(...) assim, mesmo dar instruções, foi mais a chamada experiência no terreno (...)”</p> <p>“(...)o mais experiente orientava-nos.”</p>	<p>“(...)por isso a formação em si no sentido de tens de fazer isto assim e assim, mesmo dar instruções, foi mais a chamada experiência no terreno (...)”</p> <p>“No meu primeiro ano tive dois colegas mais velhos, que eram do 12º ano e o mais experiente orientava-nos.”</p>
Fase no terreno	<p>Instituições onde praticou voluntariado</p> <p>Tarefas realizadas</p>	<p>-Banco Alimentar</p> <p>-Ludoteca do Bom pastor</p> <p>-Apoio escolar</p> <p>-Supervisionar crianças</p>	<p>“(...)ir ao banco alimentar (...)”</p> <p>“(...)a ludoteca do Bom Pastor (...)”</p> <p>“(...) ajudar a fazer os trabalhos de casa (...)”</p> <p>“(...)coordenar mais ou menos o comportamento deles (...)”</p>	<p>“(...)às vezes custa-me estar lá com um sorriso na cara e tentar motivar ou ir ao banco alimentar (...)”</p> <p>“Neste programa do colégio tive os dois anos sempre com a mesma instituição, que é a ludoteca do Bom Pastor, aqui no centro da alta de Lisboa, que funciona mais ou menos como um ATL.”</p> <p>“(...)eu basicamente o que tenho de fazer é ajudar a fazer os trabalhos de casa, dar trabalhos de casa, dizer pouco barulho, coordenar mais ou menos o comportamento deles e garantir que ou aprendem uma coisa nova ou que os trabalhos estão feitos.”</p>

	Expectativas iniciais	<p>-Apoiar novos voluntários</p> <p>-Misto de sensações</p> <p>-Expectativas superadas no que se refere ao ambiente envolvente</p> <p>-Confronto com realidades diferentes</p>	<p>“(...)o mais experiente orientava-nos. (...) Agora inverteu-se a situação, sou eu o mais velho (...)”</p> <p>“(...)era e não era o que estava à espera.”</p> <p>“(...)sabem que eu vou lá ajudar as crianças, por isso as expectativas nesse aspeto foi o que eu estava à espera.”</p> <p>“(...)houve aí um choque e para além disso aquilo tem um cheiro característico que uma pessoa não está habituada.”</p> <p>“Há um choque grande a nível de identidades (...)”</p>	<p>“No meu primeiro ano tive dois colegas mais velhos, que eram do 12º ano e o mais experiente orientava-nos. (...) Agora inverteu-se a situação, sou eu o mais velho (...)”</p> <p>“Portanto era e não era o que estava à espera. (...) No entanto, quando lá cheguei aquilo era do tamanho deste gabinete por isso houve aí um choque e para além disso aquilo tem um cheiro característico que uma pessoa não está habituada. Houve mesmo ali um choque mas em termos essenciais, porque isto são coisas mais exteriores, de resto foi muito ao encontro das minhas expectativas. Há um choque grande a nível de identidades entre mim, que tenho uma família estável, uma boa casa e uma boa família e embora eu já tivesse ouvido falar daquele bairro e que tinha mau aspeto e as pessoas também, consegui observar isso em primeira mão e hoje até me sinto mais à vontade porque sei o que se passa lá dentro e eles sabem que eu vou lá ajudar as crianças, por isso as expectativas nesse aspeto foi o que eu estava à espera.”</p>
--	-----------------------	--	---	---

<p>Avaliação do impacto do projecto no aluno</p>	<p>Aprendizagens adquiridas</p>	<p>- Competências de comunicação</p> <p>-Competências de ensino</p> <p>-Tornou-se mais confiante</p> <p>-Tornou-se mais autónomo</p> <p>-Tornou-se mais ativo</p>	<p>“(...) a comunicação desde aí evoluiu.”</p> <p>“(...)o ato de ensinar (...)”</p> <p>“(...)já não tenho vergonha de falar com as crianças e de dizer coisas erradas.”</p> <p>“(...)mas já posso tomar as minhas decisões (...)”</p> <p>“(...)acho que activo (...)”</p> <p>“(...) eu fazia um sacrificio enorme e hoje em dia já ponho e sou mais ativo (...)”</p>	<p>“A comunicação. Eu antes falava, mas era mais aquele palavreado mais de nono ano e agora quando fui lá tive de ter cuidado com o vocabulário para não dizer certas coisas e acho que a comunicação desde aí evoluiu. E eu agora devido ao voluntariado já não tenho vergonha de falar com as crianças e de dizer coisas erradas. Outra coisa acho que foi o acto de ensinar (...)”</p> <p>“(...)continua a haver esse tal voluntário de vinte e tal anos que ainda me ajuda mas já posso tomar as minhas decisões portanto tenho um grau de responsabilidade.”</p> <p>“Não é que o voluntariado mude o mundo mas acho que ativo sou porque fico todos os dias aqui até às cinco e meia, que não é bem um sacrificio, e apanho o autocarro para fazer algo pelos outros. Acho que sim, sou ativo.”</p> <p>“A minha mãe pedia-me para por a mesa e eu fazia um sacrificio enorme e hoje em dia já ponho e sou mais ativo, acho isso ótimo.”</p>
--	---------------------------------	---	--	--

	<p>Impactos na consciência cívica</p>	<p>- Tornou-se mais consciente</p> <p>- Tornou-se mais compreensivo não julgando</p> <p>-Aumento da capacidade e motivação em servir</p>	<p>“(...) não tinha noção do que se passava lá fora.”</p> <p>“(...)em termos de problemas sociais, preocupo-me mais (...)”</p> <p>“(...) em vez de ter medo penso “este homem não deve ter a vida nada fácil” e começo a relativizar.</p> <p>“(...)cada vez mais (...) eu pego mais no que vejo em termos de problemas sociais (...)”</p> <p>“(...)em mim há uma certa vontade em servir (...)”</p>	<p>“(...) não tinha noção do que se passava lá fora. Vinha todos os dias para o colégio e voltava ou de carro ou de metro e mais nada. Via um cigano e até tinha medo e hoje graças ao voluntariado e aos professores olho para um homem com a roupa toda rota e em vez de ter medo penso “este homem não deve ter a vida nada fácil” e começo a relativizar.</p> <p>“(...)cada vez mais graças ao voluntariado tanto no banco alimentar como na ludoteca eu pego mais no que vejo em termos de problemas sociais, preocupo-me mais e acho que isso devo muito ao voluntariado.” “Aprendi que em mim há uma certa vontade em servir, algo que desconhecia.”</p>
--	---------------------------------------	---	--	--

	Escola como meio de desenvolvimento	os alunos - Promove o voluntariado e a reflexão sob os problemas sociais do ambiente envolvente ao colégio	“Há muito aqui à volta.” “(…)sem o projeto para nós o Lumiar era o colégio e ponto.”	“Há muito aqui à volta. Estes bairros aqui são problemáticos e há uma data de instituições e pessoas com graves problemas e acho que a esse respeito é muito bom porque sem o projeto para nós o Lumiar era o colégio e ponto.”
Voluntariado	Características que um voluntário deve ter	-Mostrar-se disponível -Ter espírito de gratuidade -Ser prestável -Saber controlar os sentimentos -Ser um exemplo	“(…)a disponibilidade (…)” “(…)o espírito de gratuidade.” “Fazer as outras pessoas sentirem que podem pedir qualquer coisa (…)” “(…)nem muito fria, nem muito sensível (…)” “(…)ser um exemplo.”	“Acho que o serviço é o mais forte, a disponibilidade e o espírito de gratuidade. É o gostar de dar tanto como a sociedade espera de nós. Fazer as outras pessoas sentirem que podem pedir qualquer coisa que um voluntário vai querer corresponder. Outros valores é a afetividade, uma pessoa não pode ser nem muito fria, nem muito sensível (…)” “Quanto ao trabalho com crianças acho que é importante também ser um exemplo. Penso que é um dos pontos mais essenciais do voluntariado, ser um exemplo.”

	<p>Vantagens</p>	<p>-Fonte de tranquilidade</p> <p>-Fonte de motivação para o estudo</p> <p>-Desenvolvimento do currículo</p> <p>-Faz sentir-se bem</p>	<p>“(...)esqueço tudo (...) é rejuvenescedora.”</p> <p>“(...)levou-me a pensar que tinha de fazer mais(...)</p> <p>“Cada vez gosto mais de aprender (...)”</p> <p>“(...) as empresas estão cada vez mais a investir na solidariedade social (...) isto é uma “montra” .”</p> <p>“(...)porque me sinto melhor ao ver</p>	<p>“Quando estou no voluntariado esqueço tudo, posso estar preocupado porque tenho um teste amanhã mas esqueço por completo porque há pessoas com problemas maiores do que os meus e se estou preocupado é porque já devia ter estudado. É esta sensação de dar que eu acho que é rejuvenescedora.”</p> <p>“Eu tenho estes meios todos para ter boas notas, tenho uma boa família e um ótimo colégio e olhando para aquelas crianças penso: porque é que não haveria de estar a aproveitar isto? O voluntariado, embora sejam só 15 miúdos mais ou menos levou-me a pensar que tinha de fazer mais e portanto foi algo importante.”</p> <p>“Acho que o voluntariado mudou muito esse aspeto da minha vida que foi o ensino. Cada vez gosto mais de aprender e ensinar.”</p> <p>“(...)hoje em dia num espaço mais profissional as empresas estão cada vez mais a investir na solidariedade social e em eventos de caridade e isto é uma “montra”.</p> <p>(...)O voluntariado irá trazer benefícios nem que</p>
--	------------------	--	---	---

		<p>consigo próprio</p> <p>-Criação da identidade profissional</p> <p>-O cansaço</p>	<p>a vida deles melhor (...)"</p> <p>"(...)sou uma melhor pessoa agora."</p> <p>"(...)com o voluntariado cheguei à conclusão que o que gostava mesmo era de ser professor."</p> <p>"(...)às vezes custa um bocado (...)"</p> <p>"(...)é algo que quero manter (...)"</p> <p>"(...)gostava de ir tirar um ano para fazer voluntariado ou no nosso país ou mesmo lá fora."</p>	<p>seja num futuro próximo ou daqui a dez dias porque me sinto melhor ao ver a vida deles melhor. O voluntariado só pode trazer benefícios, sou uma melhor pessoa agora."</p> <p>"No 10º ano não fazia a mínima ideia do que queria fazer e com o voluntariado cheguei à conclusão que o que gostava mesmo era de ser professor. Ajudar as crianças e falar com elas e esclarecer as dúvidas delas."</p> <p>"(...)às vezes custa um bocado, por exemplo chego lá naquelas semanas mesmo cansativas e às vezes custa-me estar lá com um sorriso na cara e tentar motivar ou ir ao banco alimentar, essas vezes é difícil mas acho que para eu me achar mesmo voluntário tenho de superar isso e ajudar as pessoas."</p> <p>"(...)eu não queria deixar estes miúdos porque ao longo da semana só há quatro voluntários. O voluntariado já fez tanto pela vida deles que é algo que quero manter e ser um bom exemplo."</p> <p>"Depois graças ao voluntariado já tenho uma ideia do que quero fazer, gostava de ir tirar um ano para fazer voluntariado ou no nosso país ou mesmo lá fora."</p>
	Dificuldades sentidas			
	Perspetivas futuras	<p>-Pretende continuar a fazer voluntariado</p> <p>-Pretende fazer voluntariado de longa duração</p>		

-Grelha de Entrevista E – Escola Secundária Romeu Correia

Tema	Categoria	Sub-categoria	Unidades de registo/Indicadores	Unidades de contexto
Motivação	Fontes de Motivação	- Avó	“A minha avó (...)”	“A minha avó costuma de estar com idosos e adora, mas acho que foi mesmo por incentivo próprio.”
		- Motivação própria	“(...)foi mesmo por incentivo próprio.” “(...)é uma coisa que sempre quis fazer(...)”	
	Significado atribuído ao voluntariado		-Professor	“O professor falou connosco (...)”
- É ajudar o outro			“É ajudar (...)”	“É ajudar sem pedir nada em troca, é fazer com que as outras pessoas gostem do nosso trabalho e gostem de nos acolher com carinho.”
-É o sentido de gratuidade			“(...)sem pedir nada em troca (...)”	
		-É fazer com que os outros gostem do	“(...)gostem do nosso trabalho (...)”	

		trabalho realizado		
Formação	Formação como preparação para o terreno	- Discussões teóricas sobre o tipo de trabalho a desempenhar enquanto voluntário	“(…)gostem de nos acolher (…)” “(…)discutíamos nas aulas.” “Saí da escola a saber qual o meu papel numa instituição.”	“Disseram o que íamos fazer e discutíamos nas aulas. Falámos que não íamos substituir o trabalho de ninguém e como não era um estágio mas sim um trabalho voluntário, devíamos fazer o que melhor soubéssemos. Saí da escola a saber qual o meu papel numa instituição.”
	Grau de consciencialização do seu papel enquanto voluntário	-Consciente do seu papel -Consciente do tipo de trabalho que não lhe competiam	“Sabia o que devia ou não fazer.” “Sabia (…)que tinha de falar com eles e os ajudar (…)” “Não fazíamos nada muito pesado (…isso era o trabalho das profissionais (…)”	“Sabia que ia para lá e que tinha de falar com eles e os ajudar mas não sabia mesmo ao certo o que iria acabar por fazer. Sabia o que devia ou não fazer.” “Não fazíamos nada muito pesado, como mudar uma fralda, porque isso era o trabalho das profissionais (…)”
	Formação e orientação no terreno	-Orientação geral do trabalho do voluntário -Formação sobre o público-alvo	“(…) orientavam-me (…)” “(…) explicavam-me como era cada pessoa e de acordo com cada uma como deveria agir.” “(…)davam-nos dicas para nos facilitarem a vida.”	“(…) orientavam-me e explicavam-me como era cada pessoa e de acordo com cada uma como deveria agir. Nós próprios perguntávamos porque por exemplo havia uma senhora que fazia sempre cara estranha e tinha a mania de dizer “andam-me aqui a tratar mal” e era estranho. E claro que nestas situações, nós próprios queremos tentar perceber e eles explicavam sempre.”

		-Apoio nas várias questões	“Nós próprios perguntávamos (...)” “(...)nós próprios queremos tentar perceber e eles explicavam sempre.”	“Lá na instituição disseram para não prestar muita atenção ao que eles dizem porque eles quando veem pessoas novas podem fazer-se de coitadinhos para nós os ajudarmos em tudo. Portanto, davam-nos dicas para nos facilitarem a vida.”
Fase no terreno	Instituições onde praticou voluntariado Tarefas realizadas	-Santa casa da Misericórdia em Almada -Auxílio na dinamização de festas -Dinamização de idosos -Acompanhar idosos em idas ao exterior -Auxílio nas tarefas relativas aos almoços	“(...) santa casa da misericórdia em Almada.” “(...)tive a ajudar (...)para a festa (...)e a organizar as coisas (...)pronto a animar aquilo.” “(...)falo com eles (...)” “(...)para fazer companhia.” “(...)saio em passeio com eles (...)” “(...)dou de comer (...)” “(...)ponho as mesas (...)”	“Na santa casa da misericórdia em Almada.” “Logo no primeiro dia tive a ajudar a fazer flores em papel para a festa do dia da mulher e a organizar as coisas mais básicas como pôr as mesas, estar com eles, tirar fotografias, dançar, pronto a animar aquilo. Fiquei logo à vontade! Nos outros dias dou de comer, à boca de alguns, falo com eles, ponho as mesas e por vezes saio em passeio com eles para os ajudar a apanhar o autocarro e também para fazer companhia.”
	Avaliação de	-Positiva	“(...)foi o que eu esperava (...)”	“Sim, foi o que eu esperava (...)”

	acordo com a expectativa			
Avaliação das aprendizagens	<p>Aprendizagens adquiridas</p> <p>Impactos na consciência cívica</p>	<p>-Tornou-se mais ativa</p> <p>-Competências de comunicação</p> <p>-Aprendeu a respeitar e não julgar os idosos</p> <p>-Tornou-se mais consciente dos problemas sociais da população idosa</p>	<p>“(...)sentia que era mais ativa.”</p> <p>“(...)a saber falar com cada um deles (...)”</p> <p>“(...)aprendi a compreender melhor os idosos (...)”</p> <p>“(...)a respeitá-los (...)”</p> <p>“(...)fiquei a saber como realmente são (...)”</p> <p>“(...)tornou tudo mais real (...)”</p>	<p>“Mais ou menos, por estar no voluntariado, a ajudar os outros, sentia que era mais ativa.”</p> <p>“Eu aprendi a compreender melhor os idosos, a saber falar com cada um deles e a respeitá-los (...)”</p> <p>“(...)ao entrar em contacto com os problemas, neste caso dos idosos, fiquei a saber como realmente são, o que tornou tudo mais real, principalmente as notícias dos telejornais.”</p>

	Escola como meio de desenvolvimento	<p>-Promove o combate à fome</p> <p>-Contribui para outros projetos solidários</p> <p>-Promove o voluntariado e a responsabilidade social</p>	<p>“(...)ajuda muitas famílias que não podem ter uma ceia para comer.”</p> <p>“(...) projetos de recolha de tampas para cadeiras de rodas, o óleo (...)”</p> <p>“(...)e ao promover o voluntariado (...)”</p> <p>“(...)faz (...) com que nós alunos tenhamos aquela sensibilidade para as pessoas, para o ambiente e tudo isso.”</p>	<p>“O Ecosol no Natal ajuda muitas famílias que não podem ter uma ceia para comer. Temos vários projetos de recolha de tampas para cadeiras de rodas, o óleo que não me lembro o que ajuda, e ao promover o voluntariado faz um elo de entrada num outro meio. Veremos como é estar com idosos ou com crianças e portanto no seu todo acho que é um bom projeto. Isto faz também com que nós alunos tenhamos aquela sensibilidade para as pessoas, para o ambiente e tudo isso.”</p>
Voluntariado	<p>Características que um voluntário deve ter</p> <p>Dificuldades sentidas</p>	<p>-Ser paciente</p> <p>-Ser bem-disposto</p> <p>-Ser bom ouvinte</p> <p>-Não julgar o outro</p> <p>- Ser confiante</p> <p>- Abstrair-se dos problemas observados</p>	<p>“(...)deve ser paciente (...)”</p> <p>“(...)animado(...)”</p> <p>“(...)disposto a ouvir (...)”</p> <p>“(...)não julgar (...)”</p> <p>“Não os devemos julgar (...)”</p> <p>“(...)não nos devemos inferiorizar (...)”</p> <p>“(...)foi um bocado pesado (...)faziam-me lembrar parentes</p>	<p>“Um voluntário deve ser paciente, animado, estar sempre disposto a ouvir e não julgar.”</p> <p>“Não os devemos julgar porque também estão numa idade com alguns problemas e não nos devemos inferiorizar a nós porque eles às vezes dizem coisas que não querem dizer.”</p> <p>“(...) no início foi um bocado pesado porque eles faziam-me lembrar parentes meus e pensar que um</p>

	Vantagens	<p>-Enriquecimento do currículo</p> <p>-Serve como preparação para o estágio curricular</p> <p>-Aumenta a consciência social</p> <p>-Desperta o sentido de solidariedade</p>	<p>meus (...)”</p> <p>“(...)é sempre bom para o currículo (...)”</p> <p>“(...)vou ter de fazer um estágio e assim já tenho uma noção de como será.”</p> <p>“(...)uma maneira de nos despertar para várias coisas da vida (...)”</p> <p>“(...) e ficamos mais sensibilizados para ajudar.”</p>	<p>dia poderiam ficar assim fez com que custasse um bocado.”</p> <p>“Na minha área tem, é sempre bom para o currículo porque quero mesmo trabalhar com idosos, crianças e isso tudo e portanto é bom até porque vou ter de fazer um estágio e assim já tenho uma noção de como será. Mas acho que é bom mesmo para as pessoas que não estão neste curso porque é sempre uma maneira de nos despertar para várias coisas da vida e ficamos mais sensibilizados para ajudar.”</p>
	Perspetivas futuras	<p>-Pretende continuar a fazer voluntariado</p> <p>-Deseja experimentar outras áreas de ação</p>	<p>“(...)quero continuar a fazer.”</p> <p>“(...)gostava de experimentar outras áreas (...)”</p>	<p>“Sim, quero continuar a fazer.”</p> <p>“Porque acho muito giro e sinto-me bem. Mas também gostava de experimentar outras áreas sem ser só com idosos para ver como é.”</p>

-Grelha de Entrevista F – Escola Secundária Romeu Correia

Tema	Categoria	Sub-categoria	Unidades de registo/ Indicadores	Unidades de contexto
Motivação	Fontes de motivação	-Desejo próprio	“Já tinha esse desejo (...)” “(...)faz parte dos meus valores (...)”	“Já tinha esse desejo mas não tinha idade para o fazer.” “Porque faz parte dos meus valores, daquilo que aprendi com os escuteiros e para além disso a minha mãe também faz voluntariado, é como se fosse uma coisa de família.” “Sim, às vezes quando ela trabalhava no CAF de Almada eu ia com ela e isso talvez tenha sido uma motivação para eu querer fazer.”
		-Escuteiros	“(...)aprendi com os escuteiros (...)”	
		-Mãe	“(...)a minha mãe também faz voluntariado (...)” “(...)uma coisa de família.” “(...)eu ia com ela e isso talvez tenha sido uma motivação para eu querer fazer.”	
		-Sessão de divulgação	“(...)a turma 11º ano dos TAPS veio à minha sala falar da bolsa de voluntariado (...)”	“Portanto a turma 11º ano dos TAPS veio à minha sala falar da bolsa de voluntariado e depois o diretor da minha turma também cativou e foi assim. Depois falei com o diretor porque não tinha idade na altura e ele ajudou-me e agora estou a fazer voluntariado finalmente.”
		-Diretor de turma	“(...)o diretor da minha turma também cativou (...)” “(...)falei com o diretor(...)e ele ajudou-me (...)”	
	Significado atribuído ao voluntariado	-É um serviço prestado à sociedade	“(...)meto as minhas capacidades ao serviço da sociedade.”	“Para mim é aquele momento da semana que eu vou lá e meto as minhas capacidades ao serviço da sociedade. É a minha parte. Dão-me

		-É a entrega	“(...)o voluntariado para mim é dar-me.”	conhecimentos que é a escola e eu devo dar algo à sociedade portanto o voluntariado para mim é dar-me.”
		-É agradecer à sociedade por tudo o que lhe oferece	“É a minha parte.” “(...)devo dar algo à sociedade (...)”	
Formação	Formação como preparação para o terreno	-Reuniões de esclarecimento -Escoteiros como principal formador	“Explicaram-me nas reuniões tudo (...)” “(...)não precisaram de me dar tantas guias como dão aos outros (...)” “(...)porque já fui escoteiro. (...)portanto já sei mais ou menos formas de ajudar e de estar (...)” “Disseram-me para aplicar aquilo que eu já sabia(...)”	“Sim, a minha professora de expressões e o meu director de turma fizeram um esforço para me preparar. Explicaram-me nas reuniões tudo mas eu acho que eles também confiam em mim e por isso não precisaram de me dar tantas guias como dão aos outros, porque já fui escoteiro. Nos escoteiros tenho de cuidar dos mais novos e portanto já sei mais ou menos formas de ajudar e de estar porque é o dia-a-dia dos escoteiros. Disseram-me para aplicar aquilo que eu já sabia como ter paciência, ser flexível e como viram que já tinha algum conhecimento deixaram-me ir.”
	Grau de consciencialização do seu papel enquanto voluntário	-Consciente dos seus limites	“(...)sabia o que podia ou não fazer (...)”	“Sim, sabia o que podia ou não fazer até porque lá em casa a minha mãe fala muito disto e tenta que corra tudo bem.”

	Formação e orientação no terreno	-Trabalho orientado por uma Educadora	“(...)a Educadora (...)ajuda bastante e explica-me as dinâmicas (...)” “(...)tem sido a minha verdadeira formação (...)”	“Sim, a Educadora onde eu estou, a Filomena, ajuda bastante e explica-me as dinâmicas e eu acho que isso é que tem sido a minha verdadeira formação pois está ligada à prática em si.”
Fase no terreno	Instituições onde praticou voluntariado	-Infantário do Feijó	“Estou aqui no infantário do Feijó (...)”	“Estou aqui no infantário do Feijó e a função é estar com eles no intervalo e quando a educadora vai às outras salas, porque só há duas educadoras para três salas, eu fico com eles a dinamizar, a fazer jogos tal como no recreio.”
	Tarefas realizadas	-Dinamização de recreio -Auxilio nas tarefas das monitoras	“(...)estar com eles no intervalo (...)” “(...) só há duas educadoras para três salas (...)”	
	Avaliação de acordo com a expectativa	-Expectativas superadas	“(...)achei que não iria ser nada demais (...)”	“Quando comecei lá achei que não iria ser nada demais mas depois reparei que aquilo que eu sinto ao fazer as pequenas coisas é que as crianças dão-me imenso carinho porque eu dou e elas dão-me e isso é mais uma motivação para o voluntariado do que propriamente as tarefas que estou a fazer.”

		descoberta dos problemas ao invés do julgamento precoce		
Avaliação do projeto	Pontos fortes	- Ajuda os alunos com dificuldades financeiras em prol da educação -Promove a integração social	“(...)é ajudar as pessoas a virem às aulas (...)” “Ajuda (...)a terem uma função na sociedade (...)”	“Fracos é estar direcionado só para algumas pessoas. O projeto abrange os alunos de toda a escola mas quem realmente ajuda são os cursos profissionais, os outros não são tão ativos nessa parte. Os pontos fortes é ajudar as pessoas a virem às aulas sem se preocuparem com o trabalho. Para além disso ajuda as pessoas, através do voluntariado, a terem uma função na sociedade, porque há pessoas que se sentem inúteis e com o voluntariado ganham um rumo na vida.”
	Pontos fracos	-Pouca aderência por parte dos cursos regulares	“(...)quem realmente ajuda são os cursos profissionais, os outros não são tão ativos (...)”	
	Propostas	-Divulgação do projeto feita por outros voluntários	“(...)fazer sessões (...)com voluntários (...)”	

	Escola como meio de desenvolvimento	<p>- Auxilia as outras escolas através de voluntários</p> <p>-Auxilia famílias ligadas à rede educativa</p>	<p>“(...) algumas escolas aqui do agrupamento beneficiaram muito com o projeto.”</p> <p>“(...)há casos de pessoas que não têm dinheiro e o EcoSol tem ajudado (...)”</p> <p>“(...)conseguiram reduzir o horário porque o EcoSol os ajudou.”</p>	<p>“(...) algumas escolas aqui do agrupamento beneficiaram muito com o projeto. Havia dias em que havia uma educadora para setenta crianças e sem auxiliar sem nada, o que causa o caos no infantário ou os pais deixarem de por lá as crianças. Depois na minha turma há casos de pessoas que não têm dinheiro e o EcoSol tem ajudado bastante, até para virem às aulas porque alguns trabalhavam e já conseguiram reduzir o horário porque o EcoSol os ajudou.”</p>
Voluntariado	<p>Características que um voluntário deve ter</p> <p>Dificuldades sentidas</p>	<p>- Ser sensível</p> <p>- Ter a mente aberta</p> <p>-Ser respeitador</p> <p>-Entrave da idade para poder participar no projeto</p>	<p>“(...)deve ter sensibilidade (...)”</p> <p>“(...)ter a mente aberta (...)”</p> <p>“(...)e respeitar essencialmente as pessoas (...)”</p> <p>“(...)meteram logo o entrave do problema da idade (...)”</p>	<p>“Acho que um voluntário deve ter sensibilidade para alguns assuntos, ter a mente aberta e respeitar essencialmente as pessoas que trabalham com ele.”</p> <p>“Começaram a falar do voluntariado e as coisas boas disso mas meteram logo o entrave do problema da idade porque eu sou dos mais novos da turma e para nos inscrevermos temos de ter dezasseis anos e eu ainda tinha quinze, mas o diretor ajudou-me e tudo se encaminhou.”</p>

-Grelha de Entrevista G – Escola Secundária Romeu Correia

Tema	Categoria	Sub-categoria	Unidades de registo / Indicadores	Unidades de contexto
Motivação	Fontes de motivação	- Sessão de divulgação do projeto	“(…)falaram disso de uma maneira que me fez logo querer participar.”	“O projeto EcoSol foi divulgado pelas salas e falaram disso de uma maneira que me fez logo querer participar. Disseram que o voluntariado era bom para nós e perguntaram se os alunos estavam interessados e no fim acabei por inscrever-me e não estou nada arrependido.”
	Significado atribuído ao voluntariado	-É ajudar o outro	“(…) ajudar os outros.”	“É ter a hipótese de ajudar os outros.”
Formação	Formação como preparação para o terreno	- Sessões teóricas sobre a temática	“(…)a escola acabou por me dar uma formação (…)”	“Na área onde estou falamos muito sobre a área social e por isso acho que a escola acabou por me dar uma formação para o que iria enfrentar no voluntariado. Para além disso já tive um estágio onde aprendia a maioria das coisas.”
		- Estágio curricular	“(…) tive um estágio (…)”	
	Grau de consciencialização do seu papel enquanto voluntário	- Consciente do seu papel	“(…)explicaram-me logo qual seria o meu papel (…)”	“(…)explicaram-me logo qual seria o meu papel mas assim o que ia fazer mesmo foi-me dito só na instituição.”
-Não sabia quais as suas tarefas	“(…)o que ia fazer mesmo foi-me dito só na instituição.”			

	Formação e orientação no terreno	-Formação através de uma orientadora responsável	“(…)tenho uma orientadora (…)”	“Sim, tenho uma orientadora que me explica tudo e responde às minhas perguntas.”
Fase no terreno	<p>Instituições onde praticou voluntariado</p> <p>Tarefas realizadas</p> <p>Expectativas iniciais</p>	<p>- Centro de Dia na Trafaria</p> <p>- Dinamização de idosos</p> <p>- Apoio nas refeições</p> <p>- Dinamização de crianças</p> <p>-Desmotivação em relação ao público-alvo</p>	<p>“(…) na Trafaria com crianças e idosos.”</p> <p>“Com os idosos tinha de estar com eles (…)”</p> <p>“(…)dar-lhes de comer (…)”</p> <p>“(…) tomar conta delas.”</p> <p>“Não é aquilo que estava à espera (…)”</p>	<p>“Trabalhei na Trafaria com crianças e idosos.”</p> <p>“Com os idosos tinha de estar com eles, dar-lhes de comer e com as crianças foi mais tomar conta delas. Com os idosos é melhor porque eles já sabem ter uma conversa enquanto que uma criança quer atenção.”</p> <p>“Não é aquilo que estava à espera porque foi como eu disse prefiro os idosos. Com as crianças tenho de ter muita paciência e depois se descobrem o nosso ponto fraco já não há nada a fazer e isto não acontece com os idosos.”</p>

		- Ajuda os alunos com maiores dificuldades	“Pontos fortes é ajudar os alunos (...)”	“Pontos fortes é ajudar os alunos que mais necessitam porque este projeto não é só a bolsa de voluntariado, para além disso facilita também a ponte entre os alunos que querem fazer voluntariado e quem precisa de ajuda. Os pontos fracos, não sei mesmo.”
	Pontos fracos	- Promove e facilita o voluntariado	“(...)facilita também a ponte entre os alunos que querem fazer voluntariado e quem precisa de ajuda (...)”	
		-Não apresenta	“Os pontos fracos, não sei mesmo.”	
	Propostas	- Poder alterar de instituição a qualquer momento	“(...)mudar de instituição sem ter de esperar pelo fim do ano letivo.”	“Não sei, talvez deixarem mudar de instituição sem ter de esperar pelo fim do ano letivo.”
	Escola como meio de desenvolvimento	- Promove o voluntariado na comunidade	“(...) é a única escola que tem um banco de voluntariado (...)”	“Acho que sim que faz diferença até porque acho que é a única escola que tem um banco de voluntariado e acho que é bom para os alunos e não só.”

		<p>- Auxilia alunos e famílias</p> <p>- Promove a formação de cidadãos</p>	<p>“(...)que é bom para os alunos e não só.”</p> <p>“(...)ajuda os alunos.”</p> <p>“(...) desenvolvem mais competências e mais capacidades sociais nos alunos (...)”</p>	<p>“Porque acho que desenvolvem mais competências e mais capacidades sociais nos alunos e é uma mais-valia para a escola porque ajuda os alunos.”</p>
Voluntariado	<p>Características que um voluntário deve ter</p> <p>Vantagens</p>	<p>-Ser disponível</p> <p>- Ser assíduo</p> <p>-Estar motivado</p> <p>- Ser responsável</p> <p>- Possibilita ajudar o outro</p> <p>- Preparação a nível profissional</p>	<p>“Disponibilidade (...)”</p> <p>“(...)assiduidade (...)”</p> <p>“(...)motivação (...)”</p> <p>“(...)ser responsável.”</p> <p>“(...)é poder ajudar os outros (...)”</p> <p>“(...) se for trabalhar nesta área já saberei como lidar com quem vou</p>	<p>“Disponibilidade, assiduidade, motivação e ser responsável.”</p> <p>“A maior vantagem é poder ajudar os outros.”</p> <p>“Acho que sim, se for trabalhar nesta área já saberei como lidar com quem vou trabalhar.”</p>

			trabalhar.”	
	Dificuldades sentidas	-Enriquecimento do currículo -Trabalhar com crianças	“(…)profissionalmente podem ver-me de outra forma.” “(…) mas destacas-te por fazer voluntariado.” “Com as crianças tenho de ter muita paciência (…)”	“Sim, profissionalmente podem ver-me de outra forma. Não quer dizer que te deem um valor muito alto mas destacas-te por fazer voluntariado.” “Com as crianças tenho de ter muita paciência e depois se descobrem o nosso ponto fraco já não há nada a fazer e isto não acontece com os idosos.”
	Perspetivas futuras	-Pretende continuara a fazer voluntariado com idosos	“(…)pretendo continuar (…)”	“Sim, pretendo continuar mas com idosos porque gosto destas atividades.”

-Grelha de Entrevista H – Escola Secundária Romeu Correia

Tema	Categoria	Sub-categoria	Unidades de registo/ Indicadores	Unidades de contexto
Motivação	Fontes de Motivação Significado atribuído ao voluntariado	- O curso - Diretor de turma -É uma ajuda extra dentro de uma instituição	“Foi através do curso (...)” “(...)o meu diretor de turma (...)” “Para mim o voluntariado é um auxílio extra àquele que a instituição já tem (...)”	“Foi através do curso e porque um dos organizadores da bolsa de voluntariado é o meu diretor de turma e então tomámos logo conhecimento direto porque trabalhamos com este professor.” “Para mim o voluntariado é um auxílio extra àquele que a instituição já tem, é sempre bom ter mais uma ajuda porque eles não conseguem fazer coisas banais tendo outros assuntos com maior importância pendentes. Cabe então a nós estarmos lá a fazer aquilo que eles muitas vezes não têm tempo, coisas básicas.”
Formação	Formação como preparação para o terreno	- Aulas teóricas -Visita à instituição	“A parte teórica é que tenho a partir da escola (...)” “O meu diretor de turma (...)levou-me lá(...)”	“Formação em si, mais ou menos. A parte teórica é que tenho a partir da escola porque nós tratamos muito deste tipo de assuntos.” “O meu diretor de turma, quando foi para começar levou-me lá e tivemos uma reunião (...)”

	<p>Grau de consciencialização do seu papel enquanto voluntário</p> <p>Formação e orientação no terreno</p>	<p>-Não estava consciente do seu papel</p> <p>- Estágio</p> <p>-Instrução por parte das coordenadoras</p>	<p>“(...)não sabia muito daquilo que compete a um voluntário.”</p> <p>“Tive um tempo de estágio (...) durante um mês.”</p> <p>“(...)elas explicaram o meu papel, como eram as instalações, esse tipo de coisas.”</p>	<p>“Mais ou menos, não sabia muito daquilo que compete a um voluntário. (...)Então acho que não. Agora é que já estou a ficar mais integrada mas de início acho que não.”</p> <p>“Tive um tempo de estágio no 1º ano de curso durante um mês.”</p> <p>“(...)tivemos uma reunião com as coordenadoras onde elas explicaram o meu papel, como eram as instalações, esse tipo de coisas.”</p>
<p>Fase no terreno</p>	<p>Instituições onde praticou voluntariado</p> <p>Tarefas realizadas</p>	<p>-Escola de Vale Flores</p> <p>- Acompanhamento de alunos em sessões de aula</p>	<p>“(...)na escola de Vale Flores.”</p> <p>“(..) dou-lhes apoio durante a aula (...)”</p> <p>“(...)durante as aulas dou apoio ao professor.”</p>	<p>“Como voluntária trabalho aqui na escola de Vale Flores.”</p> <p>“Então, esta escola tem miúdos problemáticos não só ao nível do comportamento mas também a nível cognitivo ou cegos. Eu vou lá para a sala de aula uma vez por semana e dou-lhes apoio durante a aula porque o professor tem a matéria dele para dar e fico eu ao lado deles a acompanhá-los porque precisam de mais atenção. Muitas vezes os mais mal comportados também por terem alguém ao lado acalmam-se e ficam mais atentos. Depois</p>

		-Dinamização de intervalos	“(…)durante o intervalo faço jogos com eles (…)”	durante o intervalo faço jogos com eles que é uma coisa que ninguém faz e como é uma escola do primeiro ao quarto ano é só auxiliares a vê-los mas ninguém interage com eles. Então eu faço esse trabalho no intervalo e durante as aulas dou apoio ao professor.”
	Avaliação de acordo com a expectativa	-Expectativas superadas	“(…)o que eu queria era dar assistência às crianças e basicamente é o que estou a fazer (…)” “(…)é bom ser alguém que não há naquela instituição (…)” “(…)é mais o que tenho e bom do que o que tenho de mau.”	“Sim, basicamente o que eu queria era dar assistência às crianças e basicamente é o que estou a fazer com a vertente de estar no intervalo a fazer jogos que ninguém faz. Vou lá eu própria fazer isso e é bom ser alguém que não há naquela instituição e fazer coisas que ninguém faz.” “(…)parte boa digamos que é sempre o que estamos à espera, mas depois a parte má nunca pensamos porque há miúdos mal comportados, outros não obedecem, mas isso é em todo o lado. Esta parte nunca pensamos muito mas não me incomoda porque acho que é mais o que tenho e bom do que o que tenho de mau.
Avaliação de aprendizagens	Aprendizagens adquiridas	-Saber como trabalhar com diferentes públicos	“(…)conhecer outra realidade e saber trabalhar com ela.”	“A nível técnico é ficar a conhecer outra realidade e saber trabalhar com ela. Não só aprendo a estar ali com os outros e a ajudar como a observar o que está à minha volta.”

	Impactos na consciência Cívica	<p>-Tornou-se mais ativa</p> <p>-Tornou-se mais profissional</p> <p>-Aumento do desejo de servir</p>	<p>“Acho que agora sou muito mais ativa (...)”</p> <p>“Aprendi a ser profissional (...)”</p> <p>“(...)ajudar o outro.”</p> <p>“(...)pensar que fazemos coisas pequeninas mas se todos fizerem já é bom (...)”</p>	<p>“(...)por mim até podia estar no voluntariado mais vezes mas como há muitas outras coisas acho que não conseguiria fazer mais do que aquilo que faço. Acho que agora sou muito mais ativa mas dentro daquilo que posso.”</p> <p>“Aprendi a ser profissional, temos de levar aquilo mesmo a sério (...)”</p> <p>“Pessoais, talvez ajudar o outro.”</p> <p>“(...)estar atentos à nossa volta e pensar que fazemos coisas pequeninas mas se todos fizerem já é bom (...)”</p>
Avaliação do projeto	Pontos fortes	-Dá a conhecer outras realidades	<p>“(...)poder sair da escola e ver coisas que não vemos aqui dentro(..)”</p> <p>“(...)ter contacto com pessoas diferentes de nós.”</p>	“(...) um dos pontos fortes é poder sair da escola e ver coisas que não vemos aqui dentro independentemente de com quem fazemos voluntariado: adultos, idosos, crianças ou mesmo com deficiências. Pronto ter contacto com pessoas diferentes de nós.”

		-Existência de interesse por parte dos alunos a participar	“(…)há pessoas interessadas (…)”	“Da vertente do voluntariado sabem, foi divulgado e há pessoas interessadas (…)”
	Pontos fracos	-Falta de esclarecimentos de todas as vertentes do projeto EcoSol	“(…)ninguém tem a noção mesmo do que é que envolve (…)”	“(…)o EcoSol ouve-se falar há muito tempo mas ninguém tem a noção mesmo do que é que envolve porque o EcoSol envolve imensas coisas, não é só distribuição de comida tem outras coisas.
	Propostas	-Desenvolver métodos para divulgar as restantes vertentes do projeto	“Alertar de uma maneira diferente.”	“Aí acho que deveria haver uma maior divulgação. Alertar de uma maneira diferente.”
	Perceção dos voluntários face à ação da escola na comunidade	- Permite envolver a comunidade educativa no desenvolvimento do ambiente exterior	“Dá-nos a possibilidade de ajudarmos, de fazermos algo tanto pelos nossos colegas como lá fora (…)”	“O voluntariado é uma parte do projeto recente mas acho que faz muito porque envolve tudo o que está à nossa volta, não estamos focados só dentro da escola mas também vemos o que está lá fora. Dá-nos a possibilidade de ajudarmos, de fazermos algo tanto pelos nossos colegas como lá fora e isto é bom para os alunos de qualquer curso que tenham interesse em ajudar. É sempre bom para todos. O EcoSol no geral é muito bom até

		-Apresenta um projeto inovador de auxílio aos alunos e famílias	“(...)este é diferente porque até os professores ajudam os próprios alunos e suas famílias (...)”	porque os projetos que ajudam os alunos mais carenciados muitas vezes não são suficientes e este é diferente porque até os professores ajudam os próprios alunos e suas famílias, de forma indireta.
Voluntariado	Características que um voluntário deve ter	-Tentar sempre compreender o outro -Ter consciência do seu trabalho -Ser dinâmico -Ser confiante -Estar pronto para qualquer situação	“(...)estar muito apto a tentar perceber o outro (...)” “(...)tenha consciência do voluntariado que vai fazer.” “(...)ser muito dinâmico(...)” “Não convém ser muito envergonhado (...)” “(...)estar pronto a qualquer situação (...)”	“Deve estar muito apto a tentar perceber o outro com quem vai trabalhar e que tenha consciência do voluntariado que vai fazer. Há muitas situações que vai ter de lidar e coisas que vai ter de fazer portanto tem de ser muito dinâmico, acho que é o mais essencial. Não convém ser muito envergonhado, convém ser aberto e estar pronto a qualquer situação porque estamos ali para ajudar e não podemos estar acanhados.”
	Vantagens	-Enriquecimento do currículo	“É sempre bom (...) para o meu currículo (...)”	“É sempre bom para as instituições e para o meu currículo, não é?”
	Dificuldades sentidas	-Não refere		

	Perspetivas futuras	-Pretende continuar a fazer voluntariado	“(...)desde que tenha disponibilidade acho que vou sempre querer fazer voluntariado (...)”	“(...)gosto desta experiência e mesmo quando acabar a escola e que não tenha trabalho desde que tenha disponibilidade acho que vou sempre querer fazer voluntariado nem que seja uma vez por semana.”
--	---------------------	--	--	---

Anexo F- Grelhas de Análise de entrevistas às técnicas

Grelha de Análise - Entrevista I –Projeto “SER +” Colégio São João de Brito

Tema	Categorias	Sub- Categorias	Unidades de Registo/Indicadores	Unidades de Contexto
Caracterização da instituição sob o ponto de vista da preocupação social	Missão social	- Educar para a ação e responsabilidade social	“(…) desde os seus inícios que há sempre uma preocupação social muito grande.” “(…) o colégio procura fomentar e educar também com uma ação já concreta de mudança e apoio.”	“(…) paradigma da escola, deste colégio, que tem como lema educar para servir e portanto desde os seus inícios que há sempre uma preocupação social muito grande.” “(…)uma preocupação dos colégios da companhia de Jesus em Portugal é a mudança que nós queremos provocar no mundo, portanto a nossa responsabilidade para com a sociedade e portanto no fundo o colégio procura fomentar e educar também com uma acção já concreta de mudança e apoio.”
	Atividades/ projetos praticados (a nível social)	-Eco Escolas (projeto ambiental)	“(…)Existe o Eco escolas(…)”	“Existe o Eco escolas, que não é bem a nível social mas é assim ligado a uma preocupação também do impacto ambiental que nós temos, pode ser considerado social. Neste ano também há o que é um projeto de empreendedorismo formação de empresas e ideias inovadoras que também pode estar ligado à área social no nível que nos põe a pensar em ideias mais solidárias, no fundo este projeto procura avançar todas as iniciativas que existem a nível social, portanto no fundo a longo prazo a ideia era haver esse projeto a nível europeu e subdividir-se em projetos como recriar o banco alimentar ou outras as iniciativas que vão
		- (projeto de empreendedorismo)	“(…)Neste ano também há o (…)”	
		- Projeto Ser Mais	“(…)chamado projeto ser mais(…)”	

	<p>Modalidades de divulgação e sensibilização</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Revista escolar - Contacto individual - Cartazes - “Passa a palavra” - Conferências 	<p>“(...) o colégio tem uma revista e esporadicamente escrevemos alguns artigos para essa revista(...)”</p> <p>“(...) usamos muito o contacto individual(...)”</p> <p>“(...)muito através de cartazes assim chamativos.”</p> <p>“(...)é muito pelo passa a palavra(...)”</p> <p>“(...)fui falar do projeto a uma conferência(...)”</p>	<p>surgindo serem agrupadas no programa.”</p> <p>“(...)foi daí que surgiu a sistematização desses projetos, chamado projeto ser mais (...)”</p> <p>“Então, junto dos alunos o colégio tem uma revista e esporadicamente escrevemos alguns artigos para essa revista, o que é que andamos a fazer e pronto como é que as coisas estão a correr e portanto há uma informação que chega não só aos alunos mas também aos pais, comunidade educativa em geral. Para publicitar para sensibilizar, angariar voluntários, fazer mover as massas, usamos muito o contacto individual, encontrar no corredor e falar das coisas e incentivar, muito através de cartazes assim chamativos. (...) Este ano aconteceu, fui falar do projeto a uma conferência e portanto de alguma forma vai-se publicitando e depois com as organizações com quem nós trabalhamos a nível de voluntariado é muito pelo passa a palavra, um contacto muito informal, também não faz sentido ser de outra forma, e acaba por funcionar muito através de um contacto individual que vamos tendo com as pessoas.”</p> <p>“Lá fora é uma preocupação agora mais recente que é como se publicita isto lá fora sem ter um ar ostensivo mas no fundo isto também gratifica o nosso colégio. Esta parte ainda está a ser trabalhada, ainda não conseguimos alcançar o que nós queremos e que achamos que seja a melhor forma de publicitar o projeto.”</p>
	<p>Dificuldades sentidas</p>	<ul style="list-style-type: none"> -Fazer conhecer a ação do colégio sem ter um ar ostensivo 	<p>“(...) uma preocupação agora mais recente que é como se publicita isto lá fora sem ter um ar ostensivo(...)”</p>	

Caracterização do projeto Ser Mais	Objetivos de criação	- Necessidade de estabelecer um projeto social organizado	“(...)a direção do colégio sentiu a necessidade de haver uma proposta mais pensada, mais estável(...)”	“O que aconteceu foi que há dois anos a direção do colégio sentiu a necessidade de haver uma proposta mais pensada, mais estável que não dependesse exatamente dos professores e fosse uma oferta constante e foi daí que surgiu a sistematização desses projetos, chamado projeto ser mais, este no fundo é um bocadinho a junção de muita das coisas que já se iam fazendo tirando uma estrutura mais pensada e refletida e pronto, (...)”
	Objetivos institucionais	-Junção de projetos	“(...)fosse uma oferta constante e foi daí que surgiu a sistematização desses projetos(...)”	
		-Retirar responsabilidades aos professores	“(...)que não dependesse exatamente dos professores(...)”	
	Objetivos Pedagógicos	-Fomentar a missão da escola	“Portanto o projeto é em si um objetivo em concretizar a missão do próprio colégio.” “(...)fundo o projeto vai ao encontro daquilo que é a missão da escola que é criar homens e mulheres para os outros e com os outros(...)”	
		-Dar a conhecer diferentes realidades	“(...) tem como objetivos permitir aos alunos um contacto com uma realidade	

		<p>-Promover a formação da identidade do individuo</p> <p>-Promover experiências de voluntariado e contacto com a comunidade externa</p> <p>- Todos os alunos do colégio (dos 6 aos 18)</p> <p>-Professores</p> <p>-Auxiliares</p> <p>-Famílias dos alunos</p> <p>-Comunidade</p>	<p>diferente (...)”</p> <p>“(...) permitir-lhes ver qual o papel deles no mundo e que intervenção é que eles podem ter na sociedade (...)”</p> <p>“(...)há esta preocupação muito grande com o voluntariado e com a comunidade externa (...)”</p> <p>“O público-alvo são os alunos dos três aos dezoito anos que são os alunos todos que frequentam o colégio.”</p> <p>“(...)os professores (...)”</p> <p>“(...) auxiliares (...)”</p> <p>“(...) os pais, as famílias.”</p> <p>“(...) no fundo é um projeto que procura ser para a comunidade toda (...) não só limitativo a quem frequenta o</p>	<p>colégio.”</p> <p>“O público-alvo são os alunos dos três aos dezoito anos que são os alunos todos que frequentam o colégio. Também temos como público-alvo do projeto a comunidade educativa, ou seja os professores, auxiliares, se calhar aqui sim ainda não atingimos o que gostaríamos não é? E também os pais, portanto os pais, as famílias. Porquê? Porque no fundo é um projeto que procura ser para a comunidade toda. A comunidade que diariamente vem ao colégio não é? E a comunidade que faz parte do colégio indiretamente, portanto os pais, os avos, os tios, os amigos. E o colégio também tem um espirito, uma relação muito familiar, por exemplo como alunos que saem do colégio continuarem a vir cá, continuarem a fazer coisas no colégio, portanto faz muito sentido também que este projeto seja para todas</p>
--	--	---	---	--

	<p>Forma como os alunos são associados ao projeto</p> <p>Observações</p>	<p>-Até ao sexto ano é obrigatório</p> <p>-Do sétimo ao 12º é facultativo</p> <p>- Sem compartilhadas na escolha de participar ou não</p>	<p>colégio.”</p> <p>“(…)até ao sexto ano eles são obrigados a(…)”</p> <p>“A partir do sétimo ano ao décimo segundo já parte mais da motivação individual.”</p> <p>“(…)não há nenhuma contrapartida por aderirem.”</p>	<p>essas pessoas, não só limitativo a quem frequenta o colégio.”</p> <p>“(…)até ao sexto ano eles são obrigados a, no sentido em que é como se fosse outra disciplina, faz parte, um projeto que todos têm de ter.”</p> <p>“(…)A partir do sétimo ano ao décimo segundo já parte mais da motivação individual.(…) É só mesmo vontade e identificação com o projeto.”</p> <p>“Há uma proposta e os alunos aderem ou não se quiserem, sendo que não há nenhuma contrapartida por aderirem.”</p>
<p>Formação dos alunos participantes do projeto</p> <p>Ser mais</p>	<p>Modalidades</p> <p>Dificuldades</p>	<p>-Mini formações</p> <p>-Guia do voluntário</p> <p>-Reflexões sobre ações realizadas</p> <p>-Conjugar agendas</p>	<p>“(…) durante duas semanas (….) uma mini formação(…)”</p> <p>“(…) é elaborado o guia do voluntário, um manual(…)”</p> <p>“(…)um processo de reflexão sobre o que vão fazer ou o que já fizeram.”</p> <p>“É muito difícil conseguir</p>	<p>“Este ano pela primeira vez tentou-se dar alguma formação durante duas semanas todos os dias os alunos inscreviam-se no seu melhor horário para terem uma mini formação, é elaborado o guia do voluntário, um manual que explica quais são as instituições, quais são as melhores formas de interagir com idosos, com crianças, com pessoas com deficiência mental, uma forma de também passar essa informação mais teórico-prática (….)”</p> <p>“(…) para os alunos mas novos o que se procura fazer não é dar uma formação porque eles não fazem voluntariado, mas é mais um processo de reflexão sobre o que vão fazer ou o que já fizeram.”</p>

	sentidas		controlar essas agendas todas (...)"	"É muito difícil conseguir controlar essas agendas todas e também arranjar um modelo que seja compatível com as idades deles. E portanto acho que é um dos pontos em maior falha (...)"
		-Criar um modelo de formação compatível com idades e interesses	"É muito difícil (...) também arranjar um modelo que seja compatível com as idades deles."	
Funções dos restantes agentes	Dos professores	- Dinamizar atividades (até ao sexto ano)	"(...)todas as propostas que são feitas são dinamizadas pelos próprios professores em contexto de turma."	"Este projeto só resulta se tiver uma ação dos professores, não é? Sobretudo os professores responsáveis, que são os diretores de turma. Até ao sexto ano isto é muito claro porque todas as propostas que são feitas são dinamizadas pelos próprios professores em contexto de turma(...)"
		-Incentivar o voluntariado	"(...)os professores também tem um papel importante no sentido em fomentar, incentivar (...)"	"(...) os professores tem muito esse papel de ir pondo a bicicleta a andar, um bocadinho isso não é? Isto é muito claro até ao sexto ano, a partir daí os professores também tem um papel importante no sentido em fomentar, incentivar(...)"
		-Participar na avaliação do projeto	"(...) final do ano fazer uma reunião de avaliação com os professores (...)"	"Portanto no fundo os professores têm um papel muito importante na dinamização real, mas também tem um papel muito importante no pensar nesse projeto e o que queremos fazer para o ano. Há uma preocupação de no final do ano fazer uma reunião de avaliação com os professores, o que correu bem, o que não correu bem, e no início do ano o que nós podemos fazer este ano, o que se pode fazer diferente, que propostas é que têm."
	Dos pais e famílias	-Participar nas ações do colégio	"(...)depois os pais também tem este trabalho de irem	"Por exemplo, temos o projeto refood, as instituições aqui da alta de lisboa juntaram-se e identificaram que

			aceitando propostas, irem dinamizando também e participando.”	há muita fome aqui na alta de Lisboa e pediram ao colégio para darmos a nossa contribuição para o projeto aqui na alta de Lisboa. Nós dissemos que sim claro mas na medida de cativar os nossos pais e arranjar voluntários. Não o colégio participar mas através de todas as pessoas que fazem parte e então foi lançado um aviso aos pais e comunidade educativa, professores também e isso levou a que imensa gente participasse, dinamizasse e comesse a montar um plano e já houve reuniões cá no colégio com imensa gente e portanto depois os pais também tem este trabalho de irem aceitando propostas, irem dinamizando também e participando.”
Redes para o desenvolvimento dos projetos	Parcerias e atividades desenvolvidas	<p>-Banco Alimentar</p> <p>-Associação Paralisia Cerebral – distribuição de refeições diárias</p> <p>-Associação Espaço Mundo- onde alguns alunos voluntários dão explicações</p> <p>- CASIL – intercâmbio entre idosos e crianças</p> <p>-Junta de Freguesia e CAF do Lumiar – Acolhem voluntários</p> <p>-Outras</p>	<p>“(…)como o Banco Alimentar(…)”</p> <p>“(…)associação paralexia cerebral a quem distribuimos refeições diárias(…)”</p> <p>“(…)a associação espaço mundo(…)onde temos lá voluntários a dar explicações(…)”</p> <p>“(…)o CASIL (…)fazemos intercâmbio entre idosos e crianças (…)”</p> <p>“(…)temos a junta de freguesia(…)”</p> <p>“(…)temos o CAF(…)”</p> <p>“(…)não me lembro dos nomes todos (…)”</p>	<p>“Então posso começar pelas mais esporádicas como o Banco Alimentar que aliamos com o supermercado que é o Continente aqui de Telheiras, depois temos aqui na alta de Lisboa instituições a que apoiamos, posso dizelas todas, não tem problema nenhum: associação paralexia cerebral a quem distribuimos refeições diárias, a associação espaço mundo que funciona como ATL, onde temos lá voluntários a dar explicações, o CASIL que é um centro de idosos, que agora neste momento não temos lá voluntários mas fazemos intercâmbio entre idosos e crianças, é um projeto a nível do sexto ano, temos a junta de freguesia, também temos lá voluntários, temos o CAF que neste momento também não temos lá voluntários (hum…) temos, não me lembro dos nomes todos vou-te dar um papel com todos, um panfleto.”</p>

	<p>Papel das parcerias no funcionamento do projeto</p>	<p>-Contribuem para o sucesso dos objetivos pedagógicos e projeto educativo do colégio</p> <p>-Permitem envolver os alunos em ações de voluntariado</p> <p>-Permitem o contacto com realidades sociais diferentes</p> <p>- Concedem feedback sobre o desempenho dos alunos</p>	<p>“(...)ajudam a trabalhar aquilo que nós queremos trabalhar com os nossos alunos.”</p> <p>“Neste sentido eles completam aquilo que é o nosso projeto educativo.”</p> <p>“(...)estas parcerias permitem que nós façamos voluntariado(...)”</p> <p>“(...)para que nós possamos sensibilizar os nossos alunos para um contacto mais real com o outro, uma realidade social diferente.”</p> <p>“(...)maioria ajuda-nos trazendo um feedback da prestação dos nossos alunos(...)”</p>	<p>“Então apoiam o nosso projeto no sentido em que nos ajudam a trabalhar aquilo que nós queremos trabalhar com os nossos alunos. No fundo estas parcerias permitem que nós façamos voluntariado, para que nós possamos sensibilizar os nossos alunos para um contacto mais real com o outro, uma realidade social diferente. Neste sentido eles completam aquilo que é o nosso projeto educativo.”</p> <p>“Procuro fazer essas reuniões com as instituições por período e é engraçado porque elas são muito acessíveis, portanto a maioria ajuda-nos trazendo um feedback da prestação dos nossos alunos para podermos dar ou orientar alguma coisa.”</p>
	<p>Tipo de relação</p>	<p>- As instituições mostram-se acessíveis</p>	<p>“(...) e é engraçado porque elas são muito acessíveis (...)”</p>	

	<p>Metodologias de contacto utilizadas</p>	<p>- A parceria é feita através de uma relação informal</p> <p>-Contacto telefónico</p> <p>-Reuniões por período</p> <p>-Email</p>	<p>“(...) como é uma relação muito informal (...)”</p> <p>“(...)por contacto telefónico (...)”</p> <p>“(...) procuro fazer reuniões (...)”</p> <p>“O email também funciona (...)”</p>	<p>“Muito também por contacto telefónico, como é uma relação muito informal, não há nenhum problema em pegar no telefone para dizer alguma coisa.”</p> <p>“Procuo fazer essas reuniões com as instituições por período (...)”</p> <p>“O email também funciona muito bem com algumas instituições (...)”</p> <p>“(...)incidentes no sentido em que há instituições que por serem tão pequeninas muitas vezes não conseguem dar resposta aos projetos que propomos, por exemplo uma instituição por ser tão pequenina nós fazemos uma proposta de alunos irem lá fazer voluntariado e que os nossos alunos acabam por cada um trabalhar por si porque a instituição não consegue acompanhar, mas eu acho que é uma consequência da dimensão das instituições, os técnicos estão sempre ocupados. Também temos um caso menos bom que por ser uma instituição demasiado grande também acaba por não haver uma proximidade de relação e marcar reuniões é sempre uma dor de cabeça, ir lá sem avisar no sentido de olhe posso falar com a Dr^a tal “ai está muito ocupada” pronto.”</p>
	<p>Dificuldades sentidas</p>	<p>-Instituições mais pequenas por vezes não dão resposta ao projeto</p> <p>- Algumas instituições demasiado grandes não desenvolvem uma relação tão próxima como o desejado</p>	<p>“(...)há instituições que por serem tão pequeninas muitas vezes não conseguem dar resposta aos projetos que propomos (...)”</p> <p>“(...)por ser uma instituição demasiado grande também acaba por não haver uma proximidade de relação (...)”</p>	

<p>Modalidades de Avaliação</p>	<p>Métodos utilizados</p>	<p>-A avaliação é feita através do feedback dos alunos, professores e instituições com quem trabalham. Todos eles devem dar o seu parecer face aos aspetos positivos, negativos e reflexão sobre o que pode ser feito no futuro.</p>	<p>“Com as instituições são feitas avaliações por período com aspetos positivos, aspetos negativos, o que se pode melhorar, o que se pode fazer diferente. Com os alunos consoante as atividades, com os mais velhos é o que correu bem, o que não correu bem, o que podia ter corrido melhor e o que farias de diferente.(...) as avaliações dos professores passam também pelas reuniões no final do ano para se ver o que correu bem.”</p>	<p>“(..) a avaliação procura abranger três intervenientes, que são, os próprios alunos, as instituições onde eles vão e os professores que são os que nos podem dar um feedback mais real. Com as instituições são feitas avaliações por período com aspetos positivos, aspetos negativos, o que se pode melhorar, o que se pode fazer diferente. Com os alunos consoante as atividades, com os mais velhos é o que correu bem, o que não correu bem, o que podia ter corrido melhor e o que farias de diferente. Com os alunos mais novos é mais informal ou através de mim ou através do professor e depois as avaliações dos professores passam também pelas reuniões no final do ano para se ver o que correu bem.”</p>
	<p>Dificuldades sentidas</p>	<p>-Inexistência de um modelo formal de avaliação momentânea e de impacto prolongado.</p>	<p>“(..)fiz um género de indicadores para poder avaliar o projeto, que acho que ainda vão ter de ser reformulados (...)” “(..) a grande dificuldade é sempre de avaliar o impacto.” “Junto dos alunos, não sei, mas acho que uma avaliação, mas não sei porquê, só seria</p>	<p>“Este ano pela primeira vez fiz um género de indicadores para poder avaliar o projeto, que acho que ainda vão ter de ser reformulados, será uma tarefa no próximo ano, que no fundo pretendem procurar avaliar mais o projeto em si, não tanto a nível de era suposto fazer isto e fez-se isto. Ver os objetivos, sempre que a grande dificuldade é sempre de avaliar o impacto. (...) Mas isto de alguma forma devia ser mais formal, devia haver uma forma de medir isto. Junto dos alunos, não sei, mas acho que uma avaliação, mas não sei porquê, só seria possível daqui dez anos. Era ver se os alunos que começaram a ser trabalhados desde os seis anos</p>

			possível daqui dez anos.”	chegam ao secundário e escolhem fazer voluntariado. Mas eu acho que esta é que vai ser a verdadeira avaliação do impacto do projeto, o que funcionou ou não e depois também posso ver mais à frente não é? Como é que estes alunos se formaram enquanto homens e mulheres, que papel é que eles desempenham.”
Desenvolvimento Pessoal, institucional e local	Potencialidades pedagógicas do projeto	-Permite complementar o projeto educativo, fornecendo-lhes aptidões pessoais e sociais. - Promove o contacto com realidades diferentes desenvolvendo a consciência social dos alunos	“(…)permite complementar a educação deles aqui no colégio.” “(…)é no fundo para lhes dar aptidões a nível pessoal e social (…)” “(…)e eu acho que esta é outra das potencialidades do projecto que é tira-los, abana-los para os tirar de uma zona de conforto em que pensam que é sempre assim e nós mostramos “olha vê como não é” (…)	“Eu acho que o projeto permite complementar a educação deles aqui no colégio. Através da oferta curricular e disciplinar do colégio ficam aptos a matemática, a ciências e este projeto é no fundo para lhes dar aptidões a nível pessoal e social, torna-los uma pessoa mais integra mais consciente com maior atenção ao outro.” “Acho que o projeto permite ver um mundo diferente deste, um mundo que não passa por isto infelizmente, mas também mostrar as coisas boas, não é a ideia de que os outros são uns coitadinhos e eu acho que esta é outra das potencialidades do projeto que é tira-los, abana-los para os tirar de uma zona de conforto em que pensam que é sempre assim e nós mostramos “olha vê como não é” e acho que isso também é uma grande mais valia.”
	Impacto do voluntariado nos alunos	- Fomenta valores de integridade e disponibilidade para o outro	“(…)porque percebe-se que são sempre os mesmos a fazer de livre vontade e a dinamizar mas também são os que são mais disponíveis e que têm uma maior	“Isto consegue-se ver melhor nos alunos do secundário porque percebe-se que são sempre os mesmos a fazer de livre vontade e a dinamizar mas também são os que são mais disponíveis e que têm uma maior preocupação, portanto eu acho que as competências vão sendo trabalhadas e vão-se tornando intrínsecas neles e

	<p>Impactos do projeto na escola</p>	<p>- Promove o crescimento pessoal</p> <p>-Torna os alunos mais conscientes da realidade</p> <p>- Potencia um projeto estável e organizado</p> <p>-Tarefas bem distribuídas</p>	<p>preocupação(...)"</p> <p>"(...) as competências vão sendo trabalhadas e vão-se tornando intrínsecas neles (...)"</p> <p>"(...)um dos impactos muito grandes é este contacto especial e diferente."</p> <p>"(...)porque há um perigo muito grande de o aluno entrar aqui aos seis anos e sair aos dezoito a achar que o mundo é isto e portanto tentamos que tenham consciência que não é assim."</p> <p>"(...)este projeto veio dar ao colégio foi mais no sentido de estrutura (...)"</p> <p>"(...)De os professores saberem que este ano têm de fazer isto com a sua turma e</p>	<p>alguns até já podem ter isso formado, por natureza já serem mais disponíveis mas acho que o voluntariado também vai trabalhando isto muito neles, uma preocupação, uma atenção para com o outro."</p> <p>Acho que um dos impactos muito grandes é este contacto especial e diferente. O colégio de uma forma geral tem uma população muito parecida, eles são muito parecidos entre eles não é? Não é como se calhar numa escola pública onde há o chinês, o branco o amarelo, aqui são todos muito parecidos, com histórias de vida muito parecidas, no sentido em que apresentam estilos de vida muito parecidos talvez. Acho que o projeto permite ver um mundo diferente deste. (...) porque há um perigo muito grande de o aluno entrar aqui aos seis anos e sair aos dezoito a achar que o mundo é isto e portanto tentamos que tenham consciência que não é assim."</p> <p>"Eu acho que o que este projeto veio dar ao colégio foi mais no sentido de estrutura, não é? De os professores saberem que este ano têm de fazer isto com a sua turma e para o ano aquilo. Depois damos uma cara, que também acho ser muito importante porque antigamente era tudo um bocadinho por si, cada pessoa fazia mais ou menos o que queria e agora as pessoas começam a</p>
--	--------------------------------------	---	---	--

		<p>-“Dá a cara”- os professores e comunidade escolar passam a ter um local e uma pessoa a quem se dirigir no âmbito solidário da escola</p> <p>- Reconhecimento da intervenção solidária da instituição</p> <p>-Impacto positivo na dinâmica da escola</p>	<p>para o ano aquilo.”</p> <p>“Depois damos uma cara (...)”</p> <p>“(...) e portanto começa a haver aqui algum reconhecimento de que o colégio tem alguma intervenção neste sentido (...)”</p> <p>“(...)parece-me que os professores com uma maior preocupação a nível social ficam também contentes por saber que o colégio tem também essa preocupação e esta participação social. (...)”</p> <p>“(...) acho que isto também é um impacto positivo na dinâmica da escola (...)”</p>	<p>reconhecer que fazemos uma proposta a nível social vou falar com a Joana, se preciso de outra coisa, sei a quem recorrer e portanto começa a haver aqui algum reconhecimento de que o colégio tem alguma intervenção neste sentido (...)”</p> <p>“Mas eu acho que isto é um impacto positivo, é as pessoas começarem a reconhecer que há uma intervenção da escola nesse sentido e eu acho também, não tenho a certeza mas parece-me que os professores com uma maior preocupação a nível social ficam também contentes por saber que o colégio tem também essa preocupação e esta participação social. (...) Por exemplo agora no projeto refood tive muitos professores que vinham dizer que bom que proposta boa, gostava muito de participar mas não tenho tempo, ou seja quase como não tinham de me dizer nada mas reconhecem que é importante e eu acho que isto também é um impacto positivo na dinâmica da escola, perceberem que há aqui uma ação social por parte do colégio.</p>
--	--	--	---	---

	Papel da escola na comunidade	<p>-Disponibilizar serviços e recursos para a comunidade</p> <p>-Serve como mediador de voluntariado</p> <p>-Manter uma aproximação à comunidade</p>	<p>“(...) o colégio deve tanto quanto possível disponibilizar os seus serviços para comunidade (...)”</p> <p>“(...)estamos a ser mediadores entre quem pode ser voluntário, quem pode dirigir o projeto (...)”</p> <p>“(...)mediação entre aquilo que a comunidade pode precisar e aquilo que o colégio pode dar enquanto serviço (...)”</p> <p>“(...)o que mais demonstra essa abertura da escola à comunidade é as instituições terem uma necessidade e já convidam o colégio a participar na resposta (...)”</p>	<p>“Isto é uma das coisas que está escrita no manual do colégio que é: o colégio deve tanto quanto possível disponibilizar os seus serviços para comunidade no sentido de ajudar os que mais precisam.”</p> <p>“Acho que o que mais demonstra essa abertura da escola à comunidade é as instituições terem uma necessidade e já convidam o colégio a participar na resposta e portanto eu acho que é claramente o colégio a intervir na comunidade mesmo que não seja nada em concreto, não estamos a dar comida, não estamos a responder de forma direta mas estamos a ser mediadores entre quem pode ser voluntário, quem pode dirigir o projeto e portanto no fundo o colégio também procura funcionar como um interveniente não tão ativo no sentido de sermos nós uma instituição da alta de lisboa mas um interveniente mais passivo de mediação entre aquilo que a comunidade pode precisar e aquilo que o colégio pode dar enquanto serviço e acho que funciona neste sentido.”</p>
Perspetiva crítica do entrevistado face ao projeto	Reconhecimento das potencialidades	-Coloca os alunos de nível socioeconómico elevado em contacto com outras realidades sociais	“(...) pegar em alunos, neste caso social de nível socioeconómico elevado ou relativamente mais elevado do que se calhar a maioria da população e pô-los em	“Não, tem imensas potencialidades porque acho que é conseguir o melhor dos dois mundos que é pegar em alunos, neste caso social de nível socioeconómico elevado ou relativamente mais elevado do que se calhar a maioria da população e pô-los em contacto com o que é a própria realidade social e com maiores dificuldades,

		<p>-Satisfaz o desejo dos alunos que querem atuar e ajudar</p> <p>-Estabelece uma ligação entre a oferta e a procura</p> <p>-Promove o desenvolvimento pessoal e social</p> <p>-Promove a missão do colégio</p> <p>- Distingue a escola</p>	<p>contacto com o que é a própria realidade social e com maiores dificuldades (...)"</p> <p>"Portanto juntar esta necessidade de alunos que são fomentados a querer ajudar e querem ajudar e dar com pessoas que realmente precisam."</p> <p>"A nível de formação pessoal e social também é muito importante (...)"</p> <p>"(...)potencia muito claramente aquilo que é a verdadeira missão do colégio."</p> <p>"(...)o que é que difere esta escola das outras todas? É exatamente isso, é a preocupação em formar homens e mulheres para os outros e com os outros (...)"</p>	<p>não é? Portanto juntar esta necessidade de alunos que são fomentados a querer ajudar e querem ajudar e dar com pessoas que realmente precisam."</p> <p>"A nível de formação pessoal e social também é muito importante e eu acho que um facto engraçado neste projeto é que potencia muito claramente aquilo que é a verdadeira missão do colégio."</p> <p>"A matemática, a história, o Português estão sempre implementados na escola, tu vais para lá, vais para aprender e então o que é que difere esta escola das outras todas? É exatamente isso, é a preocupação em formar homens e mulheres para os outros e com os outros que experiencia de uma forma social com este projeto."</p>
--	--	---	---	--

	<p>Reconhecimento das fraquezas</p>	<p>- Dificuldades em aproximar o projeto aos alunos mais velhos</p> <p>- Influência dos professores</p>	<p>“(…)as fraquezas é ainda não ter alcançado, parece-me a mim, a melhor forma de isto chegar aos alunos, estou a pensar principalmente nos mais velhos (…)”</p> <p>“(…)se calhar é uma fraqueza ainda, que é esta aproximação do projeto aos alunos, que eu acho que é colmatável.”</p> <p>“(…)a sua concretização depende dos professores pelo facto de serem eles que dinamizam, fomentam (…)</p>	<p>“(…) acho que as fraquezas é ainda não ter alcançado, parece-me a mim, a melhor forma de isto chegar aos alunos, estou a pensar principalmente nos mais velhos, a ideia é, quero dizer qual seria o acontecimento espetacular? que todos os alunos chegassem ao secundário e automaticamente fizessem voluntariado porque essas questões já teriam sido tão trabalhadas deste pequeninos que aquilo já seria super natural para eles. Esta é uma leitura enviesada porque não está atenta a outras circunstâncias normais: ter alunos a estudar porque querem entrar para medicina, terem imensas atividades, que é o que acontece aqui mais naturalmente e portanto se calhar é uma fraqueza ainda, que é esta aproximação do projeto aos alunos, que eu acho que é colmatável.”</p> <p>“Outra fraqueza que não é bem uma fraqueza é mais uma constatação que eu acho que se pode tornar numa fraqueza é o facto de depender, ou seja pode haver uma proposta mega organizada, mas depois a sua concretização depende dos professores pelo facto de serem eles que dinamizam, fomentam: se um professor disser “deviam fazer voluntariado porque é bom” ou se disser “ ah, não façam voluntariado, não vale a pena” faz toda a diferença, não é? e portanto eu acho que é um dos elementos a ter em conta e também a cativar mais os alunos porque sem eles e os professores isto não anda para a frente, são os primeiros a conseguir</p>
--	-------------------------------------	---	--	--

	<p>Desafios futuros do projeto</p>	<p>-Propostas pouco aliciantes para incentivar a participação da comunidade educativa no âmbito social</p> <p>-Falta de um modelo formal de avaliação</p> <p>-Desenvolver um projeto integro com todas as fases definidas</p> <p>-Ter um projeto sustentável que se funcione</p>	<p>“(...) não temos propostas fortemente aliciantes para a comunidade educativa (...)”</p> <p>“(...) outra fraqueza (...) devia haver uma forma de medir isto.”</p> <p>“(...) o que eu gostava muito de conseguir era montar um projeto desde o inicio ao fim, portanto todas as fases com o planeamento, com objetivos, indicadores, com metodologias de avaliações que no fundo houvesse aqui um ciclo (...)”</p> <p>“(...) meter aqui uma cobra que vai circular sozinha, posso não estar cá eu, pode</p>	<p>boicotar o trabalho.”</p> <p>“(...) ainda não temos propostas fortemente aliciantes para a comunidade educativa, professores, pessoal não docente (...)”</p> <p>“(Como é avaliado o projeto e os impactos pedagógicos?) Entrevistado: Ah, olha outra fraqueza, ainda bem que perguntaste. Aqui sim, acho que ainda há muito por fazer. (...) Mas isto de alguma forma devia ser mais formal, devia haver uma forma de medir isto.”</p> <p>“(...) o que eu gostava muito de conseguir era montar um projeto desde o inicio ao fim, portanto todas as fases com o planeamento, com objetivos, indicadores, com metodologias de avaliações que no fundo houvesse aqui um ciclo de aplicação, avaliação, formação, encontrar um modelo base de: isto é a melhor forma de fazer isto.”</p> <p>“Acho que um desafio também assim muito pessoal é de meter aqui uma cobra que vai circular sozinha, posso não estar cá eu, pode estar outra pessoa qualquer que</p>
--	------------------------------------	--	--	---

		<p>independentemente do responsável</p> <p>-Expensão da intervenção do colégio através de uma parceria entre todos os colégios da companhia de Jesus</p> <p>-Incentivar a participação dos pais no âmbito solidário dando a conhecer as necessidades sociais</p>	<p>estar outra pessoa qualquer que isto continua a funcionar (...)"</p> <p>"(...)o desafio do projeto é começar não só dinamizar a comunidade local mas conseguir ter uma intervenção mais macro. Que os parceiros não sejam só os parceiros locais mas também os parceiros dos outros colégios."</p> <p>"O terceiro desafio é conseguirmos chegar aos alunos quase através pelos pais e educadores."</p>	<p>isto continua a funcionar e funciona bem (...)"</p> <p>"(...) o outro desafio, como já te tinha dito, existem mais dois colégios da companhia de Jesus de Portugal e nós estamos agora numa intervenção social em conjunto, não sei como vai ser para o ano. (...) Portanto o desafio do projeto é começar não só dinamizar a comunidade local mas conseguir ter uma intervenção mais macro. Que os parceiros não sejam só os parceiros locais mas também os parceiros dos outros colégios."</p> <p>"O terceiro desafio é conseguirmos chegar aos alunos quase através pelos pais e educadores. Há aqui uma proposta que agora já avançou que é no site da associação de pais montar uma página no site onde se possa fazer coincidir a oferta e a procura (...)"</p> <p>"E pronto acho que são estas três: um projeto que funcione em rodinha, a junção do projeto com os outros três colégios e aqui mais uma preocupação maior com a comunidade educativa como os pais."</p>
--	--	--	---	--

Grelha de Análise - entrevista J – projeto EcoSol – Escola Secundária Romeu Correia

Tema	Categoria	Sub-Categorias	Unidades de Registo/ Indicadores	Unidade de Contexto
Caracterização da instituição sob o ponto de vista da preocupação social	Missão social	-Promoção da Solidariedade	“(...) é uma escola que sempre teve em termos de projeto educativo, uma procuração com a solidariedade (...)” “(...)digamos que há um objetivo comum que é promoção da solidariedade.”	“(...) digamos que é uma escola que sempre teve em termos de projeto educativo, uma procuração com a solidariedade, digamos. E é uma escola que tem, desde muitos anos, uma história na animação sociocultural e na intervenção na comunidade e mais agora que temos o curso de técnico psicossocial. Sempre ajudámos, sempre entrámos em campanhas de voluntariado, recolha, sempre participamos no banco alimentar, na recolha de tampinhas, de roupa (...) Mas digamos que há um objetivo comum que é promoção da solidariedade.”
	Atividades/p rojetos praticados (a nível social)	-Recolha de livros e material escolar -Projeto de reciclagem	“(...)recolhe livros, material escolar (...)” “Também trabalham a questão da reciclagem(...)”	“(...)com essa sensibilização do “ECoSol”, é o único projeto que tem a ver com esta recolha ao nível do que a família precisa ao longo do ano, mas há muitas outras iniciativas, até porque estamos em agrupamento e também há outras escolas. Temos a ali a escola do lado que funciona de outra forma: recolhe livros, material escolar, onde as pessoas levam e eles vendem. Também trabalham a questão da reciclagem portanto armazenam o que as pessoas levam ou vão doando.”

	<p>Modalidades de divulgação e sensibilização</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Divulgação interna - Facebook - Página da Escola - Jornal Revista da Câmara Municipal de Almada -“Passa a palavra” -Sessões com grupos de alunos a incentivarem as turmas ao 	<p>“Inicialmente começámos com uma divulgação interna (...)”</p> <p>“(...)temos uma página no facebook (...)”</p> <p>“(...)através da página da escola (...)”</p> <p>“(...) através do jornal revista da Câmara Municipal de Almada (...)”</p> <p>“(...)até porque quem participa no projeto pode sempre falar com pessoas, a comunidade socio educativa e os alunos (...)”</p> <p>“(...)tivemos um grupo de alunos a divulgar a bolsa de voluntariado junto das turmas à apelar para a importância do</p>	<p>“Inicialmente começámos com uma divulgação interna, não é? Precisávamos de sócios para o projeto, que são os nossos doadores de bens. Portanto começamos por uma divulgação interna. Atualmente fazemos uma divulgação externa, temos uma página no facebook, através da página da escola, através do jornal revista da Câmara Municipal de Almada, que gostaram do projeto portanto vieram saber mais sobre o projeto (...)”</p> <p>“(...) se calhar poderíamos falar em parcerias, isso sim, até porque quem participa no projecto pode sempre falar com pessoas, a comunidade socio educativa e os alunos ajudam no sentido de organizar os bens.”</p> <p>“Há grupos de alunos também que fomos chamar para irem a todas as turmas e apelarem à solidariedade. E o voluntariado a mesma coisa, tivemos um grupo de alunos a divulgar a bolsa de voluntariado junto das</p>
--	---	---	--	--

	Dificuldades sentidas	voluntariado	voluntariado (...)"	turmas à apelar para a importância do voluntariado, portanto não somos nós adultos para alunos, é aluno para aluno. Nós pensamos que assim conseguimos passar a mensagem mais eficazmente."
Caracterização do Projeto EcoSol	Objetivos de criação	<p>-Ajudar famílias carenciadas</p> <p>-Necessidade de estabelecer um projeto social organizado</p> <p>-Promover o voluntariado</p> <p>-Dar resposta à vontade dos alunos em fazer voluntariado</p>	<p>"(...)ajudar e apoiar famílias (...)"</p> <p>"(...)o objetivo é ajudar famílias (...)"</p> <p>"(...)organizar de forma mais formal uma maneira de canalizar esta atitude mais solidária (...)"</p> <p>"(...) percebemos que a escola (...) Poderia ser esse equilíbrio entre a procura e a oferta (...)"</p> <p>"(...)a vontade manifestada por vários alunos (...)"de</p>	<p>"O projeto EcoSol consiste em ajudar e apoiar famílias que estão em situações desfavoráveis a nível económico (...)"</p> <p>"Portanto o objetivo é ajudar famílias que nos chegam sinalizadas de uma forma organizada e ajudarmos com o que a família necessita na altura."</p> <p>"(...)surgiu com um objetivo ou com o intuito de organizar de forma mais formal uma maneira de canalizar esta atitude mais solidária por todo o pessoal docente e não docente para dar resposta aos nossos alunos da nossa casa (...)"</p> <p>" (...) percebemos que a escola numa extensão do EcoSol poderia ser essa moderadora não é? Poderia ser esse equilíbrio entre a procura e a oferta entre os que necessitam e de alunos motivados e com perfil que sentissem vontade de ajudar. Portanto a bolsa de voluntariado veio nesta sequência (...)"</p> <p>"(...)surgiu de outra observação nossa que é a vontade manifestada por vários alunos, no âmbito tanto do curso</p>

	<p>Objetivos institucionais</p>	<p>-Formar cidadãos ativos e qualificados</p> <p>- Desenvolver a atitude solidária da escola</p> <p>-Promover o reconhecimento da acção escolar</p> <p>-Promover oportunidades educativas iguais para todos os alunos</p>	<p>querer ajudar e de procurar instituições ou locais onde pudessem apoiar e fazer voluntariado no âmbito social.”</p> <p>“(…) dar recursos humanos de qualidade, com perfil, motivados e formados por nós (…)”</p> <p>“(…)fazia falta um projeto que consolidasse essa atitude que a escola tem vindo a manifestar ao longo dos anos.”</p> <p>“(…)queríamos (…)-reconhecessem que a escola fora importante para o seu percurso (…)”</p> <p>“(…)para conseguir estudar e ter as mesmas oportunidades e condições que os seus colegas.”</p>	<p>de técnico de apoio psicossocial, que temos cá na escola, como de outros, a vontade de querer ajudar e de procurar instituições ou locais onde pudessem apoiar e fazer voluntariado no âmbito social.”</p> <p>“(…)às instituições estamos a dar recursos humanos de qualidade, com perfil, motivados e formados por nós, pelos professores, no sentido de ajudar.”</p> <p>“Portanto surgiu quando a escola entendeu que com essa história e com essa vontade em ajudar, que sempre tivemos, fazia falta um projeto que consolidasse essa atitude que a escola tem vindo a manifestar ao longo dos anos.”</p> <p>“(…)queríamos que os alunos que passassem por aqui reconhecessem que a escola fora importante para o seu percurso escolar mas que também foi importante no testemunho da sua vida mais pessoal e familiar. Eu acho que acabam por sentir um certo aconchego e portanto a partir do momento em que nós distribuímos material escolar estamos a adotar recursos a este aluno para conseguir estudar e ter as mesmas oportunidades e condições que os seus colegas.”</p>
--	---------------------------------	---	--	--

	<p>Objetivos pedagógicos</p> <p>Público-alvo</p>	<p>-Proporcionar experiências extra-curriculares aos alunos</p> <p>-Desenvolvimento da formação para a cidadania</p> <p>- Famílias carenciadas</p> <p>-Alunos com mais de 16 anos com vontade de fazer voluntariado</p> <p>- Alunos escolhem em</p>	<p>“(…)proporcionar locais e experiencias aos nossos alunos (…)”</p> <p>“(…)de ajudarmos na formação da cidadania (…) para o desenvolvimento integral do aluno (…)”</p> <p>“(…)o público-alvo do projeto EcoSol é todo o aluno, família que necessite (…)”</p> <p>“Do voluntariado, é diferente, o público-alvo são os jovens com 16 ou mais anos de idade, com motivação, com perfil e com vontade de ajudar outros (…)”</p>	<p>“Do voluntariado é de alguma maneira proporcionar locais e experiencias aos nossos alunos que têm vontade, não é? No sentido também de ajudarmos na formação da cidadania pensando nós que o voluntariado é muito importante para o desenvolvimento integral do aluno (…)”</p> <p>“Então, o público-alvo do projeto EcoSol é todo o aluno, família que necessite (…)”</p> <p>“Portanto nós não temos, o público-alvo é as famílias que desejarem, a pobreza. Do voluntariado, é diferente, o público-alvo são os jovens com 16 ou mais anos de idade, com motivação, com perfil e com vontade de ajudar outros, não é? Com preocupações sociais (…)”</p>
--	--	---	---	---

	<p>Forma como os alunos são associados ao projeto</p>	<p>inscreverem-se ou não</p> <p>-São encaminhados para instituições de acordo com as suas características e desejos</p>	<p>“(...)são eles que escolhem participar.”</p> <p>“Portanto abriram as inscrições, inscreveram-se vários alunos, foram todos entrevistados, um bocadinho também para auscultar a sua (hum..) as suas particularidades (...)”</p>	<p>“Inscreveram-se, estão sensibilizados e portanto são eles que escolhem participar.”</p> <p>“Portanto abriram as inscrições, inscreveram-se vários alunos, foram todos entrevistados, um bocadinho também para auscultar a sua (hum..) as suas particularidades, os seus interesses também em termos de destinatários, porque também alguns gostam mais de trabalhar com crianças, outros com a terceira idade, portanto tivemos essa preocupação, de fazer essa organização e tentar coloca-los em instituições que de alguma maneira se identifica-se com eles.”</p>
<p>Formação dos alunos participantes do projeto EcoSol</p>	<p>-Modalidades</p>	<p>- Formação dada pela instituição que acolhe o voluntário</p> <p>-Acções de voluntariado únicas para todos os participantes</p>	<p>“(...)digamos que a formação é feita junto das próprias instituições (...)”</p> <p>“Está previsto para o mês que vem uma ação de voluntariado para todo o conjunto (os vinte cinco elementos que estão inscritos) para poderem fazer um trabalho de voluntariado junto da comunidade vida e paz que</p>	<p>“Portanto, este primeiro ano não houve propriamente formação, digamos que a formação é feita junto das próprias instituições que têm uma preocupação em ter uma responsável por fazer um enquadramento. Em todas estas instituições já há trabalho de voluntariado com o outro e por conseguinte já haveria responsáveis para fazer voluntariado e portanto é uma formação em exercício, uma formação direta.”</p> <p>“Está previsto para o mês que vem uma ação de voluntariado para todo o conjunto (os vinte cinco elementos que estão inscritos) para poderem fazer um trabalho de voluntariado junto da comunidade vida e paz que trabalha junto dos sem abrigo. A intenção é o convívio também, juntarmos todos numa ação única e ao mesmo tempo ver, entrar em contacto com uma outra</p>

			trabalha junto dos sem abrigo.”	instituição, a comunidade vida e paz em Lisboa que cujo o trabalho que é feito de apoio aos sem abrigo é feito exclusivamente com voluntários”
Funções dos restantes agentes	-Funções dos professores	-Divulgação do projeto -Gestão contabilística - Tarefas de comunicação -Gestão do voluntariado - Pagamento das cotas -Sinalizar casos de carência observados	“(…)divulgação (…)” “(…) contabilidade e de organizar as cotas (…)” “(…) uma pessoa que trabalha com e-mail (…)” “(…)temos outra pessoa mais para a questão do voluntariado.” “(…)têm a função de fazer o que lhes pedimos no prazo definido (…)” “(…)têm a função de sinalizar.”	“Temos uma pessoa mais ligada à divulgação, temos uma pessoa mais ligada à questão da contabilidade e de organizar as cotas, quem é que já pagou, quem não pagou. Temos uma pessoa organizada, ou se quiser com um objetivo mais de fazer a ligação com os próprios diretores de turma dos alunos, temos uma pessoa que trabalha com e-mail, portanto todos os pedidos que fazemos por mail, a pessoa recebe e sabe que durante aquela semana nós precisamos dele para trazer a massa, o arroz ou outra coisa e temos outra pessoa mais para a questão do voluntariado. Portanto nós estamos divididos, cada um com as suas funções.” “Os sócios têm a função de fazer o que lhes pedimos no prazo definido. Os funcionários ajudam e se calhar numa forma não tão contemplada, a funcionária da papelaria que é onde dizemos para as pessoas levarem os bens, tem uma folhinha e ela é que aponta, recebe e armazena os bens recebidos, a data de entrega e a assinatura. Portanto digamos que é uma pessoa que nos ajuda nesse aspecto mais burocrático se quiser. As outras funções tanto de professores como funcionários na verdade têm a função de sinalizar.”
	-Funções de	-Organização das	“(…)ela é que aponta, recebe	

	funcionários	doações	e armazena os bens recebidos, a data de entrega e a assinatura.”	
	-Funções dos pais e famílias	-Sinalizar casos de carência observados	“(…)pedir ajuda ao projeto ou para sinalizar.”	“Não precisa de ser sócio do projeto para pedir ajuda ao projeto ou para sinalizar.”
Redes para o desenvolvimento dos projetos	Parcerias e atividades desenvolvidas	-Liga dos amigos do Hospital Garcia de Horta -Ótica local -Santa Casa da Misericórdia -Agrupamento escolar -Centro de acolhimento	“(…)liga dos amigos do Hospital Garcia de Horta (…)” “Depois temos a parceria com uma ótica aqui na comunidade.” “(…)a Santa Casa da Misericórdia.” “(…)a própria escola, porque é um agrupamento.” “(…)o Centro de Acolhimento.”	“(…) a nossa primeira parceria foi a liga dos amigos do Hospital Garcia de Horta na resolução de um problema grave de uma família. Precisávamos de uma prótese e conseguimos através da Liga dos Amigos do Hospital Garcia de Horta. Depois temos a parceria com uma ótica aqui na comunidade. Portanto temos alunos que veem mal e cada vez mais temos alunos que continuam a ver mal porque não têm dinheiro para pagar os óculos e portanto conseguimos a parceria ali da ótica que ficou sensibilizado com o projeto.” “Podemos destacar a Santa Casa da Misericórdia. Depois a própria escola, porque é um agrupamento. Tem escolas do primeiro ciclo com alunos nossos a trabalhar nos jardins-de-infância, a apoiar as educadoras e o centro de recursos integrados do colégio baseado na saúde mental.” “Desculpa interromper, temos também o Centro de Acolhimento.”

	<p>Papel das parcerias no funcionamento do projecto</p>	<p>-Outras parcerias pontuais</p> <p>- Permitem adquirir bens necessários</p> <p>- Permite a oferta de descontos a alunos</p> <p>-Permitem o contacto dos alunos com outras experiências</p>	<p>“(...)vamos fazendo parcerias (...)”</p> <p>“Precisávamos de uma prótese e conseguimos (...)”</p> <p>“(...)faz um desconto na consulta e no preço das lentes (...)”</p> <p>“(...)são elas que permitem dar mais aos alunos tanto a nível de experiência como a nível de bens.”</p>	<p>“Portanto isto foi uma parceria pontual, por isso de alguma maneira vamos fazendo parcerias no sentido de ajudar, às vezes não só o aluno e a família mas como, neste caso, uma instituição.”</p> <p>Precisávamos de uma prótese e conseguimos através da Liga dos Amigos do Hospital Garcia de Horta. Depois temos a parceria com uma óptica aqui na comunidade. (...)portanto faz um desconto na consulta e no preço das lentes (...)”</p> <p>“(...)as outras parcerias que foram surgindo têm a ver agora no âmbito do voluntariado que são várias as instituições que estavam receptíveis e quiseram trabalhar connosco e são elas que permitem dar mais aos alunos tanto a nível de experiência como a nível de bens.”</p>
	<p>Tipo de relação</p>	<p>-Relação informal</p>	<p>“(...) inicialmente começa por ser informal (...)”</p> <p>“(...)são parcerias informais (...)”</p>	<p>“Eu acho que inicialmente começa por ser informal, era isso que eu lhe estava a dizer, portanto não tenho nada escrito dos amigos do Hospital Garcia da Horta, entendendo uma parceria como algo que implica um contracto assinado, nós não temos, não é? Pronto eu não sei se podemos chamar parcerias, são parcerias</p>

	<p>Metodologias de contacto utilizadas</p> <p>Dificuldades sentidas</p>	<p>-Telefone</p> <p>-Reuniões</p> <p>-E-mail</p> <p>- Não obtenção de ajuda por parte de grandes superfícies</p>	<p>“(...) comunicamos muito por telefonemas e reuniões.”</p> <p>“(...) temos o contacto, e-mail e se for preciso telefone (...)”</p> <p>“(...) com cartas à Decathlon e ao Jumbo.”</p> <p>“Nunca obtivemos resposta (...)”</p>	<p>informais portanto, não estão formalizadas em documentação.”</p> <p>“Sim, por norma comunicamos muito por telefonemas e reuniões.”</p> <p>“Em cada instituição temos a pessoa responsável, temos o contacto, e-mail e se for preciso telefone. Com os alunos é a mesma coisa.”</p> <p>“Tentámos outras, nomeadamente com cartas à Decathlon e ao Jumbo, no sentido de nos dar alguma roupa e no fundo leite, que é uma coisa que a família precisa muito. Nunca obtivemos resposta (...)”</p>
Modalidades de avaliação	Métodos utilizados	<p>-Reuniões</p> <p>- Relatório sobre o número de famílias</p>	<p>“(...) nós reunimos todas as semanas (...)”</p> <p>“(...) vamos reunir-nos novamente com todos os voluntários (...)”</p> <p>“No final do ano (...) o número de famílias que</p>	<p>“Enfim, nós reunimos todas as semanas mas de alguma maneira vamos fazendo uma avaliação mais informal. No final do ano, a nossa avaliação tem muito a ver com o número de famílias que ajudámos como o que demos às famílias.”</p> <p>“Nós no fim do ano vamos reunir-nos novamente com todos os voluntários para haver a partilha de experiências e a avaliação de como correu (...)”</p> <p>“A avaliação final fazemos nós mais formal, fazemos o relatório, fazemos o lançamentos das famílias</p>

		ajudadas e bens distribuídos	ajudámos como o que demos às famílias.” “(…) fazemos o relatório(…)” “(…) fazemos o lançamentos das famílias finalizadas, do dinheiro que ficamos em caixa, do que comprámos (…)”	finalizadas, do dinheiro que ficamos em caixa, do que comprámos, não é? Não no sentido do que o que fizemos à família foi bom ou mau, não nesse sentido, mas a partir do momento que apoiamos uma família o objetivo está cumprido.”
	Dificuldades sentidas	-Avaliação informal	“(…) vamos fazendo uma avaliação mais informal (…)” “(…) pelo retorno do próprio diretor ou mesmo da própria família que vem e que agradece (…)”	“Portanto, como é que nós avaliamos esse impacto? A avaliação desse impacto passa muito pelo retorno do próprio diretor ou mesmo da própria família que vem e que agradece, ou do próprio aluno não é?”
		-Dificuldades em avaliar de forma formal os impactos do projecto nas famílias	“Não no sentido do que o que fizemos à família foi bom ou mau (…)” “(…) não sei como é que isso se avalia (…)”	“Na verdade acho que este projeto, não sei como é que isso se avalia, mas é assim, ninguém estuda com fome, e portanto, um dos objetivos também era reduzir a questão do abandono.”
Desenvolvimento pessoal, institucional e local	Potencialidades pedagógicas do projecto	- Motivar os professores a explorarem novas técnicas educativas	“(…) os próprios professores poderem tirar técnicas disto (…)”	“Cada vez mais eu acho que é importante para os nossos alunos crescerem de uma forma agradável e os próprios professores poderem tirar técnicas disto porque há muitos alunos que não querem aprender e que através de outras atividades mais informais que até pode ser pelo voluntariado, podemos de certa forma motivar o aluno
		-Motivar o aluno para	“(…) podemos de certa forma	

		<p>a escola</p> <p>-Possibilita aos alunos o contacto com actividades sociais e laborais</p> <p>-Possibilita aos alunos o conhecimento sobre a estrutura de uma organização</p>	<p>motivar o aluno para outro tipo de cultura, ou outros tipos de interesses (...)"</p> <p>"(...)tem a experiência de desenvolver um trabalho (...)"</p> <p>"(...)uma experiência mais profissional (...)"</p> <p>"(...)podendo recolher informação sobre a estrutura de uma organização, perceber que há estruturas, hierarquias, há um conjunto de actividades, perceber as características de uma população sejam idosos, crianças ou jovens."</p>	<p>para outro tipo de cultura, ou outros tipos de interesses porque há alunos que só têm aquilo que as escola lhes dá porque de facto há famílias que não funcionam por variadíssimas razões e os alunos ficam na escola."</p> <p>"(...)tem a experiência de desenvolver um trabalho e de ter uma atividade social."</p> <p>"Depois é uma oportunidade para estes jovens terem uma experiência mais profissional podendo recolher informação sobre a estrutura de uma organização, perceber que há estruturas, hierarquias, há um conjunto de actividades, perceber as características de uma população sejam idosos, crianças ou jovens."</p>
Impacto do voluntariado nos alunos	-Torna os alunos mais responsáveis	"(...)aumenta a responsabilidade de um estudante (...)"	"Em terceiro lugar acho que aumenta a responsabilidade de um estudante visto que para além das suas tarefas a nível da escola tem de se organizar para poder cumprir	

		<p>-Torna os alunos mais organizados a nível da gestão de tempo</p> <p>-Alunos mais motivados para as actividades da escola e da instituição</p>	<p>“(...)aumenta a sua forma de organização (...)”</p> <p>“(...)há impactos no aproveitamento do tempo (...)”</p> <p>“(...)eles fazem um esforço para estarem aqui dentro da escola para poderem acompanhar essa iniciativa.”</p> <p>“(...)permite que os alunos logo numa primeira fase se interessem pela instituição onde estão e estejam à vontade (...)”</p>	<p>com as suas obrigações e neste ponto de vista aumenta a sua forma de organização e o seu grau de responsabilidade. Também há impactos no aproveitamento do tempo, valorizar o tempo. Mas eles na avaliação dirão outros com certeza.”</p> <p>“Durante o percurso temos vindo a acompanhar estes alunos e temos alguns impactos positivos, por exemplo a nível pedagógico do voluntariado, temos verificado que vários alunos fazem voluntariado uma vez por semana, portanto uma determinada hora ou duas horas, e frequentemente quando a instituição organiza uma determinada iniciativa, eles fazem um esforço para estarem aqui dentro da escola para poderem acompanhar essa iniciativa. Isso é um exemplo muito importante de que o voluntariado permite que os alunos logo numa primeira fase se interessem pela instituição onde estão e estejam à vontade, e são convidados a assistir e a participar em todas as iniciativas, portanto estamos a falar do lar em Almada que os dois voluntários que lá estavam passaram uma tarde, um dia, de sexta-feira, pediram à escola para poderem participar nas comemorações do dia da mulher. Esses e outros são sinais de que os voluntários e o voluntariado estão a concretizar os seus objetivos nomeadamente na própria vida da instituição mas realmente no fim do ano vamos fazer uma avaliação mais formal.”</p>
	Impactos do	-Reconhecimento das	“(...)a família reconhece que	“E quando a família reconhece que esta escola também

	<p>projecto na escola</p>	<p>famílias sobre o papel da escola nas suas vidas</p> <p>-Permite ajudar mais</p> <p>-Torna a escola reconhecida pelo seu sistema de sinalização</p> <p>-Permite trabalhar em rede com outros polos de ajuda social</p>	<p>esta escola também se interessa e também apoia pelas condições sociais (...)"</p> <p>"(...)temos ajudado muito mais, indo para além do que consiste o "EcoSol".</p> <p>"(...)a assistente social veio ter connosco porque sabia que nós eramos um projecto que aglomerava as sinalizações das famílias empobrecidas(...)"</p> <p>"(...)o primeiro recurso a que recorreu foi a nós (...)"</p> <p>"(...)nós e funcionamos já quase em rede."</p> <p>"(...)trabalhamos muito em sintonia (...)"</p>	<p>se interessa e também apoia pelas condições sociais, eu penso que isto é aquilo que nós queríamos, não é? Independentemente de ajudarmos dez ou vinte, queremos ajudar mais famílias mas é este sentimento que queremos criar também no aluno."</p> <p>"Com isto o "EcoSol", e porque este ano temos mais potencial cá na escola, temos ajudado muito mais, indo para além do que consiste o "EcoSol". Por existir este projeto a assistente social veio ter connosco porque sabia que nós eramos um projeto que aglomerava as sinalizações das famílias empobrecidas ou com dificuldade económica e quando a partir do por exemplo "programa pera", que tem a ver com o programa de reforço alimentar, a direção da escola e a assistente social, o primeiro recurso a que recorreu foi a nós e funcionamos já quase em rede. A assistente social sabe que há uma sinalização, vem perguntar ao "EcoSol e o "EcoSol" tenta garantir que as famílias apoiadas pelo "EcoSol" também sejam apoiadas em termos de serviço social, subsídios que essas famílias têm direito e que nós nem sabemos, dentro das leis ou do serviço social e portanto trabalhamos muito em sintonia (...)"</p>
	<p>Papel da</p>	<p>-Desenvolvimento de</p>	<p>"(...)vamos dar voz a esta</p>	<p>"Entre muitos exemplo que podíamos dar, dentro desta</p>

	<p>escola na comunidade</p>	<p>projectos de sensibilização social fora da escola</p> <p>-Parcerias com instituições locais no desenvolvimento de actividades de solidariedade e culturais</p> <p>-Distribuição de bens e serviços pela comunidade envolvente</p> <p>- Intervir na vida educativa dos alunos da comunidade</p>	<p>comunidade cada vez maior, havendo uma preocupação em alertar sobre o que é ser idoso.”</p> <p>“(…)vai entrando por algumas instituições da comunidade quer seja pelas actividades do voluntariado quer seja por actividades mais formais e culturais da escola.”</p> <p>“(…)a comunidade de alguma maneira vai recebendo o que as escolas vão dando (…)”</p> <p>“(…)desenvolve um papel cada vez mais bilateral, interventivo e de trabalho</p>	<p>perspetiva, podemos referir um projecto que está a ser desenvolvido pelos alunos de uma turma do curso profissional em que 7 ou 8 alunos estão inscritos na bolsa de voluntariado. Estão a montar uma exposição em parceria com a Santa Casa da Misericórdia e a Casa da Cerca de Almada e que vai consistir numa exposição que resulta de um conjunto de entrevistas que os alunos fizeram a idosos com vários graus de dependência desde aqueles institucionalizados até aos completamente autónomos que são apoiados pelo serviço domiciliário e portanto com um conjunto de imagem e texto vamos dar voz a esta comunidade cada vez maior, havendo uma preocupação em alertar sobre o que é ser idoso.”</p> <p>“O que acontece hoje é que a escola, cada vez mais, intervém ou pelo menos vai entrando por algumas instituições da comunidade quer seja pelas actividades do voluntariado quer seja por actividades mais formais e culturais da escola. Aquilo que nós queremos é instituir na escola e também na comunidade, porque a escola faz rede com a comunidade, é poder fazê-lo de uma forma mais continua ou não ou mais formal ou informal, mas a comunidade de alguma maneira vai recebendo o que as escolas vão dando e aquilo que nós queremos com este projeto, de alguma maneira, é instituir esta cultura deste valor e desta gratificação.”</p> <p>“A própria escola que também tem cada vez menos condições, a nível económico, desenvolve um papel cada vez mais bilateral, interventivo e de trabalho com a</p>
--	-----------------------------	---	---	---

			<p>com a comunidade, sendo nós este ecossistema nesta perspectiva mais sistémica.”</p> <p>“(…)é aqui que o aluno acaba por passar muito tempo.”</p>	<p>comunidade, sendo nós este ecossistema nesta perspetiva mais sistémica. Afinal de contas o contexto educativo faz parte também do desenvolvimento do aluno pois é aqui que o aluno acaba por passar muito tempo.”</p>
<p>Perspectiva crítica do entrevistado face ao projecto</p>	<p>Reconhecimento das potencialidades</p>	<p>-Boa organização</p> <p>- Aumento da capacidade de ajudar</p> <p>-Todos os envolvidos se identificam com o projecto</p> <p>-Projecto Sustentável</p>	<p>“(…)estamos muito bem organizados (…)”</p> <p>“(…)temos crescendo no sentido de dar maior resposta às famílias (…)”</p> <p>“(…) todos sentimos que este projeto serve para o mesmo (…)”</p> <p>“(…)é sustentável.”</p> <p>“(…) outra equipa podia chegar aqui, montar este plano e dar continuidade.”</p>	<p>“Em termos de potencialidades acho que temos crescendo no sentido de dar maior resposta às famílias, mas acho que estamos muito bem organizados, acho que todos sentimos que este projecto serve para o mesmo objectivo permitindo que funcionemos bem e que todos, incluindo a própria escola se identifiquem com o projecto.</p> <p>Em termos de sustentabilidade do projecto, é sustentável. Nós podíamos ir embora para o ano, que deixamos tudo organizado e preparado para outras pessoas continuarem, portanto, é sustentável neste sentido, continuação do trabalho, porque há projectos que só funcionam com determinados tipos de pessoas. Nós montámos uma coisa onde podemos delegar tudo: a documentação, os contactos, as instituições, os e-mails. Portanto outra equipa podia chegar aqui, montar este plano e dar continuidade.”</p>
	<p>Reconhecimento das fraquezas</p>	<p>-Falta de apoio pelas grandes superfícies</p>	<p>“(…)podíamos ajudar mais famílias por exemplo se tivéssemos do Jumbo(…)”</p>	<p>“Uma coisa que funcione menos bem neste projecto, podíamos ajudar mais famílias por exemplo se tivéssemos do jumbo todos os meses “x” litros de leite e</p>

		<p>-Falta de meio de transportação dos bens e dos voluntários</p>	<p>“(...)não temos carrinha, não temos transporte, portanto contamos sempre com o amor à camisola(...)”</p> <p>“(...)temos que garantir o transporte, com o nosso carro, são poucas as famílias que vêm buscar.”</p>	<p>cereais. Com isso eu conseguiria ajudar mais as famílias, ou outras famílias, ou as mesmas famílias mais vezes. Isso é o que eu acho que é o que nós podemos fazer, mas isso é uma potencialidade e não uma fraqueza. O transporte, é outra coisa. Pode-me perguntar assim: como é que estes sacos chegam as famílias? Porque muitas dessas famílias não têm meios de transporte, e portanto imagina o que é carregar sacos com doze litros de leite e com sete latas de salsichas, portanto são coisas pesadas. O que acontece é neste movimento, nesta logística, não temos carrinha, não temos transporte, portanto contamos sempre com o amor à camisola e com a boa vontade dos directores de turma, que agora ultimamente, maioritariamente das vezes são eles que levam a mercadoria, metem os sacos do carro e vão lá à casa do aluno. Quando isto acontece somos nós que temos que garantir o transporte, com o nosso carro, são poucas as famílias que vêm buscar.”</p>
		<p>-Falta de tempo atribuído aos professores responsáveis pelo projecto</p>	<p>“(...) a escola não ter possibilidades de disponibilizar mais horas dentro do horário do professor (...)para uma dedicação mais sistemática desde projeto.”</p> <p>“Tudo o que se faz, faz-se na base do voluntariado, digamos assim, pelo</p>	<p>“As fraquezas debruçam-se sobre um aspecto limitativo, tem a ver com o facto de a escola não ter possibilidades de disponibilizar mais horas dentro do horário do professor, neste caso não é no horário lectivo, mas no horário não lectivo, para uma dedicação mais sistemática desde projecto. Tenho duas horas por sessão que são gastas aqui nesta reunião. Tudo o que se faz, faz-se na base do voluntariado, digamos assim, pelo professor, o que está tudo certo só que provavelmente a escola neste momento é tão grande que muitas das vezes o tempo disponível é reduzido e seria muito útil para o</p>

	<p>Desafios futuros do projecto</p>	<p>-Falta de meios para acompanhar os voluntários e realizar uma formação continua</p> <p>-Envolver os encarregados de educação no projecto como futuros sócios doadores</p> <p>-Aumentar o número de parcerias</p> <p>-Continuar a inculcar o espírito de solidariedade na</p>	<p>professor (...)"</p> <p>"(...)seria muito útil para o voluntariado se houvesse um pessoa responsável (...)"</p> <p>"Poder pensar um pouco na formação continua (...)"</p> <p>"(...)abrangendo os encarregados de educação."</p> <p>"(...)gostaríamos de os envolver também (...)"</p> <p>"(...)possibilitarmos que sejam sócios também (...)"</p> <p>"(...)aumentar as parcerias regulares (...)"</p> <p>"(...)um desafio contínuo que é inculcar esta filosofia na escola (...)"</p>	<p>voluntariado se houvesse um pessoa responsável três, quatro, cinco horas por semana para poder ir frequentemente aos locais, acompanhar e recrutar não é? Poder pensar um pouco na formação continua, portanto no fundo aprofundar e reflectir o sentido daquilo que é a experiencia vivencial do aluno."</p> <p>"Olhe um dos futuros é provavelmente crescer abrangendo os encarregados de educação. Não temos muito tempo mas gostaríamos de os envolver também através de possibilitarmos que sejam sócios também e envolve-los também no espírito deste banco alimentar. Isso implica outra dinâmica, outra organização e talvez uma equipa maior, não sei se o vamos conseguir. Outro desafio é cada vez mais aumentar as parcerias regulares. Claro que temos um desafio contínuo que é inculcar esta filosofia na escola, fazermos os nossos alunos pensar e questionar sobre o conceito de solidariedade e sobre o porquê de ajudar. Nos cabazes de Natal há sempre alunos que perguntam porque é que têm de ajudar se a eles ninguém ajuda e portanto gostamos de levar os membros da nossa instituição a reflectir sobre a</p>
--	-------------------------------------	---	--	---

	<p>escola</p> <p>-Alargar a oferta de modalidades de voluntariado</p> <p>-Possibilitar aos professores e encarregados de educação a prática de voluntariado</p>	<p>“(...)queremos alargar a oferta, não só mais instituições para a prática de voluntariado como diferentes modalidades de intervenção.”</p> <p>“(...)abrir estas oportunidades de voluntariado também aos pais e professores (...)”</p>	<p>importância desta prática de cidadania e da preocupação do outro. Por um lado queremos alargar a oferta, não só mais instituições para a prática de voluntariado como diferentes modalidades de intervenção. Temos vários alunos que gostariam muito de trabalhar com os sem-abrigo e realmente em Almada há vários sem abrigo mas ainda não há nenhuma organização para eles o que nos obriga a irmos trabalhar para Lisboa mas queremos alargar a oferta e por outro lado gostaríamos de numa segunda fase abrir estas oportunidades de voluntariado também aos pais e professores, o que seria interessante.”</p>
--	---	--	---